



Universidade do Minho

Instituto de Educação e Psicologia

Waldecíria Souza da Costa

Na procura do país irmão, o encontro com o primo distante. Significados atribuídos à experiência de imigração por mulheres brasileiras no Distrito do Porto.

Waldecíria Souza da Costa **Na procura do país irmão, o encontro com o primo distante. Significados atribuídos à experiência de imigração por mulheres brasileiras no Distrito do Porto.**



Universidade do Minho

Instituto de Educação e Psicologia

Waldecíria Souza da Costa

Na procura do país irmão, o encontro com o primo distante. Significados atribuídos à experiência de imigração por mulheres brasileiras no Distrito do Porto.

Tese de Doutoramento em Psicologia Social

Trabalho efectuado sob a orientação da

**Professora Doutora Maria da Conceição de Oliveira
Carvalho Nogueira**

e co-orientação da

**Professora Doutora Teresa Margarida Moreira
Barbas de Albuquerque**

Dezembro de 2009

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

À minha querida mãe Iza e ao meu pai Raimundo (*in memoriam*) que nunca deixaram de sonhar, e que provaram com suas acções, na criação de seus filhos e filhas, que cada um e cada uma de nós possui capacidade de resistência e o poder de agir para transformar as nossas realidades. A minha gratidão é eterna.

Ao meu filho Lucas, por me dar tantas razões pra nunca desistir dos meus e dos nossos sonhos.

Aos meus irmãos e irmãs, dos quais muito me orgulho e cujo apoio tem sido fundamental em toda a minha trajectória de vida.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Conceição Nogueira, minha orientadora, que soube estimular, aconselhar e orientar o meu trabalho, auxiliando-me em todos os momentos deste percurso, ultrapassando o papel puramente académico e desenvolvendo uma relação de igualdade e solidariedade.

À minha co-orientadora Professora Doutora Teresa Freire, pelo apoio e incentivo nos momentos necessários.

Às mulheres entrevistadas que, generosamente, encontraram espaço em suas rotinas de muito trabalho para me contar em detalhes as suas preciosas histórias.

À Professora Doutora Helena Araújo, da FPCE-UP, presente no início desse meu desafio além-mar, por ter confiado na minha experiência profissional quando da minha chegada a Portugal.

À minha irmã Wania, uma segunda mãe, que tem cuidado de mim e me acompanhado em todos os momentos.

Ao meu irmão Kleber, pelo apoio e companheirismo que tem me dedicado.

A minha irmã Regina, pela presença constante e auxílio nas questões informáticas e gráficas e que, apesar de distante, me acompanha os passos diariamente, com dedicação e amor.

Aos meus irmãos e irmãs Vera, Wanda, Biminha, Deiza, Vany e Elson, pelo amor que me dedicam. (É uma segurança saber que posso contar com vocês em qualquer situação).

Às queridas cunhadas Marinei e Flávia e aos queridos cunhados Luís, Gil e Carlos, pelo apoio em vários momentos importantes.

Ao meu sobrinho Thales, por me auxiliar nas dúvidas informáticas no dia-a-dia.

À minha mãe, por tudo o que me tem proporcionado ao longo da vida e pelo apoio aos meus planos de realizar este trabalho, enfrentando o “terror do frio de Portugal” para estar ao meu lado em vários períodos desta caminhada.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas, pela partilha de todos os momentos felizes que temos vivido.

Ao meu filho Lucas, pelo carinho e apoio, e por ter suportado bravamente as minhas ausências e as minhas oscilações de humor nos momentos de maior carga de trabalho.

A todos e todas que de alguma forma colaboraram com a realização deste trabalho

Muito obrigada!

Na procura do país irmão, o encontro com o primo distante. Significados atribuídos à experiência de imigração por mulheres brasileiras no Distrito do Porto

Resumo

Esta investigação tem como objectivo primordial compreender os significados atribuídos por mulheres brasileiras às suas experiências no contexto imigratório português. Ao desafio da experiência imigratória dessas mulheres, à partida marcado por grandes perdas afectivas, culturais e materiais, acrescentam-se as dificuldades impostas por interacções sociais atravessadas por processos de estereotipização negativa e exotização, que liga as brasileiras à imagem da mulher-fácil e da prostituta.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada nos pressupostos do construcionismo social e que tem como referencial metodológico a Teoria Fundamentada nos Dados (*Grounded Theory*). Fizeram parte do estudo 16 mulheres, com idades que variam entre 24 e 54 anos. Foram realizadas de 1 a 2 entrevistas com cada participante, utilizando como instrumento de colecta de dados a entrevista com questões abertas, de carácter reflexivo. A partir da análise interpretativa realizada foram construídas categorias e subcategorias que interrelacionadas permitiram a construção de um modelo representativo das experiências. O contexto imigratório foi significado como hostil, onde as mulheres têm em risco sua identidade cultural, profissional e de género ao serem colocados em causa e desrespeitados os valores de referência que trazem da sociedade de origem. As dificuldades e hostilidades enfrentadas resultam em estratégias individuais de inserção que, apesar de possibilitarem certa mobilidade social e relativo bem-estar psicológico individual, não favorecem o desenvolvimento de uma consciência de grupo que permita o reconhecimento da necessidade de realização de acções colectivas para fazer frente às situações de opressão que enfrentam.

A leitura realizada sobre os processos psicossociais envolvidos na experiência das mulheres, fundamentada em suas próprias vozes, pretende contribuir com o esforço reflexivo necessário para a efectivação de acções para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

In the search for brotherhood, the meeting with the distant cousin. Meanings attributed by Brazilian women to their experiences of immigration in Porto – Portugal

Abstract

This study aims to understand the meanings that Brazilian immigrant women attribute to their experience in Portugal. The immigration process brings emotional, cultural and material losses and, in the case of Brazilian women, there are negative stereotypes, exoticization processes of Brazilian national identity and sexualization of those women. This is a qualitative research based on assumptions of social constructionism, using grounded theory methodology. Interviews were used for data collection. We interviewed 16 women aged between 24 and 54 years. Interpretative analysis was made and categories and subcategories were constructed which permitted the construction of a representative model of women's experiences. The immigration context is meant as hostile, where women have their cultural, professional and gender identity at risk, and feel disrespected in their values. The existing difficulties and hostilities result in individual strategies, and, although they allow some social mobility and psychological well-being, do not favour the development of group consciousness for collective action to deal with situations of oppression. The study on the psychosocial processes involved in women's experience, based on their own voices, seeks to contribute to the reflexive effort to build a more just and equitable society.

SUMÁRIO

Dedicatória	iii
Agradecimentos	v
Resumo	vii
Abstract	ix
INTRODUÇÃO	1
Capítulo 1. O fenómeno da (e) imigração e a imigração brasileira em Portugal	7
1.1. Movimentos migratórios na actualidade	7
1.2. As mulheres como protagonistas nos estudos sobre imigração – tendência recente	8
1.3. Portugal – país de origem e de destino	10
1.4. Contornos da imigração brasileira em Portugal	11
1.5. Imigrantes brasileiras em Portugal	13
1.6. Brasileiros (e brasileiras?) no topo da hierarquia das alteridades imigrantes	14
1.7. A imagem construída e exportada da “mulher brasileira” – do Brasil para o mundo	17
Capítulo 2. As relações intergrupais nas abordagens da psicologia social	21
2.1. Perspectivas europeias	21
2.2. As representações sociais e as interações intergrupais	22
2.3. A teoria das identidades sociais e as relações intergrupais	26
2.4. Estereótipos, preconceitos e discriminação social	31
Capítulo 3. Religiosidade/ espiritualidade como dimensão psicossocial	37
3.1. A emergência da religiosidade/ espiritualidade como dimensão psicossocial	37
3.2. Religiosidade/ Espiritualidade: definição dos termos	38

3.3. Algumas abordagens dos estudos sobre Religiosidade/Espiritualidade na psicologia	39
3.4. Estudos sobre <i>coping</i> religioso/espiritual	41
3.5. Religiosidade/Espiritualidade no contexto brasileiro	44
Capítulo 4. Referencial teórico e metodológico	47
4.1. Psicologia social crítica e construcionismo social	47
4.2. As Metodologias Qualitativas	51
4.2.1. A <i>grounded theory</i> – teoria fundamentada nos dados	54
Capítulo 5. Estudo Empírico	59
5.1. Percurso metodológico	59
5.1.1. Caracterização das participantes	59
5.1.2. Instrumentos e procedimentos de colecta de dados	62
5.1.3. Descrição dos procedimentos de análise	63
Capítulo 6. Apresentação dos resultados	69
6.1. Descrição das categorias empíricas	69
6.1.1. Processo I: Decidindo emigrar	69
6.1.2. Processo II: Reconhecendo o contexto e as identidades	76
6.1.3. Processo III: Significando o contexto como hostil	97
6.1.4. Processo IV: Dilemas e estratégias identitárias num contexto de exclusão social	111
6.1.5. Processo V: Desenvolvendo estratégias de <i>coping</i> frente às dificuldades e hostilidades	118
6.1.6. Tendo a religiosidade/espiritualidade como dimensão fundamental Na experiência de imigração	128
6.1.7. Apresentando um modelo representativo da experiência imigratória das brasileiras em Portugal, num contexto de risco para suas identidades sociais	134

6.1.8. Discussão: Reflectindo sobre a experiência das imigrantes brasileiras no contexto português	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
RREFERÊNCIAS	159
ANEXO	
Excertos das entrevistas	173

LISTA DE TABELAS, QUADROS E DIAGRAMAS

Tabela 1	-Dados referentes à população brasileira em Portugal e no Distrito do Porto – População total e desagregada por sexo	12
Tabela 2	-Dados sócio-demográficos das participantes	60
Tabela 3	- Dados sócio-demográficos referentes ao trabalho e salário recebido	61
Quadro 1	-Exemplo da codificação aberta inicial	65
Quadro 2	-Exemplo da codificação focalizada	67
Quadro 3	- Exemplo de um memorando inicial (excertos)	68
Diagrama 1	- Processo I – Decidindo emigrar	71
Diagrama 2	- Processo II – Reconhecendo o contexto e as identidades	77
Diagrama 3	- Processo III – Significando o contexto como hostil	98
Diagrama 4	- Processo IV – Dilemas identitários num contexto de exclusão social	113
Diagrama 5	- Processo V – Desenvolvendo estratégias de coping frente às dificuldades e hostilidades	119
Diagrama 6	- Processo VI – Tendo a religiosidade/espiritualidade como dimensão fundamental na experiência de imigração	130
Diagrama 7	- Modelo representativo da experiência imigratória de mulheres brasileiras em Portugal, num contexto de risco para suas identidades sociais	135

Introdução

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam. (...) E uma daquelas moças era toda tingida de baixo a cima, daquela tintura e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela.

(A Carta, de Pero Vaz de Caminha, a El Rei D. Manuel sobre a descoberta do Brasil, 1500)

“... mas hoje eu penso diferente, quando a gente passa por situações que a gente não tava aguentando... só que depois as coisas renascem e você começa a ver a vida de outra maneira, de outro ângulo. Hoje eu não vejo que eu vim pra Portugal pra ser infeliz, claro que não, hoje eu vejo que Deus me trouxe pra cá com um propósito, ele me trouxe com o propósito de crescer, então é isso que eu to tentando fazer, crescer cada dia mais, pegar as experiências ruins pra transformá-las em experiências boas, é isso que eu tento buscar na minha vida. E é isso, eu acho que a gente tem que ta vivendo a vida a cada dia, não viver a vida um dia, como...pra que a vida se torne melhor e mais feliz”.

(Isabela, participante neste estudo)

A transformação de Portugal em país de imigração a partir dos últimos 30 anos tem sido acompanhada de um aumento exponencial no número de imigrantes¹ com a chegada de pessoas pertencentes a uma multiplicidade de nacionalidades. Esse fenómeno tem levado o governo português a redefinir políticas de imigração e desenvolver mecanismos para atender às complexas necessidades económicas e sociais resultantes. A par disso, várias instituições da sociedade civil têm se preocupado com os aspectos que envolvem a vida desses homens e mulheres, que pelas mais diversas motivações, escolhem Portugal para a realização de seus projectos de vida, quer sejam projectos individuais ou familiares.

¹ Segundo dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (RIFA, 2009), em 1980 o total de residentes estrangeiros a viver legalmente em Portugal era de 50.750, número que vem dobrando a cada década, já que em 1990 era de 107.767, em 2000 era de 207.587 e em 2008 chega a 436.020

Entre os mais crescentes e significativos está o fluxo migratório entre Brasil e Portugal que, se por séculos ocorreu no sentido Norte-Sul, a partir de finais do século XX sofreu uma inversão, após a revolução de 25 de Abril e especialmente depois da entrada de Portugal na União Europeia. Em 2008 a mais representativa comunidade estrangeira, em termos numéricos, é a comunidade brasileira, chegando a 106.961 pessoas estabelecidas em Portugal, o que representa cerca de 25% de toda população estrangeira residente. Nesse crescente fluxo migratório, o número de mulheres brasileiras em território português já ultrapassa o número de homens da mesma nacionalidade, seguindo uma tendência mundial de feminização da imigração e chegando à expressiva diferença de 15% a mais de brasileiras, em relação aos brasileiros, a residir no Distrito do Porto.

Este contexto exige esforços para a elaboração de quadros de referência que procurem conhecer as realidades vividas por essas mulheres e que contribuam para a elaboração de políticas públicas que levem em consideração não apenas as preocupações económicas, mas principalmente, o respeito pelo direito a uma vida digna em que os direitos humanos das mulheres sejam respeitados. Para além disso, os quadros de referência a serem construídos para a compreensão dos complexos fenómenos envolvidos no processo imigratório necessariamente têm que basear-se na vida de pessoas reais, e não apenas em quadros estatísticos e económicos, o que poderá contribuir para o necessário esforço de reflexão a todos os níveis da sociedade, não se podendo colocar à parte a importância de cada instituição, de cada grupo e de cada pessoa, para que mudanças sociais possam ocorrer em prol do respeito à dignidade humana.

Neste cenário de constante mobilidade, embora alguns contributos estejam sendo oferecidos por estudos realizados no campo da sociologia, da comunicação e da antropologia, e mesmo estes ainda em pequeno número, a imigração das mulheres brasileiras ainda recebe pouca atenção em termos da realização de trabalhos no campo da psicologia social que procurem dar-lhes voz, no sentido de vencer a persistente invisibilidade e a perspectiva masculina ainda privilegiada na literatura sobre os trajectos imigratórios (Wall, Nunes & Matias, 2008). Procurando contribuir para colmatar a lacuna deixada por essa invisibilidade, o projecto deste estudo foi elaborado de forma a ouvir as vozes das protagonistas, não apenas para narrar factos vividos, mas também para expressarem opiniões, sentimentos e sentidos dados às suas experiências. A intenção desde o princípio do trabalho foi a de ouvir as vozes das entrevistadas, associando-as ao meu trabalho de

reflexão e análise interpretativa, procurando criar, através das significações atribuídas, uma compreensão aprofundada dos fenómenos emergentes.

As motivações para realizar essa investigação estão ligadas à minha experiência como estrangeira a viver fora do meu país de nascimento. Nos meus primeiros tempos em Portugal, enquanto fazendo parte da categoria “estrangeira estudante”, fui poupada de alguns constrangimentos e dificuldades inerentes à verdadeira “experiência de risco” que caracteriza a vida de quem faz parte da categoria “imigrante”. Com o passar do tempo, fui vivendo experiências que me fizeram sentir na pele algumas das dificuldades enfrentadas pela maioria das e dos brasileiros que se lançam à esta aventura que é a efectivação de um projecto imigratório. Desde minha chegada a Portugal fui tendo contacto, através da experiência de familiares e amigos, com uma realidade marcada por relações atravessadas por preconceitos e discriminações, ligadas não apenas ao facto de serem imigrantes, mas muitas vezes pelo facto de serem de nacionalidade brasileira. Especialmente no caso das mulheres, o reconhecimento das difíceis condições, imensamente dificultadas pela presença dos estereótipos negativos, ligados à erotização e ao estigma da prostituição me fizeram iniciar reflexões e conversas com outras brasileiras sobre a situação, verificando posteriormente que ainda há poucos trabalhos científicos que tentem aprofundar a compreensão desta problemática, especialmente no campo da psicologia.

Pelo facto de há muito tempo procurar pautar a minha actuação profissional identificando-me com uma postura comprometida com as mudanças sociais e a construção de uma sociedade mais justa, seguindo os preceitos de uma psicologia social crítica, o trabalho aqui apresentado orienta-se por uma visão de ciência e de construção do conhecimento segundo o construcionismo social, cujos pressupostos perspectivam o mundo e as pessoas como produtos sociais e a realidade como sendo construída colectivamente, dependendo do nosso conhecimento e descrição sobre ela. Essa concepção de realidade coloca o conhecimento como dependente das especificidades históricas e culturais e como algo que estará sempre em processo, sendo a reflexividade um dos processos fundamentais de permanente interrogação e de análise por parte dos e das investigadoras, permitindo a constante avaliação por parte destes e destas quanto a seus valores, ideologias e das suas posições, em todo o processo que percorrem na construção do conhecimento (Iñiguez, 2003; Neves & Nogueira, 2004).

Face ao contacto com as experiências de muitas mulheres e verificando que algumas resolviam retornar ao Brasil nos meses ou anos iniciais de imigração e outras persistiam na busca de seus objectivos ao longo de muitos anos, resolvi realizar a pesquisa, partindo da seguinte questão: Que estratégias as imigrantes brasileiras utilizam para lidar com as adversidades presentes no contexto da imigração? Depois de algumas aproximações com a temática da imigração, considerei adequado o uso de metodologias qualitativas para realizar uma aproximação aos processos que envolvem experiências e interacções sociais que têm profundas repercussões emocionais e afectivas na vida de quem as experimenta. A opção pela *Grounded Theory* – Teoria Fundamentada nos Dados, deu-se pela possibilidade que esta metodologia oferece de procurar nos dados a compreensão sobre as maneiras com que as pessoas constroem significados, permitindo explorar experiências de vida e os significados construídos pelas participantes, centrando-se na dimensão humana da sociedade (Fernandes & Maia, 2001) e na procura de respostas para questões formuladas e nunca meramente procurando provar se uma hipótese é falsa ou verdadeira, conforme referem Charmaz e Henwood (2006).

Conforme a pesquisa foi evoluindo, seguindo os procedimentos da teoria fundamentada nos dados, foi reconstruída a questão norteadora da pesquisa que passou a ser:

- Que significados as imigrantes brasileiras dão às suas experiências no contexto da sociedade portuguesa e que processos estão envolvidos na construção desses significados?

A partir dessa questão, com a realização das entrevistas e desenvolvimento de novas reflexões, foram elaboradas outras questões que pudessem explicitar os complexos fenómenos psicossociais envolvidos nessas significações:

- Que consequências as significações dadas às experiências vividas trazem à vida das mulheres em termos de sentimentos experimentados, atitudes, acções e interacções realizadas no contexto receptor?
- Que estratégias identitárias são utilizadas nas interacções com o contexto da sociedade receptora?
- Que estratégias de *coping* as imigrantes utilizam para lidar com as adversidades presentes no contexto da imigração?

- Que consequências as acções/interacções realizadas trazem para suas vidas e para a vida das brasileiras enquanto colectivo social?

As análises interpretativas realizadas possibilitaram responder às questões propostas, se não em todas as suas nuances, mas de forma consistente a permitir a construção de um modelo teórico para a compreensão das experiências das participantes. De facto, cada um dos processos apresentados, enquanto categorias emergentes dos dados, pode vir a se constituir em um objecto de estudo diferente. Apesar de ter constatado, com o decorrer do trabalho, a amplitude dos aspectos componentes da experiência imigratória das participantes, resolvi assumir o desafio de abordar um grande número de processos, por acreditar na pertinência de estudos que explorem e ampliem esta área de conhecimento, que ainda possui muitas lacunas, num campo em constante transformação e que exige uma actualização constante no campo das ciências sociais e, especialmente, no campo da psicologia. Assim, penso que este trabalho apresenta um cariz exploratório e descritivo, ao mesmo tempo em que procura apresentar uma compreensão abrangente sobre os processos psicossociais envolvidos.

O relato deste trabalho de investigação está organizado em 6 capítulos. No capítulo 1 são apresentadas informações acerca dos movimentos migratórios no mundo e em Portugal e algumas abordagens sobre a imigração das mulheres em particular. São apresentadas ainda informações estatísticas sobre a imigração brasileira e as conclusões de alguns estudos realizados sobre a presença da comunidade brasileira em território português, incluindo estudos que procuraram verificar a maneira como esta comunidade é percebida pela população autóctone. Ao final do capítulo são apresentadas brevemente algumas análises acerca da construção da imagem das mulheres brasileiras que tem sido produzida e reproduzida no Brasil e exportada para o mundo.

No capítulo 2 são apresentadas duas das principais abordagens da psicologia social europeia no estudo das relações intergrupais, a teoria das identidades sociais de Tajfel e a teoria das representações sociais de Moscovici. Considerados como essenciais em termos das análises das relações intergrupais, são abordados os conceitos de estereótipo, preconceito e discriminação social.

No capítulo 3 são apresentados os contributos de autores que se debruçaram sobre as

questões da religiosidade/espiritualidade enquanto dimensão psicossocial, com a definição dos termos e as conclusões de alguns estudos sobre *coping* religioso/espiritual. É feita ainda uma abordagem à questão da religiosidade no contexto brasileiro, localizando-a como dimensão importante que atravessa a cultura brasileira.

No capítulo 4 são explicitadas e justificadas as opções pelos referenciais teóricos e metodológicos que nortearam a investigação, especificando os pressupostos da psicologia social crítica, do construcionismo social e da teoria fundamentada nos dados.

No capítulo 5 é feita a descrição do percurso realizado ao longo da realização do trabalho de investigação, com a caracterização das participantes, explicitação dos instrumentos e procedimentos de colecta de dados, encerrando com a descrição e exemplificação dos passos seguidos na realização das análises.

No capítulo 6 são apresentados os resultados do trabalho empírico realizado, com a descrição minuciosa dos processos, categorias e subcategorias conceptuais construídas, como forma de representar os fenómenos estudados. Em seguida é apresentado o modelo explicativo que procura elucidar as relações existentes entre as várias categorias empíricas construídas. No final, é apresentada a discussão sobre os resultados obtidos no estudo e realizada uma reflexão sobre as limitações da investigação

Nas considerações finais são relacionados os achados e descritas algumas conclusões, com a sugestão para futuros trabalhos e possíveis pistas para intervenções a serem realizadas, tanto com a comunidade das imigrantes quanto com a população autóctone, deixando explícita a opção pela pesquisa psicológica cujo papel mais importante deve ser o estar ao serviço, *“não de teorias abstractas, mas de problemas particulares de determinado momento ou contexto”* considerando que *“só nesta perspectiva a psicologia poderá ter um potencial radical de transformação da vida social”* (Nogueira, 2001b, p.54).

Capítulo 1

O fenómeno da (e) imigração e a imigração brasileira em Portugal

Neste capítulo apresento uma breve contextualização sobre o fenómeno migratório no mundo e em Portugal e comento sobre a emergência dos estudos sobre a imigração das mulheres em particular. Apresento ainda algumas informações estatísticas e as considerações feitas por estudiosos/as que tratam sobre a presença brasileira em Portugal, tanto em termos de uma caracterização desta população, quanto em termos de como a comunidade brasileira é percebida pela população portuguesa. Por fim, apresento o contributo de algumas autoras brasileiras que analisaram o fenómeno da construção da imagem das mulheres brasileiras como produto a ser exportado, como forma de localizar a imagem presente sobre elas no imaginário português, assunto que será discutido ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

1.1. Movimentos migratórios na actualidade

A humanidade é originariamente migrante. Se no passado a busca por alimentos e recursos naturais que garantissem a sobrevivência determinavam as mudanças constantes das populações nómadas, hoje os motivos se multiplicaram e as migrações no mundo contemporâneo revestem-se de um carácter bem mais complexo do que o que movia homens e mulheres em tempos ancestrais.

Emigrar é sempre um desafio, empreendido por muitos em busca de melhores condições de vida quando em seu país de origem as condições se apresentam desfavoráveis, sejam ocasionadas por questões ligadas à guerra, perseguições políticas, fuga da violência urbana, crises financeiras decorrentes de desemprego ou baixos salários, crises existenciais, busca de aperfeiçoamento profissional ou sonho de alcançar melhor qualidade de vida. Já não se pode ignorar motivos como a concretização de relacionamentos afectivos, com contactos cada vez mais numerosos proporcionados pelas tecnologias de informação, nomeadamente a Internet, entre tantas outras aspirações pessoais que podem estar envolvidas no projecto imigratório. Os riscos envolvidos nesse

movimento nem sempre estão muito claros para pessoas e famílias que o empreendem, por desconhecerem os intensos esforços necessários para inserção e integração ao novo contexto social, que se reflectem em várias dimensões da vida, como na saúde mental e física, na estrutura familiar, no surgimento de dilemas identitários, na vivência de discriminação, entre muitos outros aspectos. A experiência de imigração constitui-se assim numa complexa rede de interacções com intensas repercussões psicossociais a serem enfrentadas.

Segundo a *IOM – International Organizations for Migration*², estima-se que no mundo existam em torno de 192 milhões de pessoas migrantes, o que equivale a cerca de 3% da população mundial a viver fora do seu local de nascimento. O debate científico e as agendas políticas têm se voltado cada vez com maior interesse para essa temática, o que demonstra haver um crescente reconhecimento de que o fenómeno migratório é um componente essencial na vida económica e social e que, se bem gerido, pode trazer consequências positivas para os indivíduos imigrantes e para as sociedades que os acolhem (IOM, 2009).

Pires (2007) destaca que a percepção na Europa de uma “pressão migratória” bem maior do que a revelada pelos números globais se deve a que, entre outros aspectos, os fluxos migratórios estejam desigualmente distribuídos em escala mundial, sendo que actualmente a Europa Ocidental é um dos principais pólos de atracção, com cerca de 1,4 milhões de entradas anuais, já ultrapassando o que é verificado nos Estados Unidos. Nesse contexto está Portugal que, se até poucos anos era considerado como um país de emigração, com os fluxos direccionados especialmente para países da Europa Central e do Norte, os movimentos migratórios dos últimos anos o transformaram também em país de imigração. Apesar da emigração portuguesa vir sofrendo reactivações até a actualidade, a presença estrangeira em território português tem predominado nos debates científicos e no imaginário público (Peixoto, 2004; Malheiros, 2007).

1.2. As mulheres como protagonistas nos estudos sobre imigração – tendência recente

Tem sido considerado um marco nos estudos sobre a imigração das mulheres a publicação por Mirjana Morokvasic em 1984 de um número especial da *International Migration Review*, onde

² IOT – International Organization for Migration. <http://www.iom.int/jahia/Jahia/about-migration/lang/en>

demonstrou que até a metade dos anos 70 era patente a invisibilidade das mulheres nos estudos sobre migrações, declarando que *“the birds of passage”* também eram mulheres (Koffman, 1999). Desde então, os estudos nessa área tiveram um aumento bastante expressivo. Koffman indica como o modelo dominante de migração os estudos permeados pelo viés masculino, onde os homens eram vistos como aventureiros que saíam à procura de novas oportunidades no estrangeiro e depois eram seguidos pelas mulheres e pelos filhos, reforçando a noção das mulheres vistas como dependentes e passivas, sendo o trabalho destas encarado como de importância secundária.

Embora os estudos sobre a imigração das mulheres venham ganhando relevância num contexto de globalização, em que não se pode mais ignorar as estatísticas e a presença das mulheres imigrantes nos vários espaços sociais, a invisibilidade apontada por Morokvasic ainda se traduz em se saber pouco sobre os projectos e trajectórias actuais do movimento de migração das mulheres, que se apresenta em crescimento e em mudança constante. De qualquer forma, não se pode negar a importância dos estudos realizados desde os anos 80 que caracterizam a imigração das mulheres de maneira mais complexa do que a simples reunificação familiar considerada anteriormente: além das casadas há imigrantes solteiras e jovens; há intensa participação no mercado de trabalho por parte das mulheres, com efeitos na economia da sociedade receptora e na sociedade de origem; as mulheres ocupam diferentes espaços na estrutura social em função da idade, da cultura de origem, dos motivos de emigração (Wall et al., 2008).

Wall et al (2008), utilizando metodologias qualitativas no estudo de trajectórias de mulheres em contexto português identificaram vários perfis típicos de trajectórias, que envolvem na experiência das mulheres, aspectos subjectivos e objectivos que influenciam as diferentes trajectórias. As autoras concluíram que os fluxos transnacionais de mulheres para trabalhar nos nichos de empregos tradicionalmente femininos, geralmente precários, a procura de melhores condições de emprego e qualificação e o impacto das mudanças na vida familiar, com o aumento do número de divórcios e de famílias monoparentais que muitas vezes obrigam as mulheres a procurar melhores recursos económicos em países estrangeiros, são factores importantes que contribuem para a diversificação das trajectórias femininas de imigração (Wall et al, 2008). Problemas de legalização, discriminação, guarda das crianças, exploração do trabalho, são outros entre os inúmeros aspectos que têm sido estudados sobre o fenómeno de migração das mulheres nos diversos contextos mundiais.

1.3. Portugal – país de origem e de destino

O facto de Portugal ter se transformado a partir dos anos 80 num país simultaneamente de origem e de destino de fluxos migratórios tem levado inúmeros estudiosos a uma intensa produção sobre as populações imigrantes visando conhecer a complexidade deste fenómeno em território português. Conforme ressalta Vitorino

“A complexidade dos fenómenos migratórios e a mobilidade que pressupõem tornam particularmente difícil fixar, num dado momento, um quadro suficientemente estável de referência, na medida em que a variação dos fluxos e da sua intensidade apresenta uma inegável plasticidade e uma assinalável diversidade no plano geográfico e em ciclos de tempo relativamente rápidos”
(Vitorino, 2007, p.21).

Se o autor se refere a questões económicas e demográficas, seguindo a mesma lógica de plasticidade destes fenómenos, cabe assinalar outros múltiplos factores sociais envolvidos: políticos, culturais e psicossociais.

Torna-se, assim, indispensável investigar a variação e complexidade dos contingentes humanos em suas particularidades, concorrendo para a produção de quadros de referência, com construções conceptuais, sempre provisórias, para conhecer quem são os e as protagonistas, como se organizam, como se desenvolvem as relações interpessoais, que tipos de estratégias instrumentais e identitárias levam a efeito, assim como tantos outros aspectos psicossociais que constituem o intrincado fenómeno migratório.

Tendo Portugal se convertido em país de imigração, nos últimos anos inúmeras investigações vêm sendo realizadas nas ciências sociais para tentar responder às questões levantadas diante desse fenómeno. Diversas linhas de pesquisa vêm desenvolvendo estudos referentes a diferentes comunidades estrangeiras (Abranches, 2004; Godinho, 2009; Góis, 2008; F.L. Machado, 2002; Saint-Maurice, 1997), sobre as interacções entre as populações autóctones e imigrantes (Bastos & Bastos, 1999,; Cabecinhas, 2003; Cabecinhas & Amâncio, 2004; Lages & Policarpo, 2003; Lages, Policarpo, Marques, Matos & António, 2006; Vala, Brito & Lopes, 1999), sobre a vida dos descendentes de imigrantes (F.L. Machado & Matias, 2006; Possidónio, 2006), sobre educação em

contexto intercultural (Araújo, 2008; Mirotshnik, 2008), entre inúmeras outras linhas. Especificamente sobre a imigração brasileira, destacam-se algumas teses de mestrado e doutoramento (Correia, 2009; I.R. Machado, 2003; Pontes, 2004; Willy Filho, 2008; Xavier, 2007). É de destacar a publicação das obras colectivas “*Imigração Brasileira em Portugal*”, publicada em Portugal em 2007 sob coordenação de Jorge Malheiros e “*Um mar de identidades*”, publicada em 2006 no Brasil sob coordenação de Igor R. Machado onde são reunidos trabalhos das áreas da sociologia, antropologia, geografia e economia. Em pesquisa realizada na internet não foi localizada pela autora deste trabalho no campo da psicologia, ou da psicologia social particularmente, publicações que abordem a questão da imigração de mulheres brasileiras em Portugal. Se de facto não existe produção sobre o tema nesta área ou se a produção realizada deixa de ser divulgada e permanece de difícil acesso, é uma questão que fica por responder. Foi localizada informalmente apenas duas teses de mestrado não publicadas em psicologia da justiça e psicologia clínica e da saúde, de Cristina Correia (2009) que aborda a questão do “ser mulher brasileira em Portugal” e a de Joana Topa (2009) sobre “ser mulher imigrante em Portugal”, envolvendo diferentes nacionalidades, ambas utilizando a análise de discurso como metodologia de pesquisa.

Começando pela caracterização em termos estatísticos, retirados do mais recente relatório do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, serão aqui referidas as conclusões de alguns dos trabalhos nas diversas áreas das ciências sociais que se julgou importantes para uma adequada contextualização sobre a imigração brasileira em Portugal.

1.4. Contornos da imigração brasileira em Portugal

Segundo o relatório do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras [SEF] (2009), a população estrangeira com estatuto legal de residente³ alcança hoje o número de 436.020⁴, que correspondem entre 4% e 5% da população residente e perto de 10% da população economicamente activa. É de ressaltar que os fluxos irregulares de imigrantes dificultam dados quantitativos referentes à população estrangeira efectivamente residente (P.M.Costa, 2008; Pires, 2007). Do total de

³ O relatório considera, para fins estritamente estatísticos, o conceito de “estrangeiro residente em Portugal” os estrangeiros detentores de título de residências e os estrangeiros portadores de prorrogação de permanência de longa duração, não estando incluídos os estrangeiros em situação irregular (RIFA - Relatório de Imigrações, Fronteiras e Asilo, SEF, 2008).

⁴ Dados provisórios – Relatório de Imigrações, Fronteiras e Asilo, SEF, 2009

estrangeiros residentes, a comunidade brasileira atinge 106.961 pessoas, 24% do valor total, sendo expressivamente superior a outras comunidades estrangeiras⁵.

Além de representar a maioria da população imigrante em Portugal, há outra particularidade que se destaca em termos da comunidade brasileira: trata-se da distribuição dos números de imigrantes do sexo masculino e feminino. Embora constata-se que tem vindo a aumentar o número das imigrantes das diferentes nacionalidades nos últimos anos em Portugal, em termos gerais elas representam 48% do total e os homens 52%. No caso do Brasil, ao contrário dos outros países, o sexo feminino apresenta valores superiores aos do sexo masculino, o que vem se mantendo nos últimos anos, com as mulheres brasileiras representando em 2008 cerca de 54% e os homens 46% da população brasileira residente. No Distrito do Porto, região abarcada pela presente investigação, os dados de 2008 apontam para uma população brasileira total de 8.276 pessoas, sendo 3.527 homens e 4.749 mulheres, correspondendo a 42,5% e 57,5% respectivamente. Esses números mostram que no Porto a maioria de mulheres é ainda mais significativa, atingindo uma diferença de cerca de 15% a mais em relação aos homens. (Relatório de Imigrações, Fronteiras e Asilo, SEF, 2009). Esses números estão demonstrados na tabela 1.

Ano 2008	Total	Homen s	Percent ual	Mulher es	Percent ual
Portugal	106.961	49.467	46%	57.494	54%
Distrito do Porto	8.276	3.527	42,5%	4.749	57,5%

Tabela 1 – Dados referentes à população brasileira em Portugal e no Distrito do Porto – População total e desagregada por sexo

Pinho (2007), em estudo sobre a constituição de Portugal como destino de imigração brasileira, refere os processos de comunicação, mediada e interpessoal, como factores que contribuem para a tomada de decisão que define esse fluxo migratório. A autora analisa o importante papel da imprensa brasileira nesse processo de escolha, que construiu uma imagem

⁵ A comunidade ucraniana ocupa o segundo lugar entre os residentes em Portugal, com 52.494 – 12% do total da população estrangeira.

positiva de Portugal e da economia portuguesa nos anos 80/90 a partir dos desenvolvimentos alcançados com a pertença à Comunidade Económica Europeia. No mesmo nível de importância na tomada de decisão, Pinho destaca a comunicação interpessoal entre parentes, amigos e conterrâneos que já se encontram a residir em Portugal, que podem garantir as ajudas na integração, suporte emocional e instrumental. Fonseca demonstra que uma grande percentagem de imigrantes provenientes do Brasil tem amigos ou familiares já residentes, o que reforça as redes migratórias e dá sustentabilidade à manutenção dos fluxos migratórios no sentido Brasil – Portugal (Fonseca, Ormond, Malheiros, Patrício & Martins, 2005). Malheiros (2007) refere outras condições específicas que enquadram a imigração brasileira para Portugal: os acordos bilaterais quanto a circulação de mão-de-obra e ao acesso a direitos⁶ a ancestralidade portuguesa que facilita para muitos o acesso à nacionalidade,

Em termos laborais, a imigração brasileira em Portugal tem assumido expressividade e contornos distintos nas últimas décadas. Se nos anos 80 ela se caracteriza pela vinda de profissionais altamente qualificados em projectos individuais ou no quadro de empresas multinacionais, a partir de meados dos anos 90 a denominada “segunda vaga” da imigração brasileira constitui-se de trabalhadores com níveis de instrução mais reduzidos, direccionados aos segmentos menos qualificados do mercado de trabalho (Bógus, 2007; Pinho, 2007). Apesar desses contornos mais evidentes, Peixoto e Figueiredo (2007) caracterizam a imigração brasileira como tendo um carácter dual em termos de mercado de trabalho, já que brasileiros e brasileiras estão presentes tanto em segmentos qualificados como nas posições indiferenciadas e não qualificadas.

1.5. Imigrantes brasileiras em Portugal

Os fluxos da imigração brasileira feminina em relação à masculina vem aumentando nos últimos anos, como demonstram os números já apresentados. Esse fluxo tem como importante determinante a existência de redes familiares de apoio (Padilla, 2007). Mulheres solteiras, casadas, separadas ou divorciadas emigram com projectos individuais – percurso feminino autónomo, ou como parte de projectos familiares – percurso migratório familiar (Wall, et al, 2008).

⁶ São exemplos o Acordo Bilateral assinado em Julho de 2003 (que ficou conhecido entre os brasileiros como o Acordo Lula, em referência ao Presidente Luís Inácio Lula da Silva) e a “Igualdade de Direitos” referente ao Tratado de Porto Seguro, 2000.

Tem sido evidenciado em diversos trabalhos o aumento nas sociedades industrializadas do nicho laboral assalariado específico para as mulheres nos sectores domésticos e de cuidados de crianças e idosos e na restauração. Padilla (2007) refere o trabalho de King e Zontini (2000) que verificaram a prevalência em países do Sul da Europa, entre eles Portugal, de uma estrutura económica com nichos laborais caracterizados pelas especificidades étnicas e de género, exclusivamente destinados à imigração feminina, que são os serviços domésticos e não qualificados e a prostituição. Em Portugal, relacionados a etnicização/exotização⁷, identificam-se ainda outros nichos direccionados a brasileiros e brasileiras nos sectores da restauração e hotelaria (Machado, 2003), com uma nítida segmentação por sexo: a limpeza e as refeições são feitas pelas mulheres, sendo o atendimento ao público unissexo (Padilla, 2007). Em consonância com esses trabalhos, chegou-se a essa constatação também na presente pesquisa.

1.6. Brasileiros (e brasileiras?) no topo da hierarquia das alteridades imigrantes

Em estudos realizados sobre as imagens recíprocas construídas entre a população portuguesa e as populações imigrantes envolvendo brasileiros, africanos e europeus do Leste⁸, Lages e Policarpo (2003) e Lages, Policarpo, Marques, Matos e António (2006) realizaram sondagens no sentido de compreender como portugueses e essas populações se percebem mutuamente. As sondagens realizadas deixam evidente a existência de uma organização simbólica das alteridades, sendo mantida uma estrutura racial-hierárquica que se constitui numa forma racializada de encarar a diferença, agora vista em termos étnicos (I.R. Machado, 2006), que localiza as populações em níveis diferenciados de estatuto social. Estes estudos mostram resultados em que os brasileiros ocupam um lugar privilegiado nessa hierarquia, e embora em posição subalterna, encontram-se logo a seguir aos portugueses, seguidos pela população dos países do Leste europeu e pelos negros, estes se encontrando em último lugar nessa hierarquia de alteridades. Há, de forma evidente, a constatação de que os sujeitos de diferentes nacionalidades encontram ao chegar uma escala na qual são inseridos, reconstruindo dentro de Portugal a antiga ordem imperial (I. R. Machado, 2006), na qual o Brasil ocupa desde há muitos anos, um lugar intermediário entre os

⁷ Padilla (2007) utiliza o termo *emicização* e Igor Machado utiliza *exotização* para designar um processo de estereotipia que relaciona aos brasileiros e brasileiras, como qualidades inerentes e quase genéticas, características como simpatia, cordialidade e alegria.

⁸ As pesquisas diferenciam a população imigrante em três categorias: brasileiros, africanos e imigrantes europeus do Leste (note-se a homogeneização das categorias africanos e imigrantes de Leste). Para Machado (2005) “o termo ‘africanos’ carrega uma conotação negativa, ‘brasileiros’ uma conotação sexualizada (Pontes, 2004; Machado, 2003; Padilla, 2004) e, agora, ‘do leste, uma conotação de suspeição.

portugueses e os africanos (considerando as populações das antigas colónias) e à frente das populações do Leste, que passaram a fazer parte do cenário a partir dos finais dos anos de 1990.

I. R. Machado (2005) argumenta que este lugar privilegiado na hierarquia das alteridades deriva de uma série de representações sobre o Brasil em Portugal, resultado de processos de exotização, por um lado, e por outro a equalização do olhar sobre os brasileiros (I. R. Machado, 2006, p.120). Segundo este autor um dos aspectos que deixa evidente a posição privilegiada do Brasil na hierarquia diz respeito à ideia de etnicidade encontrada no imaginário português: o brasileiro é visto como “uma” etnicidade, uma nacionalidade, enquanto que os “africanos” e os do “Leste” são homogeneizados em simples categorias que ignoram as inúmeras pertenças culturais e nacionalidades existentes. Assim, os brasileiros “ (...) *comprovam seu status relativamente privilegiado, sendo os únicos a serem classificados por um termo nacional, transformado em categoria étnica pelo discurso oficial*” (Machado, 2006, p.123).

No âmbito da pesquisa de uma tese de doutoramento sobre o preconceito racial contra os negros Cabecinhas (2003, 2007) confirma a mesma posição dos brasileiros, em termos de estatuto social percebido por estudantes portugueses. Entre onze nacionalidades⁹ diferentes referidas na pesquisa, os brasileiros ocupam a posição logo a seguir aos portugueses.

Entre os atributos que fazem parte das representações sobre os brasileiros que os coloca nessa posição hierárquica, e que foram apontados nas pesquisas coordenadas por Lages (2003, 2006) estão a simpatia, a alegria e a boa disposição. Esses atributos, transformados em estereótipos sobre a brasilidade, acabam por se transformar em verdadeiras prisões simbólicas para brasileiros pobres, segundo conclusões de I. R. Machado (2003) em sua tese de doutoramento com brasileiros residentes no Porto. O autor trabalhou com imigrantes brasileiros de classe baixa, que trabalham no que ele designa de “*venda da alegria*”, ou seja, “*funções que se relacionam de alguma forma com os estereótipos dos brasileiros presentes tanto no universo simbólico brasileiro como português*” (I.R. Machado, 2003, p.9), que são, entre outras profissões, os músicos, garçons, atendentes em geral. Para o autor, a alegria brasileira virou uma necessidade no mercado português, transformando-se ao mesmo tempo numa vantagem naturalizada, da qual o brasileiro trabalhador nesse mercado acaba por tirar proveito ao produzir uma “*identidade-para-o-mercado*”,

⁹ A pesquisa envolveu as seguintes nacionalidades: angolanos, brasileiros, cabo-verdianos, ciganos, guineenses, indianos, macaenses, moçambicanos, portugueses, são-tomenses, e timorenses.

que é requisitada pelos empregadores portugueses, ao mesmo tempo que a mesma identidade, onde a simpatia é exercida *“profissionalmente”*, acorrenta esses brasileiros a certos papéis estereotipados (I. R. Machado, 2003).

Mas se esses atributos são por vezes utilizados por alguns brasileiros pobres como garantia de emprego nos sectores de lazer e diversão, como constatou I. R. Machado, verifica-se que a mesma “utilidade” da exotização não se verifica para brasileiros e brasileiras de outras áreas profissionais, outros níveis de estudo e outras classes sociais. A exotização nesses casos torna-se no mínimo incómoda e indesejável, resultando em situações de discriminação.

A sexualização das brasileiras, fenómeno em que estas são vistas como objecto sexual e identificadas com estereótipos baseados em forte apelo sexual, foi verificada na presente investigação e apontada por Padilla (2007) e Pontes (2004). Some-se a isso os julgamentos feitos quanto às diferenças culturais, desde o modo de comunicar-se nas relações sociais até os modos de lidar com a sexualidade e relações amorosas, onde as brasileiras passam a ser mal vistas também por atitudes culturais naturalizadas na sociedade de origem, como por exemplo, beijar no primeiro encontro, como verificou Correia (2009). Estas, entre outras diferenças, ao serem julgadas negativamente, vão constituindo e cristalizando no imaginário português a ligação das brasileiras à imagem da mulher fácil, rouba-maridos, e à prostituição.

Nesse ponto, torna-se imprescindível considerar o importante papel desempenhado pelos media na construção da imagem negativa das brasileiras, tendo sido realizados importantes estudos analisando o fenómeno.

Clara Santos (2007) analisou notícias veiculadas por 8 dos principais jornais portugueses no ano de 2003 para verificar como se referiam à presença das mulheres imigrantes, tanto em termos de teor e forma das notícias, temas tratados e discursos adoptados sobre as mulheres, como em termos de comparação com as notícias sobre homens imigrantes. A autora verificou que em relação às mulheres imigrantes de modo geral, a imagem que é passada está ligada à clandestinidade, crime e exploração, constatando a esmagadora predominância do tema da prostituição apresentado pelos jornais, tendo a figura das mulheres brasileiras como centrais, ligando estas com a clandestinidade e redes de prostituição (Santos, 2007, p.122). As conclusões de Willy Filho (2008)

apontam no mesmo sentido, ao analisar peças do noticiário televisivo veiculados entre 2004 e 2006 pelas principais redes portuguesas, onde predominaram imagens e representações das brasileiras imigrantes ligadas à prostituição, o tráfico e o trabalho ilegal.

A dúvida colocada no título desta secção é levantada pelo facto das características que supostamente colocam os brasileiros no topo da hierarquia das alteridades imigrantes não reflectir-se para as mulheres da mesma forma positiva que para os homens, aproximando a imagem da simpatia e da comunicabilidade, com a imagem da mulher fácil e da prostituta.

Pontes (2004), em estudo qualitativo realizado entre 2001 e 2004 para sua tese de mestrado, dá conta de que a representação das mulheres brasileiras em Portugal, reforçada pelos media portugueses, é associada à morenidade e sensualidade, aparecendo inúmeras vezes associada à prostituição. Para a autora, os processos de exotização e sexualização das imigrantes brasileiras resultam num estatuto inferiorizado, havendo uma sobreposição de marcadores sociais de exclusão que se associam: 1) ao facto de ser imigrante, portanto, de um outro grupo étnico-nacional exótico, periférico, racializado e de classe económica subalterna, e; 2) ao facto de ser brasileira, portanto, oriunda da cultura do Carnaval, da sexualidade, do culto ao corpo e também da pobreza, da violência e do subdesenvolvimento (Pontes, 2004, p.27).

1.7. A imagem construída e exportada da “mulher brasileira” – do Brasil para o mundo

Se a imagem das mulheres brasileiras é marcada pelos estereótipos negativos na contemporaneidade, localiza-se no período escravagista a construção da mulata, que acentuava a sensualidade exacerbada, atraente, disponível e facilmente acessível, que reduzia o corpo feminino a um objecto de posse do senhor (Eleutério & Cavalcante, 2009; França, 2002). Têm sido realizados vários estudos para analisar essa construção, que intensifica o turismo sexual no Brasil e contribui para a discriminação das mulheres brasileiras, especialmente na Europa, para onde tem se intensificado o movimento migratório ligado à indústria do sexo (Caetano, 2003, Piscitelli, 1996,2008). Para além dessa repercussão internacional, outros estudos abordam a formação das identidades femininas brasileiras e a natureza fabricada da representação acerca da sexualidade brasileira como altamente erotizada e maleável (Carvalho, 2006;Corrêa, 1996; Giacomini, 2006;

Heilborn, 2006).

Essa imagem ganhou mundo através dos raros escritos feitos pelos poucos estrangeiros que aportaram no Brasil no período colonial. Em breves passagens pelo Brasil, esses estrangeiros registaram impressões de que as mulheres brasileiras, de moral pouco rígida, estavam sempre dispostas a atender aos desejos dos estrangeiros (França, 2003), impressões que foram sendo reproduzidas com o passar dos séculos. Segundo França, a crença de que as mulheres brasileiras são “acessíveis sexualmente” tem sido constantemente reiteradas e utilizadas, como outros “produtos” de exportação: as imagens do Carnaval carioca, os romances de Jorge Amado e as prostitutas. Para França,

“ (...) não se deve negligenciar que há tempos os europeus, guardiões da moral e da cultura do Ocidente, partilham de uma imagem bastante depreciativa das mulheres dos trópicos, imagem que, depois de ser reproduzida à exaustão durante séculos, parece aos habitantes do Velho Mundo - e aos estrangeiros em geral - sólida, canónica e obrigatória.” (França, 2003, p.1).

Piscitelli (2007) chama a atenção para o facto de que nas discussões socioantropológicas, a vinculação entre as regiões pobres do mundo e a prostituição dá-se como consequência do turismo sexual, do uso da Internet para difusão de imagens sexualizadas e racializadas desses lugares e da migração de mulheres do Sul para trabalharem na prostituição em todo o mundo (Thornbeck & Pattainick, 2002, cit. in Piscitelli, 2007), o que informa a marca da desigualdade de género em escala global. Essa migração, favorecida pela mobilidade actual, estimula o consumo das alteridades, ligadas ao exotismo e ao erotismo (Kempadoo, 2004, cit. in Piscitelli, 2007). Abre-se assim um mercado onde as brasileiras, com a imagem sexualizada construída e difundida internacionalmente, encontram um espaço “privilegiado” em termos de demanda pela “mão-de-obra” brasileira, a indústria do sexo.

Assim, se produz e reproduz a imagem das brasileiras que vem sendo mostrada, difundida e vendida no Brasil e no mundo, baseadas na construção sexualizada iniciada com os viajantes na época colonial e reiteradas na literatura a partir do século XIX, em obras como “O cortiço” de Aluísio de Azevedo (1890), “A moreninha”, de Joaquim Manuel de Macedo (1844), “Gabriela, Cravo e

Canela” de Jorge Amado (1958), pelas telenovelas e produções da televisão brasileira, entre outros produtos que ressaltam o avançado grau de libido sexual das mulatas, e por extensão, das mulheres brasileiras em geral (Eleutério & Cavalcante, 2009). Piscitelli (2007) refere a difusão da imagem erotizada não mais ligada necessariamente às “cores” da pele escura, mas ligada à construção de nacionalidades atravessadas pelo gênero (Piscitelli, 2004, cit. in Piscitelli, 2007; Pontes, 2004), com uma nova configuração que se estende às brasileiras de forma geral, quer estejam ou não inseridas na indústria do sexo (Piscitelli, 2007). No Brasil, a exploração da imagem erotizada das mulheres brasileiras foi usada em propagandas oficiais por muitos anos e já se encontra em número bastante reduzido em decorrência das inúmeras campanhas da sociedade civil a par das reivindicações dos grupos de mulheres, porém, a Internet tem sido a grande aliada de quem utiliza essas imagens para fomentar o turismo sexual (Eleutério & Cavalcante, 2009).

Capítulo 2

As relações intergrupais nas abordagens da psicologia social

Os estudos dos processos psicossociais presentes no contexto imigratório em termos de relações entre população imigrante e autóctone e entre individualidades dentro destes grupos recebe da psicologia social importantes contributos para sua compreensão dentro dos estudos sobre as relações intergrupais e das representações sociais. O presente capítulo aborda duas das mais importantes perspectivas que tem suscitado inúmeras análises no campo da psicologia social e psicologia das migrações: a teoria das representações sociais e a teoria das identidades sociais. Neste capítulo exploro ainda os conceitos de estereótipos, preconceitos e discriminação social, processos cuja compreensão é essencial dentro das perspectivas dos estudos das relações intergrupais.

2.1. Perspectivas europeias

Como objecto de estudo da psicologia social as relações intergrupais foram inicialmente estudadas numa perspectiva intraindividual, inclusive para analisar relações entre grupos, o que reduzia essas relações a processos psicológicos individuais (Capoza & Volpato, 1996). A partir dos anos 60 vêm sendo adoptadas perspectivas interaccionistas/intergrupais que consideram que para compreender o comportamento social é preciso analisar as condutas dos indivíduos no interior dos grupos, assim como para compreender o grupo é necessário analisar as interacções entre os indivíduos. Não sendo objectivo desta secção fazer uma explanação exhaustiva das teorias existentes e em consonância com as opções teóricas da presente investigação, serão abordadas apenas as teorizações da psicologia social europeia com perspectivas interaccionistas/ intergrupais.

A emergência da identidade de uma psicologia social europeia dá-se especialmente a partir dos trabalhos de Henri Tajfel e Serge Moscovici, ao procurarem desenvolver uma psicologia social mais social do que a do individualismo psicossocial estabelecido nos Estados Unidos e que por

muito tempo foram modelo para a psicologia social europeia (Nogueira, 2001b). A base das propostas de Moscovici e Tajfel está em que *“a psicologia social pode e deve incluir nas suas preocupações teóricas e metodológicas uma preocupação directa com o funcionamento psicológico humano e os processos sociais em larga escala, assim como com os acontecimentos que modelam esse funcionamento e são modelados por ele”* (Nogueira, 2001b, p.34). Partindo desse ponto em comum e embora com algumas proposições dissonantes, ambas as abordagens têm contribuído para o estudo e compreensão das relações intergrupais em pesquisas por todo o mundo e em diferentes áreas disciplinares.

2.2. As representações sociais e as interacções intergrupais

Moscovici propõe a análise dos processos sociais através dos quais os indivíduos em interacção constroem teorias sobre os objectos sociais, viabilizando a comunicação e a organização dos comportamentos (Vala, 2006). Desta forma, os construtos cognitivos como as atitudes, crenças e valores são encarados como uma produção colectiva que gera um conjunto partilhado de crenças e conhecimentos que contribuem para a construção de uma realidade comum. Spink (1993) baseada em uma definição clássica de Jodelet define as representações sociais como

“ (...) modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. São, conseqüentemente, formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos – imagens, conceitos, categorias, teorias –, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e partilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenómenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção, ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam” (Spink, 1993, p.300).

Por esta definição é possível, num primeiro plano, compreender as representações sociais como referindo-se ao fenómeno da produção de sentido, presente em todas as sociedades, constituído por um conjunto de conhecimentos do senso comum que orientam os indivíduos face ao mundo social (Nogueira, 2001b). Neste sentido, destacam-se as diversas funções das

representações sociais, entre elas a **função social**, de orientação das condutas e das comunicações; a **função afectiva**, de protecção e legitimação das identidades sociais e; a **função cognitiva**, de familiarização com a novidade (Spink, 1993) que estabelecem uma ordem que permite ao indivíduo sua orientação e domínio face ao mundo material e social (Nogueira, 2001b).

Segundo Spink a função cognitiva das representações sociais, que transforma o estranho e potencialmente ameaçador em algo familiar, evidencia os dois principais processos, que para Moscovici estão envolvidos na elaboração das representações: a **ancoragem** e a **objectivação**. A ancoragem refere-se à inserção orgânica do que é estranho no pensamento já constituído, o que implica afirmar que *“qualquer tratamento da informação exige pontos de referência a partir das experiências e dos esquemas já estabelecidos que o objecto da representação é pensado”* (Cabecinhas, 2004, p.6).

Moscovici concebe a ancoragem como um processo de domesticação da novidade sobre a pressão dos valores do grupo, afirmando que *“nos limites em que ela penetrou numa camada social, também se constitui aí num meio capaz de influenciar os outros e, sob esse aspecto, adquire status instrumental”* (Moscovici, 1978, cit. in Spink, 1993, p.306) para interpretação e gestão do ambiente (Cabecinhas, 2004).

Intrinsecamente ligado ao processo de ancoragem está o processo de **objectivação**, que organiza os elementos que constituem a representação formando imagens e transformando noções abstractas em algo concreto, quase material, *“tão vívidos que seu conteúdo externo assume o carácter de uma realidade externa”* (Moscovici, 1988, cit. in Spink, 1993, p. 306).

A **função afectiva** das representações sociais refere-se à protecção e legitimação das identidades sociais, conforme explica Spink, e nos remete à dinâmica da interacção social, mais especificamente à elaboração de estratégias colectivas ou individuais para a manutenção das identidades sociais. Conforme refere Vala (1997)

“como acontece com qualquer experiência humana, estas actividades de construção de um sentido partilhado ou diferenciado e a experiência de associação do eu a um grupo são acompanhadas de emoções. Conhecimentos e emoções são objecto de julgamentos avaliativos, o que significa que os

conhecimentos e emoções construídos no seio dos grupos não são apenas descritivos, mas também avaliativos, ou seja, mobilizam atitudes” (Vala, 1997, pp.10-11).

A terceira função das representações sociais apontada por Spink é a função social que, segundo a autora, exige uma análise mais microscópica das trocas sociais, tais como a efectuada pela psicologia discursiva (Edwards & Potter, 1992, cit. in Spink, 1993) ou pela etnometodologia, que procuram evidenciar o processo de negociação constitutivo das relações sociais. Esse processo de negociação estudado na perspectiva da análise do discurso considera que a formação da identidade seja *“conseguida pelo ‘entrelaçar’ de diferentes componentes, construídos através dos discursos disponíveis na cultura, como o discurso do género, da idade, da raça, da orientação sexual, etc.”* (Nogueira, 2001b, p.99), sendo a identidade construída pela combinação de diferentes versões disponíveis de discurso social. Alguns discursos, estreitamente ligados às estruturas e práticas sociais presentes no contexto social, parecem ser designados por alguns grupos como ‘verdade’ em detrimento de outros.

Para Vala (1997) as representações sociais seriam, num primeiro nível de análise, âncoras que apoiam a construção de categorias identitárias, de clivagens sociais e de posições sociais, desempenhando importante papel na construção de categorias sociais e no posicionamento destas em contextos sociais específicos. O autor sugere que as representações sobre a estrutura social são mediadoras de categorias identitárias. Num segundo nível de análise, o processo de ancoragem evidencia as identidades sociais como uma das âncoras necessárias do processo de produção das representações sociais. Vala considera que para compreender o funcionamento das representações sociais é necessário ancorá-las nos fenómenos identitários e nas relações intergrupais (Vala, 1997, pp.9-10).

Moscovici refere a pluralidade de ancoragens na formação das representações sociais que dão origem a 3 tipos de representações:

- 1) As representações hegemónicas, que são partilhadas pelos membros de um grupo ancorando-se em crenças e valores largamente difundidos e indiscutíveis que, apesar de não terem sido produzidas pelo grupo, prevalecem implicitamente e de forma coerciva nas práticas simbólicas referentes à natureza do homem e à natureza da ordem social;

2) As representações emancipadas, que são produto da circulação de conhecimentos e de ideias e da partilha de experiências e de cooperação entre diferentes grupos, não sendo coercivas nem indiscutíveis e;

3) As representações polémicas ou controversas, geradas a partir dos conflitos sociais, com ancoragem em grupos antagónicos (Vala, 1997; Cabecinhas, 2004).

Vala (1997) faz a articulação entre identidade social e as representações sociais partindo da compreensão de que o funcionamento das representações sociais está ancorado nos fenómenos identitários e nas relações intergrupais. Para o autor, se a identidade social é concebida a partir da resposta à pergunta “Quem sou eu?”, esta resposta será resultado da percepção da realidade social feita através da organização dos indivíduos em grupos ou categorias, provavelmente de uma associação entre o *eu* e diversas categorias sociais. Esse processo de autocategorização social seria “determinado tanto por factores sócio-estruturais como por fenómenos de comunicação, aprendizagem e reflexividade” (Vala, 1997, p.10), sendo derivado das normas, símbolos, crenças e valores dos grupos aos quais o indivíduo associa sua auto-imagem, ou seja, a autocategorização é produto de uma reflexividade grupal. Assim, as representações partilhadas sobre os atributos e traços de personalidade identificados como o endogrupo e o exogrupo constroem uma visão partilhada do contexto e da visibilidade das diferenças dos outros grupos.

Para Cabecinhas (2004), ao enfatizar o papel activo dos actores sociais na produção e transformação das representações sociais faz-se necessário ter também em conta a dinâmica social que impõe representações hegemónicas com a consequente homogeneização de certas representações sociais, impostas pelas configurações culturais dominantes e que tem como instrumento privilegiado os meios de comunicação social (Cabecinhas, 2004, p.13).

Sintetizando, vejamos alguns dos contributos essenciais da teoria das representações sociais apontados por alguns autores e autoras ao estudo das relações intergrupais. Vala (1997) refere que a articulação entre identidades sociais, relações intergrupais e representações sociais pode contribuir no “*estudo do impacto das representações sociais da estrutura social na criação de categorias identitárias, no estudo do papel das identidades sociais na criação de redes de comunicação onde as representações sociais são aprendidas e transformadas e; no estudo do papel das identificações contextuais na actualização contextual das representações sociais sobre um*

mesmo objecto” (Vala, 1997, p.25). Já Spink (1993) insere as representações sociais entre as correntes que pressupõem uma ruptura com as vertentes clássicas das teorias do conhecimento, ao tentar superar a clivagem entre ciência e senso comum, encarando-os como construções sociais sujeitas às determinações sócio-históricas. Para a autora, o estudo das representações sociais estaria assim inserido entre os esforços de *“desconstrução da retórica da verdade”*, relativizando a objectividade e encarando o conhecimento do senso comum como legítimo e motor de transformações sociais (Spink, 1993, p.302). Vale ainda referir a opinião de Cabecinhas (2004) que acredita que o conceito de representação social tem possibilitado a integração de várias áreas, não só dentro da psicologia social como entre diversas áreas das ciências humanas e sociais.

2.3. A teoria das identidades sociais e as relações intergrupais

A análise da identidade baseada na pertença a grupos sociais, levada a efeito no campo da psicologia social é, explicitamente, uma teoria das relações intergrupais e dos processos grupais, desenvolvida a partir das primeiras formulações de Tajfel no início dos anos 70 (Nogueira, 2001b).

Tajfel, com sua teoria da identidade social ultrapassou o nível intraindividual e interindividual para o nível intergrupar, assentando sua teoria sobre a comparação entre categorias de pertença dos indivíduos e certas categorias sociais, articulando identidade e comparação social. Tajfel procurou, assim, explicar as condições que levam um indivíduo a definir-se em função da pertença a um grupo e a complexa integração entre o comportamento individual ou interpessoal com os processos sociais e contextuais nos conflitos intergrupais. (Lorenzi-Cioldi & Doise, 1996; Nogueira, 2001b; Cabecinhas, 2007).

Evidenciam-se na teoria de Tajfel dois processos psicológicos subjacentes ao fenómeno da identidade social: a **categorização**, um processo cognitivo universal que se aplica a todos os tipos de estímulos, físicos ou sociais, no sentido de organizar e simplificar a realidade social, sendo mais forte quando estão associadas dimensões de valoração, positivas ou negativas, às categoria sociais (Cabecinhas, 2007), constituindo-se num *“sistema de orientação que ajuda a criar e a definir o lugar do indivíduo na sociedade* (Tajfel, 1983, cit. Nogueira, 2001b), e; o **autofavorecimento** ou o **autoconceito positivo**, isto é, a necessidade das pessoas se verem de forma positiva em relação

às outras (Nogueira, 2001b).

Lorenzi-Cioldi e Doise (1996) apresentam uma sistematização da teoria da identidade social desenvolvida por Tajfel e Turner (1979/1986), a partir dos estudos que empregam o Paradigma dos Grupos Mínimos¹⁰ – PGM, demonstrando seus aspectos centrais: a asserção de que os indivíduos procuram manter ou aumentar sua auto-estima, a partir de uma concepção positiva de si mesmos; os grupos sociais ou categorias, e a pertença a eles, estão associados a conotações positivas ou negativas, podendo a identidade social ser positiva ou negativa segundo as valorações atribuídas socialmente a esses grupos; a valoração do próprio grupo está determinada pela relação com alguns grupos específicos, por meio de comparações sociais em características carregadas de valor.

Ainda segundo Lorenzi-Cioldi e Doise (1996), essas proposições levam Tajfel e Turner a deduzir os seguintes princípios teóricos:

- a) os indivíduos tentam aceder ou manter uma identidade social positiva;
- b) a identidade social positiva se baseia, em grande medida, nas comparações favoráveis que podem fazer-se entre o grupo de pertença e outros grupos e;
- c) quando a identidade social não é satisfatória, os indivíduos tentam abandonar o grupo de pertença para unir-se a um grupo mais positivo, e/ou tentam diferenciar o grupo num sentido mais positivo (Lorenzi-Cioldi & Doise, 1996, p.76).

A hipótese básica de que parte a teoria da identidade social de Tajfel é que as pressões para avaliar o seu próprio grupo positivamente através de uma comparação endogrupo/exogrupo conduzem os grupos sociais a uma tentativa de se diferenciar uns dos outros.

Segundo Cabecinhas (2007) a teoria de Tajfel conceitua o comportamento social em termos de um continuum ‘interpessoal’ versus ‘intergrupar’, ao qual está associado outro contínuo em que as extremidades são a **mobilidade social** e a **mudança social**. A mobilidade social estaria baseada num sistema de crenças que pressupõe que a sociedade na qual se inserem os indivíduos

¹⁰ O Paradigma dos Grupos Mínimos (PGM) diz respeito a situações experimentais na qual a única variável independente manipulada é a categorização social (relacionada a sexo, idade, etnia, classe social, etc.). Essa situação experimental objectiva eliminar todos os factores habitualmente reconhecidos como causadores de discriminação. Tajfel e seus colaboradores surpreenderam-se por verificar que, apesar do carácter mínimo das situações, a representação de um ambiente social unicamente composto por categorias do tipo “eles” e “nós” era suficiente para provocar comportamentos discriminatórios. (Bourhis, Gagnon & Moise, 1996).

é flexível e permeável, possibilitando a quem não esteja satisfeito com as condições inerentes à sua pertença grupal poder se mudar individualmente para outro grupo, atendendo às suas aspirações. Quanto à mudança social, seus pressupostos são de que a sociedade caracteriza-se por uma forte estratificação que torna muito difícil ou quase impossível para o indivíduo sair de um grupo desfavorecido em direcção a outro que esteja em posição favorecida. Ainda segundo Cabecinhas, Tajfel adoptou uma definição de mudança social em que para que esta ocorra há a necessidade do esforço de um grande número de pessoas, que constituam um movimento social, para resolver colectivamente um problema que tenham em comum. Tal definição traz em si a ideia defendida por Lewin sobre a necessidade do desenvolvimento de uma consciência do seu destino comum pelos grupos desprivilegiados socialmente (Cabecinhas, 2007, p.89).

Torna-se claro na aceção de Tajfel que

“as crenças na ‘mobilidade social’ não constituem ameaças para o grupo dominante, enfraquecem a dentro do grupo dominado e mantêm o status quo. Em contraste, as crenças na ‘mudança social’ implicam a solidariedade no seio do grupo dominado e constituem uma ameaça para o grupo dominante, pois visam a alteração de um status quo que privilegia estes últimos” (Cabecinhas, 2007, pp.89-90).

A teoria de Tajfel deu origem, na psicologia social europeia, ao que hoje se denomina modelo de Bristol, que apesar de muito influente recebeu críticas, que geraram desenvolvimentos teóricos que dão fundamento ao modelo da escola de Genebra, representado por autores como Deschamps, Doise e Lorenzi-Cioldi (Nogueira, 2001b).

O modelo de Genebra aponta como limitação ao modelo de Bristol a dependência da identidade a pertença grupal, sem considerar a posição objectiva dos grupos ou os conteúdos definidores da própria identidade. A escola de Genebra apresenta como contributos adicionais à teoria de Tajfel a articulação de diferentes níveis de análise, principalmente o interindividual, posicional e ideológico, além da demonstração de que a preferência pelo grupo de pertença e a diferenciação grupal se manifestam de forma assimétrica, dependendo do estatuto dos grupos em questão, sejam eles sociais, sexuais ou raciais.

Amâncio (1994) destaca que um aspecto fundamental do modelo de Bristol, o de que a

discriminação intergrupos resulta da procura de uma distintividade positiva, corresponde a um modelo de comportamento típico do sexo masculino em sociedades que valorizam a individualidade e a competição. A manifestação da identidade pessoal ou colectiva, a nível comportamental ou simbólico, está assim dependente da posição que os grupos ocupam na rede de interações sociais (Lorenzi-Cioldi, 1988 cit. Nogueira, 2001b), onde “os processos de diferenciação e discriminação associados à categorização social adquirem relevância enquanto processos de significação social” (Amâncio, 1994, p.149).

Nesta perspectiva, Deschamps refere que os membros dos grupos dominantes consideram-se a si próprios individualmente como um ponto de referência em relação ao qual as outras pessoas são definidas. Para os membros dos grupos dominados a definição de si e a definição feita pelos outros ocorre em termos das categorizações sociais que lhe são impostas, dependentes das relações de poder estabelecidas entre os grupos. Para Deschamps é necessário reconhecer as assimetrias concretas ou simbólicas presentes nas relações intergrupais, onde os grupos das mulheres, dos negros, dos imigrantes, não são equivalentes ou intermutáveis como os grupos dos homens, dos brancos, dos autóctones pois a essas categorias são atribuídas posições sociais diferenciadas em termos de poder nas relações sociais. (Cabecinhas, 2007, pp.101-102). Na busca pela manutenção da posição de dominação, as relações vão sendo reproduzidas pela valorização social dos atributos dos grupos dominantes, tornando difícil para os grupos dominados a valorização do seu próprio grupo.

Para Deschamps, as posições ocupadas pelos grupos, marcadas assimetricamente pelas relações de poder, estabelecem duas modalidades de identidade social:

(...) a identidade social daqueles que dominam será definida em termos de ‘sujeitos’ e daqueles que são dominados em termos de ‘objectos’. Os primeiros não pensam em si próprios como sendo determinados pela sua pertença a um grupo ou a sua afiliação social. Eles vêem-se acima de tudo como seres humanos individuais singulares, ‘sujeitos’, actores voluntários, livres e autónomos (...). Este não é o caso dos dominados, que são definidos como elementos indiferenciados, que fazem parte de um conjunto de partículas impessoais, e são pensados enquanto ‘objectos’ e não como “sujeitos” (Deschamps, 1982, cit. in Cabecinhas, 2007).

Apesar de reconhecerem a forte presença da homogeneização em diversas situações grupais,

Lorenzi-Cioldi e Doise problematizam-na, reconhecendo que, embora haja uma constatação empírica segundo a qual os membros de grupos dominados se percepcionem e sejam percepcionados como mais homogêneos que os grupos dominantes, o status social dos grupos é também responsável por fenómenos mais complexos. A posição subordinada em termos de estratificação social pode contribuir para a emergência de um pensamento mais original. Lorenzi-Cioldi realizou estudos empíricos onde as assimetrias entre homens e mulheres eram ressaltadas em termos dos papéis tradicionais em contexto público e privado. O estudo mostrou que as mulheres, enquanto grupo menos privilegiado, desenvolvem um pensamento que conduz a uma identidade colectiva de seu grupo de pertença, através de uma maior atenção aos postos que ocupam os membros do exogrupo na estrutura social. Para Lorenzi-Cioldi e Doise (1996), o que se designa habitualmente por “intuição feminina” ou “criatividade dos dominados”, seria em certa medida, o efeito de uma “subordinação sociológica”. Surgiriam assim, a partir dessa posição subordinada, processos de percepção e de julgamento mais diferenciados, mais centrados em diferenças sociais nas quais estão baseadas as diferenças entre os grupos de homens e de mulheres. O que leva os autores a concluir que *“O status social pode intervir para dar conta da maneira com que os actores sociais traçam as fronteiras entre os grupos sociais, quer dizer, como acentuam ou ignoram ditas fronteiras, ou como inventam novos critérios de classificação”* (Lorenzi-Cioldi & Doise (1996, p.86).

Segundo Amâncio (1994), os estudos da escola de Genebra contribuíram para situar a diferenciação intergrupos numa realidade social de relações de dominação simbólica entre grupos e salientar os aspectos de construção social da realidade que estão associados a uma categorização intergrupala. Para a autora, em consonância com Doise, não há incompatibilidade entre as perspectivas de Bristol e Genebra, desde que *“o modelo da diferenciação categorial se desenvolva no sentido da integração das relações de dominação simbólicas, a fim de melhor definir as condições e as modalidades do funcionamento da diferenciação categorial”* (Doise, 1985, cit. Amâncio, 1994, p.161).

Tem sido desenvolvido pelas escolas de Bristol e de Genebra muitos estudos acerca dos estereótipos, considerados como estando na origem de fenómenos como o preconceito e a discriminação social, conceitos essenciais para a compreensão das relações intergrupais.

2.4. Estereótipos, preconceitos e discriminação social

O estudo das relações intergrupais na psicologia social tem procurado compreender os vários processos envolvidos nos fenómenos do preconceito e da discriminação social e encontrar meios para limitar suas manifestações mais nocivas. Amâncio (1994) localiza como uma das primeiras reflexões teóricas sobre a discriminação de minorias o trabalho de Kurt Lewin, nos finais dos anos de 1940, ao analisar as práticas ligadas ao anti-semitismo, trazendo os pressupostos que situam no âmbito societal os pensamentos discriminatórios em relação às minorias e que a eliminação das discriminações dependerão das acções colectivas dos grupos minoritários. Por ter origem nas complexas interacções sociais, onde significações são partilhadas e legitimadas, é que

“a discriminação abrange todos os membros do grupo, independentemente das suas características individuais e que a centralidade da pertença a esse grupo é também independente do comportamento de seus membros, antes os reúne sob o que ele designa por um destino comum” (Amâncio, 1993, p.138).

A internalização de sentimentos negativos pelos membros dos grupos minoritários, com a recusa ou negação da pertença ao grupo, foi analisada por Lewin, que afirmou que estas internalizações originam estratégias de adaptação individual ao grupo maioritário, com efeitos positivos em termos de auto-estima mas negativos em termos de promover mudança social.

As estratégias de mobilidade e mudança social nas relações intergrupais são analisadas na mesma perspectiva por Tajfel (1978, 1981, cit. in Amâncio, 1994) para definir as reacções possíveis à percepção da discriminação, como já foi aqui explicitado em sua teoria da identidade social. A evidência dos efeitos da categorização nos comportamentos discriminatórios entre os grupos na perspectiva dos estudos intergrupais tentam explicar os fenómenos colectivos do preconceito e da discriminação.

Na psicologia social cognitiva o estudo dos estereótipos, grandes motivadores dos preconceitos e discriminações, os colocam como derivados de processos característicos do funcionamento cognitivo humano, levando o enfoque da cognição social a identificar os processos e viéses cognitivos que levam à formação dos estereótipos, especialmente entre os grupos maioritários e minoritários (Capozza & Volpato, 1996). Cabecinhas (2004) propõe a articulação das

teorias das relações intergrupais, de alguns conceitos da cognição social e das representações sociais como bastante frutífera para a pesquisa psicossociológica, o que tem se verificado nos estudos sobre os estereótipos, preconceitos e discriminação social.

Embora a definição de estereótipos possa ser tão diversa quanto o número de autores que estudam o tema, Yzerbyt e Schadron (1996) propõem uma que consideram consensual para grande número de autores e muito próxima ao senso comum: os estereótipos são *“um conjunto de crenças partilhadas sobre características pessoais, geralmente traços de personalidade, mas também dos comportamentos próprios de um grupo de pessoas”* (Leyens, Yzerbyt & Schadron, 1994, cit. in Yzerbyt & Schadron, 1996, p.114).

Walter Lipmann é considerado o “inventor” da noção de estereótipo no sentido sócio-psicológico, referindo-se com este termo à rigidez das nossas crenças, especialmente àquelas referentes aos grupos sociais. Para Lipmann, os estereótipos eram “imagens mentais” indispensáveis para nos prover a organização da grande quantidade de informação contida no meio (Yzerbyt & Schadron, 1996). Lipmann defende que tendemos a funcionar baseados em imagens mentais, apreendendo a complexidade do meio através de generalizações e atalhos mentais, por vezes abusivos. Para Yzerbyt e Schadron (1996) os instrumentos desta selecção são as categorias, sendo que os estereótipos remetem precisamente às categorias de pessoas. Pela categorização observamos e damos sentido ao outro usando os estereótipos, que possuem geralmente uma forte carga afectiva. A origem dos estereótipos é, assim, social e por vezes eles oferecem a possibilidade de justificar a natureza das relações entre grupos e nações (Tajfel, 1972, cit. in Yzerbyt & Schadron, 1996).

A leitura de Lipmann já à partida difere daquelas que foram adoptadas posteriormente, onde os estereótipos evocam a noção de preconceito e discriminação, ligadas à ideia de generalizações e erros de julgamento, com suas consequências indesejáveis socialmente. De facto, alguns autores propõem uma leitura menos negativa para a noção de estereótipo como Yzerbyt e Schadron (1996) e Berry, Poortinga, Segall e Dasen (2002). Estes últimos, referem-se aos estereótipos étnicos como categorias cognitivas, ferramentas psicológicas úteis para a convivência numa sociedade multicultural, onde as pessoas desenvolvem e partilham generalizações como um processo psicológico que em si não são maléficos, mas que se tornam prejudiciais quando frequentemente

são feitas avaliações negativas direccionadas aos membros do exogrupo (Berry, Poortinga, Segall & Dasen, 2002), dando origem às discriminações.

Tajfel (1982) utiliza a noção de Stallybrass para situar a discussão que realiza sobre os estereótipos:

“ (...) um estereótipo é uma imagem mental hipersimplificada de uma determinada categoria (normalmente) de indivíduo, instituição ou acontecimento compartilhada, em aspectos essenciais, por grande número de pessoas. Os estereótipos são vulgarmente, mas não necessariamente acompanhados por preconceito, isto é, uma predisposição favorável ou desfavorável em relação a qualquer membro da categoria em questão” (Tajfel, 1982, p.160).

A partir desta definição Tajfel tenta responder a duas questões que considera imprescindíveis para o estudo dos estereótipos sociais: a primeira diz respeito à análise das funções que os estereótipos desempenham no interior de um grupo social, onde sejam compartilhados por um grande número de membros; a segunda questão diz respeito à natureza das ligações entre estas funções sociais ou de grupo dos estereótipos e à sua adopção comum pelo grupo social.

Através dos estudos que realizou, Tajfel refere que os estereótipos são utilizados socialmente para ajudar os indivíduos a defender e preservar os seus sistemas de valores, resumidos em duas funções sociais: contribuir para a formação e preservação de ideologias de grupo, explicando ou justificando as acções sociais e; ajudar a preservar ou criar diferenciações positivamente valorizadas de um grupo em relação a outros grupos sociais (Tajfel, 1982, p.164).

Bourhis, Gagnon e Moise (1996) referem que a proposta de explicação da discriminação defendida por Tajfel é simultaneamente cognitiva e motivacional. Segundo os princípios teóricos da Teoria da Identidade Social, através da categorização, o indivíduo identifica-se com certos grupos onde pretende aceder e manter uma identidade social positiva em que o grupo de pertença tem que ser diferente de outros grupos em dimensões consideradas como positivas pela comparação ao exogrupo. Assim, é possível entender o papel da discriminação, tanto pela auto-valorização do endogrupo quanto pela desvalorização do exogrupo. As discriminações geradas podem ser positivas para a identidade individual quando são positivas para o endogrupo, como podem ser desfavoráveis quando valoradas negativamente em comparação ao exogrupo. A identidade social negativa pode

conduzir à rejeição do grupo de pertença como grupo de referência ou ainda levar a uma sobrevalorização do exogrupo, percebido como possuidor da maior parte das características socialmente valorizadas (Bourhis, Gagnon & Moise, 1996).

Face à identidade social negativa ou ameaçada, derivada da discriminação negativa das pessoas pertencentes aos grupos dominados, Tajfel e Turner apontam várias reacções possíveis que se constituem em estratégias individuais ou colectivas. As estratégias individuais da **mobilidade social** podem ser adoptadas quando os membros do grupo percebem a situação intergrupala como estável e legítima. Os indivíduos tentam deixar o grupo para entrar adoptando características culturais e valores fundamentais do grupo de maior estatuto social. Outra estratégia individual é a tentativa de melhorar a própria auto-estima comparando-se a membros de seu próprio grupo que são menos favorecidos em certas dimensões de comparação (com os mais pobres, com menos formação escolar, etc.). Quando a estrutura intergrupala é percebida como ilegítima e instável, os grupos dominados têm maior probabilidade de empenharem-se em estratégias colectivas de mudança social. Aqui se encontra a **criatividade social**, quando os grupos procuram distintividade positiva para o grupo de pertença pela reinterpretação das características do endogrupo ou pela criação de novas dimensões de comparação que lhes possam favorecer frente ao exogrupo. Ainda como estratégia colectiva apresenta-se a **competição social**, motivada pela vontade de melhorar a posição social ou material do endogrupo (Bourhis et al., 1996).

As estratégias individuais e colectivas têm diferentes implicações. As primeiras enfraquecem a solidariedade no grupo dominado e não resulta em termos de uma mudança de estatuto a nível grupal, como referido anteriormente. Já as estratégias positivas, especialmente a criatividade social, podem restaurar ou criar a auto-estima positiva (Cabecinhas, 2007).

Para Vala, Brito e Lopes (1999), Tajfel deslocou as relações intergrupais e o preconceito do campo dos conflitos de interesses para o campo dos conflitos e da diferenciação simbólica. Assim, as diferenças percebidas num plano simbólico não carregadas de valor, conduzindo a uma diferenciação positiva do endogrupo e, conseqüentemente, a uma desvalorização do exogrupo, que em muitas situações servirá à legitimação da discriminação através dos preconceitos assim criados.

Segundo Bourhis e cols. (1996) a primeira abordagem sistemática feita sobre o preconceito

foi a de Allport (1954) descrevendo-o como “*uma atitude negativa ou uma predisposição a adoptar um comportamento negativo em direcção a um grupo, ou em direcção aos membros deste grupo, baseados numa generalização errónea e rígida*” (Bourhis et al., 1996, p.140). Na medida em que impõem generalizações desfavoráveis contra cada indivíduo por este fazer parte de um grupo, com desrespeito às individualidades existentes no interior de cada grupo, os preconceitos passam a ser atitudes bastante problemáticas, classificando-se de acordo com a categoria social que seja o objecto da generalização: o sexismo, o racismo, o anti-semitismo, o xenofobismo.

O preconceito é um juízo cognitivo, situado ao nível das relações afectivas que quando passa à acção se transforma em discriminação. A discriminação pode ser entendida como um comportamento negativo dirigido aos membros de um exogrupo ao qual se mantêm preconceitos. Embora a discriminação frequentemente se origine em preconceitos, há uma relação complexa entre os dois fenómenos já que circunstâncias externas como leis ou pressão social intervenham no sentido de transformar ou não o preconceito em acções discriminatórias (Bourhis et al., 1996)

Na perspectiva das relações intergrupais da escola de Genebra, já anteriormente citada, Doise e Camino desenvolvem uma abordagem societal que explica o favoritismo endogrupal não mais em termos de motivações psicológicas (a busca de uma auto-imagem positiva pelos membros individuais segundo a escola de Bristol), mas como consequência das relações de poder entre os grupos (Deschamps, 1992; Doise, 1976, cit. in Pereira, Torres & Almeida, 2003). O preconceito é definido por este ponto de vista “*como uma forma de relação intergrupala organizada em torno de relações de poder entre grupos, produzindo representações ideológicas que justificam a expressão das atitudes negativas e depreciativas, bem como a expressão de comportamentos hostis e discriminatórios em relação aos membros de grupos minoritários*” (Camino e Pereira, 2002, cit. in Pereira et al, 2003), contribuindo para a manutenção do *status quo* (Cabecinhas, 2002).

Novas formas de preconceito têm surgido em nível global, como comenta Cabecinhas (2007) referindo-se ao trabalho de Barreto e Ellemers (2002) que estudaram os efeitos do preconceito ‘subtil’ sobre o bem-estar das pessoas, observando que “*este pode ter efeitos nefastos, uma vez que dificulta o reconhecimento da discriminação e a consciência de destino comum, levando os indivíduos a desinvestir das estratégias de coping e efectuar atribuições internas quando confrontados com os seus fracassos pessoais*” (Cabecinhas, 2007, p.92). Essa nova forma de preconceito pode ter efeitos mais nefastos sobre a auto-estima das pessoas pertencentes a grupos

desfavorecidos do que as formas clássicas de preconceito conforme evidenciam Barreto e Ellemers, tanto por serem mais difíceis de reconhecer quanto por serem mais difíceis de contrariar.

Foram colocados aqui de forma resumida alguns dos principais contributos do campo da psicologia social para a compreensão das relações intergrupais.

No próximo capítulo será abordado o fenómeno da religiosidade/espiritualidade que emergiu como um dos importantes processos envolvidos na experiência de imigração das participantes.

Capítulo 3

Religiosidade/espiritualidade como dimensão psicossocial¹¹

Entre os processos emergentes nas narrativas das mulheres participantes nesta investigação a religiosidade/espiritualidade como provedora de sentidos para as experiências revelou-se como uma das categorias centrais a serem analisadas, tornando importante uma contextualização sobre essa temática. Neste capítulo apresento os contributos de alguns estudos no campo da psicologia, assim como também faço referência a algumas leituras feitas em outros campos, especialmente da sociologia em relação ao fenómeno religioso/espiritual.

3.1. A emergência da religiosidade/espiritualidade como dimensão psicossocial

Apesar do processo de secularização indicar que a religião pudesse ser colocada num segundo plano em termos de uma posição significativa na experiência humana, a religiosidade/espiritualidade enquanto categoria conceptual emergiu de forma indiscutível como fenómeno transversal, imprescindível para a compreensão das significações dadas pelas mulheres às suas vivências. *Journal of Religion and Health*

Embora o poder religioso se encontre relativizado com o processo de secularização porque passa a sociedade actual, decorrente dos avanços científicos e tecnológicos, frutos da modernidade e se reconheça de que há no contexto social mecanismos plurais de construção da subjectividade humana, a secularização tem sido colocada em questão face ao reavivamento religioso que se verifica em várias partes do mundo (Berger, 2000).

De facto, não se pode ignorar a religiosidade como constituindo uma dimensão significativa na experiência pessoal e social, ao contrário do que se poderia supor numa perspectiva do paradigma moderno. Mas o papel regulador da religião foi tão forte ao longo de séculos que,

¹¹ Este capítulo contém partes do artigo aceite para publicação como: Costa, W.S., Freire, T. & Nogueira, C. (2009) The Lack of Teaching/Study of Religiosity/Spirituality in Psychology Degree Courses in Brazil: the Need for Reflection. *Journal of Religion and Health*, New York (no prelo)

embora actualmente relativizado com as grandes e inúmeras mudanças em mentalidades, hábitos e modos de vida de uma parcela considerável de mulheres e homens, teve o poder de criar assimetrias entre os sexos, determinações políticas e económicas e imposição de comportamentos e crenças que foram cultivadas durante séculos, estabelecendo-se de forma tão arraigada que provavelmente serão necessárias ainda muitas gerações para que sua influência deixe de se sentir na vida da maioria das mulheres, dos homens e de certos grupos oprimidos no mundo ocidental. Obviamente não se pode perder de vista esse papel regulador da religião em qualquer análise histórica a ser realizada na psicologia e nas ciências sociais. No entanto, para além dessa inegável perspectiva, há necessidade de se ampliar o debate em torno das questões da religiosidade/espiritualidade na vida das mulheres e dos homens, considerados individualmente e na vivência comunitária, já que esta dimensão é parte integrante do humano, em sua possibilidade de construção de sentido do mundo. Alguns trabalhos nessa área, que serão comentados mais adiante, mostram que a religiosidade/espiritualidade pode se constituir em espaço tanto desintegrador como integrador de identidades, diferindo sob vários aspectos nos modos de ser e estar de cada pessoa, em diferentes contextos.

3.2. Religiosidade/Espiritualidade: definição dos termos

No campo da psicologia e em outras áreas de estudo, tem sido procurada uma linguagem teórica uniforme no sentido de estabelecer os termos religião, religiosidade e espiritualidade como objectos legítimos de pesquisa científica. É possível encontrar na literatura uma importante distinção entre estes termos, religiosidade referindo-se à procura pelo sagrado dentro de instituições formais e espiritualidade referindo-se a uma dinâmica mais experiencial de significados pessoais e de transcendência. Hill e Pargament (2003) consideram que essa polarização pode contribuir negativamente com visões preconcebidas, ligando a religião a instituições encaradas como representantes de sistemas fixos de ideias e compromissos ideológicos e doutrinários, inibidores da livre expressão, e contribuir para a visão de espiritualidade como representando o lado pessoal e subjectivo da experiência religiosa, sendo vivida de forma individual, subjectiva, emocional e de livre expressão. Para Hill e Pargament essa perspectiva simplista pode levar a que se considere a espiritualidade como boa e a religiosidade como má para as pessoas. Esses autores defendem que, diante da complexidade do fenómeno religioso, seria redutor ignorar os lados potencialmente

benéficos ou prejudiciais de ambos e não contribuiria para o desenvolvimento das pesquisas científicas (Hill & Pargament, 2003; Russel & Yarhouse, 2006).

Koenig, McCullough e Larson (2001) diferenciam os termos religião e espiritualidade, definindo a religião como um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos designadas para facilitar a aproximação ao sagrado e transcendente (Deus, poder maior, ou verdade final); e a espiritualidade como uma busca pessoal por respostas compreensivas às questões sobre a vida e seu significado e sobre relacionamentos com o sagrado ou transcendente, podendo a espiritualidade ser desenvolvida em instituições formais ou fora delas (Moreira-Almeida, Lotufo-Neto & Koenig, 2006). Nessa perspectiva, Hill e Pargament (2003) têm enfatizado que religião e espiritualidade são conceitos relacionados, mais que independentes. Ambos envolvem o que Pargament chamou de *“a search for significance in ways related to the sacred”* (Pargament, 1997, p.32, 2002, p.169).

Panzini (2004) localiza a partir do final dos anos noventa a utilização por vários autores dos dois termos grafados conjuntamente espiritualidade/religiosidade, *coping* religioso/espiritual, considerando a interrelação e sobreposição destes conceitos (Lee & Sharpe, 2007; Panzini, 2004; Panzini & Bandeira, 2005; Pendleton, Cavalli, Pargament & Nasr, 2002).

Opta-se nesse trabalho por utilizar os termos religiosidade/espiritualidade grafados juntos ao nos referirmos à experiência religiosa, evitando uma duplicação de conceitos que, embora diferentes, encontram-se muito relacionados e até com certa sobreposição (Pargament, 1997).

3.3. Algumas abordagens nos estudos sobre Religiosidade/Espiritualidade na psicologia

Os estudos sobre a religiosidade/espiritualidade na psicologia vêm tendo um rápido incremento nos últimos 30 anos, especialmente nos Estados Unidos, onde se encontra o maior número de investigadores/as engajados/as e onde esta temática já se estabeleceu como objecto legítimo da pesquisa psicológica. Principalmente os campos da psicologia clínica e psicologia da saúde têm incorporado estes estudos em suas bases teóricas e práticas (Emmons & Paloutzians, 2003).

Nos Estados Unidos foi criada em 1992 a Divisão 36 - Psychology of Religion, da APA - American Psychological Association (Panzini, 2004). No Brasil, foram criados alguns grupos de pesquisa voltados para essa área, tais como o GT 20 – Grupo de Trabalho Psicologia & Religião da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), em 1997. Além do grupo da ANPEPP, a criação de grupos de profissionais religiosos têm chamado a atenção para a temática ao procurar, de forma geral, discutir fé e razão, ciência e religião. Entre estes grupos estão a Associação Católica de Psicólogos e Psiquiatras criada em 1989 (<http://www.acpp.org.br/>), a Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas (Abrape - <http://abrape.org.br/>) criada em 1994 e o Grupo de Psicólogos Adventistas do Rio de Janeiro (<http://www.advir.com.br/gparj/>), criado em 2000.

Os e as investigadoras de várias áreas da saúde e das ciências sociais têm procurado compreender a relação entre religiosidade e saúde física e mental (Bergin, Stinchfield, Gaskin, Masters & Sullivan, 1988; Cotton, 2006; Faria & Seidl, 2006; Pargament, 1997; Seidl, Zannon & Tróccoli, 2005), uso e abuso de drogas (Dalgalarondo, Soldera & Corrêa Filho, 2004; Sanchez & Nappo, 2007; Wood & Hebert, 2005), transtornos mentais (McConnell, Pargament, Ellison, & Flannelly, 2006; Volcan, Sousa, Mari & Horta, 2003); na área dos estudos de gênero (M.D.C. Machado, 2005; M.D.C.Machado e Mariz, 1997; Rosado Nunes, 2005; Woodhead, 2002), estratégias de *coping* face a eventos de vida estressantes (Panzini, 2004; Pargament, 1997), entre outras relações.

Têm sido realizados vários trabalhos de revisão da literatura sobre a relação entre religiosidade e saúde física e mental (Dalgalarondo, 2006; Faria e Seidl, 2005; Koenig, McCullough & Larson, 2001; Moreira-Almeida, Lotufo Neto & Koenig, 2006). Estas revisões concluem que a maioria das pesquisas, mas nem todas, encontrou uma correlação positiva entre religiosidade e saúde, evidenciando menores índices de mortalidade, uso de drogas e álcool, suicídio, comportamentos delinquentes e depressão, assim como maiores níveis de bem-estar e qualidade de vida.

Sobretudo nos Estados Unidos e Canadá a evolução das pesquisas sobre religiosidade e espiritualidade na psicologia já alcançaram um reconhecimento e lugar de destaque ainda não alcançado no Brasil e em Portugal, onde ainda é um campo visto com alguns preconceitos.

Para Moreira-Almeida e cols. (2006) os estudos sobre a relação entre envolvimento religioso e saúde mental precisam investigar os potenciais mediadores dessa relação, e apontam como possíveis mediadores os comportamentos saudáveis e estilo de vida; o suporte social; sistemas de crenças e processos cognitivos de cada pessoa; as práticas religiosas públicas ou privadas; o direccionamento espiritual e; práticas religiosas que utilizam os estados alterados da consciência, que podem produzir catarse, e estados dissociativos para expressar problemas e sofrimentos. Segundo os autores, explicações multifactoriais podem ser encontradas, já que, como fenómeno multidimensional, são inúmeros os processos psicossociais que podem estar envolvidos (Moreira-Almeida et al, 2006, p.244).

Embora os avanços na compreensão do fenómeno religioso sejam inegáveis a partir desses estudos, eles ainda apresentam importantes limitações. Segundo Dalgarrondo (2006) a maioria deles (Pargament, Tarakeshwa, Ellison, & Wulff, 2001; Pargament, Smith, Koenig & Perez, 2000) utilizou métodos epidemiológicos e psicométricos, relacionando variáveis “congeladas” de religiosidade, consideradas como medidas padrão de religião, como a afiliação religiosa, a frequência de comparecimento à instituição religiosa, a actividade religiosa privada, frequência de prece, frequência de estudo e leitura da bíblia ou escrituras sagradas e autoavaliação/ percepção de religiosidade “*sem realizar concomitantemente ao teste das variáveis ‘congeladas’ de religião e saúde mental, um estudo cuidadoso do contexto sociocultural e simbólico da experiência religiosa para as pessoas envolvidas*” (Dalgarrondo, 2006, p.177). Ganzevoort (2001) aponta que falta no trabalho dos e das investigadoras da área a consideração pelos valores envolvidos para cada pessoa em particular, em diferentes momentos de sua trajectória de vida.

3.4. Estudos sobre *coping* religioso/espiritual

Muitas das contribuições aos estudos sobre o fenómeno religioso tem vindo das investigações sobre a maneira como as pessoas manejam o stress e as estratégias que utilizam para lidar com as adversidades de forma geral, o que constitui o processo denominado *coping*. Quando as pessoas se voltam para a religião para lidar com o stress, acontece o *coping* religioso-espiritual – CRE. (Lee & Sharpe, 2007; Panzini & Bandeira, 2005; Pargament, 1997).

No Brasil, a palavra *coping* tem sido traduzida por enfrentamento por alguns autores na psicologia da religião e da saúde (Faria & Seidl, 2005; Paiva, 2007). Contudo, outros estudiosos, no Brasil e em Portugal, utilizam o termo *coping*, por considerar que não há na língua portuguesa uma palavra que expresse a complexidade do termo. Para Panzini (2004) a utilização da palavra enfrentamento pode levar a equívocos, por derivar do termo “enfrentar”, que significa “atacar de frente, encarar, defrontar” e o *coping*, por vezes, revelar-se como fuga, evitação ou negação dos problemas. (Panzini, 2004, p.22)

Na psicologia da religião o *coping* religioso/espiritual é definido por Pargament (cit. in Pargament et al 1997), como uma busca por significado em tempos de stress, um processo pelo qual os indivíduos procuram entender e lidar com as demandas significantes de suas vidas. Dependendo do nível de relevância das crenças e práticas religiosas na vida de cada pessoa, ela fará ou não, menos ou mais uso de estratégias relativas à religião para lidar com os problemas. Essas estratégias de *coping* religioso/espiritual podem ser consideradas positivas ou negativas, conforme as consequências que trazem para quem as utiliza, seja manutenção ou mudança, sofrimento ou satisfação, distúrbios ou saúde mental (Pargament et al, 2000). O padrão positivo de *coping* tem sido associado a bons resultados de saúde física e mental, ao crescimento psicológico e espiritual, à avaliação positiva da qualidade de vida e a diminuição de sintomas sugestivos de problemas emocionais. O padrão negativo associa-se a problemas de saúde física e mental e sintomas depressivos. Os autores concluíram que o *coping* religioso tanto pode representar uma estratégia adaptativa quanto intensificar a gravidade do problema em foco (Panzini, 2004).

Pargament (cit. in Faria e Seidl, 2005) aponta que os objectivos do CRE – *Coping* Religioso/Espiritual se coadunam com os cinco objectivos básicos da religião: busca de significado, controlo, conforto espiritual, intimidade com Deus e com outros membros da sociedade e transformação de vida, além da busca por bem-estar físico, psicológico e emocional.

Ganzevoort (2001), ao comentar os trabalhos desenvolvidos por Pargament em termos de *coping* religioso/espiritual, levanta como limitações 3 aspectos principais: a) Pargament vê a influência da religião sobre o *coping*, mas não a influência de crise e *coping* sobre a religião, ou seja, não questiona como a crise pode mudar a perspectiva religiosa. Para Ganzevoort, ambas as direcções precisam ser abordadas. Pode-se ampliar essa questão quanto a que aspectos

contextuais são capazes de proporcionar uma mudança na perspectiva religiosa das pessoas; b) Ênfase sobre métodos quantitativos e; c) Não atentam para processos envolvidos, incluindo processos identitários e contexto. Ganzevoort considera que mesmo quando esses processos foram mencionados por Pargament, foram vistos mais como variáveis independentes externas do que como influenciando e sendo influenciadas pelo *coping* e processos religiosos. Ficam claras aqui as críticas à a-historicidade das abordagens correntes da religiosidade em psicologia, que não abordam de forma reflexiva a temática para o reconhecimento do lugar e função ocupado pelo fenômeno religioso na vida de cada pessoa em particular.

Em pesquisa nas bases de dados internacionais, poucos foram os trabalhos encontrados que abordam a religiosidade através de metodologias qualitativas. Veja-se nessa linha um dos trabalhos de Koenig, que utiliza entrevistas e/ou levantamentos com questões abertas, de estudos de caso (Koenig, 2002) e a proposição de Ganzevoort de analisar os processos narrativos para acessar *coping* religioso (Ganzevoort, 1998a, 1998b, 2001).

Koenig (2001), em trabalho sobre a relação entre *coping* religioso-espiritual e saúde, chegou a conclusões que apontam para a pertinência de investigações que utilizem metodologias qualitativas, apontando para aspectos subjectivos, sociais e culturais que essas metodologias permitem abordar: visão de mundo, evocação de emoções positivas, rituais que facilitam e santificação, transições de vida, as crenças como controlo social. Essas conclusões corroboram a defesa do uso de metodologias qualitativas, para uma leitura contextualizada do fenômeno religioso na vida das pessoas.

Na área dos estudos de género, com metodologias qualitativas feministas, foram localizados alguns trabalhos, entre eles o de Knickmeyer (2004), Potter (2007) e Mattis (2002). Knickmeyer (2004) utilizou entrevistas abertas com 10 participantes, interpretadas através do método de *grounded theory*, para investigar a relação entre religião e experiências de violência doméstica. A autora, através dos temas integradores que emergiram das entrevistas, compôs um modelo de compreensão que sugere mecanismos de empowerment e disempowerment na busca por uma vida sem violência para si e para os filhos, ressaltando a presença, nas situações em que a relação abusiva foi abandonada, a construção de uma fé em que Deus reprova mais a violência do que o divórcio e em que a auto-preservação é uma prioridade legítima.

Potter (2007) utilizou a análise de 40 entrevistas semi-estruturadas para explorar os sucessos e descontentamentos das mulheres afro-americanas com a religião para escapar de relações abusivas.

A partir de entrevistas feitas a 23 mulheres afro-americanas Mattis (2002) analisou nas narrativas os modos como elas usam a espiritualidade para enfrentar e construir significados em momentos de adversidade. Mattis refere que, ao contrário do que as perspectivas científicas tradicionais defendem que os indivíduos usam a religião exclusivamente como fonte de conforto emocional ou para proteger-se nas circunstâncias adversas, seus achados sugerem que a religiosidade/espiritualidade ajuda as mulheres participantes a enfrentar e aceitar a realidade, exercendo influência na construção de sentidos em termos de funcionar como dispositivo analítico para promover o pensamento racional e crítico. Considerando as importantes bases pesquisadas, a lista de trabalhos qualitativos na área da religiosidade/espiritualidade não vai muito além, o que demonstra a lacuna existente neste tipo de estudos.

3.5. Religiosidade/Espiritualidade no contexto brasileiro

No Brasil, como em outras sociedades, o lugar significativo da religiosidade na vida das pessoas fica evidenciado nos inúmeros estudos realizados nas ciências sociais e nas ciências da saúde, nos levantamentos efectuados por instituições governamentais e de comunicação social e, principalmente, nas relações quotidianas.

Os dados do Censo demográfico de 2000 apontam que 92% dos e das brasileiras têm religião (Neri, 2005), e segundo o Instituto de Pesquisa Datafolha¹², 97% dizem acreditar totalmente que Deus existe. Embora esses dados não indiquem sobre o grau de envolvimento das pessoas com as religiões que professam, eles podem ser vistos como indicadores de que a religião para os e as brasileiras continua tendo um lugar importante. Uma pesquisa realizada pelas universidades federais de São Paulo e Juiz de Fora¹³ indica que mais de 11% da população brasileira adota mais

¹² *Folha online*. Jornal Folha de São Paulo (2007). País altera mapa da fé, mas não a sua religiosidade. Recuperado em 20 de Jan. 2008. Disponível em <http://www.folha.uol.com.br/foha/brasil/ult91940.shtml>

¹³ UNIFESP – Departamento de Comunicação e Marketing Institucional – Universidade Federal de São Paulo (2007). Cerca de 11% dos brasileiros adotam mais que uma religião, aponta pesquisa da Unifesp. Recuperado em 21 de Agosto 2007. Disponível em <http://caidionline.epm.br/comunicacao/noticias.php?cod=6148&mdo=2>

que uma religião. Em edição de 2005, a Revista da USP – Universidade de São Paulo, tem como tema a *“Religiosidade no Brasil”*, com trabalhos de vários cientistas sociais que assinalam na publicação a questão da diversidade, do verdadeiro ‘caldeirão de crenças’ em que se constitui o Brasil. Os autores caracterizam a religiosidade do povo brasileiro como *“resultado de um mosaico de culturas, etnias e origens, dando origem a uma vivência de religiosidade que não encontra paralelo em outros lugares do mundo”*, que leva à declaração de que *“este é o país da religiosidade”* (F.Costa, 2005).

Pargament (2002), afirma que as consequências da religiosidade, boas ou más para a pessoa, precisam ser compreendidas, e coloca como questão principal: *“A religião ajuda ou prejudica?”*, concluindo que a resposta é mais uma frustração para os/as psicólogos/as, já que há custos e benefícios, dependendo do valor da religião, dos critérios de bem-estar, do contexto social e grau de integração dos factores religiosos na vivência de cada pessoa.

Na presente investigação a religiosidade/espiritualidade revelou-se nas narrativas das entrevistadas como dimensão transversal inegável ao longo de suas trajetória de vida.

Capítulo 4

Referencial teórico e metodológico

“Em essência, o estudo em psicologia social é fundamentalmente um empreendimento histórico” (Gergen, 2008, p.481)

4.1. Psicologia Social Crítica e Construcionismo social

Como já referenciado, o objecto de estudo nesta investigação é a experiência de imigração vivida por mulheres brasileiras no contexto da sociedade portuguesa, procurando compreender como essa experiência é significada e quais os processos envolvidos na construção dessas significações. A especificação dos objectivos a que se propõe um trabalho de investigação deixa implícita a existência de um modo particular de olhar para o fenómeno, considerando-se as diferentes perspectivas de ciência e de construção do conhecimento. No entanto, se faz necessária uma explicitação e justificação para evidenciar alguns pressupostos que forneceram um direccionamento epistemológico à elaboração da questão de pesquisa, ao desenvolvimento dos processos de reflexão e interpretações e a todo o processo de análise realizado sobre o que vi e ouvi, enfim, no direccionamento das decisões tomadas em todo o percurso da investigação.

Realizar uma investigação científica no campo da psicologia social que tem como premissa a compreensão dos significados dados pelos sujeitos às suas experiências implica, logo à partida, assumir a localização desse estudo dentro de determinados cânones das ciências sociais, mais especificamente dentro de alguns pressupostos de uma psicologia social crítica, que se materializa a partir das propostas do construcionismo social (Garay, Iñiguez & Martinez, 2002), do qual passo a referir os pressupostos principais, no sentido de uma delimitação das perspectivas aqui adoptadas.

O construcionismo social surge como uma das perspectivas alternativas na psicologia social a

partir da crítica às ciências tradicionais positivistas, resultando de múltiplas influências, nomeadamente o pós-modernismo, a teoria crítica e as perspectivas sociológicas (Nogueira, 2001b)

O termo teoria crítica identifica propostas que se opõem às formas de teoria científica tradicional, de abordagem metodológica positivista, com suas metanarrativas e teorias universais, que colocam as disciplinas científicas com status de “produtos naturais” (Nogueira, 2001b). Na perspectiva crítica a produção do conhecimento científico é vista como resultado de práticas sociais historicamente situadas e próprias de uma sociedade determinada (Garay et al., 2002). A pretensão neste ponto de vista é que se construam propostas alternativas nas ciências sociais, que considerem a historicidade da sociedade, numa abordagem que não está livre de valores e que procura a transformação da realidade social no que esta tem de perverso ou inadequado para o ser humano.

A psicologia social crítica tem seguido alguns pressupostos da teoria crítica que podem ser referenciados resumidamente em três aspectos centrais:

1. A crítica radical à ciência tradicional e sua não reflexividade – especialmente a crítica ao positivismo e sua defesa da objectividade e neutralidade científica, que nega as influências históricas, culturais e políticas na construção da realidade social;
2. A crítica às instituições sociais existentes e;
3. A proposta da construção de um saber científico que proponha linhas de acção para a emancipação social e individual, ao desmistificar as fontes de constrangimento e opressão de pessoas e grupos. (Azevedo, cit. in Nogueira, 2001b)

A constante reflexividade e auto-questionamento proposto na teoria crítica, sugerem um pragmatismo epistemológico e metodológico que não tem como intenção elaborar teorias correspondentes de verdade. Para tal, a teoria crítica não aponta um método correcto de se construir conhecimento, mas propõe que são necessárias distintas estratégias metodológicas de acordo com questões, temas e objectos de pesquisa específicos (Nogueira, 2001b) Na busca pela construção de uma abordagem crítica dos fenómenos sociais, a psicologia social desprende-se de uma “ciência psicológica individualista” que em seu início buscou sua respeitabilidade nas tendências positivistas e de experimentação (Neves & Nogueira, 2004; Nogueira, 2001b) e encontra

no construcionismo social uma alternativa às formas tradicionais de conceber o conhecimento científico.

A publicação em 1973 do artigo de Kenneth Gergen intitulado *Social Psychology as History* é considerada como o marco inaugural do construcionismo social. Neste artigo, Gergen afirma:

" (...) a psicologia social é principalmente um inquérito histórico. Diferentemente das ciências naturais, ela lida com factos que são em grande medida irrepetíveis e notadamente instáveis. Os princípios da interacção humana dificilmente podem ser desenvolvidos porque os factos sobre os quais são baseados geralmente não permanecem estáveis. O conhecimento não pode ser acumulado, no sentido usual, porque tal conhecimento geralmente não transcende seus limites históricos". (Gergen, 1973/2008, p.475)

Essa afirmação de Gergen contém a essência de sua argumentação ao longo do artigo, a defesa de que todo conhecimento é histórica e culturalmente específico, sendo impraticável construir leis gerais do comportamento social ou supor que o conhecimento da interacção social possa ser acumulado como nas ciências naturais. Segundo Gergen, essa perspectiva, para além de uma redefinição de ciência, implica importantes alterações na actividade de campo, ou seja, no processo de investigação e produção de conhecimento na psicologia social, que passa a intentar a construção do conhecimento por via da análise social com intensa focalização em questões sociais contemporâneas. (Gergen, 1973/2008, p.481)

Em trabalho posterior, Gergen (1985) descreve o construcionismo social como um movimento contemporâneo ou uma "*consciência compartilhada*" que "*(...) ocupa-se de explicar os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam, ou, de alguma forma, dão conta do mundo em que vivem (incluindo a si mesmas)*", identificando como construcionista social os trabalhos que manifestem uma ou mais entre as quatro premissas que sistematiza:

1. O conhecimento não resulta da indução ou da construção e avaliação de hipóteses gerais e as teorias não servem para reflectir ou mapear a realidade de uma forma directa ou descontextualizada;

2. A maneira como conhecemos o mundo são artefactos sociais, produtos historicamente situados de intercâmbio entre as pessoas, o que leva a investigação a percorrer as bases históricas e culturais das várias formas de construção do mundo;

3. A complexidade dos processos sociais é que determina o grau com que uma dada forma de conhecimento prevalece ou se sustenta através do tempo e não a sua validade empírica. Na medida em que se alteram as circunstâncias sociais conhecimentos antes considerados válidos podem deixar de sê-lo.

4. As descrições e explicações sobre o mundo são formas de acção social, são compreensões negociadas conectadas com as actividades das quais as pessoas participam.

Sintetizando, o construcionismo social considera o discurso sobre o mundo não como um reflexo ou mapa do mundo, mas como um artefacto de intercâmbio social, situando o conhecimento no interior dos processos de intercâmbio social (Gergen, 1985/2008, p.475). Na construção do conhecimento sobre qualquer objecto, há que se investigar o processo histórico de sua constituição. Neste sentido, o conhecimento produzido pela psicologia social nunca será estático ou terminado, já que obrigatoriamente esse conhecimento terá que mudar, porque mudam as características dos objectos de estudo e os resultados alcançados serão sempre dependentes das interpretações que realizamos a partir da nossa linguagem, do meio cultural, social e histórico em que estamos inseridos. Esse contexto em que nossas interpretações adquirem significado está condicionado por nossas pré-concepções, que são colectivas, históricas e culturais, dependentes da posição que o sujeito que interpreta ocupa dentro de uma tradição histórica e cultural concreta (Garay et al., 2002).

Garay e cols. (2002) sustentam que falar em psicologia social crítica pode abranger diferentes perspectivas, porém, há características que, quando presentes, diferenciam essas abordagens do que chamam de uma “*psicologia social academicamente instituída*”. Essas características são: “*o contínuo questionamento e problematização das práticas de produção de conhecimento, com o reconhecimento da importância da historicidade, do carácter interpretativo do ser humano, a reflexividade do conhecimento e as contribuições da epistemologia feminista*” (Garay et al., 2002, pp.21-22).

A variedade de metodologias como diferentes maneiras de construir conhecimento sobre a realidade, as críticas ao poder instituído, a crítica das ciências como androcêntricas, construídas numa lógica patriarcal, a análise da ordem social com efeitos de dominação e sujeição do ser humano, são importantes contribuições da epistemologia e metodologia feminista. Essa diversidade metodológica proposta nas abordagens feministas é coerente com a visão sócio-construtivista de

que existem diferentes modelos de análise, distintas formas de olhar, umas em conflito com outras e que os modelos de análise se definem necessariamente nessa relação conflitiva. (Garay et al., 2002)

Neves e Nogueira (2004) sustentam que a articulação de várias metodologias de investigação amplia as diferentes maneiras de ver o objecto de estudo, o que também amplia a credibilidade dos achados e conclusões, com o aumento das perspectivas de apreciação dos resultados alcançados e validação dos mesmos. A opção pela pluralidade metodológica nos estudos feministas é uma opção técnica deliberada, que expressa o compromisso das e dos investigadores face a mudança social. As autoras citam Kimmel e Crawford, que afirmam que não há um modo correcto de fazer investigação, acima de tudo, o método deve servir a questão, ou seja, a metodologia no trabalho científico deve ser escolhida para melhor servir a questão que está sendo colocada (Kimmel & Crawford, 2001, cit. in Neves & Nogueira, 2004).

4.2. As Metodologias Qualitativas

As perspectivas pós-modernas e críticas vieram estabelecer uma ruptura em termos ontológicos (concepção da natureza da realidade), epistemológicos (concepção acerca dos processos de conhecimento) e metodológicos (estratégias para a produção do conhecimento), conforme já referido anteriormente, fornecendo assim uma nova maneira de conceber a realidade social e, conseqüentemente, demandando uma nova maneira de estudá-la. Surgem assim as metodologias qualitativas que vêm sendo desenvolvidas nas ciências sociais desde os anos 20 do século XX.

O paradigma positivista predominante nas sociedades ocidentais essencialmente parte do pressuposto de que existe uma realidade externa verdadeira que, através de metodologias rigorosas e precisas, pode ser conhecida. Existiria assim um sujeito/observador e um objecto externo que pode ser objectivamente estudado, sendo o conhecimento produzido de forma descontextualizada (Fernandes & Maia, 2001).

Os pesquisadores e pesquisadoras sociais que adoptaram esse paradigma têm como objectivo descobrir explicações causais e realizar previsões sobre um mundo externo e conhecível, com uma crença na lógica científica, num método unitário, na objectividade e na verdade, que legitimam a redução das qualidades da experiência humana a variáveis quantificáveis, definindo a investigação por um marco epistemológico que a operacionaliza em termos exclusivamente quantitativos (Charmaz, 2009; Iñiguez, 2004).

A tentativa de apresentar uma definição única, suficientemente delimitada e clara do que seja a pesquisa qualitativa ou as metodologias qualitativas mostrar-se-ia uma tentativa inglória, e talvez contraditória face a seus pressupostos ontológicos e epistemológicos. De qualquer modo, apresenta-se como suficientemente ampla a colocação de Denzin e Lincoln (1994) que designam a pesquisa qualitativa como um conjunto de práticas interpretativas que não privilegiam uma única metodologia sobre as outras e que utiliza abordagens, métodos e técnicas de várias áreas do saber, como da etnometodologia, fenomenologia, hermenêutica, feminismo, etnografias, psicanálise, estudos culturais, entre muitas outras (Denzin & Lincoln, 1994).

Strauss e Corbin (2008) referem-se à pesquisa qualitativa como

“(...) qualquer tipo de pesquisa que produza resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação [que] podem referir-se à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos, e também à pesquisa sobre funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenómenos culturais e interacção entre nações” (Strauss e Corbin, 2008, p.23).

Nessa linha de pensamento, Charmaz (2009) afirma que o facto dos positivistas rejeitarem os métodos interpretativos como formas possíveis de conhecimento, colocando em dúvida o valor científico das pesquisas qualitativas, levou-os a desconsiderar o estudo dos problemas humanos que não se ajustavam aos planos de pesquisa positivista. Para a autora, alguma consideração que é dada por alguns pesquisadores positivistas às metodologias qualitativas é limitada, pois tratam-na como um exercício preliminar para aprimorar os instrumentos quantitativos, utilizando entrevistas ou observações no intuito de projectarem pesquisas mais exactas (Charmaz, 2009). Strauss e Corbin consideram que na pesquisa qualitativa alguns dados podem ser quantificados, mas o cerne

da pesquisa é a análise interpretativa. Os autores defendem que não se pode referir como análise qualitativa à quantificação de dados qualitativos, mas, sim *“ao processo não matemático de interpretação, feito com o objectivo de descobrir conceitos e relações nos dados brutos e de organizar esses conceitos e relações em um esquema explanatório teórico”* (Strauss e Corbin, 2008, p.24).

Na presente investigação, a perspectiva da psicologia social crítica adoptada para o estudo do objecto em questão indicaram que os métodos qualitativos serviriam melhor aos interesses de estudar as experiências de pessoas reais, procurando compreender o mundo da forma como as participantes da pesquisa o vêem e o significam. Concordando com Fernandes e Maia (2001), a postura aqui adoptada é de que a mudança de paradigma não pode significar substituir uma verdade por outra, mas que as metodologias, quer sejam quantitativas ou qualitativas, são formas possíveis de ler a realidade e dão oportunidades a que sejam respondidas questões diferentes de pesquisa, dando origem a formas diferentes de conhecimento. Para Strauss e Corbin (2008) as posições dogmáticas tomadas em favor da pesquisa quantitativa ou qualitativa, muito comuns no campo da pesquisa científica, são limitadoras. Esses autores afirmam que ambas têm seu papel a desempenhar na construção do conhecimento e defendem a possibilidade não de uma simples combinação de métodos feita por razões suplementares, complementares, informativas ou de desenvolvimento, mas que é possível uma verdadeira interacção entre os dois.

Charmaz e Henwood (2006) destacam as considerações de Willig e Rogers que introduzem os termos “big Q” e “little q” para destacar as maiores diferenças em termos de planeamento, execução e elaboração de relatórios de pesquisas em psicologia quando estas são desenvolvidas fora do modelo hipotético-dedutivo. Para Willig

“(...)‘big Q’ refers to open-ended, inductive research methodologies that are concerned with theory generation and the exploration of meanings, whereas ‘little q’ refers to the incorporation of non-numerical data techniques into hypothetico-deductives designs (Willig, 2001, cit. in Charmaz & Henwood, 2006, p.250).

Willig (2001) assinala como sendo uma metodologia “big Q” a *grounded theory*, por procurar nos dados os conhecimentos sobre os modos que os participantes constroem significados, o que faz dela uma metodologia de grande importância na pesquisa psicológica por permitir aos e às psicólogas explorar as experiências de vida e os significados construídos pelos participantes (Charmaz e Henwood, 2006, p.250), além de procurar respostas para questões e nunca meramente procurar provar se uma hipótese é falsa ou verdadeira.

4.2.1. A *Grounded theory* – Teoria Fundamentada nos Dados

A *grounded theory*, que pode ser traduzida como teoria fundamentada¹⁴ nos dados, é uma abordagem metodológica que fornece estratégias analíticas flexíveis para construção de teorias indutivas a partir dos dados. A flexibilidade dos procedimentos de análise de dados fornecidos pela teoria fundamentada permite aos e às pesquisadoras utilizarem tanto dados quantitativos quanto qualitativos em suas pesquisas, embora esta metodologia venha sendo utilizada quase que exclusivamente na investigação qualitativa (Charmaz e Henwood, 2008). Criada em 1967 pelos sociólogos Barney Glaser e Anselm Strauss, a teoria fundamentada surge como uma alternativa às abordagens quantitativas que, embora fortemente criticadas pelos teóricos críticos, conduzia as ciências sociais à definição da pesquisa em termos positivistas. O ponto primordial da proposta de Glaser e Strauss é a defesa do “**desenvolvimento** de teorias a partir da pesquisa baseada em dados, em vez da **dedução** de hipóteses analisáveis a partir de teorias existentes”. (Charmaz, 2009, p.17). Para Strauss e Corbin (1991) a diferença fundamental entre a teoria fundamentada e as outras metodologias qualitativas é a ênfase sobre o desenvolvimento de teoria a partir de construções abstractas e conceptuais dos fenómenos estudados. Assim, pode-se afirmar que a teoria fundamentada é uma metodologia de campo que objectiva gerar construtos teóricos que explicam as acções/interacções que ocorrem no contexto social em estudo.

Charmaz (2009) chama atenção para o facto de que, apesar da *grounded theory* ter sido criada por Glaser e Strauss para combater o modelo de pesquisa quantitativa vigente nos anos 60, ela ficou conhecida nos anos 90 por seu rigor e sua utilidade, obtendo a aceitação por parte das e

¹⁴ Opta-se aqui por utilizar o termo traduzido.

dos pesquisadores quantitativos que chegam a adoptá-la em projectos que envolvem métodos combinados.

Essa perspectiva provavelmente seja herdeira das concepções presentes na criação da *grounded theory*, que alia duas tradições opostas e concorrentes da sociologia. De um lado o positivismo da Universidade de Colúmbia representado por Barney Glaser, “*que imbuiu a teoria fundamentada de empirismo controlado, de rigorosos métodos codificados, de ênfase nas descobertas emergentes da sua respectiva, e um pouco ambígua, linguagem especializada que ecoa os métodos quantitativos*” (Charmaz, 2009, p.21) e de outro o pragmatismo e a pesquisa de campo da escola de Chicago representada por Anselm Strauss, que adoptou tanto o legado da pesquisa etnográfica quanto o interacionismo simbólico, acreditando que a realidade e o indivíduo são construídos por meio da interacção, sendo a construção da acção o problema central a ser tratado. Segundo Charmaz (2009), Glaser e Strauss deram à *grounded theory* seu rigor e sua confiança no carácter emergente, integrando a crítica epistemológica com as directrizes práticas para a acção, propondo que a análise qualitativa sistemática tivesse sua própria lógica e pudesse gerar teoria.

O interacionismo simbólico que permeia a teoria fundamentada por influência de Strauss, parte do princípio de que o processo, e não a estrutura, seja fundamental à existência humana. Essa perspectiva teórica compreende a sociedade, a realidade e o indivíduo como construídos por meio da interacção, construção esta que é mediada pela linguagem e pela comunicação. A teoria fundamentada, em consonância com essa perspectiva, oferece um método que intenta construir teoria a partir dos dados contextuais, cujas conclusões são específicas ao contexto onde foram desenvolvidas. Essas teorias estariam fundamentadas nos dados de que emergiram, mais do que dependentes de construtos analíticos ou de teorias pré-existentes (Willig, 2008).

Desde a publicação de *The discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research* em 1967 onde Glaser e Strauss apresentam a GT, essa metodologia já passou por vários desdobramentos, inclusive com a revisão dos próprios criadores. Especialmente com a publicação de *Basic of Qualitative research* de Strauss e Corbin (1990,1ª ed;1998,2ªed.) a teoria fundamentada tem vindo a afastar-se do paradigma positivista, aproximando-se das abordagens

construcionistas sociais (Fernandes & Maia, 2001). Mesmo com os desenvolvimentos posteriores, o interesse central de seus criadores continua a inspirar os e as pesquisadoras que utilizam a teoria fundamentada: *“estudar os processos sociais fundamentais ou psicossociais dentro de um ambiente social ou de uma determinada experiência”* (Charmaz, 2009, p.21).

Os métodos da teoria fundamentada fornecem um conjunto de estratégias analíticas sistemáticas, ainda que flexíveis, para colectar e analisar os dados objectivando à construção de teoria. Strauss e Corbin (2008) afirmam que embora os procedimentos tenham sido criados para garantir alguma padronização e rigor para o processo, esses procedimentos não devem ser seguidos de forma dogmática, exigindo do pesquisador criatividade e flexibilidade na abordagem de seu objecto de estudo.

Charmaz (2008) sistematiza os componentes determinantes da prática da teoria fundamentada segundo seus criadores os apresentam:

- A simultaneidade na colecta e análise dos dados;
- A construção de códigos e categorias analíticas a partir dos dados, e não de hipóteses pré-concebidas;
- A utilização do método comparativo constante durante cada etapa da análise;
- A busca pelo desenvolvimento de teoria ao longo do processo de pesquisa;
- A redacção de memorandos para elaborar categorias;
- A amostragem dirigida à construção da teoria, sem visar à representatividade populacional e;
- A realização da revisão bibliográfica após o desenvolvimento de uma análise independente (Charmaz, 2008, p.19).

A teoria fundamentada baseia-se na **codificação qualitativa**, que é o processo de definição sobre o conteúdo dos dados que fornece a estrutura analítica a partir da qual se constrói a análise. Os códigos são criados ao definirmos aquilo que observamos nos dados e começamos a nos perguntar “o que isso significa?”.

A codificação abarca duas fases essenciais:

1) A **codificação aberta inicial**, que consiste em localizar, nomear e desenvolver conceitos descritivos a partir de cada palavra, linha ou segmento de dados, procurando com esses conceitos expor pensamentos, ideias e significados contidos nos dados. De forma geral, durante a codificação aberta, *“os dados são separados em partes distintas, rigorosamente examinados e comparados em busca de similaridades e diferenças”* (Strauss & Corbin, 2008, p.104).

2) A **codificação focalizada**, realizada a partir da nomeação dos fenómenos em termos descritivos, onde se procura agrupar os eventos, acontecimentos, objectos, acções/interacções em suas similaridades e relações de significado para agrupá-los em conceitos mais abstractos, que as categorias.

Strauss e Corbin indicam ainda no seu paradigma de codificação a **codificação axial**, que é o processo de relacionar categorias às suas subcategorias tendo como eixo uma categoria central.

Duas proposições essenciais a serem seguidas no desenvolvimento nas análises em teoria fundamentada dizem respeito ao procedimento de construção da amostra, a amostragem teórica e a saturação teórica. A **amostragem teórica** refere-se a que a construção da amostra seja feita conforme vão sendo desenvolvidas as categorias emergentes em estágios anteriores da análise, permitindo a focalização e o refinamento das categorias conceptuais (Willig, 2008). Já a saturação teórica, preconizada por Glaser e Strauss (1967), indica o momento para interromper a colecta de dados, significando a saturação: “o momento em que nova colecta de dados não desperta novos *insights* teóricos, nem revela propriedades novas das categorias. Dey (1999, cit. in Charmaz, 2009) prefere denominar esse critério de “suficiência teórica”, onde o pesquisador opta pela focalização em algumas categorias. Esta última perspectiva parece ser a mais adequada, considerando que a saturação mostra-se quase impossível de ser alcançada diante da complexidade e diversidade dos fenómenos estudados na pesquisa social.

Presente de forma transversal, do início ao fim do processo de análise está a utilização do método de **comparação constante** que consiste em comparar dados com dados, dados com categorias e outros tipos de construtos existentes visando enriquecer uma categoria, formar uma nova ou estabelecer conexões entre categorias (Strauss & Corbin, 2008).

Em consonância como o novo paradigma que se afasta das concepções positivistas, na teoria fundamentada o conhecimento do mundo e de nós mesmos não pode ser concebido sem a historicidade, contextualidade e interpretação, o que torna ilusório se falar em metodologias qualitativas e esperar encontrar um conjunto de técnicas e procedimentos específicos e sistematicamente delimitados onde se pudesse encontrar receitas prontas, com normas rigidamente estabelecidas para a realização de um trabalho de investigação social.

Na execução da presente investigação esta máxima foi particularmente experimentada, pois embora a teoria fundamentada tenha sido considerada uma opção apropriada para os objectivos aqui propostos, não foram seguidos todos os procedimentos formais do paradigma proposto por Strauss e Corbin (2008), já que ao longo do trabalho verificou-se a necessidade de adaptações, conforme serão relatadas mais à frente neste documento. Vale ainda ressaltar que os próprios autores se referem à sua publicação de 1998 *“Basic of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory 2ed”* como sendo a apresentação de apenas uma técnica de pesquisa qualitativa, com apenas uma versão dessa técnica, ensinada por Anselm Strauss” que deve ser usada de maneira flexível e criativa (Strauss e Corbin, 2008).

Os caminhos apontados por Strauss e Corbin com a teoria fundamentada foram em grande parte percorridos, no entanto, o desenvolvimento da reflexão na realização das análises mostrou que *“podemos utilizar as directrizes básicas da grounded theory com os pressupostos e as abordagens metodológicas [a sensibilidade construtivista] do século XXI”* considerando a flexibilidade e legitimidade de seus métodos, que podem ser adaptados para estudos diversos, respeitando os pressupostos que cada pesquisador leva para suas pesquisas (nunca neutros) e conforme considere que a estrutura proposta possa ampliar ou restringir a sua visão sobre o fenómeno em estudo (Charmaz, 2009, p.23).

Feita esta exposição acerca da teoria fundamentada, alguns de seus pressupostos serão mais detalhados com a descrição dos procedimentos realizados na presente investigação.

Capítulo 5

Estudo empírico

5.1. Percurso metodológico

5.1.1. Caracterização das participantes

O número de informantes não foi pré-determinado, já que a estratégia de amostragem e saturação teórica proposta na teoria fundamentada determina que se proceda a novas entrevistas conforme se desenvolvam as análises. As análises iniciais indicaram algumas categorias emergentes a serem focalizadas nas novas entrevistas. Finalizou-se a colecta de dados ao se verificar que estes já eram suficientes para a análise das principais categorias representantes das experiências das imigrantes.

Foram consideradas informantes as imigrantes brasileiras que estivessem em Portugal há no mínimo 1 ano, período que se pensou suficiente tanto para a decisão de fixar residência no país como para já ter vivenciado experiências significativas relacionadas ao processo migratório.

A abordagem inicial das participantes foi realizada por meio de pessoas conhecidas da pesquisadora, que indicaram os nomes de algumas mulheres que poderiam contribuir com a investigação. Estas foram contactadas e a partir daí a amostragem foi sendo formada com a técnica da “bola de neve”, onde uma participante indica outras para serem entrevistadas. As entrevistas foram realizadas de Junho de 2008 a Junho de 2009 e todas as entrevistas foram realizadas pela autora deste trabalho. A cada entrevistada foi esclarecido o compromisso da confidencialidade, solicitando que assinassem o termo de consentimento para participação no estudo.

Foi adoptada a utilização de pseudónimos, escolhidos pelas próprias entrevistadas, para referenciar suas citações como forma de preservar suas identidades. Alguns nomes de pessoas e instituições citados por elas também foram alterados para evitar a identificação.

Participaram deste estudo 16 mulheres, tendo sido realizadas um total de 25 entrevistas. Com 9 das mulheres foi realizada a segunda entrevista, 6 presencialmente e 3 via e-mail, esta

última estratégia foi adoptada pela dificuldade das mulheres em termos de tempo disponível para a marcação de uma entrevista presencial.

A idade das entrevistadas variou de 24 a 54 anos e a maioria emigrou para Portugal entre 1 ano e 6 meses a 10 anos. Houve apenas uma excepção a esse intervalo, em que a participante já reside há 28 anos. Em termos de habilitações literárias, 1 participante possui mestrado, 4 licenciatura, 7 o ensino secundário completo e 3 possuem escolarização equivalente ao 9º ano completo. Oito mulheres são casadas ou vivem em união de facto, 4 são divorciadas ou separadas e 4 são solteiras. Essas informações, além do número de filhos e situação em termos de regularização estão detalhadas na tabela 2.

Nome	Idade	Habilitações literárias (completadas)	Estado civil	Nº de Filhos	Tempo em Portugal 1ª entrevista (anos/meses)	Situação de residência em Portugal
Carolina	46	Licenciatura	Divorciada	2*	5,6	Regularizada
Eliana	28	Secundário	Casada	-	5	Regularizada
Elisa	27	Secundário	União de facto	1	2,2	Regularizada
Fabiana	33	Licenciatura	Casada	3	9,6	Regularizada
Fernanda	35	Secundário	Casada	3	8,8	Regularizada
Isabela	24	III Ciclo	Solteira	-	5,5	Não regularizada
Jesus	47	Secundário	Solteira	1	2,5	Não regularizada
Lúcia	32	Secundário	Casada	2	4	Regularizada
Natali	40	III Ciclo	Separada	2	1,9	Não regularizada
Olga	44	Mestrado	Casada	3	1,6	Regularizada
Radja	37	Licenciada	Casada	-	7,3	Regularizada
Raquel	50	Secundário	Solteira	-	9,2	Regularizada
Rita	28	Secundário	Solteira	-	2,2	Regularizada
Rosa	54	Licenciada	União de facto	3*	28	Regularizada
Selma	34	Secundário	Separada	1	6	Regularizada
Simony	39	Licenciada	Casada	1	10	Regularizada

* Filhos já adultos e independentes

Tabela 2. Dados sócio-demográficos das participantes.

É possível verificar que todas as mulheres que trabalharam logo à chegada exerceram profissões que não exigem qualificações profissionais, tendo poucas delas conseguido ascender a posições mais qualificadas, o que está demonstrado na tabela 3, onde aparecem as profissões exercidas no Brasil, as exercidas logo à chegada a Portugal e as profissões exercidas à altura das

entrevistas.

O salário mensal das participantes varia de 440 a 2.000 euros, o que dá uma ideia da diferença económica e de ocupação laboral entre as brasileiras imigrantes. Apenas três das mulheres continuam em situação irregular, e estas são mulheres sozinhas que se mantêm em trabalhos precários desde sua chegada a Portugal. Esses dados encontram-se na tabela 3.

Nome	Profissão exercida no Brasil	Profissão exercida em Portugal à chegada	Profissão exercida actualmente	Rendimento mensal individual*
Carolina	Professora	Empregada de limpeza	Professora	1.100
Eliana	Assistente Administrativa	Empregada de cozinha	Desempregada	440*
Elisa	Recepcionista	Empregada de Balcão	Funcionária de fábrica	500
Fabiana	Estudante	Estudante	Advogada	2000
Fernanda	Atendente Comercial	Dona de casa	Funcionária de fábrica	500
Isabela	Estudante	Empregada de cozinha	Empregada interna	530
Jesus	Assistente Administrativa	Empregada de lavanderia	Empregada de lavanderia	600
Lúcia	Dona de casa	Empregada doméstica	Assistente Comercial	440
Natali	Empregada doméstica	Empregada doméstica	Empregada doméstica	600
Olga	Professora Universitária	Estudante	Estudante	1000
Radja	Comerciante no ramo livreiro	Empregada de balcão	Cantora	800
Raquel	Assistente Administrativa	Empregada de hotel	Desempregada	600
Rita	Estudante	Empregada de balcão	Empregada de confeitaria	550
Rosa	Professora do I Ciclo	Comerciante	Estudante universitária	800
Selma	Empregada Escola	Empregada doméstica	Empregada de confeitaria	750
Simony	Professora/Especialista em livros raros	Empregada de loja	Animadora sócio-cultural e Formadora	1400

* Exclui rendimentos dos outros membros do agregado familiar

**Subsídio desemprego

Tabela 3. Dados sócio-demográficos referentes ao trabalho e salário recebido

5.1.2. Instrumentos e procedimentos de colecta de dados

A estratégia primordial de colecta de dados foi a entrevista. Durante as entrevistas foram realizadas notas de campo sobre expressões corporais e emocionais que auxiliaram nas interpretações. Para a constituição da amostragem teórica recorreu-se à técnica da “bola de neve”, como já referido.

A centralidade dada à perspectiva das protagonistas da acção nos processos de construção de significados indicou a entrevista qualitativa em profundidade como o instrumento mais adequado para a colecta de dados. Procurou-se obter informações através da criação de uma situação de confiança entre entrevistadora e entrevistadas, o que foi conseguido de forma bastante satisfatória com todas as 16 participantes da pesquisa.

Um guião básico de entrevista com seis questões norteadoras foi estruturado porém a maioria das entrevistas assumiu um aspecto de narrativa livre, dependendo das características pessoais de cada participante¹⁵. Embora as entrevistas tenham focado as questões da imigração, duas entrevistadas desenvolveram um processo de catarse acerca de suas relações familiares e dificuldades emocionais actuais, momentos que foram respeitados no sentido de priorizar o nível de bem-estar das participantes. As questões norteadoras foram:

- 1- Porque resolveu vir para Portugal e como foram os primeiros tempos aqui?
- 2- O que considera que tenha sido favorável ou facilitador em sua experiência como imigrante?
- 3- Quais as principais dificuldades encontradas e como lidou com essas situações?
- 4- Já foi discriminada em alguma ocasião desde que chegou a Portugal, pelo facto de ser estrangeira ou especialmente por ser brasileira? Como lidou com isso?
- 5- Como se sente hoje em Portugal?
- 6- Quais são os seus planos para o futuro?

As entrevistas realizadas revestiram-se de um carácter de reflexividade, segundo definem Yunes e Szymanski (2005) no *“sentido de reflectir a fala de quem foi entrevistado, expressando a*

¹⁵ Em alguns casos, para ter mais do que uma descrição de acontecimentos, foi necessário questionar sobre “O que sentiu na ocasião?”, “O que pensou?” ou “Porque fez isto?”.

compreensão da mesma pelo entrevistador e submeter tal compreensão ao próprio entrevistado, como forma de aprimorar a fidedignidade” (Szymanski, 2001, cit. Yunes e Szymanski, 2005, p.4). Com algumas participantes foi possível realizar a segunda entrevista, conforme preconiza a versão completa da teoria fundamentada, presencialmente ou através de questões via e-mail, casos em que foram enviadas com alguns dias de antecedência a transcrição da primeira entrevista e posteriormente colocadas algumas interpretações realizadas nas análises iniciais. A partir da análise das primeiras entrevistas, foi possível construir a amostragem teórica pela focalização em algumas questões referentes às categorias emergentes¹⁶.

As entrevistas de carácter reflexivo permitiram às entrevistadas expressarem opiniões sobre as interpretações realizadas ou acrescentar novos dados. A leitura das entrevistas transcritas foi um momento enriquecedor para as participantes, que o definiram como um momento de introspecção sobre as experiências vividas e sobre as mudanças ocorridas em sua vida e em sua forma de encarar algumas questões. Esse procedimento possibilitou atender ao critério da saturação teórica, que indica o momento de interromper a colecta de dados, como explicado anteriormente.

5.1.3. Descrição dos procedimentos de análise

Os passos metodológicos seguidos nesta investigação basearam-se principalmente nos contributos de Strauss e Corbin (2008) e de Charmaz (2009). Utilizando as prerrogativas de flexibilidade e adaptação ao contexto em estudo preconizadas na teoria fundamentada, nem todas as directrizes propostas foram seguidas, nomeadamente a etapa da codificação axial, proposta no paradigma de codificação de Strauss e Corbin (2008). Considerou-se que o desenvolvimento das categorias e subcategorias conceptuais e a demonstração das conexões existentes entre elas sejam suficientes para esclarecer as experiências que elas representam e para possibilitar o desenvolvimento de um modelo teórico que ofereça uma leitura viável dos processos envolvidos nas experiências das mulheres brasileiras no contexto migratório português.

O processo de análise foi realizado utilizando como suporte informático o Atlas.Ti 5.0.

¹⁶ Pode-se referir como um exemplo desse tipo de focalização a questão. “Uma das entrevistadas faz questão de que o filho fale apenas o português de Portugal. O que pensa sobre isso no caso dos seus filhos?”

As principais directrizes da teoria fundamentada serão pormenorizadas de acordo com a descrição dos procedimentos realizados.

A análise dos dados iniciou-se com o procedimento de **codificação aberta inicial**, que consistiu na denominação de cada segmento de dados através das **acções** observadas, procurando codificar com palavras que indicassem, na medida do possível, a acção observada, o que evitou saltos conceptuais que poderiam ocorrer com a adopção de conceitos teóricos pré-existentes. O destaque dado ao uso do gerúndio segue as proposições das e dos teóricos da teoria fundamentada que defendem que sua adopção promova a sensibilidade teórica¹⁷, impelindo os e as analistas a saírem de tópicos estáticos e entrarem em processos ordenados, induzindo a reflexão sobre as acções dos sujeitos. Para Charmaz (2009) concentrar-se nas acções e nos processos e não nos indivíduos é uma estratégia que permite a construção de teoria sobre os processos sociais que vai para além da simples categorização dos tipos de indivíduos. O quadro 1 exemplifica a codificação inicial realizada.

¹⁷ Sensibilidade teórica refere-se à capacidade de responder às nuances subtis de, e sugestões para, significados nos dados.

SEGMENTO DA ENTREVISTA	CÓDIGOS
<p>Eu não... eu acho que aqui em Portugal eu não me ponho sentada na esplanada, ali na Foz, por exemplo, e a chamar o garçon de querido, como a gente pode fazer no Brasil "Oh meu querido, traga lá um sumo, traga lá...". Eu estou em Portugal. Em Portugal a convivência social, as regras de convivência social, não é esta. E se eu não quero ser maltratada, se eu não quero que o garçon vire a cara pra mim, e se eu quero ser bem recebida, se eu quero ser bem tratada, eu tenho que actuar como, como aqui, não é? Em Roma, você é romano. Porque que eu vou ta em Portugal fazendo cara de nojo quando eu vejo umas tripas à moda do Porto? É remar contra a maré. E a gente que rema contra a maré... é uma luta inglória.</p>	<p>Agindo como se age em Portugal</p> <p>Aprendendo o funcionamento do meio</p> <p>Reconhecendo as regras sociais locais</p> <p>Não querendo ser maltratada</p> <p>Querendo ser bem recebida e bem tratada</p> <p>Querendo agir como se age em Portugal</p> <p><i>Em Roma, você é romano¹⁸</i></p> <p>Não querendo remar contra a maré</p>
<p>Também já cheguei a fazer trabalho part-time como manicure num salão, e inclusive uma patroa falou assim: "Ah, é uma brasileira... eu tomei conta dela, oh, é só pra ajudá-la, sabe, coitada, ela assim, tem muitas dificuldades na vida...". E eu nem falei nada, sabe. Algumas mulheres portuguesas olham diferente, olham dos pés à cabeça, vêem a maneira, faz algum comentário, assim mais extravagante, "ah elas são ardidadas, elas são..." Sempre tem o preconceito, mas eu mentalizo assim, se eu vim pra cá eu vou vencer, não é um preconceito ou outro que vai me abater, se eu já passei o pior, não é, que eu era sem documento, sem nenhum lugar pra ficar, e agora que eu to me reerguendo na vida, não é isso que vai me abalar. É isso que eu penso, e eu penso assim firme e o que me dá mais força é a minha fé também, a minha fé, a minha religião é o que me segura mais também, e pensar que eu posso, eu consigo e eu vou vencer. É assim que eu mentalizo na minha vida, eu penso assim, eu já tive pior. Eu vim pra cá, eu não tinha documento, eu já morei... já fui humilhada...</p>	<p>Sendo tratada como pobre-coitada</p> <p>Sendo olhada de cima a baixo pelas portuguesas</p> <p>Ouvindo que as brasileiras são ardidadas</p> <p>Mentalizando que vai vencer</p> <p>Não se abatendo com o preconceito</p> <p>Pensando positivamente</p> <p>Encontrando forças na fé e na religião</p> <p>Acreditando que vai vencer</p> <p>Considerando que já esteve pior e venceu</p> <p>Acreditando que a força vem da fé</p>

Quadro 1. Exemplo da codificação aberta inicial

É importante referir que os códigos foram sendo construídos e aprimorados (a partir da perspectiva da pesquisadora) na tentativa constante de compreender as atitudes,

¹⁸ “*Em Roma você é romano*” é exemplo de Código *In Vivo*, uma das possibilidades de codificação na teoria fundamentada, quando se utiliza expressões significativas das participantes, podendo estes códigos se transformarem em categorias conceptuais.

acções/interacções das participantes a partir de suas perspectivas, num jogo iterativo. Conforme alerta Charmaz (2009), muitos dos códigos iniciais mostraram-se provisórios ao longo da análise, pois a realização das **comparações constantes** entre dados e conforme se avança na análise vão surgindo novas compreensões, sendo elaborados códigos que melhor se ajustem aos dados.

Na segunda fase de codificação, a **codificação focalizada**, foram utilizados *“os códigos anteriores mais significativos e/ou frequentes para analisar minuciosamente grandes quantidades de dados”* (Charmaz, 2009, p.87). A intenção nesta etapa foi a construção de códigos mais direccionados, selectivos e **conceptuais**, com um nível de abstracção superior, através do raciocínio analítico de comparação das experiências, acções e interpretações das participantes. O agrupamento dos conceitos surgidos a partir da codificação focalizada deu origem às categorias. Mais uma vez, a comparação constante e o questionamento foram os procedimentos que permitiram a construção das categorias. Questionar os conceitos com questões do tipo *O que é isto?* ou *A que tipo de fenómeno pertence?* levam a identificação de *“relações de similaridade, contribuindo para a construção das categorias abstractas”* (Fernandes & Maia, 2001).

É de referir que as fases de codificação e categorização dos dados não ocorrem linearmente e a provisoriade de códigos e categorias pode manter-se até o final das análises devido às comparações teóricas constantes, o constante ir e vir nos dados e a colecta de novos dados ao longo de grande parte do processo analítico.

O quadro 2 exemplifica a categorização focalizada, que consiste na categorização conceptual realizada a partir dos códigos descritivos construídos na fase inicial da codificação.

CÓDIGOS	CATEGORIAS CONCEPTUAIS	CATEGORIAS FINAIS
Agindo como se age em Portugal Aprendendo o funcionamento do meio Reconhecendo as regras sociais locais Não querendo ser maltratada Querendo ser bem recebida e bem tratada Querendo agir como se age em Portugal Em Roma, faça como os romanos Não querendo remar contra a maré	Aprendendo o funcionamento do meio para ser aceita Em Roma faça como os romanos	Aprendendo o funcionamento do meio Tentando viver como vivem os portugueses
Sendo tratada como pobre coitada Sendo olhada de cima a baixo pelas portuguesas Ouvindo que as brasileiras são ardidas Mentalizando que vai vencer Não se abatendo com o preconceito Pensando positivamente Encontrando forças na fé e na religião Acreditando que vai vencer Considerando que já esteve pior e venceu Acreditando que a força vem da fé	Experimentando preconceito Sendo tratada como miserável Atribuindo suas forças à fé Tendo pensamento positivo	Defrontando-se com as hostilidades do contexto Sendo tratada como miserável Atribuindo à fé em Deus a atitude positiva diante da vida

Quadro 2. Exemplo da codificação focalizada

A partir das codificações, o processo de análise tem continuidade com o desenvolvimento das categorias e das subcategorias, procurando-se estabelecer as conexões entre elas que representem as experiências das participantes.

Procedeu-se ao longo dos processo de análise à elaboração de registos escritos, que na teoria fundamentada denominam-se **memorandos**, no qual procurou-se explicar em pormenor os processos representados pelas categorias.

Os memorandos são os registos efectuados pelos e pelas pesquisadoras sobre análises, pensamentos, interpretações, questões e direcções para colecta adicional de dados, sendo estes memorandos a etapa intermediária fundamental entre a colecta de dados e a redacção dos relatos de pesquisa. (Strauss & Corbin, 2008; Charmaz, 2009). As orientações preconizadas por Charmaz (2009) para a elaboração dos memorandos mostraram-se particularmente úteis na busca pelos processos psicossociais presentes nos dados. A autora propõe estruturar os memorandos de forma a responder a questões que ajudam a manter o foco nos processos: 1) Que processos estão em questão aqui?; 2) Em que condições esse processo se desenvolve?; 3) Como as participantes da pesquisa pensam, sentem e agem quando envolvidas nesse processo?; 4) Quando, porque e como o processo se modifica? e; Quais são as consequências do processo? (Charmaz, 2009, p.117). O aperfeiçoamento dos memorandos ao longo do processo de pesquisa mostrou-se fundamental para a realização das análises finais e para a redacção dos resultados. O quadro 3 apresenta excertos de um memorando inicial

DILEMAS IDENTITÁRIOS

A perda de valores referenciais que definiam a sua individualidade na sociedade de origem é gerada pelo reconhecimento das diferenças culturais, pelas discriminações sofridas em decorrência dos preconceitos, estigma e estereótipos presentes na sociedade receptora, pela perda da identidade profissional, desempowerment, situação financeira difícil, falta de reconhecimento, perda de um status social privilegiado, sentimento de rejeição, etc. faz com que as mulheres avaliem uma mudança identitária. “Quem sou e quem quero ser?”

(...)

Face aos dilemas as mulheres: entram em conflito, sofrem, entram num movimento de reflexão; pensam em mudar; pensam numa mudança aparente; reafirmam o “eu” de forma radical, com consequências negativas, por exemplo em termos de fechar-se na família e isolar-se da população portuguesa; pensam em mudar em alguns aspectos; tentam mudar radicalmente (absorver a cultura).

(...)

A auto afirmação, o autoconceito positivo mostram-se fundamentais nas entrevistas como forma de afirmação de identidades. O sofrimento parece vir da percepção de uma desvalorização ou vulgarização de algumas características que lhes são caras, ou da inclusão de todas num modelo estereotipado, com características simples e limitadoras que mascaram a diversidade identitária e ignoram a complexidade do que é o humano, do que são as individualidades e o conceito que cada uma tem de si mesma.

Quadro 3. Exemplo de um memorando inicial (excertos)

No capítulo seguinte é apresentada a descrição das categorias conceptuais que emergiram das narrativas.

Capítulo 6

Apresentação dos resultados

“A categoria integra tanto experiências distintas quanto semelhantes, envolve ordenação temporal e momentos críticos, promove um determinado comportamento, adapta-se a determinadas condições e emerge sob essas condições, e tem consequências” (Charmaz, 2009, p.111)

6.1. Descrição das categorias empíricas

Os processos, categorias e subcategorias esquematizados a seguir servem de referência para esta descrição. Em cada categoria serão apresentados excertos das falas das participantes¹⁹, no sentido de representar os significados atribuídos por elas às suas experiências. A cada excerto se seguirá a indicação do nome fictício, estado civil e profissão, informações julgadas úteis em termo de contextualizar algumas das análises realizadas.

A descrição das categorias empíricas está organizada em secções, onde os PROCESSOS estão representados por letras maiúsculas e negrito (Ex: **SIGNIFICANDO O CONTEXTO COMO HOSTIL**), as **Categorias** em letras minúsculas e em negrito (Ex: **Analisando e apreendendo o estilo de vida português**) e as Subcategorias em letras minúsculas sublinhadas (Ex: Tentando aceitar a diferença do outro). Cada processo é ainda representado por diagramas, com suas respectivas categorias e subcategorias.

6.1.1. Processo I – DECIDINDO EMIGRAR

A decisão das mulheres de sair do Brasil e emigrar para Portugal envolve uma multiplicidade de motivações. No processo **DECIDINDO EMIGRAR** estão organizadas algumas categorias conceptuais que emergiram nas entrevistas como forma de esclarecer os motivos que levaram a essa decisão.

¹⁹ Em anexo são apresentados outros excertos das entrevistas.

Por que emigrar? Para essa questão as respostas são variadas, envolvendo sempre uma série de aspectos económicos, financeiros, afectivos e biográficos que se conjugaram para a tomada de decisão de sair do Brasil. Por que Portugal? As respostas para essa questão apresentam explicações menos diversas. Se tradicionalmente as condições materiais estão no centro das motivações para a emigração, no caso das participantes este foi apenas um dos factores. Muitas das mulheres viviam situações bem estruturadas em termos materiais. Nos casos em que essas condições não se encontravam satisfatórias, vieram a se conjugar com outros motivos, levando-as a optar pela emigração. As narrativas retratam a diversidade das mulheres em termos de identidades, do momento pessoal e das condições de vida no Brasil.

“Eu lá trabalhava com livros, estudava na USP, fazia, tava no 2º ano do curso de História, indo pro 3º, e tinha uma vida boa, morava numa casa, tinha os meus cachorros. (...) Vivía essa vida, só que, você vai... complicado falar isso mas, eu na naquela época, tinha uma vida de militância política que eu tava completamente desiludida da militância de muitos anos. Teve uma história complicada, meu pai era de esquerda, uma história que não tem nada a ver com isto, mas que também faz parte de mim. E eu tava desiludida da política, mas tava bem... Mas tinha um namorado que não gostava, tinha uma crise comigo (...).” (Radja, casada, cantora)

“O motivo de eu vir, porque, uma mãe de dois filhos, com salário de São Paulo, que eu não conseguia mantê-los. Separei, tava separada, e tinha os dois filhos. Então, vim pra cá pra tentar algo melhor pra mim e pros meus filhos”. (Natali, separada, emp. doméstica)

O processo DECIDINDO EMIGRAR constitui-se de duas categorias que procuram explorar os aspectos mais relevantes que emergiram dos dados (1) **Motivos para emigrar** e; (2) **Escolhendo Portugal**.

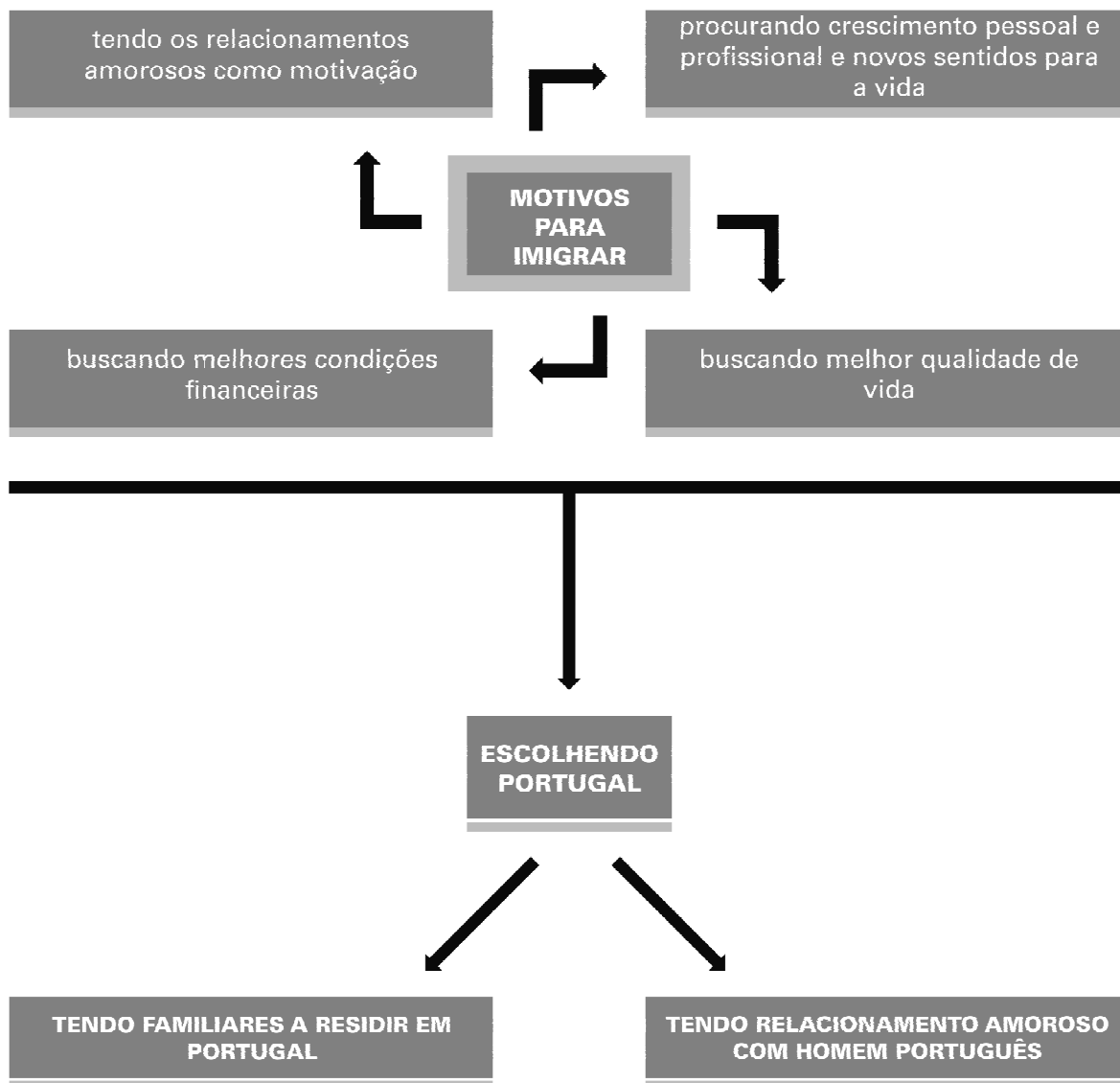


Diagrama 1 – Processo I – Decidindo emigrar

6.1.1.1 – Motivos para emigrar

A complexidade de motivos que envolveram a decisão de emigrar compõem a categoria **motivos para emigrar** sobre os quais as mulheres apresentam explicações para sua decisão, que envolvem questões objectivas e emocionais. Essa categoria é formada por quatro subcategorias: (1) Procurando crescimento pessoal e profissional e novos sentidos para a vida; (2) Tendo os relacionamentos amorosos como motivação; (3) Buscando melhores condições financeiras e; (4) Buscando melhor qualidade de vida.

Procurando novos sentidos para a vida, crescimento pessoal e profissional indicam uma busca pessoal em momentos em que a existência de crises pessoais e familiares, a insatisfação com o emprego e a falta de perspectivas foram importantes impulsionadores no projecto de imigração, que nesse caso, foram projectos individuais, que por vezes se tornaram projectos familiares.

“Eu resolvi vir pra cá... é que eu me sentia... eu nunca me senti feliz na minha cidade. Que eu achava... eu sempre gostei de viajar. Toda vez que eu viajava de férias, quando eu voltava, ficava uma semana deprimida em casa (...) Foi, foi muita coisa, o problema do meu irmão com as drogas, o que ele fazia assim, sabe (...) Eu joguei tudo pro alto, eu ganhava muito bem, pra vir pra cá, porque eu gostei daqui, mesmo sabendo que eu ia ter muita dificuldade”. (Raquel, solteira, desempregada)

“As crianças que tavam com a vida muito organizadinha, numa escola muito boa, lá, embora fosse uma escola particular. Então tinha todas essas coisas da nossa vida organizada, a nossa casa que a gente tava construindo ainda, e os projectos de vida ainda, a gente tinha que redireccionar, tudo isso, e pesar o que seria bom e o que não seria, os riscos que a gente ia correr, as dificuldades que nós iríamos encontrar aqui, que eram as coisas que iriam pesar muito, e porque que nós queríamos vir. Então ficou muito claro, pra mim era importante fazer o doutoramento. Pro meu marido era importante ter novas experiências profissionais e mudar. (...) Então, era um momento de todo mundo tentar coisas novas, as crianças ficaram empolgadíssimas (...) E meu marido demorou um pouco mais, embora verbalmente ele tenha se decidido, mas na prática, pra ele se desvincular do trabalho dele pra vir foi muito difícil”. (Olga, casada, estudante douto.)

Tendo os relacionamentos amorosos como motivação implica em que os relacionamentos amorosos são muitas vezes determinantes na decisão de sair do Brasil, seja em termos de vir juntar-se ao companheiro que veio antes ou em termos da existência de um relacionamento com homem português. Para as que vêm juntar-se ao companheiro a decisão de emigrar muitas vezes faz parte de um projecto familiar, mas nem sempre, conforme verifica-se nos seguintes relatos.

“Foi o meu (ex) marido, eu vim por causa dele, na verdade eu vim mais por causa dele, que ele veio e depois eu vim. Mais por influência dele, ele veio antes e depois de 6 meses que ele tava aqui eu vim. Foi ele que me ajudou, foi ele que fez tudo e tal”. (Isabela, separada, empreg. interna)

“Eu vim pra Portugal como muita gente veio,(...) Porque eu casei com um português”. (Rosa, união de facto, estudante universitária)

“Eu tinha vindo pra uma aventura e fiquei por teimosia, e depois aconteceu aquilo tudo e eu fiquei apaixonada e eu sou movida pelo amor mesmo, sou mulher né, não sei se são todas, mas tem lá no fundinho que sempre tem isso, né”. (Radja, casada, cantora)

Também no tocante aos relacionamentos amorosos, crises e rompimentos com namorado ou marido, que tiveram como consequência decepções, conflitos ou situação de risco pessoal também foram motivos fortes a impulsionar a decisão de emigrar

“Mas tinha um namorado que não gostava, tinha uma crise comigo, a gente tava em crise, não tava feliz, e primeiro, num dia em que nós brigamos, eu entrei na Internet (...). E aí, eu fiquei conversando com essa pessoa, um português, e a gente se encontrou de novo, e eu mandei uma carta, e ele me mandou outra carta aí... a gente se apaixonou”. (Radja, casada, cantora)

“E me separei e quis sair daquele stress, daquela situação toda que tava muito pesada de aguentar. Porque... ele bateu muito mal. Ele é, eu acho que ele era muito apaixonado. Então eu ia pro trabalho e ele dormia na frente do meu trabalho, dentro do carro (...) e uma vez, entrei no gabinete e ele tava com uma tesoura assim na mão. Eu me assustei e disse: ‘o que que você tá fazendo aqui?’ E ele disse: ‘eu vim aqui te ver’. ‘É porque que você ta com essa tesoura na mão? ‘É pra te assustar’, então você ta conseguindo... foi uma coisa assim... puxa, essa pessoa diz que me ama e ta me assustando assim...” (Simony, casada, animadora s.cultural-formadora)

Buscando melhores condições financeiras é o motivo alegado face a grandes dificuldades materiais pelas quais passavam, tendo sido esta situação, para algumas mulheres, o motor principal para a decisão de emigrar. Embora tenha sido determinante em alguns casos, de forma geral é um aspecto que aparece conjugado a outros. Nos casos em que foram determinantes, as dificuldades financeiras eram resultantes de baixos salários, desemprego ou fracasso nos negócios.

“Foram dois motivos. Primeiro a questão financeira e depois a questão sentimental porque eu tinha um noivo no Brasil, não deu muito certo e eu falei: vou mudar de vida no geral, e vim pra cá. Vou tentar tudo agora, vou tentar minha vida financeira, vou, pronto, vou ser uma nova pessoa, vou mudar a minha perspectiva. Então aí vim pra cá, deixei tudo lá e vim”. (Eliana, casada, desempregada)

“Eu vim em 2004, faz 4 anos, primeiramente veio meu marido, 2 anos antes, em 2002. Ele veio

pra ganhar dinheiro mesmo, porque lá vivíamos no interior, vivíamos da colheita de café e isso não, não nos dava dinheiro nenhum e não tínhamos muita sorte com isso. Então ficamos endividados, tínhamos que pagar dívidas e não tinha de onde tirar dinheiro pra pagar essas dívidas”. (Lúcia, casada, assist. comercial)

Buscando melhor qualidade de vida foi referida como um aspecto crucial para algumas das mulheres, especialmente para as que viviam em grandes cidades, com alto índice de violência urbana e conseqüente insegurança na vida quotidiana e na criação dos filhos.

“Bem eu vim pra Portugal pra fugir da violência. Eu morava em São Paulo, lá era muito violento e eu quis sair disso, ter uma vida diferente, mostrar uma vida diferente pros meus filhos (...) Um dia eu peguei meu filho, o meu filho mentiu e fumou um cigarro com os amigos dele e eu fiquei muito preocupada que eu tava perdendo o controle daquela situação e foi o que me fez mesmo pensar a vir embora e dentro de uns dois meses eu decidi que eu viria”. (Carolina, divorc., professora)

“Lá era periferia de São Paulo, então você já viu, tinha muito assalto, muito bandido, muito maloqueiro. Não era por serem maloqueiras as crianças da rua, entende, mas já havia, entendeu, logo de manhã já tava na rua, já que era aquela... e meu filho ia crescer nisso. Ai eu pensei, Europa, né? Quem sabe, aí eu peguei e vim tentar uma vida melhor”. (Elisa, União de facto, emp. fábrica)

6.1.1.2. Escolhendo Portugal

Escolhendo Portugal é uma categoria composta por duas subcategorias: (1) Tendo familiares a residir em Portugal e; (2) Tendo relacionamento amoroso com homem português, que expressam que a escolha de Portugal como destino de imigração. Os motivos da escolha de Portugal como destino imigratório, reflecte a importância das redes familiares e sociais como fundamentais na caracterização dos movimentos migratórios na actualidade. As duas subcategorias tendo familiares a residir em Portugal (que inclui ter familiares, marido ou namorado) e tendo relacionamento amoroso com homem português indicam os motivos principais para a escolha do destino de imigração. Além de convites e incentivos recebidos, a presença dos familiares significava a acolhida e o apoio necessário logo à chegada. Aspectos como falar a mesma língua, já terem vindo antes a passeio, terem ascendência portuguesa ou uma certa atracção por uma Europa

idealizada foram citados, mas não aparecem como tendo sido decisivos para a vinda dessas mulheres. Em alguns casos a intenção era fazer de Portugal apenas uma porta de entrada para outros países.

“ (...) tinha uma irmã do meu marido que morava aqui, aí ela deu a maior força e nós resolvemos vir pra cá pra tentar”. (Fernanda, casada, func. fábrica)

“Os meus irmãos moravam já aqui há algum tempo e diziam que a qualidade de vida aqui era melhor, que não tinha violência, que tudo era muito mais tranquilo”. (Carolina, divorc., professora)

“O meu irmão já estava aqui há uns 3, 4 anos já. O meu irmão estava cá. E sempre havia a oportunidade e ele: “vem, vem” (...)”. (Natali, separada, emp. doméstica)

“Entretanto conheci o meu marido, que é português. Ele foi lá numa viagem e fomos apresentados e começamos a namorar desde então. (...). E pronto, decidimos casar, decidimos constituir família, mas então como é que vai ser, o casar teria que ser o quanto antes pra que a nossa posição... tudo girou sempre em função da profissão de ambos”. (Fabiana, casada, advogada)

Em muitos casos, além das motivações pessoais, aparece o facto de algumas mulheres serem convencidas por parentes que já residiam em Portugal, o que demonstra que as motivações pessoais estiveram circunstancialmente ligadas a relações familiares significativas, que influenciaram a decisão

“Meus irmãos me chamavam, mesmo assim eu ficava resistente, eles queriam que eu viesse e mesmo assim eu não tinha vontade de vir porque pronto, eu gostava de lá, da minha vida e de tudo. Mas enfim, decidi vir pra cá (...) Eu tava, tinha problemas financeiros, lá no Brasil tudo é muito caro as coisas são muito difíceis mas eu tinha o meu trabalho, tinha a minha profissão, amo a minha profissão. Tinha os meus amigos, a minha casa, tinha tudo. Eu tinha quarenta anos, eu tinha tudo o que eu queria, não tinha sonhos em obter nada, eu achava que vivendo e trabalhando lá daquela forma estava satisfeita”. (Carolina, divorc., professora)

“ (...) quando eu acabei o secundário lá. Acabei e vim pra aqui, vim viver com a minha prima. (...) Convidou-me e eu, no início eu não queria muito... a minha mãe me dizia que eu não ia antes de acabar o terceiro ano”. (Rita, solteira, empr. confeitaria)

Por diferentes que sejam os motivos para a decisão de emigrar, todas as mulheres contaram com o apoio de familiares e amigos no Brasil e em Portugal. Algumas deixaram os filhos aos cuidados dos pais, outras obtiveram dinheiro emprestado de familiares, parentes ou amigos e contaram, em geral, com os mesmos apoios na chegada a Portugal.

6.1.2. PROCESSO II – RECONHECENDO O CONTEXTO E AS IDENTIDADES

No processo **RECONHECENDO O CONTEXTO E AS IDENTIDADES** aparecem as construções subjectivas que ganham forma a partir do contacto efectivo com a sociedade receptora, nas interacções realizadas com os funcionários do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras à chegada e nos subsequentes contactos quotidianos com a população portuguesa, na busca por emprego, nas instituições governamentais ou privadas, em estabelecimentos comerciais e no espaço público em geral. As imigrantes trazem consigo algumas expectativas e suposições acerca do país no qual pretendem viver, além de imagens remotas e superficiais sobre o povo português, reproduzidas ao longo de gerações no imaginário das e dos brasileiros.

A partir dos primeiros contactos interpessoais iniciam-se os processos de (re) construção dessas expectativas, com novas interpretações e (re) significações. Essas (re) significações apresentam variações que vão desde reconhecer as condições favoráveis e as desfavoráveis até o reconhecimento das condições hostis (processo III), estas últimas vividas com forte desgaste emocional, num processo de intensas perdas subjectivas. O processo **RECONHECENDO O CONTEXTO E AS IDENTIDADES** engloba cinco categorias: (1) **Surpreendendo-se com uma terra estranha e não imaginada**; (2) **(Re) definindo o “ser português e ser portuguesa”**; (3) **(Re) definindo o “ser brasileiro e ser brasileira”**; (4) **Reconhecendo aspectos favoráveis no contexto e**; (5) **Deparando-se com as dificuldades**.



Diagrama 2 – Processo II – Reconhecendo o contexto e as identidades

6.1.2.1. Surpreendendo-se com uma terra estranha e não imaginada

Surpreendendo-se com uma terra estranha e não imaginada é um processo que se revela quando as imigrantes relatam a sua falta de conhecimento sobre Portugal e de como se surpreenderam por encontrar um país totalmente desconhecido, do qual não tinham ideia sobre os valores culturais, costumes, padrões de relacionamento social, presença de preconceitos e estereótipos negativos sobre as mulheres brasileiras e, além de tudo, a surpresa por não conseguirem entender a pronúncia do português falado em Portugal. Destacam-se os seguintes relatos:

“Achei muito diferente, achei que... nunca nem pensei que as pessoas fossem diferentes, apesar de saber que as culturas são diferentes. Aí quando falavam em Portugal: Pátria Irmã, Pátria Gémea... E eu achei que não teria... não fazia nem ideia...” (Carolina, divorc., professora)

“De menina, eu não digo mimada, mas, bem, bem acarinhada pela família, né, porque eu sou filha única, eu fiquei sem mãe muito cedo... E eu vim parar numa realidade que eu desconhecia por completo. Foi muito doloroso” (Rosa, união de facto, estudante universitária)

“Eu fui percebendo essas diferenças culturais, principalmente afectividade e isso me magoava...”
(Radja, casada, cantora)

6.1.2.2. (Re) definindo o “ser português e o ser portuguesa”

A categoria **(Re) definindo o “ser português e o ser portuguesa”** diz respeito às imagens que as participantes constroem sobre os e as portuguesas num processo de (re) significações baseado em imagens presentes no país de origem e que são actualizadas a partir das percepções da diferença e das interacções na experiência de imigração. Essas (re) significações apresentam-se influenciadas directamente pelo tipo e qualidade das interacções e pela temporalidade da imigração, além de estarem atravessadas pelas questões de género. Nesta categoria as mulheres expressam opiniões e fazem afirmações sobre os portugueses e as portuguesas de forma predominantemente negativa. Compõem esta categoria as subcategorias: (1) Significando o outro de forma marcadamente negativa e (2) Reconhecendo características positivas no outro.

A subcategoria significando o outro de forma marcadamente negativa foi construída baseada na atribuição de características negativas aos e às portuguesas. Esta categorização negativa obteve um dos maiores números de segmentos destacados e de códigos descritivos no conjunto de dados recolhidos, o que pode indicar que as interacções mais marcantes e significativas foram experimentadas de forma predominantemente negativa, principalmente em situações que tenham sentido discriminação ou hostilidade. A qualidade das interacções mostrou-se fundamental no processo de construção da imagem do outro, assim, quanto mais marcantes e significativas tenham sido as interacções em termos positivos ou negativos, mais facilmente as mulheres generalizam e

atribuem as características positivas ou negativas ao colectivo dos portugueses e portuguesas.

“O normal é sempre eles estarem sabendo da vida um do outro, procurando fazer intriga, sabe...sempre aquelas fofocas, jogando um pro outro, né, querendo saber da vida...E eles se sentem bem fazendo essas coisas, ou se não... estarem assim se envenenando. Eles são um povo assim muito infeliz, eu vejo. Eles só estão felizes envenenando, jogando veneno um ao outro, picando. Ai eles são felizes, eles não conseguem nunca olhar a vida deles”. (Selma, separada, emp. confeitaria)

“Eu acho negativo, não é, coisas aqui em Portugal que eu não gosto, eu não gosto (..) de maneira geral. Claro que eu to a falar da regra, eu não to a falar da excepção. Regra geral as pessoas são pessimistas, são sorumbáticas, São fatalistas”. (Fabiana, casada, advogada)

“Essa coisa da religiosidade deles, são muito católicos, vão pra igreja, tem procissão, tanta coisa, falsidade, como o meu sogro, vai na igreja todo mundo. Ele catou uns gatos, pôs num saco e afogou, isso é normal? Eu acho estranha essa religiosidade, me incomoda, eu acho demais e pouca”. (Radja, casada, cantora)

“Portugueses são falsos e hipócritas, racistas, muito frios, desconfiados e mãos de vaca”. (Eliana, casada, desempregada)

“Os portugueses são grossos e mal-educados”. (Fernanda, casada, func. fábrica)

Ao lado da atribuição de críticas bastante negativas, as mulheres que já estão há mais tempo em Portugal ou que já alcançaram uma relativa estabilidade tentam ser mais brandas, muitas vezes deixando entrever uma tentativa de entender e encontrar aspectos positivos, mesmo em atitudes e comportamentos aos quais elas, a priori, atribuem juízos de valor negativo.

“Essa questão que eu falava pras pessoas “Pôxa, porque que as pessoas tratam a gente assim tão mal? Falam tão forte. Português é muito grosso, responde pra gente...” Não é essa questão de responder, é uma questão de ser, talvez de ser prático e não conseguir nem resolver os problemas deles, e vem pessoas mais problemáticas ainda e não dão vazão ao problema das outras pessoas”. (Simony, casada, animadora s.cultural-formadora)

“ (...) eles são realmente assim mais formais, diferentes da gente, mas tem muita coisa parecida com os brasileiros”. (Olga, casada, estudante douto.)

“Lógico que tem pessoas e pessoas, né, porque tem outros que são... até simpáticos”.
(Fernanda, casada, func. fábrica)

“O lado bom, eles sabem ajudar, sabem como aconchegar uma pessoa, não são todos, mas são gente boa”. (Selma, separada, emp. confeitaria)

As características atribuídas são às vezes generalizadas a homens e mulheres, porém, é marcante a influência das questões de gênero como definidoras da imagem que as brasileiras constroem das portuguesas. As brasileiras relatam experiências em que vivenciaram uma hostilidade manifesta ou latente por parte das portuguesas, o que parece determinar a atribuição de características negativas a estas como um reverso das características constituintes dos estereótipos essencializados que são atribuídos às brasileiras.

“E elas por serem aqui fechadas, recalçadas vamos dizer... as mulheres portuguesas elas vêem todas as brasileiras assim, todas, dizendo o português claro, todas umas putas, umas oferecidas, não confiam nos seus maridos. Não confiam porque elas não conseguem mostrar quem elas são. São reprimidas, frias na cama, elas mesmo não se satisfazem, eu vejo. E isso é em geral “ah, o meu homem, o meu marido, mas... não tem tempero, não tem essas coisas. Muitas vezes já conversei “olha, muda, faz isso, faz aquilo”, “não, eu não faço, eu não sou nenhuma puta, pra que que eu vou fazer isso?” (Selma, separada, emp. confeitaria)

“Mas no fundo, no fundo, ele [patrão] gosta de brasileiro, porque brasileiro trabalha. Portuguesas, elas são fraquíssimas em negócio de trabalho (...) elas têm medo de tudo, tudo, tudo, até de falar. Eu te falei, elas têm medo de falar pro chefe, falam tudo assim escondidinho”.
(Jesus, solteira, emp. lavandaria)

A diferença percebida como característica mais marcante, e que apareceu de forma mais recorrente nos relatos se refere ao pessimismo, mau humor, tristeza e má disposição do povo português.

“Eu acho negativo, não é, coisas aqui em Portugal que eu não gosto, eu não gosto da (inaudível) de maneira geral. Claro que eu to a falar da regra, eu não to a falar da exceção. Regra geral as pessoas são pessimistas, são sorumbáticas, São fatalistas. (...) Quando a gente acredita em Deus a gente acredita que Deus vai prover. E os portugueses, digam aquilo que disserem, mas põem sempre Deus em dúvida, porque não sabem nunca como é que vai correr as coisas. Eu acho que quem confia acredita que vai correr bem. E o português tem isso, que me incomoda

imenso, que é o pessimismo, que é o chatice, é falar. Beber horas e horas num café a falar de coisas más, coisas ruins. E eu acho que isso não, não é, não é nada bom. Mas isso é de uma maneira geral. As pessoas estão sempre gordas, ou tão sempre isso ou tão sempre aquilo”. (Fabiana, casada, advogada)

“Os portugueses são todos pessimistas o tempo todo, nunca tem nada positivo, sempre negativo, nunca tá bom, ta tudo mais ou menos”. (Fernanda, casada, func. fábrica)

As brasileiras apontam inúmeros aspectos que consideram característicos do povo português como passíveis de críticas: a baixa auto-estima, a submissão, o comodismo, a falta de criticidade, a falta de cuidado consigo mesmo.

“Portugal tinha tudo pra ser um grande país a nível de Europa, muito, muito forte, (...). E os portugueses só fazem questão de dizer isso, nós somos a cauda da Europa, somos a cauda da Europa. Só que ninguém faz nada pra ser o topo da Europa”. (Fabiana, casada, advogada)

“ (...) porque nem os portugueses sabem o que eles são, porque eles são europeus ou tão pra cair dentro do mar. Nem eles sabem o que eles são, porque existe uma cultura, é verdade, surgiu, foi um país que foi criado, foi inventado, não sei o que, mas nem os portugueses têm a ...o sentido de pertença à Europa, não existe o sentimento de pertença à Europa”. (Simony, casada, animadora s.cultural-formadora)

Configura-se assim a construção da imagem do outro num contexto marcado por tensões e conflitos, imagem que muitas vezes as mulheres tentam transformar, mas que parece não serem totalmente alteradas mesmo com o passar do tempo, persistindo um estranhamento com o outro.

“Quando eu não conseguia me fazer entender ou não conseguia falar, aquilo me ofendia, e eu ficava assim "ai, são burros mesmo!!! Que aí vinha o preconceito, que hoje eu luto contra, porque eu casei com um, meu marido é português e ele não é... de forma alguma, ele não tem problema nenhum com nenhuma nacionalidade (...) Opa, eu já passei por português é burro, português é frio, que mais, é...as mulheres são oprimidas, recalcadas, que mais, é... isso tudo não é bom, que isso é generalizar, isso...” (Radja, casada, cantora)

Reconhecendo as características positivas do outro se refere à atribuição de características positivas significadas nas narrativas por expressões de admiração e respeito pelo estilo de vida e “modo de ser português”. Essas expressões aparecem por vezes como resultado de um processo

reflexivo levado a efeito a partir da constatação de que é preciso tentar entender a diferença do outro para melhor conviver, sendo que algumas mulheres demonstram um esforço reflexivo para mudar determinadas opiniões e percepções.

É possível afirmar que as mulheres que se referem aos portugueses e portuguesas de forma mais positiva e que fazem críticas de forma mais branda, são aquelas para as quais os primeiros contactos com portugueses foram amigáveis e acolhedores por parte de amigos e conhecidos de familiares que já residiam em Portugal, ou para aquelas que desenvolveram relacionamentos afectivos positivos em termos de amizades ou relacionamento amoroso posteriormente.

“Eu não tive muita dificuldade porque quando eu cheguei aqui o meu marido já tinha muitos amigos, então todos estavam ansiosos pra conhecer os filhos, a esposa dele, porque ele falava muito na família (...) Aqui as pessoas têm facilidade em confiar nas pessoas. As pessoas mal me conhecem já me chamam pra ir casa, já chamam pra almoçar, pra jantar, vamos conhecer meus filhos. Talvez seja através, por causa do meu marido, porque antes de eu vir pra aqui ele já conhecia toda gente, nossos amigos, os colegas de trabalho...”. (Lúcia, casada, assist. comercial)

Algumas mulheres só conseguem atribuir características positivas “a alguns portugueses”, fazendo referência a pessoas que deram apoio em determinados momentos de seu percurso imigratório ou com as quais conseguem desenvolver um sentido de troca e de pertença religiosa.

“Lógico que tem pessoas e pessoas, né, porque tem outros que são... até simpáticos. (...) Não, acho que é igual [modo de ver os portugueses], tem pessoas que são diferentes, igual o pessoal mesmo da igreja, é diferente, mas em geral as pessoas são iguais. Os portugueses são diferentes demais dos brasileiros”. (Fernanda, casada, func. fábrica)

“O lado bom, eles sabem ajudar, sabem como aconchegar uma pessoa, não são todos, mas são gente boa”. (Selma, separada, emp. confeitaria)

6.1.2.3. (Re) definindo o “ser brasileiro e o ser brasileira”

(Re) definindo o “ser brasileiro e o ser brasileira” se refere ao modo como as mulheres conferem atributos aos e às brasileiras, definindo o “ser brasileiro” ou “ser mulher

brasileira”. Envolve também o modo anterior como reconheciam e o modo actual como definem as características brasileiras. Essa categoria é composta de três subcategorias: (1) Definindo os e as brasileiras de forma essencializada; (2) Valorizando o modo de ser brasileiro e ser brasileira; (3) Julgando negativamente o modo ser brasileiro e ser brasileira em Portugal e; (4) Significando o olhar do outro sobre si.

A atribuição de características identificadas com o povo brasileiro é feita de formas muitas vezes essencializadas, que correspondem aos estereótipos vigentes do que seja a identidade nacional brasileira, originando a subcategoria definindo os e as brasileiras de forma essencializada.

“Mas nós brasileiras, somos mais espontâneas, somos mais naturais, somos mais bonitas. (...) Eu conheço um brasileiro pelo olhar. O olhar de um brasileiro brilha, do português não brilha. O olhar de um brasileiro sorri, o do português não sorri. São pessoas tristes, porque não sei. Alguma ciência deve explicar esse, esse, isto”. (Fabiana, casada, advogada)

“Mas eu vejo um outro lado, enquanto mulher brasileira eu acho que nós somos mulheres bonitas, sensuais, espontâneas, atraentes e isso chama a atenção”. (Olga, casada, estudante douto.)

“ (...) principalmente os homens, que já olham com outros olhos, já olham pensando em sexo (...) Acho que é por causa do nosso axé, ou do nosso samba que as mulheres remexem muito a bunda, só por causa disso. Deve ser, né, deve ser isso. (Elisa, União de facto, emp. fábrica)

Valorizando o modo de ser brasileiro e ser brasileira encontra-se em grande parte dos relatos, sendo que as atribuições de características são geralmente colocadas em contraponto ao modo de ser português, com a maior valorização ao modo de vida e modo de ser e estar brasileiro.

“Quando eu entrei lá só trabalhava uma brasileira, depois que eu entrei aí a maioria era brasileira, aí... só que brasileiro, que vem pra cá, eu falei pro S. Jorge, que é meu chefe, brasileiro que vem pra cá S. Jorge, eles vão procurar melhora. Se eles ficarem aqui e arranjam outra coisa...” (Jesus, solteira, emp. lavanderia)

“Diferente, o povo brasileiro é mais acolhedor, é mais simpático, é... não tem nem comparação com os portugueses”. (Fernanda, casada, func. fábrica)

“Porque sabem [os portugueses] que a gente tem outra cabeça, outro modo de pensar, outro modo de ver as coisas, vê as coisas mais pro futuro, as coisas mais positivas, né. Brasileiro, é que nem diz, é aos trancos e barrancos, mas acredita em Deus. Sabe que Deus tá ali em tudo. Então, eles gostam de estar ali, eles sabem que nós temos uma energia boa”. (Selma, separada, emp. confeitaria)

“É...eu acho que nisso brasileiro e português distinguem muito, se distinguem muito. É na forma de encarar a vida e no que vai acontecer. O brasileiro parte sempre do princípio, às vezes até ingênuo, de que vai correr tudo bem. Português, não. Acha sempre que vai correr mal. "E como é que está o seu dia, bom dia, está tudo bem?". "Está mais ou menos" a resposta é sempre essa”. (Fabiana, casada, advogada)

Julgando negativamente o modo ser brasileiro e ser brasileira em Portugal é uma subcategoria que emerge acompanhada de algumas contradições em termos de aprovar ou desaprovar algumas características usualmente atribuídas aos brasileiros. Ao se situarem face à diferença do outro, realizam juízos de valor, aparecendo em algumas situações uma defesa e orgulho quanto ao modo de ser brasileiro e em outras situações essas mesmas características são julgadas como inadequadas, havendo por vezes uma responsabilização dos e das brasileiras pela falta de aceitação manifestada pelo outro. A desaprovação pode surgir em termos de uma crítica mais dura, ou em termos de lamentar a falta de educação de algumas pessoas.

“Eu acho que... muito do que nós sofremos aqui ou não passa muito pela nossa conduta, um bocadinho, pela nossa conduta. Eu acho que sim. Os meus amigos brasileiros podem achar que não, é... pode haver... eu se calhar não tenho problemas muito maiores porque talvez, porque, oh pá, tenho um trabalho de certo modo, de privilégio, não é? Não to a lidar numa lanchonete, não to a lidar todos os dias com gente diferente”. (Fabiana, casada, advogada)

“Então a gente se afastou da comunidade brasileira, nós não nos envolvemos com nenhum brasileiro pra gente não ter... Porque a gente começou a ver o comportamento dos brasileiros em comunidade achando que... me incomodava da Lurdes ter me ajudado, sendo uma portuguesa, e ver brasileiros falarem mal dos portugueses: portugueses eram ignorantes, portugueses eram grossos, portugueses... e isso me fazia mal, porque aquelas pessoas me ajudaram”. (Simony, casada, animadora s.cultural-formadora)

“Eu sei que são muito diferentes dos brasileiros daqui. Aquelas brasileiras que eu conhecia lá, não sei se era porque era um ambiente de trabalho que eu tinha, era diferente... Eram pessoas,

sei lá... mais comportadas, sabiam mais... tinham mais noção das coisas. Esses daqui, esses daqui parece que não tem noção. Eu vejo lá no ginásio, tem eles que parecem que é dono do pedaço, chega e não se importa com os outros, isso, exactamente, os brasileiros que vem pra cá parece que não se importam com os outros. O negócio dele é só ele. Chega e toma conta de tudo, parece que tudo é dele. Não respeita o espaço dos outros, a maioria dos brasileiros que estão aqui são assim. Porque lá no Brasil não, a gente respeitava. Eu fico assim envergonhada. Eu acho muito estranho. As meninas falam que eu sou diferente das brasileiras que elas já conheceram lá. Elas falam que eu sou diferente”. (Jesus, solteira, emp. lavanderia)

Significando o olhar do outro sobre si destaca o modo como o olhar sobre si e as interacções realizadas com portugueses e portuguesas são interpretados pelas brasileiras. São narradas situações em que para elas ficam evidentes sentimentos, ideias, julgamentos, opiniões e atitudes que os e as portuguesas revelam, tanto em termos de atributos positivos, negativos, ou “supostamente” positivos.

“ [portugueses] acham que brasileiro ta ligado a ignorante, a burro...” (Simony, casada, animadora s.cultural-formadora)

“Mas eles acham assim, a gente não acha assim, existe diferença entre mim e você, a gente tem diferença, mas eles não... eles, assim, brasileira é prostituta, todas são. Brasileiro é ladrão, assaltante, todos são. É exactamente isso que eles falam, pra eles não existe diferença, basta você ser brasileira”. (Isabela, separada, empreg. interna)

“ (...) uma coisa que eles admiram muito, que nós temos, ao mesmo que eles admiram isso incomoda eles, principalmente as pessoas mais fechadas, é essa alegria da gente, que a gente tem, que é inato, que a gente não vê as coisas com tanto pessimismo, pelo contrário, a gente vê todas as dificuldades da vida como uma oportunidade de crescer e de mudar ou como um desafio”. (Olga, casada, estudante douto.)

6.1.2.4. Reconhecendo aspectos favoráveis no contexto

As condições facilitadoras encontradas na sociedade receptora que constituem a categoria **reconhecendo aspectos favoráveis no contexto** concentraram-se especificamente em dois aspectos: sócio-afectivos e laborais, o primeiro relacionado aos apoios recebidos e o segundo em termos da rápida inclusão em trabalhos não qualificados, este último tendo o seu significado positivo alterado com o passar do tempo, como será destacado. A categoria é assim composta por

duas subcategorias: (1) Recebendo apoio de familiares e amigos: (2) Inserindo-se rapidamente em trabalho não qualificado.

Recebendo apoio de familiares e amigos já residentes em Portugal envolve os aspectos materiais e sócio-afectivos vistos como facilitadores no processo de inserção. Como já referido, as mulheres entrevistadas valeram-se das redes de parentesco ou do relacionamento amoroso com homem português para vir para Portugal. Para a maioria, aqui já moravam irmãos/ãs, primos/as, tios/as e/ou marido. O acolhimento recebido dos familiares facilitou em termos de proporcionar moradia logo à chegada, do esclarecimento quanto ao funcionamento dos serviços públicos, acesso a redes de relações sociais, tanto com brasileiros/as quanto com portugueses/as e, principalmente, no atendimento das necessidades de apoio afectivo quando as mulheres se Vêem face às incertezas e dificuldades. Algumas delas, mesmo depois de vários anos a viver em Portugal, mantém apenas no círculo familiar e de amigos e amigas brasileiras as suas relações afectivas significativas, tendo um contacto superficial ou instrumental com portugueses e portuguesas.

“E isso, sabe, até me emociona. E eu posso contar com a minha família. A minha família tanto no Brasil, como a minha irmã aqui, me ajudam muito, muito, muito mesmo. Eu devo agradecer a Deus todo dia por isso”. (Raquel, solteira, desempregada)

“Tenho uma tia cá, não mora aqui em Gaia, mora em Ovar e ela me deu apoio pra mim poder vim, e eu vim. Apoiou, de início foi ela que me apoiou”. (Eliana, casada, desempregada)

“Bom, em termos de moradia, graças a Deus, sempre moramos bem. Quando chegamos fomos morar todos juntos com as irmãs do meu marido e depois de um mês veio ... isso foi na Costa da Caparica, depois de um mês, viemos pro Porto”. (Fernanda, casada, func. fábrica)

A presença de amigos em Portugal, embora não tenha tido a mesma centralidade que a presença de familiares no acolhimento à chegada, também é fonte de suporte material e emocional, especialmente nos casos em que o marido veio antes e já havia estabelecido uma rede de amizades, na maioria das vezes uma rede de amigos e amigas brasileiras e em alguns casos com amigos e amigas portuguesas.

“...depois que eu cheguei, teve um cara que me ajudou, um brasileiro inclusive, um músico, que me ajudou a superar aquilo [namoro que não deu certo com português], que eu fiquei sozinha,

vim com cachorro, com mala e cuia, e eu não fiquei sozinha”. (Radja, casada, cantora)

“E combinei com a Paula [portuguesa] e ela me emprestou um apartamento no Estoril (...) Ela disse, ‘Olha, eu tenho um apartamento fechado, só que meu pai morreu lá’, eu disse ah, tá bom, eu só tenho medo de vivo” e... fui pra lá e fiquei um tempo lá com a Paula, no apartamento, ela não morava lá, ela morava em Lisboa, e esse apartamento era emprestado e eu morava lá”. (Simony, casada, animadora s.cultural-formadora)

A inserção no mercado de trabalho (via trabalho precário) foi sentida de forma mais ou menos positiva de acordo com o status social, cultural e económico de cada mulher, o que denota uma diferença importante a analisar em termos da classe social a que cada uma pertence. Para a maioria delas a inserção no mercado de trabalho não se constitui grande dificuldade na chegada a Portugal, circunstância que gerou a subcategoria inserindo-se rapidamente no trabalho não qualificado. A baixa qualidade dessa inserção é que fica evidente posteriormente, pela dificuldade encontrada para ascender a outros postos de trabalho.

A situação vivida na chegada é repleta de ansiedade, pelas incertezas quanto ao que irão enfrentar, com a preocupação com as despesas necessárias à sua fixação no país receptor e diante da necessidade que algumas têm de pagar dívidas deixadas no Brasil. Por vezes a imigrante precisa fazer o pagamento da passagem aérea do Brasil para Portugal, muitas vezes comprada com dinheiro emprestado de amigos e parentes, além da preocupação com a questão imediata da sua sobrevivência material e dos filhos que vieram junto com ela, ou ainda, a necessidade de enviar dinheiro para os pais e/ou filhos que ficaram no Brasil. Assim, as imigrantes chegam com a intenção de começar a trabalhar em qualquer área, sem terem a possibilidade de escolher as condições, devido às necessidades que se impõem.

“Na primeira semana eu já conversei com uns donos de um café, já arranjei serviço pra mim. Só que era aquela coisa, né...lá, [no Brasil] eu trabalhava 6 horas, sentada, chegava em casa pegava meu filho na creche. Agora quando eu cheguei aqui não, foi diferente, trabalhava de domingo a domingo, e trabalhava num salão de cabeleireiro no sábado, saía mais cedo do café pra ir pro salão de cabeleireiro. Ia pro salão de cabeleireiro, trabalhava bastante, voltava pra casa. Então era uma dificuldade”. (Elisa, União de facto, emp. fábrica)

“Aí eu cheguei sábado, quando foi... quinta-feira à noite veio uma amiga de lá da Bahia, que vive em Matosinhos, veio buscar uma encomenda que eu trouxe, e quando chegou ela me perguntou

“em que você quer trabalhar?”. “Olha, no momento eu quero em qualquer coisa que aparecer, mas eu preferia um emprego que fosse interna”. (...) Ela já pegou o telemóvel e disse que ia ligar pra pessoa que tem a vaga. (...) aí depois de meia hora, meia hora depois a mulher já ligou falando comigo. “Olha, eu tenho umas férias pra ir tirar em Viana do Castelo com uma família (...)”. (Natali, separada, emp. doméstica)

Mesmo as que chegam em situação mais cómoda em termos financeiros, por terem trazido alguma poupança pessoal ou por poderem contar com o salário do marido já empregado, com o passar do tempo percebem que o mercado de trabalho só se abre em áreas que não exigem qualificação e frequentemente em empregos que não oferecem contrato de trabalho e, por conseguinte, impedem o acesso aos direitos do trabalho e à regularização de sua residência em território português.

“Consegui um trabalho num café, que eles não precisavam dar contrato e eu lá tinha, tinha só que limpar. Depois servindo, e... e... fazer outras coisas. E não deu certo porque eu não consegui ficar ali, fiquei lá um mês e meio, ilegal, o cara não dava contrato, o cara me humilhava, o cara me atrasava o pagamento, o cara, eu... eu... era, limpar banheiro... aquilo tava me deixando alucinada, e eu peguei, abandonei aquela merda, mandei o cara pra puta que pariu. “Vai pra puta que pariu!” E foi pra puta que pariu, pra mim. E fiquei numa situação ilegal”. (Radja, casada, cantora)

“O primeiro lugar que eu fui trabalhar foi num restaurante, foi de copeira, um trabalho difícil, tinha que lavar prato, pra quem nunca tinha feito... era prato, prato, prato, toda a vida, que eu nunca tinha visto tanto prato em toda a minha vida, foi complicado (...) aí era assim, arrumava um trabalhinho, ficava uns meses e saía. E assim, não era um trabalho fixo, desde que eu to aqui não arrumei um trabalho que me desse contrato, que desse a possibilidade de me legalizar”. (Isabela, separada, empreg. interna)

“E ilegal é mesmo muito difícil conseguir qualquer... conseguir um trabalho. Então eu tive que me sujeitar a fazer limpeza, que para isso não era necessário ter visto. E comecei a fazer limpeza, que era uma forma de sobrevivência pra mim e para os meu filhos”. (Carolina, divorc., professora)

Torna-se, assim, comum as imigrantes encontrarem trabalho com relativa facilidade, exercendo as funções de empregadas domésticas externas ou internas, para limpeza e cuidado de pessoas dependentes ou outros empregos de baixa qualificação no sector da restauração, como

ajudantes de cozinha, limpeza ou empregadas de balcão. Esta rápida inserção laboral é vista como facilitadora nos primeiros tempos do processo de imigração, como já foi comentado, por permitir o atendimento das necessidades financeiras mais urgentes, especialmente para as mulheres que já trabalhavam no Brasil em profissões não qualificadas com baixos salários, para as que estavam desempregadas e para as que nunca tinham trabalhado. Para as mulheres pertencentes a esse grupo, apesar de verem dificultado o acesso à sua legalização, a inserção nesse tipo de trabalho foi e ainda é significada, depois de meses ou anos, como promotora de empowerment. Isso se deve a que o salário recebido nesses sectores proporciona um acesso aos bens materiais, com o aumento de seu poder de compra de forma nunca antes experimentada no Brasil. Além disso, o valor do Euro em relação ao Real sobrevaloriza o dinheiro utilizado para pagar dívidas no Brasil ou para ajudar filhos, pais ou irmãos dependentes que lá ficaram.

“Aí, em Fevereiro veio a notícia que meu filho já tinha passado no vestibular e já ia pra faculdade, e eu, vai, vai, agora pode ir mesmo. E já falando com ele “se você continuar a fazer as duas coisas...bem meu filho. Mas se você ver que não consegue, vai pra faculdade e deixa que eu garanto”. Então isso pra mim... nossa, isso foi o que mais fez eu ficar aqui, vir e ficar, né, porque muitos vêm e não ficam, se deparam com a situação e não ficam. Mas eu já tava tão habituada manter os meus filhos com tão pouco dinheiro e vir pra cá e perceber que eu podia dar um pouquinho mais, então, me deu mais força pra ficar aqui”. (Natali, separada, emp. doméstica)

6.1.2.5. Deparando-se com as dificuldades

Quando as mulheres chegam a Portugal em geral vêm com expectativas que se baseiam em informações quase sempre imprecisas e vagas, passadas por algum conhecido ou parente que já reside em Portugal. Embora declarem que contavam com dificuldades para o “começar de novo” numa terra estranha, os tipos de dificuldades que encontram não foram esperadas ou imaginadas, e se tornam surpresas desagradáveis decorrentes do desconhecimento quanto às condições sociais e económicas do país receptor. A categoria **deparando-se com as dificuldades** constitui-se de quatro subcategorias que, sem pretender esgotar as inúmeras dificuldades encontradas pelas mulheres, procura ressaltar as que emergiram de forma mais marcante nas narrativas. As subcategorias são: (1) Estranhando a cultura local; (2) Tendo dificuldades com a língua falada e

escrita; (3) Sentindo o peso da ilegalidade e; (4) Percepcionando os motivos que a mantém na ilegalidade.

As diferenças culturais percebidas através das interações quotidianas envolvem vários aspectos da cultura local, como comportamentos, valores, regras de convivência social, costumes, alimentação. Assim, a subcategoria estranhando a cultura local fica bastante evidente nas narrativas, sendo que algumas das características culturais são vistas não apenas como diferentes, mas são consideradas pelas mulheres como verdadeiras barreiras a serem ultrapassadas. Algumas dessas dificuldades são superadas com o passar do tempo, como nos seguintes casos.

“O meu problema de adaptação por exemplo em Portugal. Claro que a gente sempre sente, é...a comida, coisa que eu gosto, coisa que eu não gosto”. (Fabiana, casada, advogada)

“ (...) eu ainda to me adaptando. Porque lá em São Paulo é tudo muito agitado, né, ônibus lotado, pelo menos onde eu morava, gente na rua, todo mundo brincando, todo mundo jogando bola no meio da rua, e aqui não, todo mundo na sua casa... É mais o andar na rua e ver o pessoal dentro de casa em pleno domingo...”. (Elisa, União de facto, emp. fábrica)

“As questões culturais... não foi mesmo fácil (...) fui tentando me adaptar, não é fácil, porque a gente tem uma maneira de viver, até mesmo na questão cultural, nossa, somos um povo mais alegre e aqui eu acho que são um povo mais fechado, mais desconfiado”. (Eliana, casada, desempregada)

Algumas diferenças percebidas continuam sendo sentidas como barreiras a ultrapassar, mesmo com o passar dos anos, exigindo a constante utilização de estratégias para lidar com elas, como é o caso das relações humanas nos diferentes espaços sociais. Para todas as brasileiras ouvidas as relações humanas consideradas frias, distantes, formais e superficiais são motivo de constante estranhamento e crítica ao “modo de ser português” e são um forte componente da imagem negativa construída acerca dos portugueses e portuguesas. As mulheres ouvidas têm dificuldade para aceitar e para lidar como o limite imposto pelos portugueses às amizades, que segundo elas, é um espaço delimitado de forma muito rígida. As amizades são vistas como superficiais desde o início, num padrão que se mantém ao longo do tempo. Algumas admitem vencer um certo ressentimento presente, mas vivenciam as amizades com portugueses e

portuguesas como circunstanciais, com a maioria dos contactos ficando restritos às relações de trabalho ou de estudo.

“Tem outra coisa que é muito difícil aqui, os relacionamentos. As pessoas, não... São amigas, mas são amigas até um certo ponto, é o jeito deles. Eles têm uma individualidade muito marcante assim... não é só individualidade, é... um espaço...um espaço...eu quero ver de um ponto positivo, é o espaço deles, que ninguém entra, mas é um espaço muito mais largo do que é pra gente. A gente consegue conversar com uma pessoa e se envolver, né, aqui, eu vejo (...) Quer dizer, eu fui percebendo essas diferenças culturais, principalmente afetividade e isso me magoava, e eu falava, ah, português é tudo frio”. (Radja, casada, cantora)

“ (...) ninguém gosta de falar da sua vida assim. Pelo menos minhas colegas quando eu pergunto "então, como foi seu domingo? Fala, "o de sempre", sendo que lá não, quando eu perguntava "e aí como foi o final de semana?" Daí contavam da vida toda, assim, é, assim, amigos... Eu tenho amigos aqui, mas não é como se fossem amigos brasileiros que a gente conta da nossa vida, que a gente se abre, assim, então, em termos de amigos é uma dificuldade. Pra se relacionar, pra gente desabafar, eu acho que tem uma certa dificuldade ainda, não sei se é porque eu sou brasileira e eles são portugueses, mas eu não sei, há uma dificuldade enorme de se relacionar”. (Elisa, União de facto, emp. fábrica)

Para as entrevistadas que fizeram ou fazem cursos em universidades, as relações entre professore/as e alunos/as também são vistas como distantes, frias e de pouca troca, tanto em termos de afetividade como em termos da troca de conhecimento, sendo as e os alunos portugueses vistos como apáticos diante dos professores e professoras.

“Na universidade, eu tive mais ódio ainda. Porque, o ensino aqui é: você não pode falar muito. E eu falo pra diabo, eu questiono, eu levanto a mão, eu quero... eu to acostumada como era lá. E lá as pessoas participam, falam, têm discussões e, isso que eu acho que é o que ensina, e aqui eu acho as pessoas pouco críticas. As pessoas ficam assim, o professor vai colocando, pronto. Elas são... não questionam”. (Radja, casada, cantora)

“Eu acho que dificulta muito [o modo de ser dos portugueses], porque eles são muito fechados e muito formais. E assim, na minha maneira de ver, até porque além de ser brasileira eu sou muito sensível a essas coisas das relações humanas e porque eu tenho essa prática lá na universidade com os meus alunos, de até perceber, pelo olhar, se aquele aluno ta bem, se não ta. De chegar perto, de ver se ta precisando de alguma coisa e tal. Eles aqui ignoram você”. (Olga, casada, estudante douto.)

Tendo dificuldades em relação à língua portuguesa falada e escrita em Portugal se refere a uma situação relatada por todas as entrevistadas. Tanto para compreender o português falado, com as pronúncias nunca antes ouvidas, como para se expressar com o português escrito, que possui regras gramaticais e ortografia diversa da variação²⁰ do Brasil, as mulheres encontraram algumas dificuldades logo à chegada. A compreensão da pronúncia e o conhecimento do novo vocabulário são conseguidos com relativa facilidade depois de alguns meses.

“A língua era difícil. Eu acho que é um bocado mito isso que a gente diz que falamos a mesma linguagem, né, era complicado, eu costumava brincar com as pessoas, olha, eu não sou surda, mas por favor repitam porque... os termos eram diferentes. Ah... tem a pronúncia, né? As pessoas primeiro falavam comigo, e eu pedia que tinha que falar um pouco devagar. Tinha muitas palavras que eu não percebia também muito bem o significado, eu perguntava o que que é isso e a pessoa me explicava e pronto.” (Rosa, união de facto, estudante universitária)

“ (...) é um português, mas é um português diferente, até hoje eu... tem gente que fala muito rápido e eu não entendo. E eles também não entendem, às vezes, só no serviço que já tão acostumados, mas a maioria...às vezes o meu patrão fala rápido e eu não entendo o que ele falou, tem que repetir, porque... não entendi nada”. (Jesus, solteira, emp. lavandaria)

“Foi complicado, porque eu não entendia nada do que eles falavam, não percebia muita coisa”. (Isabela, separada, empreg. interna)

“Foi mesmo um grande impacto de cultura, até mesmo do próprio português falado, foi um grande impacto, não foi fácil a língua”. (Eliana, casada, desempregada)

“O contacto com os portugueses foi mais complicado porque eu não entendia o que eles diziam, entendia mas tinha que ficar ainda...eu tava fora...”. (Rita, solteira, empr. confeitaria)

“É... outra coisa, quando a gente chega, o impacto da língua, a gente chega acha que tudo é normal, na hora que a gente ouve, que a gente começa a não entender o que eles estão dizendo... só depois. De certas pessoas, é difícil entender (...) uma coisa toda enrolada. A língua quando eu cheguei, eu achava complicado, às vezes eu nem entendia, por telefone

²⁰ Variação linguística ou variação da língua portuguesa são termos empregados nos estudos linguísticos para referir-se às diferenças existentes tanto entre o português do Brasil, Portugal e outros países de língua oficial portuguesa quanto para referir-se às diferenças existentes dentro de cada um dos países. Estas variações são identificadas no aspecto sonoro (sotaque), no vocabulário, em estruturas de frases e nos sentidos particulares atribuídos a algumas palavras e expressões (Pagotto, 2005).

principalmente, eu não entendia o que eles diziam, falavam muito enrolado. No início mesmo, quando nós chegamos, eu me lembro de ir lá na praia assim e ouvir os portugueses falando assim entre eles, assim, parecia outra língua, mas aí depois, fui me adaptando”. (Fernanda, casada, func. fábrica)

“Pensei que seria mais fácil, pelo facto de ser a mesma língua achei que não haveria dificuldades na comunicação falada e escrita (...) E depois fui trabalhar num café, nessas minhas tentativas de trabalhar, eu tinha uns três meses aqui, e não entendia nada do que eles falavam. Além da dificuldade de entender, porque a dicção é diferente, não abrem a boca pra falar, não falam a palavra até o final, falam muito rápido, ainda tinham umas palavras que eram diferentes, palavras que eu não conhecia, os termos... me pediam, sei lá, já não me lembro mais e eu nem olhava aquilo. Me pediam um pão pelo nome do pão, eu não sabia, não sabia nada, quer dizer, era horrível. Aí ficava lá com uma cara de parva, de pateta”. (Carolina, divorc., professora)

Já em termos de expressão escrita, verifica-se a necessidade de um tempo maior, às vezes de alguns anos, para a adequação às regras portuguesas, o que por vezes causa prejuízos no desempenho académico, como foi citado pelas duas entrevistadas que cursaram licenciaturas em Portugal.

“ (...), eu ficava aflita e eu não entendia bem o português daqui, quando eu cheguei eu demorava muito pra entender o que eles falavam, e também não tinha os referenciais regionais, quando eles se referiam a exemplos de Portugal, porque o curso de história em Portugal a base vai ser falar sempre das referências portuguesas. Agora eu já sei, mas eu senti muito isso (...) Eu demorei quase dois anos pra aprender a fazer os exames, saber o que que eles querem que eu diga, como querem que eu escreva”. (Radja, casada, cantora)

“Cheguei em Portugal, tive imensas dificuldades com a língua, mesmo. Eu não percebia muito bem o português, o que eu não esperava. E fui pra universidade, em que os meus professores muitos eram franceses, alemães... e eu já não percebia o português corrente falado por portugueses, quem dirá o português falado por um alemão. E isso é muito diferente no Brasil. Eu tive no Brasil 2 anos [antes emigrara para o Japão], e comecei aqui, cá aqui de pára-quadras, mesmo, quer dizer, era muito puxado, pra mim era muito puxado (...) o escrever pra mim sempre foi uma barreira muito grande. Eu escrevo à brasileira, eu falo à brasileira e na universidade (...) se por um lado eu estudava muito, fazia um exame escrito e ficava frustrada no final, porque a minha nota não correspondeu, e se calhar porque eu não me exprimia, se calhar eu não me expressava como eles”. (Fabiana, casada, advogada)

Antes de emigrar as mulheres tinham uma expectativa de proximidade no contacto com o povo português, ou até mesmo uma expectativa de pertença, como é dito por uma delas, pelo facto de se falar português no Brasil. O sentimento de pertença e proximidade acaba por não se concretizar e alguns mal entendidos ocorrem na comunicação, ocasionando situações às vezes difíceis de serem contornadas. A comunicação verbal torna-se um problema para as mulheres, em alguns momentos de forma facilmente contornável e em vários momentos resultando em situações de intolerância pela variação da língua falada pelas brasileiras.

“No Brasil, é um mal que as pessoas deveriam ser esclarecidas, que é a língua. E quando você fala português, falamos igual...é parecido, é muito parecido. E quando você entra... eu... logo... no início assim uns seis meses eu pensava isso, ah, a gente fala português, é parecido, tem praia, verão faz calor... E isso te leva a uma semelhança que não é concreta (...) Então o brasileiro vem pra cá se sentindo pertencente ao português, à língua, mas que no concreto não é isso, não funciona assim”.
(Simony, casada, animadora s.cultural-formadora)

Sentindo o peso da ilegalidade se refere às experiências vividas pelo facto de encontrarem-se sem autorização legal para residir e trabalhar em Portugal, o que coloca as imigrantes em situações concretas de exclusão, por estarem impedidas de ter acesso ao mercado de trabalho formal e aos direitos decorrentes deste, entrando num círculo vicioso onde não pode ser contratada por não estar legalizada e não conseguir se legalizar por não ter contrato de trabalho. Além disso, vêem sua mobilidade limitada, pois se saírem do país serão provavelmente impedidas de retornar, e mesmo dentro de Portugal vêem-se constantemente em risco de ter expedida contra si uma ordem de abandono do país, o que provoca insegurança para circular livremente. O estar ilegal envolve sentimentos de medo, culpa, revolta e sentimento de exclusão, resultando numa condição emocional extremamente desgastante.

“Mas o que realmente me incomoda aqui é não estar legal no país (...) Eu não vou fazer nada de errado, eu não faço, nunca fiz nada de errado, graças a Deus. A única coisa errada é que eu to ilegal aqui. A única coisa errada que eu fiz. Mas eu nunca fui... sempre me ofereceram drogas, prostituição quando eu fui pra Brasília, mas eu nunca quis, meu Deus, eu to sozinha aqui, se acontecer alguma coisa comigo quem vai cuidar de mim?” (Jesus, solteira, emp. lavandaria)

“E quando chegou Dezembro, venceu os 3 meses aqui eu fiquei desesperada, porque eu falei, a

qualquer momento alguém vai me parar na rua e vai me mandar embora”. (Natali, separada, emp. doméstica)

Para as mulheres solteiras ou separadas as dificuldades são muito maiores, algumas demoraram alguns anos para conseguir a regularização e outras ainda permanecem em situação irregular no momento da entrevista, mesmo depois de muitos anos a residir e a trabalhar em Portugal. A forma de encarar o facto de estar ilegal varia, dependendo do momento pessoal atravessado por cada mulher. De qualquer forma, a situação é vista por todas como causadora de muitas angústias e incertezas.

“Eu esperava que a legislação mudasse porque eu não conseguia arranjar emprego porque eu era ilegal e a legislação dizia que eu tinha que voltar ao país de origem para pedir essa legalização. Como eu estava aqui há dois anos e meio e a legislação não mudava eu resolvi investir nisso, mesmo sem poder, mesmo sem ter condições financeiras eu resolvi investir nisso”. (Carolina, divorc., professora)

“ [Ilegal] eu fui ser faxineira, eu fui trabalhar na porcaria daquela fábrica, me ferrei toda, eu, nossa... trabalhei numa fábrica de candeeiros, fazendo candeeiros, que só trabalhava imigrantes ilegais e um monte de ucranianos”. (Radja, casada, cantora)

Todas as mulheres ouvidas vieram para Portugal com intenção de se fixar aqui, pelo menos temporariamente, resolvendo encarar o desafio de virem sem regularizar a sua situação. A regularização mais rápida do marido significou para todas as mulheres casadas o acesso facilitado à regularização.

“Não foi difícil conseguir a residência [Título de residência] porque logo o meu marido conseguiu contrato e deu entrada na dele. Demorou um pouquinho mais a minha porque tinha que pagar os vistos e nós não tínhamos condições, mas não teve dificuldade”. (Fernanda, casada, func. fábrica)

“Eu vim pra cá já com os documentos pra fazer, tudo bem que ele não é meu marido, mas a gente tá em união de facto, reconhecida em cartório, tudo bem. Eu fiz, como ele é estudante eu fiz por ele. Então já vim com todos os documentos, tudo o que precisava ter eu já vim, então quando eu cheguei aqui, logo na outra semana, eu fui no SEF e dei entrada, daí vim com aquele papel azul pra poder, pra não ficar ilegal”. (Elisa, União de facto, emp. fábrica)

Percepcionando os motivos que as mantém na ilegalidade inclui o que, na perspectiva das mulheres, contribui para a manutenção da sua situação irregular. Entre os motivos percepcionados estão as constantes mudanças nas leis de imigração, que variam e por vezes dificultam, de acordo com o período de chegada a Portugal. Algumas percepcionam que os empregadores assumem uma atitude de indiferença ou de acomodação face a uma situação que os favorece financeiramente, por se aproveitarem do facto da imigrante estar dependente do emprego e sujeitar-se a situações de exploração.

“Aí era assim, arrumava um trabalhinho, ficava uns meses e saía. E assim, não era um trabalho fixo, desde que eu to aqui não arrumei um trabalho que me desse contrato, que desse a possibilidade de me legalizar”. (Isabela, separada, empreg. interna)

“Então eu já achei barreira assim sobre a minha legalização entende. Eles prometem o contrato, mas não dão”. (Jesus, solteira, emp. lavandaria)

“ (...) dizem que se dão muito bem com brasileiras [patroas portuguesas], que gostam de trabalhar com brasileiras, porque as brasileiras são honestas, é isso que eu ouço. Mas também porque, com certeza, português com português... eles não levam desaforo um do outro. E com certeza nós viemos pra cá pra trabalhar, nós nos sujeitamos a muitas coisas. assim, eles mesmos não gostam de trabalhar pra eles, barato”. (Natali, separada, emp. doméstica)

Face às dificuldades para se legalizar, pela exigência de numerosa documentação, pagamentos de taxas e multas e exigência de contrato de trabalho como comprovativo de meios de subsistência, as imigrantes vêem-se obrigadas muitas vezes a deixar o seu processo de regularização em segundo plano, concentrando-se na necessidade mais premente de obter meios de sobrevivência para si e para os filhos.

Muitos sentimentos vão se sucedendo na vivência da ilegalidade, revolta, tristeza, conformidade.

“E assim, não era um trabalho fixo, desde que eu to aqui não arrumei um trabalho que me desse contrato, que desse a possibilidade de me legalizar, então... eu também, já não me importo muito se me legalizo ou não legalizo, eu não me importo muito (...) então não tenho paciência, não tenho paciência pra isso. Então eu vou ficando aqui”. (Isabela, separada, empreg. interna)

“Porque eu tenho mil ideias na minha cabeça, mil coisas assim pra fazer, mas isso me deixa...

realmente, me prende. Porque eu fico assim, meu Deus do céu, lá no Brasil, no meu país eu nunca fiz nada ilegal (...) você fica muito limitada sem estar legal no país. Não pode fazer isso, não pode fazer aquilo. Nem viajar. Eu digo, meu Deus, eu tenho tanta vontade de viajar, de conhecer os lugares, mas eu tenho até medo de sair e conhecer os lugares. Daqui pra França é baratinho, cento e pouco, pra Itália, pra... Eu queria tanto conhecer esses lugares mas isso me limita, limita demais (...) Porque eu não saio, eu tenho muito medo de sair à noite e ser pega e por estar ilegal ser mandada embora, essas coisas...". (Jesus, solteira, emp. lavandaria)

6.1.3. PROCESSO III – SIGNIFICANDO O CONTEXTO COMO HOSTIL

A vivência de discriminação e as várias situações de exclusão a que estão expostas as mulheres brasileiras em Portugal levou à construção da categoria **SIGNIFICANDO O CONTEXTO COMO HOSTIL**, que coloca em evidência o sentido primordial dado por estas mulheres ao contexto migratório em suas narrativas. Os sentidos produzidos aparecem como consequência do estabelecimento de contactos interpessoais marcados por estereótipos e preconceitos que dão origem a vivência de discriminação, opressão e assimetrias. As interações estabelecidas, logo de início, reflectem a existência de discursos sociais específicos que permeiam as relações entre os portugueses e portuguesas com as mulheres brasileiras.

As situações narradas como mais marcantes levam-nas a reconhecer o contexto social como um espaço de risco em termos de perdas subjectivas e materiais. As perdas são de várias ordens e de grande significado para as mulheres, como perda (afastamento) da família, dos amigos, da cultura e da terra de origem, do status social e da segurança física. Há ainda factores agravantes devido às condições sociais fragilizadoras, como a situação de ilegalidade, a exploração no trabalho e as situações discriminatórias e excludentes. O contexto apresenta-se assim, revestido de hostilidades onde as identidades são colocadas em causa, e no caso das brasileiras, mais directamente vêem a sua identidade de género ser desrespeitada e ameaçada.

O processo SIGNIFICANDO O CONTEXTO COMO HOSTIL é constituído por 6 categorias conceptuais: (1) **Surpreendendo-se com as hostilidades do contexto**; (2) **Tendo em risco a identidade de género**; (3) **Perdendo a identidade profissional** (4) **Sentindo desrespeitada sua identidade cultural**; (5) **Considerando agressivas as relações humanas frias e formais** e;

(6) **Sentindo-se oprimida pelas relações sociais fortemente hierarquizadas.**

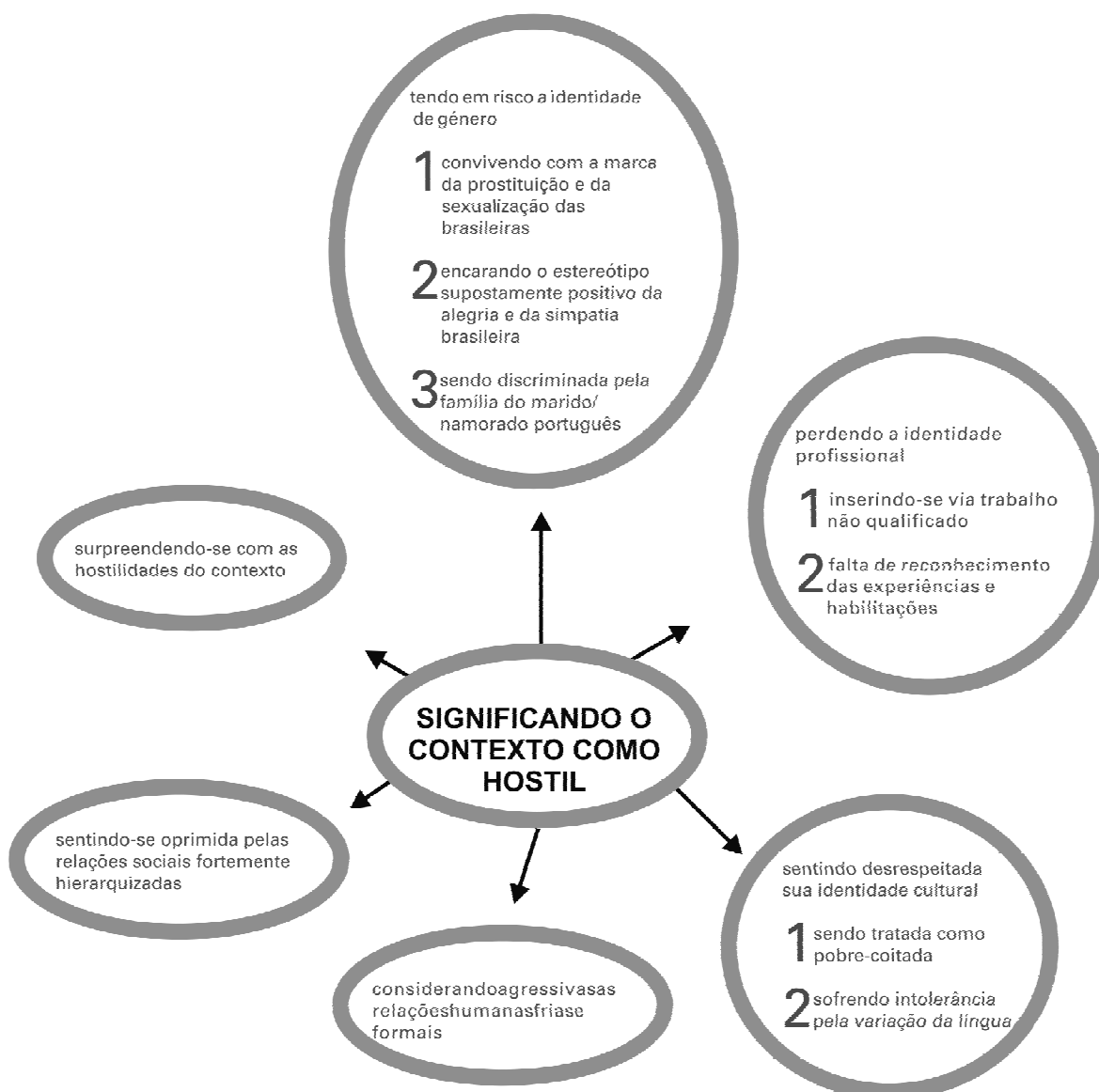


Diagrama 3 – Processo III – Significando o contexto como hostil

6.1.3.1. Surpreendendo-se com as hostilidades do contexto

A categoria **de com as hostilidades do contexto** se refere às situações que foram sentidas como discriminatórias, vividas logo à chegada e ao longo do tempo. Vários tipos de preconceitos encontrados surpreendem as imigrantes de forma negativa, já que não esperavam encontrar tais hostilidades nas interações quotidianas com portugueses e portuguesas. As seguintes narrativas exemplificam essas surpresas.

“Quando eu cheguei aqui no aeroporto, desconfiaram que eu vim pra ficar. Mas eu tinha que dizer que eu vim pra ficar só 3 meses, com os meus filhos, pra matar a saudade do pai... o agente lá começou a perguntar “então...brasileira...”. Eu não sabia que brasileiro aqui tinha uma fama tão má. Eu senti alguma coisa estranha, sobre o tom dele falar brasileira, o outro, “ah... brasileira...”. Eu senti um tom, mas eu não sabia. Meu marido não tinha falado por telefone que brasileiro aqui tinha uma fama tão má. E eu fiquei na inocência”. (Lúcia, casada, assist. comercial)

“Quando morava no Brasil jamais pensei neste tipo de questão. Porque quando raramente via uma reportagem sobre Portugal e se falava em diferenças culturais jamais vi este tipo de assunto abordado. Acredito que esse tipo de situação faz parte do processo de imigração... Estar em um outro país e se sentir pré-julgado pela sua nacionalidade como nós brasileiras, vistas como prostitutas. Já me deu e dá sensação de ódio, raiva, rancor, mágoa...”. (Carolina, divorc., professora)

6.1.3.2. Tendo em risco a identidade de gênero

A categoria **tendo em risco a identidade de gênero** inclui as experiências que envolvem as situações em que estão presentes os preconceitos e estereótipos que relacionam as mulheres brasileiras a uma imagem sexualizada e à prostituição. A maioria delas nunca tinha ouvido falar da imagem negativa das brasileiras em Portugal, e mesmo as que já tinham alguma noção da existência desses estereótipos nos países europeus, descrevem como um choque a experiência de “sentirem na pele” a discriminação. A categoria tendo em risco a identidade de gênero inclui 3 subcategorias: (1) Convivendo com a marca da prostituição e da sexualização das brasileiras; (2) Encarando o estereótipo supostamente positivo da alegria e simpatia brasileira e; (3) Sendo discriminada pela família do marido/namorado português.

Convivendo com a marca da prostituição e da sexualização das brasileiras indica a vivência comum no cotidiano das brasileiras as interações marcadas pelo estereótipo da mulher fácil e, por vezes, da prostituição, reflectindo a imagem arraigada no imaginário dos portugueses e portuguesas da mulher brasileira fogaosa, fácil, rouba-maridos.

“Estar em um outro país e se sentir pré-julgada pela sua nacionalidade como nós brasileiras/prostitutas, já me deu e dá sensação de ódio, raiva, rancor. eu andava pelas ruas, pelos lugares, eu olhava pra cara das pessoas e me dava muita raiva, me dava muita raiva de ver as pessoas me medindo de cima em baixo, as pessoas franzindo o nariz, a testa, fazendo caras e bocas (...) Isso foi muito difícil também, isso me fez chorar muito porque você estar ilegal, não ter dinheiro e ainda ser considerada prostituta, lutar contra esse sentimento... Para mim, foi uma das coisas mais, falando em... foi mais difícil “. (Carolina, divorc., professora)

“Uma coisa que eu fiquei muito assim, fiquei assim... Porque eles têm uma coisa com brasileira. Eu fui fazer uma pergunta pra um senhor, o senhor já colocou a mão aqui no meu ombro, ‘é brasileira!’, já colocou a mão aqui no meu ombro, entendeu, eu fiquei assim...’Com licença senhor’, aí tirei a mão dele do meu ombro. Aí depois que eu fui saber, porque brasileira aqui é considerada prostituta. Qualquer brasileira aqui já pensam na prostituição. Aí eu fiquei horrorizada...” (Jesus, solteira, emp. lavanderia)

“ (...) é, teve uma coisa horrível que o meu cunhado [português] disse, que o que o Brasil exportava de melhor eram as putas. Era brincadeira mas... já se sabe que no fundo era isso mesmo”. (Fernanda, casada, func. fábrica)

Todas as entrevistadas relataram inúmeras experiências em que a depreciação das brasileiras estava explícita. Desde ouvir comentários depreciativos por parte de homens e mulheres portuguesas, serem assediadas sexualmente, desrespeitadas e/ou agredidas verbalmente e até fisicamente na rua ou em outros espaços sociais, as experiências são sempre geradoras de tristeza, angústia, raiva, revolta e medo.

“E aí, eu tava andando na rua com a Lua [cadela], no primeiro dia, eu acho que tinha sido a época das mulheres de Bragança²¹. E quando eu começo... eu tava falando com a Lua "ah, querida, não sei quê, não sei quê....", uma pedra na minha cabeça. E o Jorge tinha vindo, tava atrás. O Jorge queria, tacar a mulher...e a mulher da casa gritando, dizendo que eu era prostituta, pra ir embora, "sua brasileira!" Jogou uma pedra...”. (Radja, casada, cantora)

“Uma vez eu trabalhei fazendo uma pesquisa de mercado. Eu fui lá pra Serra da Estrela e só tinha eu de brasileira no meio e nós tínhamos... pegávamos aqueles questionários e saíamos na rua e tínhamos que bater nas portas e entrevistar as pessoas. E algumas pessoas me tratavam

²¹ O movimento das “Mães de Bragança” ocorreu em 2003 e protestava contra as mulheres brasileiras que se prostituíam ou eram acompanhantes dos homens nos bares e discotecas daquela cidade. As brasileiras eram acusadas de seduzirem os homens e destruírem os casamentos. Esse movimento ganhou repercussão internacional ao ser capa da Revista Time, edição europeia de Outubro de 2003.

feito, diziam que não e batiam a porta, mas teve uma senhora mesmo que eu nunca mais me esqueci, que a senhora abriu e gritou 'Não! ', pegou e me falou várias coisas que eu não entendi nada do que ela gritava e bateu a porta e eu fiquei assim... eu entendi ela falar uma palavra só: brasileira. E eu fiquei assim na porta, perdida, perdida na rua. Falei meu Deus. Aí veio toda aquela sensação da discriminação por ser brasileira e eu fiquei assim, arrasadíssima, aí veio uma colega minha e falou: 'O que foi? ', e eu contei assim pra ela, olha, aconteceu isso, e ela 'Ah não, não se chateia não (...) eu vou lá e faço a entrevista por você'. E pronto, foi o que aconteceu, ela chegou lá, bateu e a mulher abriu a porta muito nervosa e começou a falar. 'Não, eu sou portuguesa, a brasileira já foi embora '. Aí ela: 'Ah, então sim, pois ', e aí chamou a moça, a minha colega entrou e ela deu a entrevista pra ela. Pronto, e se eu fosse parar aqui pra lembrar... foram assim mesmo muitas situações que aconteceram e eu fui mesmo discriminada por ser brasileira". (Carolina, divorc., professora)

"Um dia eu tava trabalhando na rua e lembro de uma senhora, de uma senhora que me chamou 'brasileira prostituta', me xingou no meio da rua e eu sem fazer nada, simplesmente estava trabalhando, entregando publicidade e ela simplesmente me insultou e eu simplesmente ignorei, não disse 'A' pra ela". (Isabela, separada, empreg. interna)

Os locais de trabalho são espaços onde a vivência de situações em que a marca da imagem sexualizada aparece com frequência.

"E no campo profissional, eu já fico meio assim, porque eu fui bem tratada pelos meus patrões, mas ao mesmo tempo que eu fui bem tratada, tipo no café, ele falava assim: 'Olha, vem aqui e tal, aqui tem uma brasileira...'. Aí eu já ficava assim, não que ele tava de segundas intenções, mas eu já ficava naquelas... porque que ele tá falando isso, entendeu? Me oferecendo, entendeu? 'Olha, aqui tem uma brasileira vem cá, olha...Elisa, chegou aqui ó, ele já foi no Brasil'. Aí, aquela certa pessoa, com certeza, sempre homem, já ficava: 'Então, quantos anos você tem?'. Já ficava levando pro outro lado, entendeu, coisa já que eu não queria...". (Elisa, União de facto, emp. fábrica)

Encarando os estereótipos supostamente positivos da alegria e da simpatia do povo brasileiro procura expressar o modo como as mulheres percebem e dão significado às interações marcadas por esses estereótipos, indicadores de que no imaginário português os brasileiros e brasileiras são naturalmente alegres, comunicativos e simpáticos. Para as participantes desta investigação, essa expectativa que os portugueses manifestam são sentidas como uma tentativa de enquadrar as identidades em padrões que eles estabeleceram como desejáveis e dos quais muitas

vezes se utilizam para tirar proveito. Algumas conseguem expressar essa compreensão dos fenómenos vividos como um processo de exploração e subjugação, outras apenas narram episódios em que se sentiram constrangidas ou envergonhadas.

“Porque quando eu cheguei aqui, eu cheguei... na primeira semana eu fiquei fechada e meu patrão falou assim ‘olha, você tem que sorrir mais pras pessoas, não sei o quê...’.Então as pessoas, como me tratavam bem, pronto. Aí eu comecei a sorrir, me soltei no trabalho, já fiz amizade com várias pessoas, aí foi onde começou, o meu sorriso tava, eles queriam mais que um sorriso, já ficava...”. (Elisa, União de facto, emp. fábrica)

“Eu acho que os portugueses gostam de ir nos restaurantes ver aqueles shows, aqueles exageros, pra ver os palhaços [brasileiros/as]”. (Radja, casada, cantora)

O estereótipo de uma “brasilidade” essencialmente alegre e simpática, embora aparentemente facilite o contacto entre os e as portuguesas e as brasileiras, no caso das mulheres apresenta mais uma agravante, reflectindo uma assimetria de género. Em algumas situações as mulheres sentiram sua comunicabilidade e extroversão interpretadas negativamente, ligando-as a imagem da mulher fácil.

“ Muitas vezes, quando cheguei em Portugal, me lembro que pensei até em deixar de sorrir, sou sorridente, como eu disse, porque meu sorriso era mal interpretado...”. (Carolina, divorc., professora)

“Porque é assim, eu sou muito reservada. Às vezes as pessoas acham que não, pelo meu jeito de falar, de sorrir, de comunicar. Acham, ah, ela vai com... não, eu sou muito reservada”. (Natali, separada, emp. doméstica)

“Aqui é só você dar uma gargalhada alta ou beijinho no seu esposo que já interpretam como uma mulher sem pudor, como uma ardida, é assim que eles falam”. (Eliana, casada, desempregada)

Sendo discriminada pela família do marido/namorado português relaciona-se ao facto de que, com apenas uma excepção entre as participantes, todas as mulheres que iniciaram relacionamentos amorosos com portugueses após a chegada a Portugal, relatam ter sido vítimas de

preconceito por parte de alguns membros das famílias dos companheiros, especialmente por parte dos pais. Na maioria dos casos a não aceitação foi manifestada de forma clara e directa, com referências ao facto de serem brasileiras.

“Mas eu, quando eu cheguei aqui, a primeira coisa foi a mãe do António, logo que eu cheguei, ela, eu não entendia nada que ninguém falava, mas uma coisa eu entendia ‘essa brasileira prostituta’. Isso eu lembro dela falar pra ele ‘Ela é uma prostituta, ela é uma prostituta!’ . Essas coisas... isso me ofendeu profundamente”. (Radja, casada, cantora)

“Outra situação sempre que, que ainda existe na minha vida é em relação à família do meu esposo, que não aceita o casamento. Acham “ah, ela veio pra cá, ela vai casar, ela casou porque quer documento, porque isso, porque aquilo”, e no entanto não é nada disso. O preconceito continua o mesmo. Eles me perseguiram muito, chantageavam meu esposo. ‘Ah, deixa dela tu tens tudo, as tuas dívidas pagas, e tudo’. Já ofereceram dinheiro... mas pronto, a gente continua junto, a gente não se separou, mas o preconceito existe, a família olha sempre diferente pra mim”. (Eliana, casada, desempregada)

No único caso em que a entrevistada relata não ter sentido o preconceito por ser brasileira e ter sido bem acolhida pela família do marido, fica claro o cuidado que empreendeu para evitar conflitos, ao perceber o grande poder que a sogra exercia no seio da família.

“ (...) a família do meu marido acolheu-me sempre de braços abertos, e foi fundamental pro meu não isolacionismo aqui (...) E chegar em Portugal, aqui e ter confrontos, e ter chatices com sogra, quem diz sogra, diz cunhado...Mas aqui em Portugal é uma sociedade muito patriarcal, mesmo. (...) eu já sabia que minha sogra era o rochedo da família. Eu não vinha dar murro contra o rochedo. Graças a Deus nunca foi preciso. Mas, se eu tivesse um dia que confrontá-la, eu não faria, que eu sei que a nível de família eu sairia prejudicada, não é?”.

O facto de se casarem com portugueses não se constituiu em factor de integração à sociedade portuguesa, pois os conflitos devido à união com brasileira resultaram num afastamento do casal da convivência com a família do marido ou namorado. O relacionamento amoroso com portugueses, nestes casos, se constituiu em mais um factor gerador de conflitos e hostilidades.

6.1.3.3. Perdendo a identidade profissional

Perdendo a identidade profissional é uma categoria que inclui importantes repercussões na vida das imigrantes de maneira geral, considerando que o trabalho formal é de importância fundamental para a inserção social em qualquer contexto, e mais ainda no caso das imigrantes, por significar para a maioria delas a possibilidade de legalização, por serem exigidos comprovativos de meios de subsistência para permanência regularizada em território português. Essa categoria é composta pelas categorias: (1) Inserindo-se via trabalho não qualificado e; (2) Falta de reconhecimento de sua experiência e habilitações.

Inserindo-se via trabalho não qualificado representa o percurso inicialmente realizado no mercado de trabalho pelas mulheres, apresentando similaridades, independentemente da classe social a que pertençam na sociedade de origem, da profissão exercida e das habilitações literárias obtidas no Brasil. Embora o mais comum seja as mulheres aceitarem os trabalhos não qualificados logo de início para garantir a sua manutenção, o desemprego de média duração chega a ser um problema para algumas, muitas vezes ligado à persistência em procurar trabalho em áreas específicas de sua profissionalização e outras vezes pela situação de ilegalidade. De facto, as entrevistadas que exerciam profissões de nível médio e superior no Brasil acabam por se inserir em nichos de trabalho assalariado feminino, ou seja, os trabalhos não qualificados, muitas vezes sofrendo exploração.

“ (...) Trabalhei numa fábrica de candeeiros, fazendo candeeiros, que só trabalhava imigrantes ilegais e um monte de ucranianos e que fica na baixa, que eu nem sei se ainda fica. Eu nunca mais voltei lá, nunca denunciei também, porque tem muito imigrante ilegal e tenho medo de prejudicar as pessoas. E, eles trabalham na cave, não tem uma janela, não tem ventilação. Você fica ali 10 horas, 12 horas, eles servem pão com, com esse negócio frito dentro, com água, e você come. Eles sempre queriam, porque nunca faltava, nunca falta gente ali, deve ser até hoje. E todo mundo que tá ali tá em péssima situação”. (Radja, casada, cantora)

“ (...) e ela me arranjou um emprego numa sapataria de uma senhora daquelas lá de Algés muito finas, de sapatos italianos.(...) Então... a dona Fátima, ela começou a me ajudar, de dizer: ‘Simony, você não pode, você estudou pra ser uma doutora, pra ta nessa situação...porque você estudou... você não pode estar aqui, você não pode estar calçando o sapato das pessoas, eu te sinto muito humilhada’”. (Simony, casada, animadora s.cultural-formadora)

A falta de reconhecimento de sua experiência e habilitações relaciona-se ao processo que se concretiza no acesso negado ao exercício da profissão para a qual está habilitada, à falta de reconhecimento da experiência profissional desenvolvida, muitas vezes ao longo de vários anos, no país de origem. Some-se a estas perdas a banalização e naturalização com que a situação é imposta socialmente, como se a mulher devesse se conformar ao que lhe cabe como imigrante. A perda da identidade profissional acarreta profundas repercussões emocionais, exigindo grandes esforços pessoais.

“Eu comecei a fazer limpeza... por mais que as pessoas me conhecessem quando eu dizia que eu tava fazendo faxina a impressão que as pessoas tinham é que eu era uma pessoa, que eu não tinha capacidade e eu sabia que eu tinha, e eu tinha que lutar contra mim mesma pra eu não desanimar”. (Carolina, divorc., professora)

Para algumas mulheres esses esforços resultam numa não conformação e busca constante pelo reconhecimento legal de habilitações que lhe garantam a recuperação da identidade profissional. Para outras, os esforços concentram-se em diminuir a angústia causada pelo sentimento de perda que é gerado, resultando em acomodação temporária ou permanente ao fixar-se em trabalhos abaixo de suas qualificações.

“Mas naquela época era difícil e eu não arrumava emprego, não arrumava emprego e o pessoal dizia ‘não o seu currículo não serve, você precisa procurar uma outra coisa...’. Eu tinha, eu tenho um currículo legal, mas ao mesmo tempo não me aceitavam nos lugares porque eu era brasileira”. (Radja, casada, cantora)

“Nós ficamos sem negócio, não havia dinheiro, eu comecei a fazer bolos pra fora, fazer doces a criar as festas como se faz no Brasil (...). Eu não servia, mas eu estava ali pra receber, pra fazer as coisas, porque os meus estudos nunca deram pra ganhar dinheiro aqui. Foram as minhas mãos, não é, e o desespero de ter 3 filhos pequenos”. (Rosa, união de facto, estudante universitária)

Os sentimentos ocasionados pela perda da identidade profissional e a consequente perda de status social e desvalorização de seu saber foram narrados com muita emotividade por duas professoras. Essas narrativas resumem as inquietações de muitas outras mulheres que ocupavam cargos médios ou superiores antes de emigrarem e que viram o acesso à sua profissão negado face

às contingências do contexto migratório.

“Não foi fácil. Isso foi mesmo uma coisa muito difícil, muitas vezes eu me lembro que eu acordava já com o coração muito amargurado, saía de casa chorando, entrava nos locais chorando e pedindo mesmo assim a Deus que me desse força, porque eu sabia que aquilo era digno, que aquilo era honesto, mas eu não gostava de fazer aquilo, não gostava de fazer limpeza. Não gosto de limpar nem a minha casa, lá no Brasil pagava alguém para limpar e aqui me senti nessa obrigação”. (Carolina, divorc., professora)

“Eu acho que é a coisa mais difícil pra mim foi isso. Então a minha maior dificuldade de adaptação foi assim, sair da condição de professora universitária pra condição de aluna, como se fosse um recomeçar em que você não é ninguém. E eu vou procurando aonde ser inserida e acho, assim, muitos fechados os espaços pra eu me inserir (...) a minha experiência não conta para trabalhar aqui”. (Olga, casada, estudante douto)

Entre as participantes dessa investigação, nenhuma delas chegou a entrar no mercado da prostituição, embora em momentos de muita angústia e carência material este tipo de trabalho tenha sido cogitado em alguns casos, sendo comum o contacto directo ou indirecto com esse meio.

“ (...) ou ia fazer limpeza ou entrava na prostituição porque aqui em Portugal é muito fácil entrar pra prostituição também. Ao longo do tempo fui conhecendo umas pessoas também que até me falaram sobre isso, que ganhavam de forma fácil. E um dia eu cheguei mesmo a pensar sobre isso, eu falei: ‘Meu Deus, será que não valeria a pena? Por um tempo?’ De tão desesperada que eu estava. Mas pronto, cheguei mesmo à conclusão de que não valeria a pena e que não foi pra isso mesmo que eu vim pra cá. Mas assim, trabalhar em limpeza foi uma coisa que foi mesmo muito, muito difícil pra mim”. (Carolina, divorc., professora)

“ (...) eu não sabia que Pub era alterne, não sabia. Tinha lá ‘Pub, 70 euros a noite’. Eu disse ‘Porra, vou ficar rica, pra trabalhar num bar...’. Dizia assim: atendimento em um bar. E eu disse ‘Lurdes, isso aqui é alterne?’ E ela não sabia. ‘Eu acho que isso é alterne’, e ela disse ‘Liga lá’. E liguei, a senhora: ‘Sim’, e eu disse que era pra responder... ‘ah, você é brasileira, nós gostamos muito das brasileiras’, e eu... eu acho que eu sou tão esperta e tão desencanada e tão rápida no raciocínio...e eu... ‘venha aqui 5 e meia da tarde pra gente fazer uma entrevista, mas venha só’. E eu, ‘tá...E fui’ ”. (Simony, casada, animadora s.cultural-formadora)

Visto como positivo num primeiro momento, e apesar de em alguns casos proporcionar empowerment relativamente à situação vivida no Brasil, com o passar do tempo as mulheres começam a perceberem que estes empregos na maioria das vezes resultam em instabilidade, comum nesse tipo de inserção profissional, caracterizando-se como trabalho precário, especialmente pela falta de contrato, o que no caso das imigrantes, se acrescentam múltiplos prejuízos: não permite o acesso aos direitos trabalhistas, submete as mulheres a situações de exploração e impossibilita o acesso à legalização por via do estatuto de trabalhador assalariado, meio mais comum utilizado para a solicitação do título de residência.

De qualquer forma, o empowerment proporcionado pelo salário recebido, que possibilita o acesso aos bens de consumo e envio de quantias significativas de dinheiro para os familiares no Brasil, é um dos fortes apelos a que as imigrantes permaneçam em Portugal, mesmo que a situação de ilegalidade seja estendida por muitos anos.

6.1.3.4. Sentindo desrespeitada a sua identidade cultural

Essa categoria representa a experiência de ter vivido discriminação, velada ou declarada, pelo facto de ser de nacionalidade brasileira. São inúmeras as situações narradas, tendo sido construídas as subcategorias: (1) Sendo tratada como pobre coitada e; (2) Sofrendo intolerância pela variação da língua.

A subcategoria sendo tratada como pobre coitada se refere às experiências em que as imigrantes se sentiram sendo humilhadas deliberadamente com relação a dificuldades pelas quais passavam, especialmente nos primeiros meses após a chegada a Portugal, mas não só. Para as mulheres, há uma crença entre os portugueses de que todos os brasileiros são pobres e miseráveis e que por isso sujeitam-se, e devem legitimamente sujeitar-se, a explorações e a trabalhos precários. É opinião da maioria das entrevistadas de que há por parte de algumas pessoas portuguesas a intenção de demonstrar o quanto são caridosas com os “pobres coitados e necessitados” que deixaram o Brasil por viverem na miséria.

“Já cheguei a fazer trabalho part-time como manicure num salão, e inclusive uma patroa falou assim: ‘Ah, é uma brasileira... eu tomei conta dela, oh, é só pra ajudá-la, sabe, coitada, ela

assim, tem muitas dificuldades na vida...'. E eu nem falei nada, sabe. Então as dificuldades...Então têm mesmo muito preconceito, tem. (Eliana, casada, desempregada)

“ (...) na intenção dela ela [professora da faculdade] estava sendo solidária, mas revelou o preconceito que eles têm com a gente, embora eu tenha entendido o interesse dela em me ajudar, ela disse assim: ‘Olha Olga, a gente tem se falado muito pouco, muito rápido, mas o que você precisar, você pode contar comigo, não fique envergonhada. Inclusive se você tiver dificuldade pra pagar alguma conta, algum dia, você chega pra mim e diga que a gente dá um jeito’. Mas assim, é uma forma de discriminar, embora ela tenha tido a intenção de ajudar, mas é uma forma assim de que você é uma coitadinha, né?”. (Olga, casada, estudante douto.)

Verifica-se algumas situações em que visões etnocentristas e colonialistas são manifestadas tanto em locais de trabalho como em ambientes universitários. Especialmente nestes últimos, algumas entrevistadas viveram situações emblemáticas.

“ (...) a menina fez um comentário bem preconceituoso, disse assim, que os brasileiros sabem viver muito bem na miséria. E isso indignou as meninas na sala na hora da discussão e vieram me contar. E é essa imagem que eu acho, de precariedade, que as pessoas têm de nós (...) E assim eu acho que eles têm essa ideia da gente, de imigrante, de aluno imigrante, que são os desgraçados, os miseráveis, os coitados ”. (Olga, casada, estudante douto.)

“Na faculdade eu passei muitas...Na faculdade eu tinha um professor que gozava comigo todas as aulas... Ele me humilhava, de todas as formas possíveis, era aula de História, era professor de História, então fala sobre o Brasil directo, então, piadinha, de todo tipo. ‘Aquilo era tudo selvagem!!! Só índio!!!Só índio!!! Uma maravilha!!!. E chegou [português] lá e levou a civilização, a cultura...’. É horrível você ouvir isso numa faculdade, que as pessoas tem que ter outra visão de mundo (...) eu via os africanos, mas eles sofriam mais preconceitos, porque eles falavam assim, ‘ah, eu não gosto de dar aula onde tenha esses brasileiros e esses africanos assim, porque vocês estão sempre com raiva porque nós levamos a civilização, porque vocês...’ é ignorância mesmo. É terrível”. (Radja, casada, cantora)

O facto de terem dificuldade de compreensão da língua falada ou dificuldade na escrita nas normas portuguesas nos primeiros meses a residir em Portugal coloca as mulheres em situações aqui designadas pela categoria sofrendo a intolerância pela variação da língua. São relatadas situações em que as dificuldades para compreender e utilizar a linguagem corrente serviram como instrumento para humilhar e discriminar as brasileiras, reflectindo as relações de dominação e

subjugação estabelecidas nas interações.

“ (...) Quando eu tava trabalhando no restaurante e a pessoa que tava a explicar, tava a explicar mas eu não conseguia entender uma certa palavra, então juntaram-se ali alguns empregados e falaram assim: “olha, não só as loiras que são burras, as brasileiras também não entendem”. E ali houve um burburinho, umas conversas. Essa foi a primeira situação que achei assim de preconceito”. (Eliana, casada, desempregada)

“E aí, eu, mas eu participei muito naquela aula, estudei pra caramba, não sei se podia ter feito uma prova melhor, mas, fiz uma prova e tirei 1 (um). Fui falar com a professora e ela disse: "Você escreve como uma preta, ah, tinha que ser brasileira, a brasileira, era brasileira..." Eu sofri... a professora...dentro da academia...uma professora da área de humanidades, da área de História, imagina, tinha que ter uma consciência crítica disso. (...) Ela disse que se eu quisesse fazer a cadeira dela, que eu aprendesse a escrever português, a falar português e escrever português". (Radja, casada, cantora)

A intolerância linguística experimentada logo de início faz com que as mulheres percepcionem um distanciamento ainda maior da cultura portuguesa e vejam dificultado o desenvolvimento de algum sentimento de pertença que a língua poderia proporcionar.

“Eu acho que o maior problema daqui é o problema da língua, a gente falar a mesma língua. Eles têm um problema com a língua, eles se sentem donos. Eles não, aí eu já to botando todos, todos não, mas muitos portugueses, uma coisa da mentalidade que eles nem sabem que têm, eles se sentem sem ter consciência disso, donos da língua e como se fossem os certos”. (Radja, casada, cantora)

Com toda a sua carga negativa, pelo clima competitivo e desestabilizador que cria, as intolerâncias sofridas pela variação da língua dificultam o estabelecimento de relações mais próximas e livres de tensões.

6.1.3.5. Considerando agressivas as relações humanas formais e pouco calorosas

O estranhamento sentido com as relações interpessoais mais fechadas está representado na categoria **considerando agressivas as relações humanas formais e pouco calorosas**.

Alguns padrões de relacionamento interpessoal observados, que marcam muitas das interações, são sentidos como profundamente agressivos e, num primeiro momento, significados como especificamente direccionados às imigrantes.

Com o passar do tempo e com os esforços empreendidos na observação e busca de compreensão da diferença, as interações são (re) significadas, e o que era sentido como hostilidade passa a ser significado como “jeito português” frio e formal, que nunca está livre de críticas e se cristaliza na construção da imagem do povo português.

“Quer dizer, eu fui percebendo essas diferenças culturais, principalmente afectividade e isso me magoava, e eu falava, ah, português é tudo frio”. (Radja, casada, cantora)

“ (...) da última vez que eu saí lá da fábrica e fui receber. Aí uma coisa simples, eu cheguei e falei assim: “Ah, eu fui lá na Boavista, fui lá e vocês tinham mudado”. Aí ela olhou assim pra minha cara: ‘É, mandamos carta para todos os colaboradores’ [tom grosseiro] ... Mas isso não é porque eu sou brasileira, é porque eles são grossos. (...), aí quando eu peguei o cheque de dezoito euros, aí imagina né, dezoito e quarenta e sete, eu olhei assim: ‘Nossa, porque tão pouco?’ . ‘Você pediu demissão ou foi mandada embora?! É por isso! você só tem direito a isso!’ . Aí sabe? A forma grossa deles falarem, a forma grossa mesmo deles, isso é deles, não tem... eles são mesmo assim, grosseiros”. (Fernanda, casada, func. fábrica)

A construção de uma imagem negativa dos e das portuguesas em termos de relacionamento humano parece exigir um esforço constante de aceitação da diferença, sendo mais ou menos difícil de acordo com a qualidade das interações que conseguem estabelecer com o povo português.

6.1.3.6. Sentindo-se oprimidas pelas relações sociais fortemente hierarquizadas

O modo como as entrevistadas expressam opiniões e sentimentos suscitados pela forma como se desenvolvem as relações sociais na sociedade portuguesa em termos de classes sociais e profissionais levou à construção da categoria conceptual **sentindo-se oprimidas pelas relações sociais fortemente hierarquizadas**. Em vários espaços sociais, nomeadamente nas relações institucionais, a exigência pelo reconhecimento de graus e títulos académicos foi significada como dominação explícita de uns sobre outros, com a anuência por parte do colectivo dos e das

portuguesas. Nos locais de trabalho e estudo, essas relações foram sentidas como opressoras, reflectindo as relações de dominação presentes nos diferentes espaços sociais. Seguem-se algumas referências para ilustrar essa percepção por parte das brasileiras.

“Se você, no teu livro de cheque, tiver o DR, vão ter outra postura com você. Quando eu tava no balcão e fui atender uma pessoa e o senhor queria enquadrar, emoldurar uns quadros do Boal, eu por acaso conheço o Boal, que é um artista plástico... e nós estávamos escolhendo e eu disse, olha, geralmente o Boal, ele tem assim... Ele olhou pra mim e disse: “O que é que uma empregada de balcão entende de arte?”. (Simony, casada, animadora s.cultural-formadora)

“Essa coisa de uma pessoa poder ter mais... chegar mais perto dos professores, eu falo mais por causa dos professores. No Brasil é ‘olha, fulano’, ‘Olha, cicrano’, até pega mal se chegar e procurar emprego e falar logo na segunda pessoa pega melhor, porque você é mais dinâmico, é mais ambicioso. Aqui não, aqui é falta de respeito. Então pro professor você tem que chamar Professor, doutor, senhor tal e tal”. (Radja, casada, cantora)

Além da exigência da referência ao título acadêmico, a subordinação às hierarquias institucionais foram significadas como subjugação nos momentos em que foram percebidos como mecanismos que entravam os serviços e impedem a resolução de problemas que, de outra forma, seriam facilmente solucionados.

6.1.4. PROCESSO IV – DILEMAS E ESTRATÉGIAS IDENTITÁRIAS NUM CONTEXTO DE EXCLUSÃO SOCIAL

O processo **DILEMAS E ESTRATÉGIAS IDENTITÁRIAS NUM CONTEXTO DE EXCLUSÃO SOCIAL** inclui categorias conceptuais relacionadas às questões identitárias que emergem na experiência de imigração. As experiências das mulheres brasileiras no contexto imigratório ocorrem num espaço privilegiado para mudanças, pelo encontro de diferentes culturas, marcado pelo afastamento dos valores referenciais da sociedade de origem que definiam as suas subjectividades, pelo reconhecimento das diferenças culturais, pelas discriminações sofridas em decorrência dos preconceitos e estereótipos presentes na sociedade receptora, especialmente marcantes em termos da sua identidade de género, pela perda da identidade profissional, disempowerment, mudança de status social, entre muitos outros aspectos. Esse cenário faz com que as mulheres avaliem

mudanças identitárias, com o questionamento sobre quem são e quem querem chegar a ser. Entre as participantes identifica-se grande diversidade de identidades e embora se identifique um forte sentimento de pertença, que evoca uma identidade cultural brasileira, as histórias ouvidas põem em relevo as múltiplas identidades presentes.

Os processos de reconstrução identitária não aparecem livres de conflito. São processos que tentam responder ao sofrimento e constrangimento causado pela percepção da desvalorização ou vulgarização, por parte do outro, de características que valoriza, ou da inclusão de todas as brasileiras num modelo estereotipado, com características generalizadas e demarcadas que escondem a diversidade identitária e ignoram a complexidade do que é o humano, do que são as individualidades e o conceito que cada uma tem de si mesma.

Essas reconstruções são marcadas por um movimento dialéctico de troca entre o contexto da imigração, repleto de tensões, e por variáveis como a classe social a que pertencem, a cor da pele (indicadora de ascendência negra, mestiça ou europeia branca), o nível de escolaridade, a região da qual provém, a profissão exercida no Brasil e posteriormente em Portugal, a visão de mundo proporcionada pelo sentimento de religiosidade/espiritualidade e as questões de género. No caso das brasileiras em Portugal, somam-se às assimetrias de género presentes nas experiências das mulheres em geral, outras assimetrias que colocam em questão a sua identidade de género, a sua identidade enquanto “ser mulher brasileira”. Essas condições atravessam as (re) significações de si, onde podem ser percebidos processos de questionamento. Mudar, mas em que aspectos? Até que ponto e que concessões fazer? A que lugar devo pertencer e atendendo a quais expectativas?

Surgem estilos mais intuitivos e emocionais ou mais reflectidos e racionalizados de lidar com as questões identitárias emergentes em diferentes momentos do percurso migratório, sendo que os processos desenvolvidos não ocorrem apenas pela vontade de cada uma. Seja como for, os resultados desse processo podem ser muito diferenciados indo desde a reafirmação e legitimação da própria identidade, com a preocupação de preservar uma identidade ligada às origens, com adaptações consideradas necessárias a uma boa integração à nova cultura, passando por atitudes que reflectem uma negação ou tentativa de afastamento de um *eu* anterior, até a tentativa de aproximação a um *eu* futuro, idealizado como mais adequado para o novo contexto.

Pretende-se oferecer uma compreensão conceptual dos processos identitários emergentes nas narrativas com as seguintes categorias: (1) **Reavaliando-se a partir do olhar do outro**; (2) **Legitimando a própria diferença como inadequada ou inferior** e; (3) **Adaptando-se face às diferenças culturais** e; (4) **(Re) afirmando-se como diferente e válida**.



Diagrama 4 – Processo IV – Dilemas e estratégias identitárias num contexto de exclusão social

6.1.4.1. Reavaliando-se a partir do olhar do outro

Reavaliando-se a partir do olhar do outro se refere aos momentos em que as mulheres expressam uma atitude reflexiva sobre o próprio modo de ser e estar, em resposta às condições difíceis e hostis, tanto pelas diferenças culturais percebidas quanto pelos julgamentos que identificam no olhar do outro quanto a suas diferenças. Essa categoria conceptual representa um processo vivido por todas as mulheres. Os resultados são diferentes pois as diferentes reconfigurações elaboradas dependem de variáveis pessoais, biográficas e contextuais, como comentado anteriormente.

“Foi muito difícil, foi um momento que eu parei pra pensar em mudar, falei, tenho que parar de sorrir, tenho que parar de sorrir, eu tenho que parar de falar com as pessoas, eu tenho que fazer igual a eles, fechar a cara e ser desse jeito. Ai a conclusão que eu cheguei é que isso seria um sofrimento muito grande, seria como se eu estivesse me corrompendo e ai eu decidi que eu ia continuar falando e ser quem eu sou. E hoje em dia, pronto, isso já é tranquilo”. (Carolina, divorc., professora)

“Então eu comecei a sentir esse traço de nós aqui e vocês ali. Vocês são isso, vocês, e isso foi interessante. E... eu comecei a ver que se eu fosse, uma brasileira típica do que eu sou, a minha cultura, eu sou, eu rebolo, eu, eu ia ser muito discriminada, eu ia ficar muito à margem. Eu percebi isso assim, da observação, do ponto de vista da observação e eu disse, eu não posso ser assim. Ou eu me integro e não vou ser igual porque eu não tenho porte pra ser igual, o meu cabelo, o meu tom de pele, o meu jeito de andar, de estar”. (Simony, casada, animadora s.cultural-formadora)

6.1.4.2. Legitimando a própria diferença como inadequada ou inferior

Legitimando a própria diferença como inadequada ou inferior é um processo que se desenvolve a partir da reavaliação da cultura originária, do próprio modo de ser e estar, de seus valores e perspectivas diante da vida, o que para muitas mulheres resulta não apenas num reconhecimento da diferença face ao outro, mas de um sentimento de inadequação ou de inferioridade, o que as faz acreditar que precisam mudar. Os seus discursos, quer sejam revestidos de certo pragmatismo e racionalidade, quer sejam de um sentimento de menos valia ou de baixa auto-estima, expressam disposições pessoais que são suscitadas ou intensificadas pelo desejo de serem aceitas e respeitadas no contexto de exclusão a que se sentem submetidas.

Na tentativa de fugirem à rejeição e ao preconceito algumas mulheres tentam estabelecer para si comportamentos diferentes da sua maneira original, tentando como que representar um papel na maneira de portar-se em público. Percepciona-se nestas mulheres uma tentativa de auto-regulação, a busca por um auto-controlo no modo de se relacionar de forma a atender a certos padrões observados como “mais aceitáveis” pelo grupo dominante.

“Eu tinha [jeito brasileiro], ah, as pessoas diziam... Mas as pessoas diziam que eu era. Eu não me sentia mas as pessoas perguntavam. Eu não me sentia mas as pessoas captavam E... eu comecei a ver que se eu fosse, uma brasileira típica do que eu sou, a minha cultura, eu sou, eu rebolo, eu, eu ia ser muito discriminada, eu ia ficar muito à margem. Eu percebi isso assim, da observação, do ponto de vista da observação e eu disse, eu não posso ser assim. Ou eu me

íntegro e não vou ser igual porque eu não tenho porte pra ser igual, o meu cabelo, o meu tom de pele o meu jeito de andar, de estar. (...)”. (Simony, casada, animadora s.cultural-formadora)

“ Ouvia muito os conselhos da minha sogra, do género, é muito minha amiga, do género, vou no shopping, eu sou muito espalhafatosa, eu vejo tudo, quero meter a mão em tudo, percebe? Aquela coisa assim, que não é preciso. No Brasil há muito "não mexer, não mexer", aqui não, quase a gente não vê isso, as pessoas não mexem naturalmente, e eu não... No começo era muito afoita, mesmo, minha sogra é que dizia, não, isso não fica bem, olha que isso não é assim, ajudou-me muito neste aspecto e eu, é claro, fazia isso. Não ia chegar numa loja de porcelanas e cristais e ta levantando os pratos e as chávenas quando aqui... pra não ser chamada a atenção pela vendedora, imagina se eu faço isso como se estivesse no Brasil, não quer dizer que no Brasil toda gente faz, ou que seja usual. Mas imagina se eu faço isso e vinha uma vendedora me chamar a atenção... Era chato, não é? Eu me sentiria assim, ah, é por eu ser brasileira, não é? É... também passa um bocado por isso. (Fabiana, casada, advogada)

As estratégias adoptadas podem reflectir-se também numa tentativa de adaptação radical ao modo de viver português, com a negação dos valores de origem e busca de um distanciamento dos brasileiros e brasileiras, numa tentativa constante de ser aceita e de integrar-se.

“E... vivendo aqui... De... eu não quis, a gente... tinha uma coisa que eu não quis me aproximar de brasileiros morando aqui, pra absorver a cultura. Então a gente se afastou da comunidade brasileira, nós não nos envolvemos com nenhum brasileiro pra gente não ter... Porque a gente começou a ver o comportamento dos brasileiros em comunidade achando que... me incomodava da Lurdes ter me ajudado, sendo uma portuguesa, e ver brasileiros falarem mal dos portugueses (...) E... a gente começou a dizer assim, pô, se a gente ficar muito perto da comunidade brasileira, a gente não vai conseguir absorver a cultura portuguesa”. (Simony, casada, animadora s.cultural-formadora)

De qualquer forma, nas narrativas obtidas, persiste em muitos casos um sentimento de alguma mágoa ou nostalgia de não poder ser realmente o que se é. De forma mais ou menos marcante parece persistir nas mulheres brasileiras, mesmo com o passar do tempo, um sentimento de estar sempre “pisando em ovos”, como declara uma das entrevistadas.

“É por isso que é muito difícil lidar com eles aqui, eu não tenho confiança. Eu aqui ando mesmo pisando em ovos. Não é como você chegar com nosso povo brasuca...” (Selma, separada, emp. confeitaria)

6.1.4.3. Adaptando-se face às diferenças culturais

Em muitos momentos, observar e entender as diferenças na nova cultura se dá de maneira tranquila sem grandes conflitos. As mudanças necessárias em termos de atitudes são assim vistas como naturais, necessárias a uma boa inserção num contexto que não é o seu, com a compreensão de que não é possível querer impor os seus padrões ao outro.

“Eu acho que em qualquer lugar que você vai você tem que saber como se portar, se comportar, em qualquer lugar. Pra não chamar muito a atenção, pra não ser muito exagerada, saber. Eu acho que em qualquer país é uma cultura diferente, você tem que respeitar. Eu penso assim. Se eu for lá pra Índia e tiver que usar aquela roupa toda, eu uso. Se tiver lá, se tiver que usar aquele véu pra respeitar, eu uso, não tem problema nenhum. Eu acho que tem que respeitar o lugar. Às vezes é uma falta de noção...”. (Jesus, solteira, emp. lavanderia)

É... então, quando chega aqui, isso aconteceu comigo, eu fui muito infeliz, além dessas coisas todas, nos primeiros anos, porque eu vivia aqui com a cabeça no Brasil. Aí um dia caiu a ficha, não, mas eu to vivendo em Portugal, então eu tenho que viver como vivem os portugueses, sem esquecer a minha terra. (Rosa, U. de facto, estudante universitária)

6.1.4.4. Reafirmando-se como diferente e válida

A categoria conceptual **reafirmando-se como diferente e válida** mostra o modo como algumas mulheres conseguem, com o passar do tempo, uma reafirmação de sua identidade sem negar suas origens culturais, afirmando seu orgulho de ser brasileira e afirmando a necessidade de “ser o que se é”.

“Mas com relação a minha identidade eu não perco, que é aprender e me colocar como eu sou, como eu penso, e isso não é universidade, nem ambiente profissional, nem ninguém que vai me fazer mudar, que vai me fazer mudar. Então isso, que é da minha identidade eu permaneço”. (Olga, casada, estudante douto.)

Eu sei quem eu sou, sei o que eu quero e não preciso ter vergonha de quem eu sou e do que eu quero. E não preciso justificar pros outros, os outros é que têm problema. E isso é um processo,

isso foi um processo.

“Sou brasileira de sangue mesmo, ta no sangue, não consigo dizer assim, na minha identidade ter dupla nacionalidade, isso pra mim não, é fora de questão. Não me vejo com BI português. Eu amo tanto o meu país que eu não consigo me ver... Eu nunca me vi com duas mães, por isso que eu nunca vou me ver com duas nacionalidades (...). Eu não sou portuguesa e não quero ser chamada de portuguesa. Eu digo bem, olha eu quero mesmo é ter saúde, renovar o meu visto e trabalhar sempre, e to sempre bem”. (Rita, solteira, empr. confeitaria)

São poucas as mulheres que expressam essa perspectiva com clareza, como uma compreensão reflectida sobre o significado de se reconhecer e se respeitar enquanto individualidade, formada com valores culturais diferentes dos da sociedade receptora, porém, tão válidos quanto estes. A emergência dessa compreensão depende de uma (re) significação positiva sempre a renovar. A constante revisão do auto-conceito ocorre como uma necessidade de reafirmação do *eu*, com o reconhecimento de seu valor como pessoa, de suas qualidades. Assim, o auto-conceito positivo e a auto-afirmação revelam-se fundamentais como forma de afirmação de identidades.

“ (...) porque eu sou competente, sou profissional e eu tenho o meu lugar, seja aqui ou seja em qualquer lugar eu tenho o meu lugar no mundo, então, aqui é só mais um pedacinho do mundo”. (Olga, casada, estudante douto.)

“Eu já vejo os portugueses, eu já consigo ver... tirar essa coisa que eu detesto “os brasileiros são..!”, quando é bom, óptimo, mas quando é ruim, por favor, vírgula. Eu sou brasileira, mulher brasileira, não gosto disso aí”. (Radja, casada, cantora)

“Porque se fosse outra, com certeza bateria boca com ela [portuguesa chamou-a de prostituta], mas eu não me rebaixei ao nível dela. Se ela quiser se rebaixar, ela que se rebaixe sozinha, eu jamais vou levantar a boca pra ninguém pra falar, aí, pra dar explicação da minha vida. Se ela acha que eu sou, problema dela, eu sabendo quem eu sou...”. (Isabela, separada, empreg. interna)

Principalmente com o passar do tempo de imigração, novas interpretações e compreensões que vão sendo construídas acerca do outro resultam em diferentes estratégias para integrar-se. Para algumas há claramente a preocupação por manter suas particularidades, valores pessoais e

culturais mais marcantes.

A desqualificação das alteridades sentida pelas brasileiras mostra-se impeditiva ao desenvolvimento de processos em que elas se sintam verdadeiramente inseridas e integradas. Por vezes a reafirmação identitária se dá baseada na desvalorização da cultura da sociedade receptora ou na adopção de atitudes defensivas que não contribuem para a construção de interações mais integradoras entre as imigrantes e a população autóctone. De qualquer forma, para as mulheres conseguirem reafirmar-se como diferentes e válidas, é necessário tempo, grande esforço pessoal e o ultrapassar e (re) significar as experiências causadoras de sofrimento ao longo do processo migratório.

6.1.5. PROCESSO V – DESENVOLVENDO ESTRATÉGIAS DE *COPING* FACE ÀS DIFICULDADES E HOSTILIDADES

O processo **DESENVOLVENDO ESTRATÉGIAS DE *COPING* FACE ÀS DIFICULDADES E HOSTILIDADES** engloba as múltiplas acções/interacções desenvolvidas pelas mulheres diante das dificuldades e hostilidades que encontram no contexto migratório. Como já referido, as condições hostis são muito mais evidentes e recorrentes nos discursos do que as condições favoráveis. As narrativas indicam que as condições hostis perduram com o passar do tempo e são extremamente expressivas em termos psicossociais, por dificultarem a inserção e integração e reflectirem relações sociais marcadas por assimetrias e relações de dominação, que trazem sérios prejuízos ao bem-estar psicológico das imigrantes. Assim, o contexto apresenta-se como hostil e ameaçador à integridade física e psicológica, exigindo de cada uma das mulheres a elaboração de estratégias de sobrevivência para não desistir dos seus planos e levar a cabo os objectivos traçados em seu projecto migratório.

As seguintes categorias conceptuais constituem o processo **DESENVOLVENDO ESTRATÉGIAS DE *COPING* FACE ÀS DIFICULDADES E HOSTILIDADES**: (1) **Analisando e apreendendo o estilo de vida português**; (2) **Tentando aceitar a diferença do outro**; (3) **Tentando viver como vivem os portugueses**; (4) **Valorizando o que Portugal tem de bom**; (5) **Interagindo face ao estereótipo da prostituição e sexualização das brasileiras** e; (6) **Lidando com os preconceitos e intolerâncias**.

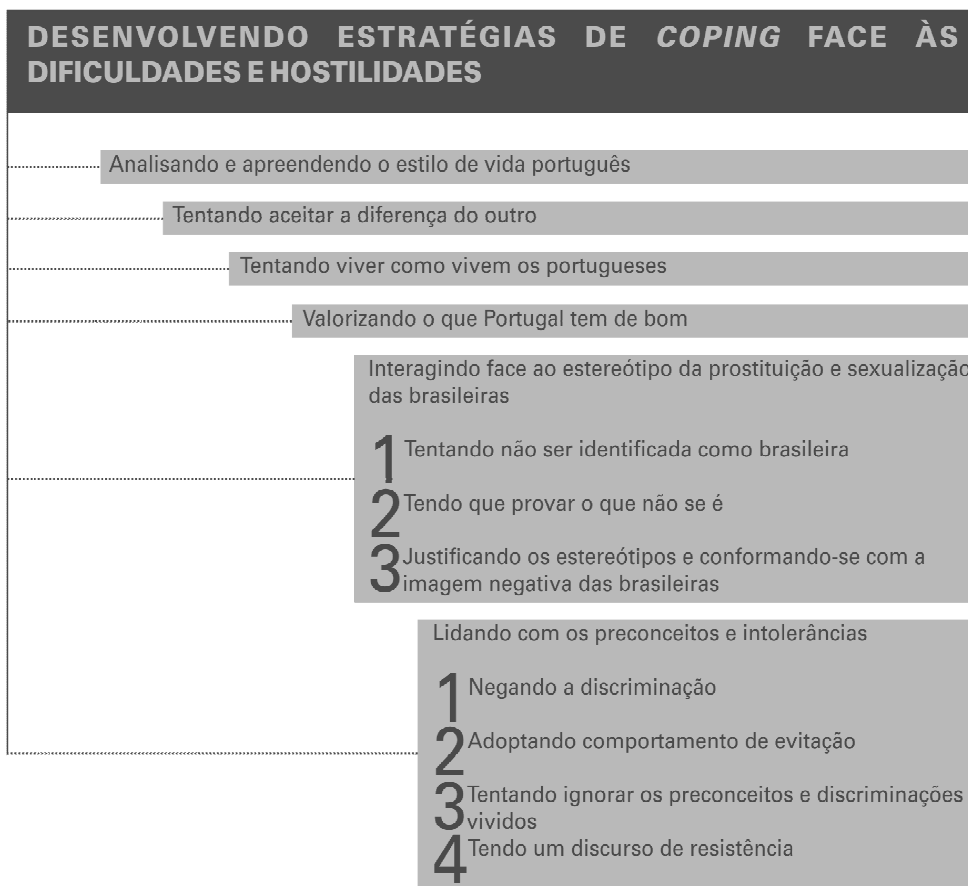


Diagrama 5 – Processo V – Desenvolvendo estratégias de *coping* face às dificuldades e hostilidades

6.1.5.1. Analisando e aprendendo sobre o estilo de vida português

A categoria **analisando e aprendendo sobre o estilo de vida português** implica os esforços empreendidos pelas imigrantes para conhecer e compreender o funcionamento do meio social, em termos das diferenças percebidas, estilos de vida, valores e hábitos do povo português. Aprender sobre o funcionamento do meio constitui-se assim numa estratégia objectiva para o conhecimento do outro, para melhor conviver. Esse aprender sobre o outro é um processo que se desenvolve a partir da necessidade sentida pelas imigrantes na busca por uma convivência menos conflituosa, que permita não se embater com as diferenças do meio e, ao mesmo tempo, alcançar uma inserção mais satisfatória.

“Eu ensino minha filha a respeitar a todos. Ela tem duas linguagens, ela em casa fala brasileiro e se chega aqui algum amiguinho ou amiguinha dela ela fala português daqui. Tanto faz. Mas sem preconceito, nunca questionei ela quanto a isso, e ela graças a Deus na escola não é questionada”. (Selma, separada, emp. confeitaria)

“Acho que tem a questão cultural. Quando a gente vai conhecendo melhor os portugueses a gente percebe que certas atitudes deles é muito comum na prática deles, e o que eu considero da parte deles grosseria, ignorância, intolerância, pra eles é muito comum porque eles convivem desse jeito. Então isso me chocava antes e hoje eu já reajo de uma forma... não, mas eles são assim”. (Olga, casada, estudante douto.)

6.1.5.2. Tentando aceitar a diferença do outro

Tentando aceitar a diferença do outro engloba as ações comportamentais ou mentais, levadas a efeito pelas mulheres num esforço por compreender e aceitar o estilo de vida português. Através de atitudes reflexivas as mulheres tentam não impingir a todos os portugueses e portuguesas as opiniões predominantemente negativas que têm sobre eles. Para a maioria das mulheres, existe a noção de que os ganhos de uma aceitação pelas diferenças do outro serão revertidos como ganho pessoal, ao reduzir tensões e facilitar o estabelecimento de interações mais integradoras.

“Eu acho que em qualquer país é uma cultura diferente, você tem que respeitar. Eu penso assim. Se eu for lá pra Índia e tiver que usar aquela roupa toda, eu uso. Se tiver lá, se tiver que usar aquele véu pra respeitar, eu uso, não tem problema nenhum. Eu acho que tem que respeitar o lugar”. (Jesus, solteira, emp. lavandaria)

“Eu não caio em comparações porque eu estou em Portugal, é um país diferente, cultura diferente, procedimento diferente, tribunal diferente, universidade diferente. E eu sou da opinião, ‘Em Roma, você é romano’”. (Fabiana, casada, advogada)

A necessidade de aceitação do outro é vista como necessária a uma inserção mais satisfatória e predomina no discurso da maioria das mulheres um esforço constante de redução dos sentimentos negativos e ressentimentos causados pelo confronto com as diferenças e pelas

discriminações sofridas por ser brasileira, existindo um conflito interno constante na tentativa de aceitação do outro, o que muitas vezes não é conseguido.

“aí vinha o preconceito, que hoje eu luto contra, porque eu casei com um, meu marido é português e ele não é... de forma alguma, ele não tem problema nenhum com nenhuma nacionalidade (...) Opa, eu já passei por português é burro, português é frio, que mais, é...as mulheres são oprimidas, recalçadas, que mais, é... isso tudo não é bom, que isso é generalizar, isso...” (Radja, casada, cantora)

6.1.5.3. Tentando viver como vivem os portugueses

A categoria **Tentando viver como vivem os portugueses** surge de forma bastante explícita quando algumas mulheres expressam a preocupação em compreender e assimilar alguns aspectos do modo de vida português como uma necessidade que não pode ser ultrapassada no sentido da integração.

“É... então, quando chega aqui, isso aconteceu comigo, eu fui muito infeliz, além dessas coisas todas, nos primeiros anos, porque eu vivia aqui com a cabeça no Brasil. Aí um dia caiu a ficha, não, mas eu to vivendo em Portugal, então eu tenho que viver como vivem os portugueses, sem esquecer a minha terra. Agora, isso acontece muito com os músicos com quem eu tenho trabalhado. Eles continuam querendo fazer a vida que faziam no Brasil, e isso não resulta aqui, e torna as pessoas tristes, e torna as pessoas infelizes, e amargas...” (Rosa, união de facto, estudante universitária)

Para outras há um posicionamento mais radicalizado, onde o medo da rejeição e o o e o desejo de ser aceita pode levar à tentativa de viver dentro dos padrões e estilo de vida português. Neste caso, a questão não se trata apenas de respeito aos padrões locais, como por vezes é racionalizado, mas de uma preocupação em se adequar à norma para conseguir a aceitação por parte do outro.

“Eu já penso assim de me fazer dor se meu filho [que nasceu em Portugal] virar pra mim e dizer que quer ir pro Brasil, viver lá e morar lá (...) sabe aquela ponta assim que um dia ele vai ser tipo aquele português, aquele europeu que diz assim, ah, eu vou pras minhas origens brasileiras! Sabe, eu tenho medo disso porque não é uma coisa que... eu não penso... eu to feliz aqui. E, talvez por ter absorvido a cultura, por exemplo, a gente não come comida brasileira em

casa. Não porque... às vezes eu me sentia até em negação e algumas vezes, pra não ter esse choque... Eu tenho amigos que são brasileiros mas os filhos falam brasileiro. Não deixei meu filho falar como brasileiro, ele fala como português (...) pra ele não ser discriminado, pra ele não viver o que eu passei.” (Simony, casada, animadora s.cultural-formadora)

“Eu não... eu acho que aqui em Portugal eu não me ponho sentada na esplanada, ali na Foz, por exemplo, e a chamar o garçon de querido, como a gente pode fazer no Brasil "Oh meu querido, traga lá um sumo, traga lá...". Eu estou em Portugal. Em Portugal a convivência social, as regras de convivência social, não é esta. E se eu não quero ser maltratada, se eu não quero que o garçon vire a cara pra mim, e se eu quero ser bem recebida, se eu quero ser bem tratada, eu tenho que actuar como, como aqui, não é?”. (Fabiana, casada, advogada)

6.1.5.4. Valorizando o que Portugal tem de bom

Os motivos que levam as mulheres a não desistirem do seu projecto imigratório mesmo diante das dificuldades acabam por constituir um tipo de estratégia aqui nomeado como **valorizando o que Portugal tem de bom**. A caracterização desses aspectos como estratégias de superação das dificuldades se deve a que, por muitas dificuldades que passem, as mulheres consigam enumerar ganhos obtidos, apontando alguns objectivos alcançados em termos de melhoria das condições de vida financeira, melhores condições de estudo para os filhos e filhas e uma vida com menos violência urbana.

“ (...) aqui você tem uma vida melhor, vive-se bem, se você trabalhar, vive-se bem. Eu consigo dar uma vida pra minha filha, enfim, mais fácil. Tipo assim, eu não posso ter tudo o que o amigo tem, tudo o que ela vê, mas, tipo assim, dá pra planejar. A gente vê, ah, to com vontade daquilo, olha, mês que vem dá, eu posso te comprar isso que não vai me faltar. Então são essas facilidades que no Brasil não tinha”. (Selma, separada, emp. confeitaria)

“Então foi isso, entendeu, eu fui levando, levando, e vou ficando. Mas apesar de tudo isso eu gosto daqui de Portugal, porque lá no Brasil eu fui assaltada, com arma na cabeça durante o dia. Eu já tinha pavor de sair à noite. Quando escurecia, quando alguém se aproximava de mim eu já ficava naquele trauma, naquele medo. Então no Brasil você sai, você tem que estar sempre olhando pro lado, sempre ta, aqui é tranquilo. Então essa paz, essa tranquilidade, eu gostei demais daqui”. (Jesus, solteira, emp. lavandaria)

6.1.5.5. Interagindo face aos estereótipos e à marca da prostituição e sexualização das brasileiras

Interagindo face aos estereótipos e à marca da prostituição e sexualização das brasileiras inclui as acções/interacções realizadas num contexto em que os estereótipos negativos são percebidos. O estereótipo da prostituição e imagem sexualizada das brasileiras é encarado pelas participantes como a principal problemática enfrentada no processo imigratório. Além das importantes repercussões emocionais já comentadas, a preocupação em afastar-se desses estereótipos ocupa grande parte da energia empreendida na busca de reconhecimento pessoal e desejo de integração por parte das brasileiras. Essa categoria é composta por 3 subcategorias. (1) Tentando não ser identificada como brasileira; (2) Tendo que provar o que não se é, e; (3) Justificando os estereótipos e conformando-se com a imagem negativa das brasileiras.

Tentando não ser identificada como brasileira refere-se ao medo, à vergonha e a insegurança causadas pela marca da prostituição e sexualização que leva algumas das mulheres a evitarem falar em público para não serem identificadas.

“Uma vez eu tava no posto de saúde e eu fiquei com vergonha de falar porque a minha pronúncia já me entrega que eu sou brasileira. No físico já não me entrega tanto, mas eu falando, pronto. E eu fiquei com vergonha de falar. Às vezes isso é até mal da parte da gente, a gente ter vergonha de ser brasileira, mas às vezes, as circunstâncias...”. (Lúcia, casada, assist. comercial)

“Na verdade até hoje, eu não gosto de falar no telefone nem no ônibus nem no metro, eu não gosto mesmo porque quando agente fala ‘alô’ as pessoas já olham pra gente, é incrível, eu não gosto, eu evito mesmo. Pela fama das brasileiras, pelo facto de ser brasileira, não gosto mesmo”. (Fernanda, casada, func. fábrica)

“Eu falei pra Lurdes: eu tenho tanto medo das pessoas me tomarem por vagabunda porque ... eu, eu... eu cheguei a um ponto de não abrir minha boca nos lugares pra falar, pras pessoas não perceberem que eu era brasileira, eu cheguei a esse ponto de... chegavam grupos... a Lurdes notou, chegavam grupos de brasileiros e eu nem falava, no comboio, eu via as pessoas conversando e eu ficava. Ai, tomara que ninguém perceba (risos) que coisa impossível não perceber que eu sou brasileira. Eu tinha medo, vergonha até de ser tomada...”. (Simony, casada, animadora s.cultural-formadora)

Tendo que provar o que não se é indica uma vivência comum para a maioria das brasileiras, que em muitos momentos sentem a necessidade de provar que não são fáceis ou prostitutas, a maioria expressando o alívio e orgulho sentido quando, ao se fazerem conhecer, recebem o respeito e consideração esperados. A experiência de uma das entrevistadas é emblemática, numa situação de muita insegurança vivida num internamento em hospital para um parto prematuro, onde se encontrava sem nenhum familiar, a participante se desesperou, acreditando que por ser brasileira poderia sofrer algum tipo de discriminação.

“Aí comecei a entrar em... o meu sistema nervoso foi a zero. Eu comecei a chorar e disse: não... eu comecei a imaginar pô eu não tenho mãe, eu não tenho ninguém aqui e virei pra ela e disse: “olhe doutora, eu não sou prostituta, eu não sou vagabunda, o meu marido trabalha, eu sou brasileira mas não sou puta, o meu marido trabalha!”. (Simony, casada, animadora s.cultural-formadora)

“Mas eu tenho que mostrar que eu não sou, entendeu, eles têm que ver que realmente eu não sou [prostituta]. Então eu parei com isso, não preocupei mais com isso, ah, se quiserem achar, achou, isso não é problema meu”. (Jesus, solteira, emp. lavandaria)

“Eu mostrei quem eu sou sem mudar nada, mostrei minha seriedade, meu trabalho, sorrindo, brincando, falando... não mudei meu modo de vestir, meu modo de falar, meu modo de brincar, de ser com as pessoas. Trato todos iguais tanto os colegas, os patrões”. (Selma, separada, emp. confeitaria)

Muitas mulheres utilizam um discurso em que acabam justificando os estereótipos e conformando-se à imagem negativa das brasileiras em Portugal. Chegam a dizer claramente que os portugueses têm razões para ter essa imagem e que as portuguesas têm motivos para agir com hostilidade muitas vezes observada, já que há prostitutas brasileiras em grande número a trabalhar em Portugal. A maneira de se expressar da maioria demonstra um conformismo com a situação, como se nada pudesse mudá-la, encontrando algum bem-estar pelos ganhos de espaço individual conquistado por cada uma. Embora reconheçam como injustas as discriminações sofridas, é comum existir uma responsabilização de outras brasileiras pela construção da “má fama”, com referências feitas ao modo de vestir e à presença de muitas prostitutas brasileiras a trabalhar em Portugal.

“Mas eu acho que a maioria [brasileiros/as] quer tirar proveito, principalmente as mulheres. As mulheres pra se aproveitarem dos homens, minha filha, nossa. Já deixaram aí muitos homens sem nada. Tem um fundo de verdade quando acham que as brasileiras vêm pra tirar vantagem. Tem muitas mães que têm horror de brasileira”. (Jesus, solteira, emp. lavandaria)

“Existe, mas eu acho assim, quem faz a fama são as próprias brasileiras. Eu não quero dizer que todas sejam mulheres que trabalham, que tem o seu trabalho, que acham que pra elas é trabalho, pra mim não é. Eu acho que a gente é que faz a fama (...) mas culpa é uma palavra muito forte...”. (Isabela, separada, empreg. interna)

É possível identificar os uso por algumas mulheres de uma estratégia de distanciamento do “nós” brasileiras e a opção por um “eu” distanciado.

“Porque é assim, eu sou muito reservada. Às vezes as pessoas acham que não, pelo meu jeito de falar, de sorrir, de comunicar. Acham, ah, ela vai com... não, eu sou muito reservada. (...) E assim, tem esse lado, tem meninas aqui que já disse assim que já ouviram lá entre os portugueses ‘ah, as brasileiras são muito fáceis’. Eu nunca ouvi, porque eu também não me misturo, eu sou muito reservada nessa parte”. (Natali, separada, emp. doméstica)

6.1.5.6. Lidando com os preconceitos e intolerâncias

Lidando com os preconceitos e intolerâncias se refere às atitudes e reacções adoptadas face à discriminação. As acções/interacções realizadas dependem de algumas variáveis específicas do momento vivido no processo migratório. A mesma pessoa pode adoptar diferentes modos de lidar num ou noutro momento, tendo algumas das reacções como mais marcantes ao longo do tempo. Essa categoria inclui 3 subcategorias: (1) Negando a discriminação; (2) Adoptando comportamento de evitação; (3) Tentando ignorar os preconceitos e discriminações vividos e; (4) Tendo um discurso de resistência.

A subcategoria Negando a discriminação reflecte a reacção de algumas participantes durante as entrevistas. A afirmação de que nunca sofreu discriminação, ou de que não se sentiu incomodada com acções discriminatórias, foi proferida por algumas delas com muita veemência, sendo logo a seguir contraditas pelo relato de várias experiências de discriminação, claramente

ligadas à nacionalidade.

“Eu nunca fui discriminada na minha profissão. (...) meus processos no Serviço de Estrangeiros são analisados de forma diferente por eu ser uma advogada brasileira, mas isso é natural, eu sou uma estrangeira aqui”. (Fabiana, casada, advogada)

“Mas eu vejo que quanto à família e quanto às outras mulheres, olhavam, ‘ah, ele namora uma brasileira, e assim...’, mas eu nunca tive problemas, nunca sofri com isso. E eu já vi assim, pelo tom de pele, ‘Ah ele arranhou uma namorada morena...’. Morena não, que eles não dizem morena, dizem preta, não é, eles não dizem morena, dizem preta. Mas isso já era mais por causa dos avós, mas isso também nunca me fez... (...) Mas eu não quero ir ter com os pais dele nessas férias, quero me vestir sem me preocupar com o que vão dizer”. (Rita, solteira, empr. confeitaria)

Algumas estratégias de fuga e evitação, acompanhadas de mágoa e ressentimento constituem a subcategoria adoptando comportamentos de evitação. As estratégias de evitação foram eficazes em termos de aliviar a pressão psicológica sentida nos contextos em que as interações discriminatórias ocorreram, mas trouxeram prejuízos concretos no sentido de impedir a inserção, seja em contexto de trabalho, seja em outros espaços sociais.

“A dona do café também toda muito cheia de coisas, chegava assim, ela ficava sempre atenta no que eu tava falando quando o cliente chegava e eu ia falar com ele e ela vinha assim, colocava a mão no meu ombro e dizia assim, ria, dava um sorrisinho assim amarelo e dizia assim: ‘Ah, desculpa, é brasileira, sabe como é que é brasileira...’ (...) só consegui ficar trabalhando lá por 3 dias”. (Carolina, divorc., professora)

“Então eu olhei pra trás assim e não falei nada [comentários maldosos sobre brasileiras]. Podia dizer que não são todas iguais, podia tentar defender, e ela podia achar que eu sou igual, eu ia tentar... pronto, então eu não falei. ‘Ah, porque elas vêm com essa cara de santa e não é nada disso’. Então, esse dia mesmo, não falei nada, fiquei com medo de falar e elas verem que eu sou brasileira, não é?” (Lúcia, casada, assist. comercial)

Tentando ignorar os preconceitos e discriminações vividos reflecte o esforço por ignorar as discriminações sofridas, o que trouxe como consequências a repressão de mágoas e ressentimentos pelas injustiças sofridas, que repercutem na manutenção do distanciamento do outro.

“Eu ignoro, mas totalmente... Lá dentro é lógico que eu sinto. Sinto tristeza, fico triste, mas não me atinge como me atingia antes, me atingia no orgulho e eu agora, meu orgulho está muito protegido”. (Radja, casada, cantora)

“Ainda me chateio sim com isso [imagem das brasileiras] e não sei se um dia vou aprender a lidar com isso. Pra já ignoro, mas por dentro to mesma chateada”. (Eliana, casada, desempregada)

“Uma barreira que eu coloquei, por exemplo, foi assim, eu andava pelas ruas, pelos lugares, eu olhava pra cara das pessoas e me dava muita raiva, me dava muita raiva de ver as pessoas me medindo de cima em baixo, as pessoas franzindo o nariz, a testa, fazendo caras e bocas. Então eu adoptei uma estratégia, não olhar para as pessoas. E isso eu faço até hoje, eu ando pelos lugares públicos e eu não olho pra cara das pessoas para não me irritar.” (Carolina, divorc., professora)

Buscar ignorar as atitudes preconceituosas direccionadas às brasileiras, como se não fizesse parte desse colectivo, foi por muitas vezes a estratégia adoptada como uma maneira de evitar discussões ou conflitos declarados.

“E quando surge conversa sobre brasileiras eu procuro participar do assunto, mas quando é de ofensa não é a mim, directo a mim, então... deixo pra lá, todos são livres e tem o direito de questionar”. (Selma, separada, emp. confeitaria)

Mantendo um discurso de resistência envolve estratégias de resistência e inconformidade, com a adopção de uma postura questionadora da injustiça, com a busca de diálogo com argumentação quanto à necessidade de respeito mútuo, em atitudes de auto-afirmação, na busca por justiça pela via institucional e na adopção de um discurso pelos direitos humanos e pelos direitos das mulheres. É possível localizar uma postura entre as brasileiras onde elas acreditam poder não apenas inserir-se de forma mais satisfatória nos diferentes espaços sociais, como também influenciar a sociedade portuguesa em termos de uma mudança em alguns padrões que consideram negativos para a colectividade.

“ (...) um funcionário do Metro, na Brito Capelo, e o cara gritou pros quatro cantos, pra eu voltar pro Brasil, que ninguém gostava de brasileiro, que as brasileiras eram tudo putas. Meti a cara, fiz a reclamação, chamei a polícia, botei processo e o cara ganhou...”. (Radja, casada, cantora)

“ (...) senti que fui tratada diferente por ser brasileira. Tratada pior, de chegar em conservatória e pedir para consultar um processo, estar com uma colega portuguesa, quero consultar um processo...’e a senhora, quem é?’ Eu sou advogada, somos advogadas. ‘E a sua cédula?’, e eu disse pra senhora, a minha cédula está na minha bolsa, e a da minha colega? A senhora não vai pedir a cédula dela? Ela também não mostrou, porque a senhora tá pedindo a minha, porque eu to a falar brasileiro? ‘Ai, não é nada disso’. Então a senhora faz favor, trata igualmente as pessoas, a minha cédula tá aqui, agora se a senhora não pedir a cédula dela eu vou armar aqui uma confusão”. (Fabiana, casada, advogada)

6.1.6. PROCESSO VI – TENDO A RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE COMO DIMENSÃO FUNDAMENTAL NA EXPERIÊNCIA DE IMIGRAÇÃO

Esse processo se refere à fé pessoal, crenças e valores religiosos/espirituais que permearam de forma transversal e muito marcante as narrativas das mulheres sobre suas experiências no contexto imigratório. A religiosidade/espiritualidade aparece como dimensão fundamental na construção de significados, em todo o percurso vivencial das mulheres. Das 16 entrevistadas, apenas duas não abordaram este assunto de forma espontânea, mas mesmo estas, quando questionadas, declaram que a fé é um aspecto importante em sua trajetória de vida.

“Deus é a minha vida, eu sem Deus eu não sou nada. Eu não sou de ajoelhar e clamar a Deus, mas eu sou de estar no meu canto, eu me fecho no meu mundo, e aquilo que eu não falo pra você, não falo pra ninguém, eu, me fecho e só falo com ele, porque eu só confio nele. Ele é... só ele que pode ir na minha frente, e os anjos dele, ao meu lado, mais ninguém”. (Selma, separada, emp. confeitaria)

“Mas pra mim é fundamental a presença de Deus, independente de religião, mas eu acho mesmo a questão da espiritualidade, de você estar ligado a valores que a gente deixa passar e aí passa a ter posturas de querer pisar no outro, de querer se dar bem, né. (...) eu falo da questão da religiosidade, não é da religião em si. (...) E aí nós decidimos ir ao centro, e a começar a estudar, e assim, isso tem dado a gente uma força muito grande, que eu acho que tem coisas que a ciência não explica, essa vivência toda da gente, que é a questão da fé, e a questão da espiritualidade e o que vai além da espiritualidade”. (Olga, casada, estudante douto)

“A espiritualidade e religiosidade é uma coisa muito forte, faz parte mesmo da minha vida. E

hoje em dia eu acho que é o meu marco principal”. (Rosa, união de facto, estudante universitária)

“A religião é muito importante, essa é a parte mais importante, porque se a gente não tem, não se agarra a Deus mesmo, de verdade, a gente cai”. (Natali, separada, emp. doméstica)

Todas as mulheres professam crenças religiosas cristãs, algumas apresentam um ecletismo religioso marcante e poucas são as que frequentam igrejas ou outras instituições religiosas.

“Eu sou espírita mas eu entro numa evangélica com o mesmo respeito que eu entro numa igreja católica. Então, por ser espírita, eu não deixo de assistir uma missa. Se eu quiser ir, se alguém me convidar ou se surgir uma oportunidade, eu não deixo de ir a um culto”. (Olga, casada, estudante douto)

“Eu acho que Deus está em todos os lugares. Então se eu estiver andando na rua e me ocorrer que eu tenho que entrar para rezar algum pai-nosso, uma ave-maria, fazer um pedido, eu entro em qualquer que seja a religião. Para mim não tem diferença nenhuma e eu entro”. (Carolina, divorc., professora)

“Eu tenho uma grande fé em Deus e nesse ínterim eu mudei de religião. Eu era católica, eu fui pra Testemunhas de Jeová, e hoje eu sou luterana. Eu acho que hoje eu encontrei o meu caminho, porque eu já to mais serena”. (Rosa, união de facto, estudante universitária)

Assim, o processo TENDO A RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE COMO DIMENSÃO FUNDAMENTAL NA EXPERIÊNCIA DE IMIGRAÇÃO pretende demonstrar a centralidade atribuída pelas mulheres à sua fé em Deus, que dá sentido às experiências, provê confiança no futuro e fortalecimento das capacidades pessoais para lidar com as adversidades enfrentadas. Esse processo é pormenorizado pelas seguintes categorias (1) **Significando a adversidade pela via da religiosidade/espiritualidade**; (2) **Atribuindo a Deus o provimento de força e coragem face às adversidades**; (3) **Atribuindo à fé em Deus a atitude positiva diante da vida** e; (4) **Desenvolvendo o sentimento de pertença ao grupo religioso**.



Diagrama 6 – Processo VI – Tendo a religiosidade/espiritualidade como dimensão fundamental na experiência de imigração

6.1.6.1. Significando as adversidades pela via da religiosidade/espiritualidade

Esta categoria se refere à construção de sentidos para as experiências vividas baseadas em suas crenças e valores religiosos/espirituais. O sentido que as mulheres dão às adversidades é de que devem aproveitá-las como um momento de aprendizagem, o que as faz realizar uma leitura sempre positiva dos momentos de angústia e dificuldades que conseguiram superar. Essa perspectiva pode ser observada não apenas pelas palavras proferidas, mas também pela carga de sentimentos que acompanham esses relatos.

“Depois de muito tempo... isso me deu garra pra vencer, eu passei por isso mas eu vou vencer, eu não sou uma ninguém, se eu atravessasse o oceano, se eu pisei aqui na terra deles, se Deus me

fez entrar nessas portera, algum objectivo eu tenho que ter, porque eu não vou nadar e morrer na praia, e eu não vim roubar o que é de ninguém, eu vim trabalhar com as forças das minhas mãos e dos meus braços, pra poder ter uma vida digna”. (Eliana, casada, desempregada)

6.1.6.2. Atribuindo a Deus o provimento de força e coragem face às adversidades

Essa categoria é construída a partir da presença nas narrativas de uma certeza da intervenção de Deus, dando a força espiritual e a saúde para que vençam as dificuldades. Verifica-se que a força e coragem reflectem-se na imagem que as mulheres têm de si mesmas, em termos de capacidade de superação. Assim, a esperança e a perseverança são vistas como consequência da intervenção de Deus em suas vidas. A crença é de que Deus sempre proverá a força necessária para enfrentar satisfatoriamente as adversidades.

“ (...) aquele dia que a gente ta fraca, tem dia que eu to, ai... fraca, saudade demais. Aí eu vou pra igreja, aí eu ouço lá uma palavra de conforto, ou às vezes nem vou, aqui mesmo eu pego a Bíblia e abro bem ali onde eu precisava ouvir, e Deus fala comigo através disso: “Não temas, não tenha medo, vai ser assim, eu estou contigo’. Aquilo nos ajuda, porque olha, Deus é comigo, se eu estou aqui, foi ele que me colocou aqui. Eu vou vencer, essa dificuldade vai vir, não só pra mim, mas como pra todo mundo vem dificuldade”. (Natali, separada, emp. Doméstica)

“Eu não me vejo como uma pessoa optimista. Eu sou positiva, eu acho que é diferente, percebe? Eu não sou uma pessoa...é ... talvez por causa da educação protestante você tem uma perspectiva de que Deus vai... aquele período vai passar e Deus vai vim te salvar. Acho que isso mantém. Isso é forte. Eu não vejo que é optimismo, eu to no fundo do poço, eu olho pra cima e vejo o céu e digo assim, vai vir salvação. Vai mudar, vai ter, eu vou ter que trabalhar”. (Simony, casada, animadora s.cultural-formadora)

O sentimento religioso proporciona um tipo de segurança subjectiva que transcende as situações concretas da vivência de dificuldades encontradas no ambiente imigratório experimentado como exclusor. Identifica-se a existência de valores e crenças estáveis que indicam o uso da fé não apenas como *coping* face as adversidades e situações de stress, mas como dimensão que perpassa todas as circunstâncias da vida.

“Deus é essencial, Deus acima de tudo. Eu acho que se não fosse Deus orientando, Deus cuidando da gente o tempo todo, a gente não estaria tão bem, nós somos assim muito, muito

abençoados. Eu faço orações em casa, estudo mas também vou a igreja e foi aqui que eu me baptizei na igreja Adventista do Sétimo Dia”. (Fernanda, casada, func. fábrica)

“Deus é a minha vida, eu sem Deus eu não sou nada. Eu não sou de ajoelhar e clamar a Deus, mas eu sou de estar no meu canto, eu me fecho no meu mundo, e aquilo que eu não falo pra você, não falo pra ninguém, eu, me fecho e só falo com ele, porque eu só confio nele. Só ele que pode ir na minha frente, e os anjos dele, ao meu lado, mais ninguém. E sei que foi ele que estendeu a mão dele e que me levantou. Ele não me abandonou nem um dia”. (Selma, separada, emp. confeitaria)

6.1.6.3. Atribuindo à fé em Deus a atitude positiva diante da vida

Essa categoria refere-se a um fenómeno identificado na experiência de todas as mulheres entrevistadas e se revela num optimismo, confiança, esperança no futuro e boa disposição demonstrada para lidar com as dificuldades. Essa atitude foi demonstrada tanto pelas mulheres que ainda se encontram em situação bastante difícil em termos de trabalho, regularização e situação financeira e afectiva, quanto por aquelas que já alcançaram algum equilíbrio e estabilidade com relação a estas questões. Para as mulheres, essa atitude positiva se deve basicamente à sua fé em Deus.

“A fé e o pensamento positivo, eu penso assim, eu já estive pior, eu penso sempre, eu olho pra trás, eu tive pior, agora é só pra frente, e fé também, muita fé mesmo em Deus, porque se não fosse a minha fé eu já tinha me abalado mesmo. Porque é assim, não é fácil, é outro país, é outra cultura, os trabalho não é fácil, os trabalhos que aparecem é tudo difícil, trabalho pesado”. (Eliana, casada, desempregada)

“Não acredito que obrigatoriamente as pessoas vençam por causa dessa fé em Deus, mas para mim, cada um consegue vencer pelo que acredita e eu como acredito na justiça divina, como eu acredito que nós não estamos sozinhos e que eu tenho uma protecção e que Deus ta comigo, isso me dá muita força, isso me faz sempre caminhar e eu acredito mesmo, sempre, eu acredito que eu vou vencer. Sempre eu acredito e é por causa dessa minha fé”. (Carolina, divorc., professora)

6.1.6.4. Desenvolvendo o sentimento de pertença ao grupo religioso

Desenvolvendo o sentimento de pertença ao grupo religioso constitui-se num dos raros momentos experimentados pelas mulheres em que se sentem integradas na sociedade receptora. A frequência a instituições religiosas mostra-se como importante factor de inserção e integração para aquelas que desenvolvem práticas institucionais. No caso das imigrantes, fazer parte de uma comunidade religiosa significa a possibilidade de contacto com pessoas que forneçam suporte afectivo e moral e a aproximação com pessoas autóctones, o que favorece uma reconstrução da imagem negativa comumente construída destes e, principalmente, desenvolve um sentimento de pertença que em outros espaços sociais se apresenta bastante dificultado, tanto pela perda das referências culturais originais quanto pelas hostilidades presentes.

“Mas essa busca, sabe, da forma de adorar a Deus pra mim era importante, e na luterana agora eu encontrei isso. Lá eu me sinto bem, eu queria um local onde eu pudesse louvar a Deus com alegria, isso pra mim era fundamental. Então hoje, se você me perguntar, eu já to aqui há muito tempo não é, mas eu hoje tenho uma família em Portugal. Sabe, a minha família religiosa preenche essa lacuna realmente.”. (Rosa, união de facto, estudante universitária)

“Eu faço orações em casa, estudo mas também vou a igreja e foi aqui que eu me baptizei na igreja Adventista do Sétimo Dia. Me sinto bem lá (...) o pessoal da igreja é diferente dos outros portugueses”. (Fernanda, casada, func. fábrica)

De facto observa-se a religiosidade/espiritualidade como sendo a via para a significação das experiências em todos os momentos da vida das mulheres e não apenas sendo utilizada como *coping* religioso/espiritual face às adversidades.

Diante das categorias construídas e detalhadas, a proposta do modelo teórico para a compreensão do fenómeno da experiência de imigração das mulheres brasileiras no contexto português é apresentada a seguir, discutindo-se em seguida como o fenómeno pode ser entendido, pelas relações entre categorias e subcategorias, além de se realizar alguma discussão face à literatura disponível sobre as relações intergrupais e imigração.

6.1.7. Apresentando um modelo representativo da experiência imigratória das brasileiras em Portugal, num contexto de risco para suas identidades sociais

Diante da explicitação realizada acerca dos processos, categorias e subcategorias que integram as experiências contidas nas narrativas, considero ser possível apresentar um modelo representativo da experiência vivida pelas participantes. Obviamente o modelo não esgota toda as possibilidades e não retrata toda a diversidade das experiências, porém acredito que ele forneça algumas considerações importantes que representam os processos envolvidos na trajetória de muitas mulheres, desvelando as relações assimétricas de poder que mantém as imigrantes numa posição subalterna e de vulnerabilidade de género.

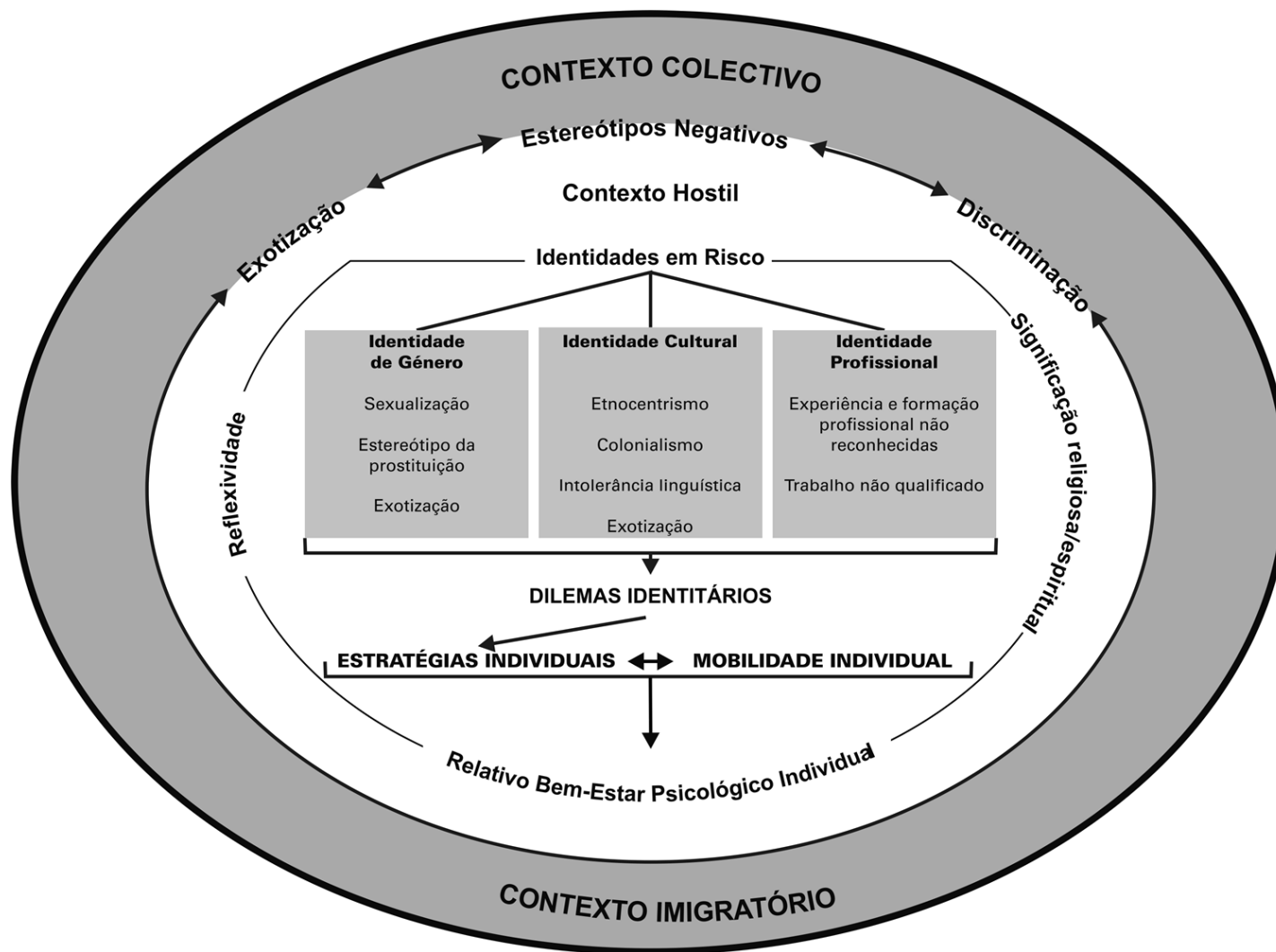


Diagrama 7 - Modelo representativo da experiência imigratória de mulheres brasileiras em Portugal, num contexto de risco para suas identidades sociais

O modelo apresentado no diagrama 7 é proposto para representar os processos presentes na experiência das imigrantes, no qual estão explicitadas as relações entre as categorias e subcategorias empíricas construídas. No diagrama estão identificados alguns dos elementos contextuais, as acções/interacções e suas consequências, que expressam a situação de vulnerabilidade de género em que se encontram as imigrantes brasileiras no contexto português.

A existência no contexto imigratório dos estereótipos negativos, da exotização e consequentes discriminações constituem para as brasileiras um ambiente não apenas de dificuldades, mas de hostilidades, onde as identidades se encontram em risco ao serem colocadas em causa, desqualificadas e desrespeitadas, destinando às imigrantes um lugar subalterno na hierarquia de alteridades.

Ao sentirem suas identidades sociais em risco (considerando aqui as identidades plurais, em seus diferentes aspectos: étnicos, culturais, de género, profissional), as mulheres enfrentam conflitos identitários e (re) constroem novas identidades, novas formas de ser e estar no mundo, face às diferenças e ao olhar do outro e face à desqualificação de suas identidades.

Concretamente, diante das dificuldades e hostilidades contextuais, as imigrantes vêem-se diante da necessidade de desenvolver diferentes estratégias de *coping* para viver e sobreviver, optando na maioria das vezes por estratégias individuais. Embora algum discurso de resistência de facto exista, estes não se materializam em acções colectivas que implementem mudanças sociais. Assim, a partir da relativa mobilidade que algumas encontram no sentido de alcançar melhores condições de trabalho, melhores condições de vida, com uma inserção que traz algum bem-estar psicológico e material, as imigrantes acabam por encarar as hostilidades como que dirigidas às “outras brasileiras”, legitimando uma situação de injustiça social e não se identificando como fazendo parte do colectivo das mulheres brasileiras, logo, não ocorre um processo de conscientização sobre a necessidade de acções colectivas, o que leva à reprodução dos estereótipos negativos, discriminações e consequentes assimetrias nas relações de poder na estrutura social. Embora os movimentos colectivos para a mudança social não estejam sendo efectivados, há que se destacar o bem-estar psicológico alcançado pelas mulheres, decorrentes dos ganhos com sua mobilidade individual e do alcance de melhor qualidade de vida.

Na secção seguinte, apresento as reflexões sobre os processos envolvidos que levaram à construção desse modelo.

6.1.8. Discussão: Reflectindo sobre as experiências das imigrantes brasileiras em Portugal

Si la elaboración hegemónica si presenta a si mesma como único discurso posible para entenderlos, entonces todo intento de articular interpretaciones alternativas tiene un valor, no por la riqueza externa destas elaboraciones (que llegan sólo hasta donde lo permiten los conocimientos de quienes las elaboramos) sino porque sólo por existir, abren ventanas a la posibilidad de otras interpretaciones alternativas, incluso las muy deseables procedentes de los mismos sectores marginales. (Juliano, 2004. p.11)

O modelo teórico apresentado pretende oferecer uma leitura viável sobre o processo imigratório vivenciado pelas imigrantes brasileiras em contexto português pela tentativa de responder à questão inicial que norteou este trabalho: Que significados as imigrantes brasileiras dão às suas experiências no contexto da sociedade portuguesa e que processos estão envolvidos na construção desses significados?

A partir dessa questão inicial e conforme foram sendo realizados os procedimentos preconizados pela teoria fundamentada nos dados, foram elaboradas outras questões que pudessem explicitar os complexos fenómenos envolvidos nessas significações: Que consequências as significações dadas às experiências vividas trazem à vida das mulheres em termos de sentimentos experimentados, atitudes, acções e interacções realizadas no contexto receptor? Que estratégias identitárias são utilizadas nas interacções com o contexto da sociedade receptora? Que estratégias de *coping* as imigrantes utilizam para lidar com as adversidades presentes no contexto da imigração? Que consequências as acções interacções realizadas trazem para suas vidas e para a vida das brasileiras enquanto colectivo social?

O modelo explicativo foi construído partindo de uma abordagem construcionista social, onde procura-se a compreensão dos processos psicossociais envolvidos através de análises

interpretativas baseadas nas significações dadas pelas próprias mulheres às suas experiências, onde a linguagem ocupa posição primordial e onde cada uma é vista como agente construtora de sua história. Assim, as acções/interacções das imigrantes são entendidas enquanto baseadas nos sentidos dados por elas às múltiplas interacções que realizam com os outros sujeitos no contexto social. A par disso, realizei o trabalho de reflexão ao elaborar as análises interpretativas e construção teórica, construindo categorias conceptuais que são representativas das experiências vividas.

Neste estudo, por motivos relacionados à falta de tempo e falta de algumas condições necessárias, não foram realizadas entrevistas com homens brasileiros, que poderiam fornecer contrapontos importantes para a análise de género, no entanto, o contacto com as mulheres e suas narrativas deixam evidentes que as maiores dificuldades enfrentadas pelas brasileiras, e as que mais as fazem sofrer, estão directamente relacionadas ao facto de serem mulheres, tendo ainda acrescidas as dificuldades e percalços que acompanham a vivência da população imigrante de modo geral. Apresenta-se aqui a característica situação de “défice de reconhecimento” (Young, 1990) que enfrentam as mulheres nas sociedades ainda marcadas pelo patriarcado.

Se as populações imigrantes ocupam uma posição de menor estatuto social, se as mulheres imigrantes de forma geral enfrentam discriminações de género em sua inserção nos nichos laborais tradicionalmente dedicados a elas, com as dificuldades ligadas aos cuidados com os filhos e filhas e maior dificuldade de acesso à legalização, especialmente as mulheres solteiras, separadas ou divorciadas, mais problemática ainda se torna a condição das imigrantes brasileiras que vêem ameaçada sua identidade de género. Às dificuldades inerentes às questões de género e do percurso migratório de maneira geral, as mulheres brasileiras ainda se defrontam com a existência do fenómeno da exotização, dos estereótipos da sexualização, ligando-as à imagem da mulher-fácil e sensual e ao caso mais estigmatizado do modelo mulher, como refere Juliano (2004), e que simbolicamente ocupa a mais baixa posição hierárquica na sociedade, a prostituta.

No início do seu percurso migratório, quando decidem emigrar, os motivos que as movem, representados no processo DECIDINDO EMIGRAR, por si mesmos dão indícios da diversidade de identidades existentes entre as imigrantes, o que influencia nas diversas trajectórias que realizam. As categorias e subcategorias construídas representam um entrelaçar de motivos, que se conjugaram e as levaram à tomada de decisão. Apesar de algumas das mulheres terem resolvido

emigrar como parte de um projecto familiar, a maioria delas partiu de motivações individuais em busca de melhor qualidade de vida, melhores condições financeiras e, de forma bastante marcante nas narrativas, apareceu a busca por crescimento pessoal, seja em termos de aperfeiçoamento profissional ou em termos de afirmação emocional. Esses aspectos demonstram uma evolução bastante significativa em termos dos papéis tradicionais delegados às mulheres, já que a busca por realização pessoal e independência financeira e emocional verificou-se tanto nos discursos das mulheres sozinhas quanto das casadas, sendo que a decisão de emigrar foi uma opção em que seus desejos e aspirações não ficaram em segundo plano. A escolha de Portugal se deu pela existência de familiares ou parceiros afectivos a viver em Portugal, fenómeno que tem reforçado as redes migratórias e mantido os fluxos no sentido Brasil – Portugal, como já constatado em outros estudos (Fonseca et al 2005).

Nas categorias relacionadas ao processo RECONHECENDO O CONTEXTO E AS IDENTIDADES aparecem os processos de categorização (Tajfel, 1983), tanto quanto aos aspectos culturais, quanto à construção da imagem de portugueses e portuguesas, e de autocategorização, que produzem as próprias identidades sociais, por parte das entrevistadas. Essas categorizações e autocategorizações são fortemente marcadas pelos valores existentes na sociedade receptora e são determinados pelas interações realizadas, pelas informações transmitidas pelos media, por aspectos pessoais e biográficos, pela marcante significação religiosa e pela reflexividade, variáveis que orientam as suas acções/interacções.

A situação de desconhecimento sobre Portugal e a cultura portuguesa é observada em todas as entrevistadas, o que se traduz em surpresa e uma falta de habilidade inicial em lidar com as diferenças existentes, principalmente no que concerne às relações interpessoais. Segundo I. R. Machado (2003) esse desconhecimento no Brasil sobre tudo o que se passa em Portugal desde o século XIX é herança de uma memória colectiva que formulou a representação do português tomado por “burro”, a partir tanto de ressentimentos quanto das formas de resistência e revolta populares ao colonizador e seu domínio comercial e estratégias de enriquecimento no Brasil. Para I. R. Machado, essa organização simbólica da memória popular fechou as portas para um reconhecimento do que é Portugal, o que parece se traduzir na perpetuação da imagem dos portugueses num único adjectivo negativo e que, face às interacções carregadas de estereótipos negativos e discriminações encontradas pelas brasileiras ao chegar em Portugal, faz com que elas actualizem e (re) construam imagens eminentemente negativas quanto ao ser português e ser

portuguesa. Vale destacar a fala de uma das entrevistadas ao se referir aos estereótipos negativos recíprocos entre portugueses/as e brasileiras: *“Eu não sei se eles passam a mesma coisa lá, eu não tenho ideia. Eu nunca vi, mas vai saber... Tem essa coisa do português burro, mas é a mesma coisa que a brasileira puta. Pior até, burro não é tão ruim, mas puta que é mais pesado”*.

De facto, o que se verifica é uma reconstrução da imagem dos portugueses e portuguesas como reflexo das interações marcadas tanto pelo choque causado pelas diferenças no padrão de relacionamento interpessoal, vistos como extremamente frios e hierarquizados, quanto pelas interações atravessadas pelos preconceitos e estereótipos negativos direccionados às brasileiras.

Quanto às relações interpessoais, consideradas como fortemente hierarquizadas e como mantenedoras de relações desiguais no tecido social português, é de referir que o mesmo estranhamento foi manifestado por enfermeiras e enfermeiros espanhóis cuja experiência em um hospital português foi objecto de estudo de Resende (2006). No estudo de Resende as e os enfermeiros espanhóis identificam as relações hierarquizadas como intrínsecas à sociedade portuguesa como um todo e que se torna um factor complicador nas relações de trabalho, já que em Portugal essa hierarquização se traduz numa subordinação do pessoal da enfermagem aos /às médicos/as. No caso das brasileiras, estas vêem o notório tratamento diferenciado entre as diferentes classes económicas e profissionais reflectirem a estratificação social característica da sociedade portuguesa, onde parece ser encarado com naturalidade a diferenciação positiva de uns sobre outros. Acrescenta-se a esse estranhamento aos padrões interaccionais percebidos as tensões vividas entre autóctones e imigrantes, favorecendo a produção de imagens negativas destas em relação àqueles/as.

Os portugueses, de forma geral, passam a ser representados como sendo frios, fechados, pessimistas, submissos, racistas e preconceituosos. A imagem das portuguesas aparece como uma construção totalmente ligada aos estereótipos de género, face a um ambiente permeado por conflitos e tensões, onde as brasileiras percebem uma hostilidade latente e às vezes manifesta daquelas com relação a estas. As mulheres portuguesas são representadas pelas brasileiras com os atributos contrários aos que definem as brasileiras de forma estereotipada: as portuguesas são frias para o sexo, recalcadas, não se cuidam, são introvertidas e têm medo de se expressar. O processo de categorização aqui subjacente traz uma exacerbação dos atributos negativos imputados ao outro português no sentido de encontrar uma explicação para o facto de serem discriminadas e não terem

respeitadas as suas particularidades enquanto sujeitos. No processo aqui revelado o outro se torna o oposto do que valorizamos em nós mesmos. Ocorre assim a homogeneização do exogrupo em termos de uma categorização negativa, revelada em palavras e sentimentos manifestados, que não chegam a se alterar completamente mesmo com o passar dos anos, sendo esta representação negativa apenas abrandada pela tentativa das mulheres por construir novas significações, baseando-se nas interações de melhor qualidade que conseguem desenvolver com o passar dos anos. De qualquer forma, percepção-se em seus discursos um constante exercício reflexivo para expressar um distanciamento dos estereótipos negativos construídos ao longo de sua experiência no contexto português quando, por exemplo, as atribuições negativas homogeneizadoras são verbalizadas e em seguida rectificadas com frases do tipo “quer dizer, nem todos são assim”.

Verifica-se muitas vezes, por parte das entrevistadas, uma desvalorização do endogrupo, muito especificamente encarado como “brasileiros e brasileiras em Portugal”, diferente do grupo “brasileiros e brasileiras no Brasil”, como se os atributos identificados com esse grupo se tornassem não apenas diferentes, mas de facto negativos e passíveis de críticas quando localizados no contexto do outro. Dá-se uma reconstrução do “ser brasileiro e ser brasileira” a partir do olhar do outro, interpretado a partir do tipo e qualidade das interações desenvolvidas. Desta forma, a autocategorização construída no país de origem, por vezes ligada a um autoconceito positivo ou a uma auto-imagem no mínimo adequada aos padrões normativos na sociedade de pertença, é colocada em causa diante das representações negativas encontradas no contexto imigratório, gerando conflitos internos e dilemas identitários ao colocar em causa as identidades construídas sobre valores considerados positivos na sociedade de origem (mesmo considerando-se as múltiplas pertenças grupais e as diversas contradições e conflitos existentes no contexto original, como em qualquer contexto social).

O processo SIGNIFICANDO O CONTEXTO COMO HOSTIL reúne categorias e subcategorias que representam a acumulação de situações de exclusão e estigmatização com que se deparam as brasileiras. Agregam-se múltiplos marcadores de exclusão social, que colocam as identidades sociais das mulheres no que chamo de situação de risco, em termos da sua identidade de género, identidade cultural e identidade profissional, resultando numa percepção, por parte destas, de estarem sendo excluídas e relegadas a posições subalternas pela origem nacional.

Entre as mulheres de diferentes classes sociais as experiências se repetem com um mesmo padrão, porém, as significações dadas diferem, influenciadas pelas diferenças de classe social, nível de escolaridade, aspectos biográficos. Em geral, os significados atribuídos pelas mulheres de classe média vão num sentido de minimizar, e por vezes negar a discriminação sofrida, o que é constatado pela existência de contradições em seus discursos, uma negativa de que tenha alguma vez sofrido discriminação, seguida do relato de situações reveladoras da vivência destas mesmas situações, causadoras de constrangimentos, mágoas e ressentimentos.

Verifica-se assim a adoção de um discurso que nega a discriminação, por parte de algumas mulheres de classe média, e ao não assumir a consciência desse facto não reconhecem a necessidade de agir perante ele, de oferecer resistência, fenómeno similar ao identificado por Nogueira (2001a, 2006) em estudo realizado com mulheres que ocupavam cargos de poder a alto nível organizacional. Tal atitude de passividade revela ainda uma tentativa de distanciamento do grupo de pertença, como se as discriminações reconhecidas atingissem apenas “as outras brasileiras”. De qualquer forma, embora mereça um destaque importante, a negação da discriminação é uma entre outras estratégias de *coping* adoptada pelas mulheres face às dificuldades e hostilidades.

As diferentes trajectórias e significações decorrentes da pertença a diferentes classes sociais, diferentes profissões e níveis de escolaridade ao mesmo tempo que influenciam os diferentes percursos a serem trilhados e as diferentes experiências vividas, acabam por se diluir, ou por outras palavras, acabam por ser o ponto de intersecção onde as mulheres brasileiras, enquanto colectivo social, se encontram: a vivência de situações particulares que envolvem a etnicidade brasileira e o ser mulher brasileira, localizando-as naquilo que Lewin chamou de destino comum, quando a pertença à nacionalidade brasileira se destaca, se não pela aparência mestiça ou mulata, mas pela pronúncia da língua.

Assim, as identidades sociais das mulheres estão expostas a sofrer no contexto imigratório várias consequências perversas, seja a nível psicológico em termos de crescimento e bem-estar pessoal, seja a nível de bem-estar relacional e colectivo (Nelson & Prilleltensky, 2005).

O facto de serem imigrantes, vindas de um país em desenvolvimento (visto como subdesenvolvido) e ex-colónia determina tipos de interações em que as mulheres se sentem tratadas como miseráveis, como alguém de menos valor, por fazerem parte de uma categoria social

que, à partida, é vista como em posição naturalmente subalterna. Directamente relacionada a esta subalternidade “natural” das mulheres, especialmente das mulheres imigrantes, está a facilidade com que se inserem no trabalho não qualificado e a dificuldade em ascender a postos mais qualificados e de maior estatuto económico e social, o que coloca em causa a identidade profissional. A necessidade de trabalhar em funções abaixo de suas qualificações, com todos os inconvenientes para aceder aos direitos do trabalho e legalização, faz com que as mulheres experimentem profundos sentimentos de menos valia, com os quais empreendem verdadeiras batalhas pessoais no sentido de manterem sua auto-estima positiva e sentirem-se reconhecidas em seu valor pessoal e profissional. Essa inserção, embora seja vivida em parte como factor de empowerment pelas mulheres com menos escolaridade e que já exerciam funções não qualificadas no mercado de trabalho no Brasil, com o passar do tempo passa a ser vista como factor impeditivo à sua legalização e ao acesso aos direitos do trabalho, o que as mantém em situações de exploração e em posições desfavorecidas em termos económicos e sociais. Para as mulheres com formação superior e maior qualificação profissional, a inserção nos nichos laborais feminizados origina angústias e sentimentos de menos valia desde a chegada, o que por vezes é superado ao longo dos anos, depois de muitos esforços junto às várias instâncias responsáveis pela validação de diplomas e certificações profissionais ou, em alguns casos, acontece uma acomodação aos postos de menor qualificação. Essas situações são vividas sempre como um forte golpe em sua auto-estima e identidade profissional.

Em relação às identidades de género e identidades culturais estas são colocadas em causa pelo facto de serem mulheres brasileiras, cuja representação encontra-se marcada pela sexualização e estigma da prostituição e pela existência do fenómeno da exotização, ligando as brasileiras a uma imagem de simpatia, extroversão e exuberância. No estudo de I. R. Machado (2003) com populações pobres no Distrito do Porto, a exotização se converte numa prisão simbólica em que os brasileiros, envolvidos em mecanismos de estereotipização, são levados a assumir uma “identidade-para-o-mercado”, num processo de auto-subordinação como forma de inserir-se no mercado de trabalho, no sector do comércio, atendimento ao público ou no sector de entretenimento. No caso das mulheres participantes nesta pesquisa, a existência dessa identidade estereotipada é reconhecida, mas vista e sentida como incómoda e indesejável em suas interacções quotidianas com a população portuguesa e é elemento causador de menosprezo pelos/as brasileiros/as que as assumem. Há então uma tentativa, por parte das mulheres, de se afastar

dessa estereotipização, da imagem da brasileira alegre, simpática e comunicativa, até porque, neste caso, isso as aproxima da imagem da mulher-fácil e da prostituta.

Ainda em relação à identidade cultural, a linguagem aparece entre as categorias emergentes como um dos aspectos centrais a ter em conta para revelar particularidades da experiência imigratória das brasileiras, ocupando um lugar contraditório como elemento de integração e ao mesmo tempo como elemento que resulta em intolerância. Em relação à comunicação, as brasileiras e brasileiros estão, à partida, em desvantagem, por não conseguirem entender a pronúncia do português falado em Portugal, o que é consequência da total falta de contacto com a pronúncia portuguesa, o que do lado português é facilitado devido à socialização através da presença muito marcante da música brasileira e das telenovelas no seu quotidiano, especialmente nas últimas três décadas.

A língua portuguesa é um factor inegável de integração entre Brasil e Portugal e inúmeros esforços têm sido desenvolvidos ao longo das últimas décadas para superar a lusofobia, numa aliança preconizada inicialmente por Silvío Romero nos anos 30 no Brasil e abraçada mais tarde por Fernando Pessoa, pela Sociedade de Geografia de Lisboa e Academia das Ciências (Carneiro, Cristóvão, Machado, Malheiros & Peixoto, 2007) no sentido de reatar laços de amizade e cooperação, baseados na língua comum que une Brasil e Portugal. Os esforços empreendidos por pessoas e instituições parecem ter sido bastante frutíferos em termos de uma reaproximação entre os dois países, o que é demonstrado, segundo Carneiro e cols. (2007) pelo bom acolhimento de um novo tipo de emigração portuguesa no Brasil em 1975, à proximidade que os portugueses atribuem aos imigrantes brasileiros (como o demonstram alguns estudos já referidos anteriormente, embora questionável principalmente no caso das mulheres brasileiras), e ao aumento da presença brasileira em Portugal, especialmente a partir da entrada de Portugal na União Europeia. Todo esse esforço para construir um sentimento de proximidade entre os países lusófonos tem tido seus efeitos positivos, como destacam os autores referidos, porém, a existência desse “discurso da irmandade” transformou-se em motivo de desagradável surpresa para as mulheres brasileiras, diante das hostilidades que encontraram no “suposto” país irmão, irmandade essa que, à partida, era vista como possibilidade de bom acolhimento em variados aspectos. Assim, o sentimento de proximidade esperado, pela existência da língua comum, transforma-se num sentimento de decepção quando as imigrantes se deparam com tipos de dificuldades e hostilidades não esperadas ou imaginadas. O sentimento de decepção, experimentado como rejeição e opressão, gera ressentimentos, cujos

efeitos se prolongam ao longo do tempo, sendo significativos nos sentidos construídos sobre várias outras interacções realizadas. A centralidade desse fenómeno levou-me à escolha do título desta tese, por considerá-lo como muito significativo para expressar os significados atribuídos às experiências vividas.

Se a dificuldade de compreensão da língua falada e escrita a princípio parece uma dificuldade ultrapassada de forma relativamente fácil, a intolerância sofrida reflecte-se em experiências de discriminação e preconceito, que se tornam importantes em termos emocionais e se constituem em mais uma barreira para a construção de uma imagem mais positiva dos/as portugueses/as por parte das brasileiras e, por conseguinte, contribui para um distanciamento maior em termos de interacções humanas mais satisfatórias, a par dos sentimentos de injustiça e ressentimentos gerados. As participantes narraram situações em que, por terem dificuldade de compreensão da língua falada e/ou expressão escrita, foram vítimas de humilhações declaradas por patrões, colegas e professores, em ambiente de trabalho e em ambiente académico. Nestes momentos, perceberam atitudes etnocêntricas e sentimentos colonialistas muito marcantes por parte destes/as portugueses/as.

O processo denominado DILEMAS E ESTRATÉGIAS IDENTITÁRIAS NUM CONTEXTO DE EXCLUSÃO SOCIAL reúne alguns fenómenos que são representativos dos conflitos por que passam e estratégias identitárias adoptadas pelas imigrantes. Sendo as identidades construídas e reconstruídas activamente no mundo cultural e social, as estratégias identitárias ocorrem influenciadas tanto por condicionantes estruturais da sociedade de origem quanto da sociedade receptora, não se desenvolvendo simplesmente pela vontade própria dos sujeitos. Assim é que ao se definirem, de maneira geral, as brasileiras identificam-se com atributos essencializados, construídos nos discursos do contexto brasileiro e presentes em Portugal. Surgem dilemas e contradições nas reconstruções identitárias, pois ao mesmo tempo em que se identificam com as imagens essencializadas das brasileiras como mulheres sensuais, espontâneas e atraentes, tentam se afastar dessa representação ao perceberem a estigmatização que tal representação produz. Em termos de sua identidade de género, os atributos encarados anteriormente como positivos passam a ser vistos como negativos quando as desqualificam. As mulheres têm então sua identidade de género ameaçada, incorrendo em dúvida e suspeita sobre os valores construídos na sociedade de origem quanto ao seu próprio ser e estar no mundo. Ficam assim as reconfigurações identitárias actualizadas e condicionadas por valores diferentes que identificam e representam as identidades

femininas no novo contexto. As estratégias identitárias tecidas, consciente ou inconscientemente, oscilam “entre o desejo de assimilação e a resistência cultural” (Capinha, 2000, cit. in Carvalho, 2001), mas que por vezes determinam o assumir para si os padrões normativos da sociedade receptora, objectivando a aceitação e a integração social.

Diante do exposto, é possível identificar na vivência das participantes desta investigação, como também verificou Kitzinger (cit. in Nogueira, 2001b) em estudo sobre o lesbianismo e a homossexualidade, a ocorrência de um fenómeno identitário que ocorre entre as populações oprimidas: o facto de que as próprias vítimas de opressão são activamente encorajadas a construir suas identidades de forma a reafirmarem a validade básica da ordem moral dominante.

Os achados da presente investigação acabam por caracterizar as mulheres brasileiras como classe oprimida, ao agregarem múltiplos marcadores de exclusão social e preencherem basicamente todos os critérios apresentados por Young (1990) para identificar a opressão. Para Young, a opressão existirá se uma ou mais das seguintes situações são vivenciadas pela maioria dos membros de um grupo: exploração nas relações de trabalho; marginalização, com a exclusão das pessoas das actividades e lugares de maior estatuto social; falta de poder, onde a pessoa detém pouca autonomia sobre si mesma, vivendo ou trabalhando sob condições impostas por outros; sofrem violência sistemática, física ou simbólica, pelo facto de pertencerem a um grupo em particular e; imperialismo cultural, quando não há oportunidades das pessoas expressarem suas vivências e perspectivas, estando marcadas por estereótipos e, paradoxalmente, sendo invisibilizadas (Young, 1990, p.59).

No caso das brasileiras em Portugal os estereótipos presentes, que as desqualificam moralmente, podem também ser vistos com a utilidade social apontada por Tajfel no sentido destes estereótipos servirem para permitir aos grupos dominantes a defesa e preservação de seus sistemas de valores, preservando as ideologias de grupo que justificam as acções sociais como a discriminação e também preservando a diferenciação positiva do grupo autóctone face às imigrantes. Perpetua-se assim, com base nesses estereótipos, uma situação em que as mulheres brasileiras são mantidas numa posição social subalterna, por estarem associadas a estas representações negativas principalmente em suas identidades de género.

Não sendo objectivo deste trabalho analisar um fenómeno social ocorrido em 2003, mas recorrendo a ele pelo facto de algumas mulheres ouvidas terem sentido os seus efeitos de forma bastante negativa, o episódio das “Mães de Bragança”, já referenciado, foi importante por trazer à discussão pública o fenómeno da discriminação das brasileiras, até aquela altura pouco discutido. Este episódio torna-se emblemático ao se analisar uma de suas vertentes, a dos estereótipos servindo à defesa dos valores dominantes, com a atribuição da culpa às prostitutas brasileiras pelas fragilidades existentes tanto na instituição do casamento como na sociedade como um todo que nos discursos reprova a prostituição, desculpabiliza os homens, reproduz as relações assimétricas de poder e culpabiliza as prostitutas brasileiras (estendendo o estereótipo a todas as brasileiras) pelas fragilidades existentes nas instituições da sociedade hegemónica. É de destacar o aprisionamento das mulheres portuguesas envolvidas ao papel de mães e esposas puras e devotadas, embora elas não tenham consciência das repercussões sobre si próprias, enquanto reprodutoras de discursos normalizadores.

Estão representadas nas categorias que compõem o processo *DESENVOLVENDO ESTRATÉGIAS DE COPING FACE ÀS DIFICULDADES E HOSTILIDADES* as acções/interacções guiadas tanto pela reflexividade quanto pelas emoções suscitadas nas situações vividas.

Segundo as proposições de Tajfel, referidas por Lorenzi-Cioldi e Doise (1996), os indivíduos tentam aceder ou manter uma identidade social positiva, baseada em comparações que realizam entre o grupo de pertença e os outros grupos e quando a identidade social não é satisfatória tentam abandonar o grupo de pertença para unir-se a um grupo mais positivo e/ou tentam diferenciar o grupo num sentido mais positivo. De facto esses processos foram observados nas entrevistadas, que de forma mais ou menos marcante, mais ou menos contraditória, tentam afastar-se do endogrupo, porém, mais por uma desvalorização de alguns atributos do endogrupo, do que pela valorização dos atributos do exogrupo. Há uma estratégia de afastamento como forma de aceder aos espaços e condições mais valorizadas que, legitimadas pelas relações assimétricas de poder, são destinados à sociedade hegemónica, no caso, os autóctones.

Ocorre entre as brasileiras estratégias individuais para lidar com as situações que no fundo reflectem um sentido de “se não pode vencê-los, junte-se a eles” e como se considerassem as atitudes e comportamentos das brasileiras que estão em Portugal como responsáveis pelas representações negativas estabelecidas, algo com que elas não poderão lutar diante dos factos: “há

demasiadas prostitutas brasileiras em Portugal”, “há muitas mulheres fáceis e que vem atrás do dinheiro dos portugueses”, ou “brasileiras em Portugal não sabem se portar adequadamente”.

As estratégias identitárias e de *coping* são desenvolvidas num sentido de ocupar um espaço socialmente mais valorizado e que propicie uma aceitação e valorização pessoais e acesso aos direitos e bens sociais de maneira geral, na tentativa de se afastar dos espaços desfavorecidos ocupados pelos membros do endogrupo. Em alguns casos, quando as imigrantes se afastam do grupo de pertença por tentar diferenciar-se dos atributos direccionados a este, elas não se sentem integradas quer no endogrupo, quer no exogrupo, experimentando um sentimento de não pertença que traz dilemas importantes: afinal, onde é que me localizo?

No caso das participantes deste estudo, a existência de estratégias meramente individuais retratam uma situação em que não há uma identificação das mulheres com uma consciência de grupo. As estratégias individuais representadas pelo afastamento de um “ser brasileira” com a justificação da discriminação por parte dos portugueses e portuguesas, baseadas nos “factos” já mencionados, parece fazer com que, além de justificarem as discriminações, as brasileiras envergonhem-se da nacionalidade em muitos momentos e tentem por vezes evitar uma identificação pública como sendo brasileiras. Além disso, a falta de uma consciência de grupo e falta de reconhecimento da necessidade de participação em acções colectivas para a mudança das representações sociais referentes às brasileiras e decorrentes injustiças advindas das mesmas, leva a que estas assumam culpas que não possuem. Ao se basearem nas relações de qualidade estabelecida a nível micro-social, por vezes sentem-se sendo injustas com os e as portuguesas quando se trata de lutar por uma condição social mais equitativa. Embora as discriminações sofridas sejam relatadas com muito sentimento, acompanham essas narrativas a defesa particularizada de algumas pessoas portuguesas que as ajudaram em seu percurso, como se fosse uma ingratidão reclamar de forma mais efectiva o direito a serem respeitadas em suas identidades de género e oporem resistência de forma mais efectiva às injustiças sofridas.

A disseminação social dos discursos sobre a irmandade luso-brasileira, sobre o quanto os portugueses admiram os brasileiros e os tem em grande consideração, colocando-os no topo da hierarquia das alteridades imigrantes, como revelam alguns estudos já citados, encobrem atitudes ambivalentes por parte dos e das portuguesas, principalmente contra as brasileiras. Bela Feldman-Bianco (2007) refere-se aos “*paradoxos e trágicas repercussões do ‘drama familiar’*” quando

analisou os incidentes diplomáticos entre Brasil e Portugal, nos inícios de 1993, derivados das situações em que homens e mulheres de camadas economicamente desfavorecidas do Brasil, tidos como “*indesejáveis*”, começaram a ser barrados nos aeroportos portugueses, de forma frequentemente desrespeitosa à dignidade humana. Para Feldman-Bianco, o discurso da “irmandade” serve à afirmação hegemónica de uma ideologia portuguesa conciliatória, baseada em reconfigurações imperiais, que actualizam relações de subordinação das antigas colónias (Feldman-Bianco, 2007). As análises realizadas nesta investigação levam à afirmação de que esses discursos funcionam também para criar uma situação de aparente legitimidade na situação da população brasileira de forma geral e das mulheres brasileiras, o que dificulta a conscientização, por parte destas, no sentido de se reconhecerem enquanto grupo oprimido, que necessita efectivar acções colectivas visando ascender a um estatuto mais favorável. Assim, as brasileiras não percebem a necessidade de, por exemplo, utilizar estratégias como a reinterpretação das características do endogrupo que produzam uma distintividade positiva face ao grupo dominante. Como defende a teoria das identidades sociais de Tajfel, essa aparente legitimidade favorece a adopção das estratégias individuais de mobilidade social que não se constituem em ameaça ao grupo hegemónico e sim, ao enfraquecer a solidariedade no interior do grupo dominado, contribuem para a manutenção do *status quo* (Tajfel, 1978, cit. in Cabecinhas, 2007).

Prevalece em grande parte das narrativas das brasileiras entrevistadas as representações hegemónicas direccionadas ao colectivo das imigrantes brasileiras. Essas representações hegemónicas (Moscovici, 1988, cit. in Vala, 1997) são produzidas no grupo dominante e largamente difundidas como indiscutíveis, prevalecendo implicitamente e coercivamente nas práticas simbólicas do contexto social, passando a fazer parte não apenas do imaginário de nacionais portugueses como das brasileiras e brasileiros, como referido em outros estudos que ouviram as perspectivas dos brasileiros imigrantes (Padilla, 2007; Xavier, 2007).

Nesta reflexão com a perspectiva de género, onde as vozes das protagonistas foram ouvidas, os resultados obtidos vão num sentido contrário às afirmações de que as mulheres brasileiras ocupem lugares de algum privilégio em termos de estatuto social. A vivência da multiplicidade de situações que as caracterizam como grupo oprimido aqui discutida, corrobora essa afirmação. A análise qualitativa realizada permite a proposição de que as participantes conseguem aceder a um espaço significativo a nível micro social que as faz conseguir respeito e estabelecer relações interpessoais de melhor qualidade, seja no trabalho ou em outros diversos espaços, mas que, a

nível do contexto macro social, as situações em que precisam se afirmar para serem respeitadas e valorizadas repetem-se e perpetuam-se, não se antevendo uma atenuação ou uma mudança em termos dos preconceitos manifestados pela população autóctone, como é relatado por algumas delas que já se encontram a viver há vários anos em Portugal e que vêem e sentem na pele o aumento das discriminações em relação às mulheres brasileiras com o passar do tempo, especialmente nesta última década.

A par de todas as dificuldades e hostilidades que tem como consequência os conflitos e dilemas identitários, os sentimentos de menos-valia, a falta de sentimento de pertença e tantas outras consequências que impedem o bem-estar pessoal, relacional e colectivo, as brasileiras apresentam uma particularidade extremamente marcante diante das adversidades: a presença de um sentimento religioso/espiritual que, segundo elas, é o responsável pela manutenção de uma atitude positiva mesmo nos momentos de maiores dificuldades enfrentados, nos mais diversos momentos de vida. Esse fenómeno está representado pelas categorias e subcategorias que compõem o processo TENDO A RELIGIOSIDADE ESPIRITUALIDADE COMO DIMENSÃO FUNDAMENTAL NA EXPERIÊNCIA DE IMIGRAÇÃO.

Foi possível verificar que a utilização da religiosidade/espiritualidade como *coping* religioso/espiritual é bastante presente na vida das participantes, se coadunando com os objectivos básicos da religião: busca de significado, controlo, conforto espiritual, intimidade com Deus e com outros membros da sociedade, transformação da vida e busca por bem-estar físico, psicológico e emocional. No entanto, para além do que propõem as perspectivas dos estudos sobre *coping* religioso/espiritual, de que as pessoas usam a dimensão religiosa exclusivamente como fonte de conforto emocional nas situações adversas, as categorias emergentes construídas nesta investigação revelam a centralidade da dimensão religiosa/espiritual não apenas nestas situações adversas. Na mesma direcção das conclusões de Mattis (2002), a construção de sentidos proporcionada pela religiosidade está presente de forma transversal na análise realizada pelas mulheres face à sua realidade, promovendo o pensamento racional sobre a necessidade de actuar para transformar as suas condições de vida. Assim, ao atribuir sentidos em que as suas dificuldades no contexto imigratório não se reduzem a uma aceitação pura e simples das situações ditadas por Deus, encaram-nas como desafios a serem enfrentados e vencidos. As categorias construídas sugerem a existência de uma fé em Deus que não está presa a dogmas a serem

seguidos e obedecidos, mas a uma fé que existe para prover força e criatividade para lidar com as situações adversas e/ou injustas.

Embora poucas mulheres estejam a frequentar instituições religiosas, estas referem a importância desta participação como proporcionando o desenvolvimento de um sentimento de pertença não experimentado em outros espaços do contexto imigratório.

A existência de um forte sentimento religioso/espiritual nas participantes não se mostra condicionado pela afiliação religiosa, pela frequência de comparecimento à igreja, pela actividade religiosa privada, frequência de preces, estudo ou leitura da Bíblia ou escrituras sagradas, isto é, o sentimento religioso/espiritual que influencia os sentidos atribuídos às experiências não apareceu ligado a estas “*variáveis congeladas*”, como tem sido focalizado nos estudos sobre religiosidade/espiritualidade (Dalgarrondo, 2006) mas sim, ligado a uma visão de que Deus provê a força que movimenta no sentido da compreensão, superação e do ultrapassar das adversidades do dia-a-dia.

Embora os discursos de resistência, representados por atitudes afirmativas sobre a própria identidade ou as análises críticas realizadas pelas mulheres quanto às injustiças experimentadas por elas devido aos estereótipos negativos, preconceitos e discriminações e embora tais discursos não venham se concretizando em acções fomentadoras de mudanças sociais, há que se reconhecer a importância dessas atitudes de resistência como embriões que podem dar origem a práticas transformadoras, desde que diferentes agentes sociais estejam envolvidos. Além disso, faz-se necessário o reconhecimento de que as estratégias individuais que têm possibilitado inserções e mobilidades pessoais, mais ou menos satisfatórias, são importantes em termos de proporcionar bem-estar psicológico individual, pelo alcance de melhor qualidade de vida. Vale ressaltar que esse bem-estar individual constitui-se em condição básica para que cada pessoa possa ter condições para uma conscientização em termos grupais e sociais na busca pelo bem-estar relacional e colectivo.

O relato de pesquisa contido neste documento e as discussões apresentadas quanto aos achados da investigação procuraram demonstrar a profundidade e reflexividade que empreendi ao longo das análises realizadas, sem perder de vista o carácter de flexibilidade e sempre dependentes do olhar de quem investiga, em conformidade com os pressupostos das metodologias críticas que

adopto. Contudo, como toda e qualquer pesquisa, algumas limitações podem ser apontadas, algumas decorrentes de decisões tomadas e outras decorrentes de motivos alheios.

Primeiramente, aponto o facto de não ter sido possível realizar entrevistas com homens brasileiros, que poderiam fornecer contrapontos importantes para a análise de género. Tentei colmatar essa limitação ao utilizar alguns contributos realizados por outros/as autores/as em trabalhos sobre a imigração brasileira em Portugal.

Em segundo lugar, é de referir que o facto de ter colocado como único critério para a participação das entrevistadas a temporalidade da imigração poderia se constituir em enviesamento nos resultados. No entanto, conforme foram sendo realizadas as entrevistas, ficou evidente a necessidade de atenção pormenorizada às diferenças das mulheres em termos de classe social, nível de escolaridade, região de origem no Brasil, diferentes status sociais ocupados tanto na sociedade de origem como na receptora, o que foi constantemente reflexionado na realização das análises e discussões aqui apresentadas.

Por fim, o facto de ter analisado um número muito extenso de fenómenos envolvidos no processo imigratório não descarta a possibilidade de ter negligenciado alguns processos importantes. Além disso, a diversidade de fenómenos abordados pode dar ao trabalho um cariz descritivo e exploratório mais marcante do que sua vertente de construção teórica, objectivada desde o início com a opção pela teoria fundamentada como metodologia de pesquisa. Ao mesmo tempo, essa diversidade me parece útil em termos de uma ampliação do campo dos estudos sobre a imigração das mulheres brasileiras em Portugal, sendo minha pretensão contribuir para a compreensão de alguns processos envolvidos na construção de significados pelas imigrantes sobre as suas experiências, como também contribuir para indicar pistas sobre novos estudos a serem empreendidos e possíveis aplicações práticas em intervenções sociais que envolvam tanto as populações imigrantes quanto a autóctone.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendi com este trabalho contribuir para o desvelamento das condições de vida das mulheres brasileiras imigrantes em Portugal a partir das suas próprias vozes. Ao localizar este estudo numa perspectiva da psicologia social crítica, em que a produção científica nunca é encarada como neutra, parto da premissa de que o conhecimento produzido nesta investigação pode ser usado para promover o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária, onde os direitos e dignidade das mulheres imigrantes sejam respeitados. A busca por realizar uma análise aprofundada de cada processo identificado com a utilização da teoria fundamentada nos dados me permite considerar que os resultados alcançados, sem pretensão de generalização, apresentam uma leitura coerente com o contexto histórico e social. Penso que os dados obtidos e analisados não foram esgotados em sua riqueza representativa da experiência humana abordada, e acredito ser mesmo impossível alcançar tal intento em qualquer trabalho de pesquisa. Assim, o trabalho de interpretação que apresento será sempre passível de reorganização, re-significação e reconstrução, o que deixa aberta a possibilidade de ampliações e realização de outras leituras possíveis, sem colocar em causa a validade do trabalho analítico realizado.

O modelo teórico aqui desenvolvido oferece uma compreensão de que a inserção das brasileiras na sociedade portuguesa se dá de forma bastante conflituosa, tanto em termos das interacções sociais, quanto em termos dos conflitos pessoais resultantes da significação do contexto como hostil, onde há riscos a sua subjectividade, como perda da identidade profissional, desvalorização, estigma, discriminação.

É possível afirmar que a vivência das brasileiras no contexto português é atravessada por fenómenos vividos, sentidos e significados como fortemente hostis ao colocarem em causa o valor das imigrantes a partir da sua nacionalidade, quando são enquadradas em modelos exotizados e estereotipados e quando são discriminadas; é também sentido e significado como hostilidade o facto de terem sua mão-de-obra, mesmo que qualificada, servindo a um mercado informal, caracterizado pela instabilidade, baixos salários e exploração laboral e; especialmente no caso das brasileiras, o contexto é sentido como hostil por apresentar-se atravessado pelos estereótipos que as ligam às imagens sexualizadas e ao estigma da prostituição. As mulheres acabam por não superar as questões ligadas aos estereótipos, mas aprendem a conviver com eles ao alcançarem

uma mobilidade social, até certo ponto satisfatória, em termos dos objectivos individuais alcançados.

As mulheres sozinhas, com menos escolaridade, que não possuem família alargada em Portugal e as que não têm qualificação profissional, encontram-se em situação de maior vulnerabilidade. Tais factos, já verificados em vários trabalhos sobre as questões de género, foram corroborados nesta pesquisa, com destaque para a maior dificuldade em regularizar-se por parte das mulheres sozinhas.

A não-aceitação do próprio grupo e nem do outro, que as situa num “não-lugar” entre a cultura de origem e a cultura receptora, tem como consequência a falta de sentimento de pertença tanto ao grupo de suas/seus compatriotas, que passam a ser significados negativamente face ao olhar do outro, quanto ao grupo dos autóctones, de quem uma imagem construída de forma marcadamente negativa e a rejeição aos padrões relacionais observados são motivo de alguma desconfiança e afastamento, mesmo com o passar dos anos.

A discriminação por parte dos autóctones, sentida pelas brasileiras, advindas das representações negativas sobre as brasileiras, é justificada por elas com “factos” que demonstram o comportamento reprovável das brasileiras. Tal julgamento e justificação não dão espaço a que sentimentos de solidariedade se desenvolvam, sentimentos que poderiam dar origem a um movimento social, onde o direito de todas fosse buscado. A mobilidade individual, conseguida através das estratégias individuais não têm se constituído em motor de mudança no estatuto atribuído concretamente e simbolicamente às brasileiras enquanto colectivo social. As discriminações chegam a ser sentidas como injustas, porém, quando conseguem desenvolver relações mais satisfatórias a nível micro social, não conseguem visualizar a ilegitimidade e instabilidade das interacções a nível macro social. Por vezes as mulheres chegam a se sentirem culpadas por terem “preconceitos” com relação aos portugueses e portuguesas.

Mostrou-se de fundamental importância a abordagem dos aspectos ligados à dimensão religiosa/espiritual na vida das mulheres. Essa dimensão aparece como norteadora em muitos momentos, não apenas nos momentos adversos, mas em todas as experiências vividas, dando significado e sendo proporcionadora de fortalecimento nas mais variadas situações.

As análises realizadas deixam a descoberto o facto de que as relações entre os portugueses/as e as brasileiras dão-se de forma repleta de conflitos e tensões, ao contrário do que o discurso da “irmandade”, tão propalado desde os anos 30 no Brasil e em Portugal, pudessem fazer crer. Desvela-se assim uma realidade em que as mulheres brasileiras não se encontram no topo de uma hierarquia das alteridades imigrantes, como supõem alguns estudos realizados quanto à posição ocupada “pelos brasileiros”, sem o recorte de género. Vale referir que mesmo essa suposta posição hierárquica privilegiada, se for de facto ocupada pelos homens brasileiros, não tem se constituído em valor para estes no sentido de evitar um posicionamento subalterno e que não lhes garante direitos de cidadania, como comprovam alguns estudos mencionados.

Acredito que os estudos da psicologia social precisam ser capazes de contribuir na compreensão dos fenómenos e atender a rapidez das mudanças no campo da imigração, que no caso da imigração brasileira para Portugal, vem sofrendo transformações intensas e constantes nos últimos vinte anos, na intensidade dos fluxos, no perfil dos e das imigrantes e na forma como são vistos pela sociedade portuguesa, onde se verifica o enraizamento dos estereótipos e preconceitos, processos que exigem uma rápida intervenção social a todos os níveis no sentido de evitar os seus efeitos nefastos.

É imprescindível reforçar e implementar acções envolvendo governo e sociedade civil para a afirmação de valores de igualdade entre as diversas comunidades residentes. Tais estratégias devem apoiar-se na relatividade cultural, na diversidade e na distribuição equitativa dos bens sociais.

A partir dos achados da presente investigação, torna-se possível a indicação de diferentes estratégias de acção que envolvam a comunidade brasileira, especialmente as mulheres brasileiras, que se encontram em situação de maior vulnerabilidade social. Entre as intervenções necessárias, podem ser apontadas as seguintes estratégias:

- Implementar novos projectos e incentivar os já existentes que tenham como objectivo o empowerment das imigrantes, visando a conscientização sobre as desigualdades presentes no contexto social que são consequências das relações assimétricas de poder; a auto-valorização e o respeito pela identidade nacional de origem e; o reconhecimento do direito à diferença.

- Efectivar acções, tendo as associações de imigrantes como elemento primordial, visando a participação comunitária e o desenvolvimento do sentimento de pertença comunitária.

- Envolver a população autóctone e comunidades imigrantes em acções colectivas que visem a reflexão sobre as questões da multiculturalidade e interculturalidade no sentido do respeito à diversidade e à convivência pacífica entre todos os grupos que compõem o tecido social.

- Efectivar acções conjuntas que proporcionem o contacto e as trocas efectivas e afectivas entre portugueses e imigrantes, visando a despersonalização das imagens estereotipadas negativas recíprocas, o que pode se configurar num dos gérmenes para a construção de relações pautadas no respeito e na solidariedade.

- Realizar e divulgar estudos que desvelem as desigualdades e injustiças sociais no sentido de conscientizar as populações sobre os fenómenos envolvidos nas relações intergrupais, como os preconceitos e discriminações, que impedem o reconhecimento do outro enquanto indivíduo que deve ter acesso não somente aos direitos de cidadania, mas aos direitos de dignidade humana.

- Maior esclarecimento na sociedade de origem visando preparar objectivamente e psicologicamente os e as imigrantes, com informações e esclarecimentos para que tenham conhecimento do que vão encontrar na sociedade receptora (uma iniciativa pioneira já existe em Cabo Verde, onde foi criado o Centro de Apoio ao Migrante no País de Origem – Campo).

É também indispensável para a realização do esforço reflexivo, necessário à construção de uma sociedade com justiça social, a realização de estudos sobre a situação dos imigrantes de maneira geral e das mulheres imigrantes em particular para que as hostilidades e discriminações, que são reproduzidas de forma inconsciente ou naturalizada, sejam reconhecidas e combatidas. Estes estudos podem aprofundar alguns fenómenos aqui discutidos e muitos outros, dando voz às mulheres e abordando: as motivações e desejos envolvidos no projecto imigratório; as questões

identitárias, que envolvem dilemas influenciados pelo contacto das identidades construídas na terra de origem com os valores presentes na sociedade receptora; o valor da religiosidade/espiritualidade como dimensão fundamental das experiências individuais e colectivas; a existência de estereótipos negativos, preconceitos e discriminações que tornam penosa a experiência de imigração em muitos aspectos; as repercussões das experiências vividas na educação dos filhos; além de muitos outros fenómenos emergentes nas experiências das imigrantes.

Assim como Lígia Amâncio (2007, p.8) chama a atenção de que foi preciso *“vencer a crença de que o ‘racismo não existe’”* na sociedade portuguesa *“para o eleger como objecto de estudo e as limitações dos próprios modelos de análise social, dominados pelas desigualdades de classe, que não favoreciam o reconhecimento de outras desigualdades sociais”*, considero ser ainda necessário vencer a crença na existência da *“irmandade luso-brasileira”*, que como discurso tem mascarado as relações assimétricas e injustas desenvolvidas com as mulheres imigrantes, decorrentes da naturalização das relações assimétricas entre autóctones e imigrantes, de preconceitos e estereótipos negativos fortemente enraizados na sociedade e que *“precisam ser contrariados por um esforço de reflexividade”* (Amâncio, 2007, p.8). A presente investigação pretende contribuir para essa reflexão.

As análises e conclusões apresentadas neste trabalho, baseadas nas narrativas das protagonistas das histórias, ditas na primeira pessoa, podem contribuir para a conscientização sobre o fenómeno da discriminação que sofrem as mulheres brasileiras na sociedade portuguesa. Esse fenómeno, sentido e vivido nas interacções entre as duas comunidades, porém pouco discutido em termos de se encarar a amplitude das repercussões psicológicas e sociais nas vidas das mulheres brasileiras, urge que seja reflectido para possibilitar mudanças nas mentalidades e na agenda democrática em seu compromisso com a afirmação do respeito aos valores culturais dos diferentes povos, da igualdade e respeito pela dignidade das mulheres.

Referências

- Abranches, M. (2007). *Pertenças fechadas em espaços abertos.estratégias de (re) construção identitária de mulheres muçulmanas em Portugal*. Lisboa: ACIDI.
- Amâncio, L. (1994). *Masculino e feminino. A construção social da diferença*. Porto: Edições Afrontamento.
- Amâncio, L. (2007). Prefácio. In R. Cabecinhas. *Preto e Branco. A naturalização da discriminação racial* (pp. 7-10). Braga: Campo das Letras Editores e Universidade do Minho.
- Araújo, S. A. (2008). *Contributos para uma Educação para a Cidadania: Professores e Alunos em Contexto Intercultural*. Lisboa: ACIDI.
- Bastos, J. G. P., & Bastos, S. P. (1999). *Portugal Multicultural*. Lisboa: Fim de Século Edições.
- Berger, P. (2000). A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, 21(1), 9-24.
- Bergin, A. E., Stinchfield, R. D., Gaskin, T. A., Masters, K. S., & Sullivan, C. E. (1988). Religious life-styles and menthal health. An exploratory study *Journal of Counseling Psychology*, 35(1), 91-98.
- Berry, J., Poortinga, Y. H., Segall, M. H., & Dasen, P. R. (2002). *Cross-Cultural Psychology. Research and applications*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bógus, L. M. M. (2007). Esperança além-mar: Portugal no "arquipélago migratório brasileiro". In J. Malheiros (Ed.), *A imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI.
- Bourhis, R. Y., Gagnon, A., & Moise, L. C. (1996). Discriminación y relaciones intergrupales. In R. Y. Bourhis & J. P. Leyens (Eds.), *Estereotipos, discriminación y relaciones entre grupos*. Madrid: McGraw-Hill.

- Cabecinhas, R. (2003). Categorização e diferenciação: A percepção do estatuto social de diferentes grupos étnicos em Portugal. *Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais. Cadernos do Noroeste, Sociedade e Cultura*(5), 69-91.
- Cabecinhas, R. (2007). *Preto e Branco. A naturalização da discriminação racial*. Braga: Campo das Letras Editores e Universidade do Minho.
- Cabecinhas, R., & Amâncio, L. (2004). *Estereótipos sociais e assimetria simbólica: três estudos com jovens angolanos e portugueses*. Actas do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Recuperado em 05 de Dezembro de 2008 de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/1651>
- Caetano, R. (2003). *A construção da imagem da mulher brasileira como atrativo turístico: do estereótipo à corporificação*. Dissertação de mestrado (não publicada), Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil.
- CAMPO - Centro de apoio ao migrante no país de origem. (2009). Recuperado em 17 de Outubro de 2009, de <http://www.aipaglobal.com/>
- Capozza, D., & Volpato, C. (1996). Relaciones intergrupales: perspectivas clásicas y contemporáneas. In R. Y. Bourhis & J. P. Leyens (Eds.), *Estereotipos, discriminación y relaciones entre grupos* (pp. 29-48). Madrid: McGraw-Hill.
- Carneiro, R., Cristóvão, F., Machado, I. J. R., Malheiros, J., & Peixoto, J. (2007). O futuro da imigração brasileira para Portugal: olhares, perspectivas e interrogações. In J. Malheiros (Ed.), *A imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI.
- Carvalho, L. E. F. (2001). Discutindo Identidades: multiplicidades políticas, culturais e de género [versão electrónica]. *Revista Estudos Feministas*, 9, 614-618.
- Carvalho, L. P., & (2006). Continuidades da narrativa Freyriana na construção de imagens das mulheres brasileiras [versão electrónica]. *Em Tempo de Histórias: Programa de Pós-graduação de História da UnB.*, 10(10).

- Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada. Guia prático para análise qualitativa* (Tradução de J. E. Costa). Porto Alegre: Artmed.
- Charmaz, K., & Henwood, K. (2008). Grounded theory. In C. Willig & W. S. Rogers (Eds.), *The Sage handbook of qualitative research in psychology*. London: Sage Publications.
- Corrêa, M. (1996). Sobre a invenção da mulata [versão electrónica]. *Cadernos Pagu*, 6/7, 35-50.
- Correia, C. B. (2009). *Ser brasileira em Portugal. Uma abordagem às representações, preconceitos e estereótipos sociais*. Dissertação de mestrado (não publicada), ISMAI, Instituto Superior da Maia, Maia, Porto, Portugal.
- Costa, F. (2005). Editorial. Religiosidade no Brasil [versão eletrônica]. *Revista da USP - Universidade de São Paulo* (Dossiê 67).
- Costa, P. M. (2008). A situação de irregularidade dos estrangeiros perante a lei portuguesa [*working paper n. 05*]. Recuperado em 7 de Agosto de 2009, de <http://pmcosta.com.sapo.pt/wp05.pdf>
- Cotton, S. (2006). Spirituality and religion in patients with HIV/AIDS. *Journal of General Internal Medicine*, 21, S5-S13.
- Dalgalarrondo, P. (2006). Relações entre duas dimensões fundamentais da vida: saúde e religião [versão electrónica]. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28 (3), 177-178.
- Dalgalarrondo, P., Soldera, M. A., & Corrêa Filho, H. (2004). Religião e uso de drogas por adolescentes [versão electrónica]. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26 (2), 82-90.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (1994). Introduction. Entering the field of qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research*. London: Sage Publications.
- Eleutério, C., & Cavalcanti, V. (2009). A construção da identidade da mulher brasileira a partir do enfoque do turismo sexual na Bahia: permissivas, pecadoras e sensuais? [versão

electrónica]. *Revista electrónica de la Asociación Española de Americanistas*. Recuperado em 12 de Outubro de 2009, de <http://revistas.um.es/navegamerica>

Emmons, R. A., & Paloutzians, R. F. (2003). The psychology of religion. *Annual reviews Psychology*, 54, 377-402.

Faria, J. B., & Seidl, E. M. F. (2005). Religiosidade e enfrentamento em contextos de saúde e doença: revisão de literatura [versão eletrónica]. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 18 (3), 381-389.

Faria, J. B., & Seidl, E. M. F. (2006). Religiosidade, enfrentamento religioso e bem-estar subjetivo em pessoas vivendo com HIV/AIDS. *Psicologia em Estudo* [versão eletrónica], 11 (1), 155-164.

Feldman-Bianco, B. (2007). Entre a fortaleza da Europa e os laços de afetividade da irmandade Luso-brasileira: Um drama familiar em um só ato. In B. Feldman-Bianco, C. Bastos & M. V. Almeida (Eds.), *Trânsitos Coloniais: Diálogos Críticos Luso-Brasileiros* (Vol. 1, pp. 385-415). Capinas: Editora da Unicamp.

Fernandes, E., & Maia, A. (2001). Grounded theory. In E. M. Fernandes & L. S. Almeida (Eds.), *Métodos e técnicas de avaliação. Contributos para a prática e investigação psicológicas* (pp. 44-76). Braga: Centro de Estudos de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Filho, W. (2008). *Imagem do imigrante brasileiro no jornalismo televisivo português 2004 – 2006*. Lisboa: ACIDI.

Fonseca, M. L. (2005). *Reunificação familiar e imigração em Portugal*. Lisboa: ACIME.

França, J. M. C. (2002). O paraíso das mulatas [versão electrónica]. *Revista electrónica Trópico*
Recuperado em 10 de Novembro de 2008, de
<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/594,1.shl>

- França, J. M. C. (2003). Mulheres dos trópicos [versão electrónica]. *Revista electrónica Trópico*. Recuperado em 10 de Novembro de 2008, de <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/print/1651.htm>
- Ganzevoort, R. R. (1988a). Religious coping reconsidered. Part1: An integrated approach [versão electrónica]. *Journal of Psychology and Theology*, 26(3), 260-275.
- Ganzevoort, R. R. (1988b). Religious coping reconsidered. Part 2: A narrative reformulation [versão electrónica]. *Journal of Psychology and Theology* 26(3), 276-286.
- Ganzevoort, R. R. (2001). Religion in rewriting the story case study of a sexually abused man [versão electrónica]. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 11(1), 45-62.
- Garay, A., Iñiguez, L., & Martinez, L. (2002). Perspectivas críticas en Psicología social: herramientas para la construcción de nuevas psicologías sociales. Recuperado em 10 de Outubro de 2007, de <http://antalya.uab.es/liniguez/Materiales/publicaciones.asp>
- Gergen, K. J. (2008). A psicologia social como história (Trad. F.M. Boechat). *Psicologia & Sociedade*, 20(3), 475-484. (Trabalho original publicado em 1973).
- Gergen, K. J. (2009). O movimento do construcionismo social na psicologia moderna (Trad. E.J.Soaes Filho. *Revista Interdisciplinar Internacional InterThesis*, 6(1), 299-325. (Trabalho original publicado em 1983).
- Giacomini, S. M. (2006). Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação [versão electrónica]. *Revista Estudos Feministas*, 14(1), 85-101.
- Glaser, B. G., & Strauss, A. L. (1967). *The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter.
- Godinho, S. (2009). Novos possíveis: estratégias identitárias de mulheres oriundas da Guiné-Bissau em Portugal [*Working paper n. ° 61/2009*]. Recuperado em 15 de Outubro de 2009, de http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP61_Godinho_003.pdf

- Góis, P. (org.) (2008). *Comunidade (s) cabo-verdiana (s). As múltiplas faces da imigração cabo-verdiana*. Lisboa: ACIDI.
- Heilborn, M. L. (2006). Entre as tramas da sexualidade brasileira [versão electrónica]. *Revista Estudos Feministas*, 14(1), 43-59.
- Hill, P. C., & Pargament, K. I. (2003). Advances in the conceptualization and Measurement of Religion and Spirituality: implications for physical and mental health research [electronic version]. *American Psychologist*, 58(1), 64-74.
- Iñiguez, L. (2003). La Psicología Social como Crítica: Continuidad, Estabilidad y Efervescencias Tres Décadas después de la "Crisis". *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 37(2), 219-235.
- Iñiguez, L. (2004). El debate sobre metodología cualitativa versus cuantitativa. Recuperado e 10 de Outubro de 2007, de http://antalya.uab.es/liniguez/Aula/ic_METODOS_CUALITATIVOS.pdf
- Juliano, D. (2004). *Excluidas y marginales. Una aproximación antropológica*. Madrid: Cátedra.
- Knickmeyer, N. (2004). *The bruised reed, she will not break: An investigation of the relationship between religion and experiences of domestic violence in the lives of Christian battered women*. University of Memphis, Memphis.
- Koenig, H. G. (2002). An 83-year-old woman with chronic illness and strong religious beliefs [electronic version]. *Journal of the American Medical Association*, 288(4), 487-493.
- Koenig, H. G., McCullough, M. E., & Larson, D. B. (2001). *Handbook of religion and health*. New York: Oxford University Press.
- Kofman, E. (1999). Female 'birds of passage' a decade later: gender and immigration in the European Union [electronic version]. *International Migration Review*(33), 269-299.

- Lages, M., Policarpo, V., Marques, J. C., Matos, P., & António, J. (2006). *Os imigrantes e a população portuguesa - imagens recíprocas*. Lisboa: ACIME.
- Lages, M., & Verônica, P. (2003). *Atitudes e Valores perante a Imigração*. Lisboa: ACIME.
- Lee, E. K., & Shape, T. (2007). Understanding religious/spiritual coping and support resources among african american older adults: a mixed-method approach [electronic version]. *Journal of Religion, Spirituality & Aging, 19*(3), 55-75.
- Lorenzi-Cioldi, F., & Doise, W. (1996). Identidad social y identidad personal. In R. Y. Bourhis & J. P. Leyens (Eds.), *Estereotipos, discriminación y relaciones entre grupos* (pp. 71-90). Madrid: McGraw-Hill.
- Machado, F. L., & Matias, A. R. (2006). Jovens descendentes de imigrantes nas sociedades de acolhimento: linhas de identificação sociológica [CIES e-working paper n° 13/2006]. Recuperado em 04 de Junho de 2009, de http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP13_Machado-Matias_.pdf
- Machado, F. L. O. C. (2002). *Contrastes e continuidades. Migração, etnicidade e integração dos guineenses em Portugal*. Oeiras: Celta.
- Machado, I. R. (2003). *Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. Tese de doutoramento (não publicada), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
- Machado, I. R. (2006a). Imigração em Portugal [versão electrónica]. *Estudos Avançados* (20), 119-135.
- Machado, I. R. (2006b). *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: EdUFSCar.
- Machado, M. D. C. (2005). Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais [versão electrónica]. *Revista de Estudos Feministas, 13*(2), 387-396.

- Machado, M. D. C., & Mariz, C. L. (1997). Mulheres e práticas religiosas nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos [versão electrónica]. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 12(34), 71-87.
- Malheiros, J. (2007a). *A imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: Acime.
- Malheiros, J. (2007b). Os brasileiros em Portugal - a síntese do que sabemos. In J. Malheiros (Ed.), *A imigração brasileira em Portugal* (pp. 11-37). Lisboa: ACIDI.
- Mattis, J. S. (2002). Religion and spirituality in the meaning-making and coping experiences of african american women: a qualitative analysis [electronic version]. *Psychology of Women Quarterly*, 26, 309-321.
- McConnell, K. M., Pargament, K. I., Ellison, C. G., & Flannelly, K. J. (2006). Examining the links between spiritual struggles and symptoms of psychopathology in a national sample [electronic version]. *The Journal of Clinical Psychology*, 62(12), 1469-1484.
- Mirotschnik, V. (2008). *Integração e Escola em Populações Imigrantes da Ex-URSS*. Lisboa: ACIDI.
- Moreira-Almeida, M., Lotufo-Neto, F., & Koenig, H. G. (2006). Religiousness and mental health: a review [versão electrónica]. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(3), 242-250.
- Neri, M. (2005). A ética católica e o espírito da revolução feminina. *Revista electrónica Conjuntura Econômica*. Recuperado em 12 de Dezembro de 2007, de <http://www.fgv.br/cps/religoes/Apresenta%C3%A7%C3%A3o/valor.pdf>
- Neves, S., & Nogueira, C. (2004). Metodologias feministas na psicologia social crítica: a ciência ao serviço da mudança social. *ex-aequo Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*, 11, 123-138.

- Nogueira, C. (2001a). Análise de discurso. In E. Fernandes & L. Almeida (Eds.), *Métodos e técnicas de avaliação. Contributos para a prática e investigação psicológicas*. Braga: Centro de Estudos de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Nogueira, C. (2001b). *Um novo olhar sobre as relações sociais de género. Perspectiva feminista crítica na psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Nogueira, C. (2006). Os discursos das mulheres em posições de poder. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 9(2), 57-72.
- Padilla, B. (2007). A imigrante brasileira em Portugal: considerando o género na análise. In J. Malheiros (Ed.), *imigração brasileira em Portugal* (pp. 113-134). Lisboa: ACIDI.
- Paiva, G. J. (2002). Perder e recuperar a alma: tendências recentes na psicologia social da religião norte-americana e europeia [versão electrónica]. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(2), 173-178.
- Panzini, R. G. (2004). *Escala de coping religioso-espiritual (Escala CRE): tradução, adaptação e validação da escala RCOPE. Abordando relações com saúde e qualidade de vida*. Dissertação de mestrado (não publicada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Panzini, R. G., & Bandeira, D. R. (2005). Escala de coping religioso-espiritual (Escala CRE): elaboração e validação de construto [versão electrónica]. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 507-516.
- Pargament, K. I. (1997). *The psychology of religion and coping: theory, research, practice*. New York: Guilford Press.
- Pargament, K. I. (2002). The bitter and the sweet: an evaluation of the costs and benefits of religiousness [electronic version]. *Psychological Inquiry*, 13(3), 168-181.

- Peixoto, J. (2004). País de emigração ou país de imigração? Mudança e continuidade no regime migratório em Portugal [*Working Paper n° 2/2004*]. Recuperado em 29 de Setembro de 2009, de <http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/wp/wp200402.pdf>
- Peixoto, J., & Figueiredo, A. (2007). Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal. In J. Malheiros (Ed.), *A imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI.
- Pendleton, S. M., Cavalli, K. S., Pargament, K. I., & Narz, S. Z. (2002). Religious/Spiritual coping in childhood cystic fibrosis: a qualitative study [electronic version]. *Pediatrics*, 109(1), 1-11.
- Pereira, C., Torres, A. R. R., & Almeida, S. T. (2003). Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial [versão electrónica]. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 95-107.
- Pinho, F. (2007). A imprensa na construção do processo migratório: a constituição de Portugal como destino plausível da imigração brasileira. In J. Malheiros (Ed.), *A imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI.
- Pires, R. P. (2007). Fluxos migratórios: Dinâmicas e modos de gestão. In A. Vitorino (Ed.), *Imigração: oportunidade ou ameaça? Recomendações do Fórum Gulbenkian Imigração* (pp. 45-63). Estoril: Principia.
- Piscitelli, A. (2007). Corporalidade em confronto. Brasileiras na indústria do sexo na Espanha [versão electrónica]. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 22(64), 17-32.
- Piscitelli, A. G. (1996). Sexo Tropical. Comentários sobre gênero, raça e outras categorias de diferenciação social em alguns textos da mídia brasileira [versão electrónica]. *Revista Estudos Feministas*, 6/7, 9-35.
- Piscitelli, A. G. (2008). Sexo Tropical em um país europeu: migração de brasileiras no marco do "turismo sexual" internacional [versão electrónica]. *Revista Estudos Feministas*, 15(3), 717-744.

- Pontes, L. (2004). Mulheres brasileiras na mídia portuguesa [versão electrónica]. *Cadernos Pagu*(23), 229-256.
- Possidónio, D. (2006). *Descendentes de angolanos e de luso-angolanos na área metropolitana de Lisboa: Inserção Geográfica e Social*. Lisboa: ACIDI.
- Potter, H. (2007). Battered black women's use of religious services and spirituality for assistance in leaving abusive relationships [electronic version].. *Violence Against Women*, 3, 262-284.
- Prilleltensky, I., & Nelson, G. (2002). *Doing psychology critically: making a difference in diverse settings*. New York: Palgrave-MacMillan.
- Resende, F. T. M. (2006). *Vivências dos Enfermeiros Estrangeiros num Hospital Português*. Dissertação de mestrado (não publicada). Universidade Aberta, Porto, Portugal.
- Ribeiro, M. C. (2008). E outras vozes se alevantam - Ana Paula Tavares responde a Luís de Camões. *exaequo. Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*, 17, 119-129.
- Rosado-Nunes, M. J. (2005). Gênero e religião [versão electrónica]. *Revista de Estudos Feministas*, 13(2), 363-365.
- Russel, S. R., & Yarhouse, M. A. (2006). Training in religion/spirituality within APA-Accredited Psychology [electronic version].. *Professional Psychology: Research and Practice. American Psychological Association*, 37(4), 430-436.
- Saint-Maurice, A. (1997). *Identidades reconstruídas. Cabo-verdianos em Portugal*. Oeiras: Celta.
- Sanchez, Z. M., & Nappo, S. A. (2007). A Religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas [versão electrónica]. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34(1), 73-81.
- Santos, C. A. (2007). *Imagens de mulheres imigrantes na imprensa portuguesa*. Lisboa: ACIDI.

- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2009). *RIFA – Relatório de Imigrações Fronteiras e Asilo*. Lisboa: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- Seidl, E. M. F., Zannon, C. M., & Tróccoli, B. T. (2005). Pessoas vivendo com HIV/AIDS: enfrentamento, suporte social e qualidade de vida [versão electrónica]. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 188-195.
- Spink, M. J. P. (1993). O conceito de representação social na abordagem psicossocial [versão electrónica]. *Cadernos de Saúde Pública*, 9(3), 300-308.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1991). Grounded theory methodology. An overview. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research*. London: Sage Publications.
- Strauss, A. L., & Corbin, J. (2008). *Pesquisa Qualitativa. Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada* (Trad. L. Rocha). Porto Alegre: Artmed.
- Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais: estudos em psicologia social* (Vol. 1). Lisboa: Livros Horizonte.
- Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais* (Vol. 2). Lisboa: Livros Horizonte.
- Topa, J. B. (2009). *Ser mulher, ser imigrante: emergência de novas identificações femininas*. Dissertação de mestrado (não publicada), ISMAI – Instituto Superior da Maia, Maia, Porto, Portugal.
- Vala, J. (1997). Representações sociais e percepções intergrupais [versão electrónica]. *Análise Social*, 25(140), 7-29.
- Vala, J. (2006). Representações sociais - para uma psicologia do pensamento social. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (7ª ed. ed., pp. 457-502). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vala, J., Brito, R., & Lopes, D. (1999). *Expressões dos Racismos em Portugal*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

- Vala, J., Brito, R., & Lopes, D. (1999). *Expressões dos Racismos em Portugal*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Vitorino, A. (2007). Introdução aos relatórios dos workshops realizados no âmbito do Fórum Gulbenkian Imigração. In A. Vitorino (Ed.), *Imigração: oportunidade ou ameaça? Recomendações do Fórum Gulbenkian Imigração* (pp. 17-43). Estoril: Principia.
- Volcan, S. M., Sousa, P. L., Mari, J. J., & Horta, B. L. (2003). Relação entre bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores: estudo transversal [versão electrónica]. *Revista de Saúde Pública, 37*(4), 440-445.
- Wall, K., Nunes, C., & Matias, A. R. (2008). Trajectórias de Mulheres Imigrantes em Portugal. Actas do VI Congresso Português de Sociologia. Recuperado em 30 de Outubro de 2009, de <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/476.pdf>
- Willig, C. (2008). Grounded theory. In *Introducing qualitative research in psychology: adventures in theory and method*. Berkshire-UK: Open University Press - MacGraw-Hill.
- Wood, R. J., & Hebert, E. (2005). The relationship between spiritual meaning and purpose and drug and alcohol use among college students [electronic version]. *American Journal of Health Studies, 20*(2), 72-80.
- Woodhead, L. (2002). Religions in the modern world. Traditions and transformations. In L. Woodhead (Ed.), *Women and Religion* (Vol. 1/2, pp. 332-356). London: Routledge.
- Xavier, M. (2007). *Redescobrimo o Brasil. Processos identitários de brasileiros em Portugal*. Lisboa: ACIDI.
- Young, I. M. (1990). *Justice and the politics of difference*. Princeton: Princeton University Press.

Yunes, M. A. M. (2005). Entrevista reflexiva & grounded theory: estratégias metodológicas para compreensão da resiliência em famílias. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 39(3), 1-8.

Yzerbyt, V., & Schadron, G. (1996). Esterreótipos y juicio social. In R. Y. Bourhis & J. P. Leyens (Eds.), *Estereotipos, discriminación y relaciones entre grupos*. Madrid: McGraw-Hill.

ANEXO 1

EXCERTOS DAS ENTREVISTAS

Carolina, divorc., professora	Natali, separada, emp. doméstica
Eliana, casada, desempregada	Olga, casada, estudante
Elisa, União de facto, emp. fábrica	Radja, casada, cantora
Fabiana, casada, advogada	Raquel, solteira, desempregada
Fernanda, casada, func. fábrica	Rita, solteira, empr. confeitaria
Isabela, separada, empreg. Interna	Rosa, união de facto, estudante universitária
Jesus, solteira, emp. lavanderia	Selma, separada, emp. Confeitaria
Lúcia, casada, assist. comercial	Simony, casada, animadora s.cultural-formadora

PROCESSO I – DECIDINDO EMIGRAR

Bom, primeiro pra concretizar o desejo de fazer o doutoramento. Eu já tinha feito o mestrado já há dez anos. (Olga)

Foi uma decisão também vir pra me afastar de todo o ambiente de trabalho e me concentrar no doutoramento e, é assim, a oportunidade de você ter o contacto com outra cultura, de você conhecer outras pessoas, de você também abrir a sua carreira académica pra outros espaços, pra outros ambientes e isso foi muito bom, assim, foi muito decisivo pra poder vir. (Olga)

Nossa casa nós tínhamos lá, tínhamos que deixar alugada, condomínio... uma série coisas, mudança... é uma mudança e a gente tinha toda estrutura, casa, móveis, animais, que a gente tinha cachorro e tudo, vai ver com quem deixa. É uma coisa de você desfazer sua vida, que está organizada, pra arriscar uma coisa totalmente nova. (Olga)

No Brasil os nossos negócios corriam muito bem, e nós tivemos um sócio que nos roubou. É, o meu marido foi pra lá criança, nós casamos lá, e havia sempre aquele sonho de que Portugal talvez fosse melhor. (Rosa)

Porque eu fiquei muito decepcionada com o meu trabalho. Eu trabalhei 11 anos numa empresa, ganhava razoavelmente bem, eu tinha o meu carro bom, eu tinha a minha casa, eu tinha tudo. Ganhava um salário razoável, na faixa de 1500 reais, que no Brasil é um salário razoável, dava pra você, 11 anos e era um emprego público, era prestadora de serviço. Perdi esse emprego, fiquei muito triste e chateada, fiquei assim revoltada mesmo. Ai não conseguia arranjar um outro emprego pra ganhar mais ou menos igual ao que eu ganhava. (Jesus)

Eu vim pra Portugal pra buscar uma vida melhor, um sonho que eu tinha de construir uma casa, de fazer uma vida no Brasil. (Isabela)

Porque nos morávamos em São Paulo, fomos pro interior. Ai quando chegamos lá foi difícil, não consegui emprego, ainda tentamos durante dois anos e depois tinha uma irmã do meu marido que morava aqui, aí ela deu a maior força e nós resolvemos vir pra cá pra tentar. (...) Olha, a expectativa era bem maior do que a realidade porque achava que ia chegar aqui e ia ganhar dinheiro e conseguir montar algum negócio no Brasil e poder voltar. Só que a realidade é outra completamente diferente. (Fernanda)

Eu falei com a minha irmã sobre isso, ela viu um emprego pra mim aqui, pra trabalhar onde ela trabalhava num projecto social. Mandeí meu currículo, gostaram muito do meu currículo e quando definitivamente ela disse que tinha uma vaga que poderia ser minha, eu vim. Vim nessa expectativa de que eu teria esse emprego, um emprego garantido pra ganhar mil e duzentos euros e como eu tinha perguntado se daria pra eu me manter aqui, eu com os meus filhos, a minha irmã disse que dava aí pronto, eu falei: então eu vou. Eu vim mesmo porque eu achei que eu teria esse emprego, acredito que se eu não tivesse essa opção eu não teria tido coragem de largar tudo para vir. (Carolina)

PROCESSO II – RECONHECENDO O CONTEXTO E AS IDENTIDADES

Agora o homem português não, ele é delicado, do abrir a porta de um carro até um jantar...ele sabe preparar, mas não sabe servir a sobremesa. Tem uma diferença, o homem português é educado. Ele trata uma mulher...bem educado. Mas não tem a quentura, o chamego que tem o homem brasileiro. (Selma)

Os professores, ao contrário daquilo que os próprios portugueses mistificam: "Ai... o senhor doutor...", eu naquela minha espontaneidade, ingenuidade brasileira, abordava os professores mesmo directamente, e posso dizer que nunca tive problemas com professores. Eu, inclusivamente aqui, temos muito o formalismo do "Sr. Doutor", "Sr. Doutor", que no começo eu não tinha esse hábito, né, no Brasil era tudo mais tet à tet, e eu tive muitos professores meus que agora eu vim a saber que são altos juristas, altos pensadores, mesmo, em que eu, numa primeira abordagem fui mesmo quase infantil com eles, e eu fui sempre muito bem tratada. (Fabiana)

É... eu acho que é mais por aí, ninguém tá contente com as coisas boas que acontecem, e eu acho que em Portugal isso é muito mal, que é um país que, eu gosto muito de Portugal, mas eu também não sou estúpida eu tenho, eu também sou muito crítica, não é? (Fabiana)

Eu acho que os portugueses são assim, eles querem trabalhar pouco e ganhar muito. Eu prefiro ter, sei lá, 10 processos, e ganhar x, do que ganhar aquele mesmo x em cinco processos. Eu acho que em Portugal é aquilo que eu verifico muito com muitas pessoas com que eu trabalho. E, é mesmo ruim.

Eu não sei, é que eu gosto assim de lugar mais agitado e aqui é mais calmo, então eu ainda fico lembrando de lá, todo domingo, ah, se eu estivesse lá... Eu teria, tipo no sábado, se eu estivesse lá eu teria comprado uma pizza com as minhas amigas e a gente tava se divertindo, entendeu? Eu acho que é isso. (Elisa)

mas ele também sofreu aqui, porque o problema dele é que ele só tinha tido um, ele também é um homem, ele também é um homem, é um homem português, que todo, essa faixa etária de 30 anos por aí de 27, 28, quando cheguei, era tudo que vivia muito dependente da família, só tinha tido uma mulher. (Radja)

Eu não sei se é pior que burro, eu não sei se é pior, não pode ser, porque a gente é mulher, né, é sempre pior. E é assim, por mais que burro lá, eu acho que os portugueses lá têm muito mais, muito mais, são muito mais abertos, são diferentes, são...do que os portugueses daqui. E eles, se tem piada de português, tem piada de baiano, de carioca, de paulista, de mineiro, tem de tudo, isso não é... (Radja)

há uma hierarquia, e isso eu acho que faz parte da cultura dos portugueses, essa estrutura de poder, de hierarquia, de respeito às instâncias que termina prolongando um percurso que você pode resolver uma coisa de uma forma muito mais simples, mas você tem que andar tanto que às vezes você até desiste de chegar num ponto que você precisava mesmo, e isso faz com que você se distancie, então o que é que ocorre (Olga)

Então eu levei um choque porque tudo quanto é pessoa que ia falar não tinha os dentes, ou então tinha os dentes tudo, tudo estragado, e eu ficava, mas meu Deus... mas no Brasil o pessoal é tão pobre, mas pelo menos junta um dinheirinho e vai no dentista, não deixa tirar o dente, entendeu, faz um sacrifício... pelo menos os amigos que eu conheço lá em Brasília é assim. (Jesus)

A menina mesmo que morava aqui e trabalhava lá com a gente, mas ela não tomava banho, não tem o hábito de tomar banho igual a gente, que toma todo dia. Aqui eles tomam banho uma vez por semana, só se refrescam, como eles falam né. Eu digo...ah... eu falo mesmo, suas portuguesas, não tomam banho. (Jesus)

Bom, conhecendo os portugueses, assim, os portugueses são pessoas, eu já sofri muito aqui com português porque, eles, em trabalho, eles não pagam, eles são mau pagador, brasileiro tem fama de mau pagador mas português supera. Eu já trabalhei aqui em vários lugares e olha, pra receber, vou te contar, teve dinheiro até que eu deixei passar e desisti. Eles são muito maus pra pagar. (Isabela)

Mas é assim, há pessoas que entendem as diferenças, há pessoas que já conseguem se relacionar mais com estrangeiro. A minoria, mas já há sempre quem, né... Mas no geral é mesmo complicado. (Eliana)

Mudou, mudou, em mim mudou. Na frontalidade, o brasileiro não é frontal. Ele dá voltas pra dizer coisas pra você. É, ele não é frontal. (Simony)

Mas no geral são amáveis com as pessoas na rua, são amáveis com os turistas, se pergunta alguma coisa... se for pra vir pra passear, qualquer um se dá muito bem, são amáveis, são pessoas... não são mal-educadas. (Radja)

Os portugueses, que como homens são educados, diferentes né? Os portugueses como homens são educados, são gentis, pelo menos os que eu lidei como homens, são gentis, delicados, diferente dos brasileiros que eu lidei como homens, não sei se todos. (Radja)

Eu acredito que há uma negação de gostar portuguesa. De dizer que eu gosto de estar com você, de dizer que eu posso rir alto e não parecer mal-educado. Os portugueses fazem isso mas, é... falam que as pessoas fazem errado mas fazem isso escondido. Há um jeito diferente de agir, talvez as gerações vão mudando, é possível isso, das gerações ir mudando, mas os portugueses eles riem alto, falam alto, mas mantêm as aparências de que não fazem, talvez pra não sair daquele ritmo de tristeza profunda, talvez de... não negando que já é da cultura, acho que é do gênero humano isso... Os portugueses tem que manter uma aparência, a minha visão, a minha leitura é essa, hoje, hoje já a algum tempo, alguns anos, uns 5 anos pra cá ou mais, de que essas pessoas não são assim, não são. Elas precisam é manter aquela imagem de infeliz, percebe? (Simony)

Eles são estúpidos. Tem um lado estúpido, o qual eu não suporto. Eles vêem as coisas friamente, eles são frios. (Selma)

com a família. Eu não aceito o jeito que eles tratam a família, pai, mãe, irmão. Falando grosseiramente, sendo grosso. A gente não sente que tem aquele calor de família, aquela saudade, do dia-a-dia mesmo, aquela preocupação, aí a minha mãe, vou ligar pra minha mãe, o meu pai, vou dar um beijinho. Até mesmo com as mulheres, eles são muito frios. (Selma)

É assim, se eles gostarem eles te tratam bem, se eles olharem e não gostarem te tratam mal, abaixo de cão. Preconceito aqui é o que mais tem. São capazes de por você pra trabalhar o mês todo pra eles e chegar o final do mês e olhar pra sua cara e dizer que você não trabalhou e o que vale é a palavra deles e não te pagam. Agora se eles gostarem de você eles te tratam bem. São capazes de dar ouro pra você, mas tudo aqui vai da sorte, vai da pessoa que você encontrar. Isso é deles, ao mesmo tempo que eles são bons eles são ruins, tem esse lado negro mesmo, que vai mesmo da sorte. (Selma)

Ah já, muito, muito, eu não tava habituada a isso, não tava mesmo. Eu ainda sofro e me incomoda, eu fico muito triste porque eu vejo que eles não tem humildade, não sabem pedir desculpas, não sabem. Eles se magoam por tudo e por nada mas não sabem chegar e pedir desculpa, dizer que errou, manter a amizade. Então eu fui aprendendo a viver com eles, isso lá dentro. (Selma)

Uma vez uma colega minha, portuguesa, perguntou o que é que eu vim fazer aqui, se lá não tinha emprego, se todo mundo passava fome, o Brasil era uma pobreza só... Aí eu disse que eu vim tentar melhorar de vida, né. "Mas, pra que? Aqui em Portugal, onde não tem... onde as condições também não são lá essas coisas..." (Fernanda)

Tem algumas pessoas que são pessoas e outras nem parecem pessoas, resumidamente seria isso aí. Eu teria que explicar, pois é, eu teria que explicar. Ah, são, são pessoas que são mesmo muito frias, vivem de aparência, vivem num mundo que para mim não é o real, dão importância para coisas que não são, não dão importância pras coisas sentimentais, por exemplo, são tudo como se fossem um bando de máquinas, não sei, são pessoas mesmo muito frias, muito diferentes eu acho, e muito preconceituosas também. (Carolina)

Exactamente, com essa mania, que alguns portugueses, que não são todos, mas alguns portugueses tem que querer se sentir superiores, de fazer caras e bocas, não sei, é complicado falar sobre isso, mas é essa a sensação, de querer demonstrar que são superiores. (Carolina)

Muitos ajudam os brasileiros porque eles gostam de se sentir bem, porque brasileiro é tudo miserável mesmo, já senti sim, muito isso. E é como assim, aceita qualquer coisa porque é brasileiro e não tem nada então, não por ajudar como se fosse uma pessoa qualquer, e sim porque, como depois eu já vi, "Aí eu já ajudei, olha, é brasileira", ou seja, brasileiro ta ali, precisa de ajuda. Em algumas situações eu cheguei a ver isso, senti mesmo isso na pele. (Carolina)
E a mãe dele era horrorosa, dominava, ele tinha que ficar, ele tinha que chegar em casa 10 horas da noite, porque que senão a mãe dele deixava ele pra fora, se ele dormisse pra fora de casa ele tinha medo da mãe, não era uma pessoa...tinha 30 anos, imagina, aqui tem muito disso. Os homens vivem com as mães até muito tarde. Eu já conheci várias pessoas assim que, rapazes, e isso não é muito bom, assim, não como as mães daqui são: superprotetoras, super possessivas...(Radja)

Por isso agora eu tenho uma pessoa que ta comigo... ta comigo não, que a gente ta se conhecendo, que quer namorar e não quer, e eu já conheço os pais dele, mas quero ter aquela vontade... tipo, agora eu não vou de férias porque eu quero andar do jeito que eu quero, não vou fazer graça com ninguém. Com os pais eu ia ter que ter outro ritmo. Eu já conheço, mas conheço de ir, irmos lá à noite e em fim-de-semana, que é quando a gente tem mais tempo de ir lá, e cumprimentá-los e tomar um café na casa deles e mais nada. Porque também já agora já não quero muita

aproximação, eu já quero viver mais a minha vida como eu sou e como essa pessoa agora que ta comigo me conheceu. Não é que com a outra eu quisesse fazer outra face, mas eu queria evitar, pra tirar aquela sombra que a gente tem, que não é verdadeira também, não é, mas pronto. (Rita)

Mas é verdade, um homem português, se tiver um homem português e um brasileiro, pode ter a pura mesmo certeza, a mulher fica satisfeita com o brasileiro. Que o brasileiro ele sabe pegar, sabe dar um chamego bom. Sabe dar uma suadeira mesmo, sabe dar aquele cheiro no cangote assim, ui. Dá aquela suadeira, aquele cansaço mesmo na mulher. Pra dizer: tô satisfeita. (Selma)

Eu não tenho naturalmente, não sou uma pessoa que goste, que tenha comportamentos que choca, por exemplo do género, do género, não sei, estrangeiros, não brasileiros, fazer, mas que eu acho é, que isso aí a gente só deve fazer na nossa casa, do género, é... tratar com muita intimidade, demais, as pessoas que eu não conheço, não é? Tem gente que não gosta, eu não gosto. (Fabiana)

eu cheguei a tocar aqui em casa de prostituição, eu e o J. ia comigo. (inaudível 1 palavra) o trabalho que pintar, eu ia, e tocava, só tocava, vi muita coisa, mas só tocava e o J. comigo (rsrs) (frase inaudível) que ele sabe que eu sou orgulhosa, e que eu queria ter o meu dinheiro, e que eu queria ter o meu dinheiro, se não tem outro lugar (...) Eu sou muito, eu penso e falo o que quero. (Radja)

Eu tenho feito isso, procurado falar, procurado, ver: não, mas olha..."ah, mas eles não falam assim, falam assado..." eu defendo dos dois lados, mas, no fundo, no fundo, no fundo, eu puxo mais a brasa pra nossa sardinha (rsrs) porque eu sou brasileira e sou nacionalista. Mas não nacionalista ruim, nacionalista boa, e eu sou nacionalista. (Radja)

Mudou, a massificação cria uma imagem do brasileiro que é muito pouco gratificante... Nesses 28 anos veio muita coisa boa, mas eu digo isso com muita tristeza, também veio muita coisa má. Não é preciso até a gente entrar em muitos detalhes porque, tá aí. (Rosa)

Mas eu noto com tristeza que as pessoas vêm cada vez mais despreparadas, eu não sei o que é que se diz lá. Embora eu tente viver a realidade do Brasil em algumas coisas é difícil porque a distância é longa, e eu acho que nós caímos muito em qualidade, em despreparo das pessoas, principalmente isso. Muita gente boa, muita gente má, isso tem em todo lado. Não é por aí, mas o que eu vejo, eu vejo com tristeza, sabe, muita gente que vem desenraizada, não é? E que chega aqui que sofre muito. (Rosa)

Outro dia tava uma moça, ela tava prestando provas pra um trabalho, numa dessas empresas de call center, de comunicação. Então toca o telemóvel dela e aparece um grupo do Brasil, aquele calcinha preta, e aquela música, em alto som, isso é mal... Eu não to querendo... eu acho que eu não to sendo preconceituosa, mas pra essa realidade de hoje em dia não se pode ser assim. Então eu acho que há um despreparo muito grande do nosso povo, não é? Eu não sei como, não é fácil, é uma questão de educação, não é? (Rosa)

Entristece-me muito...por vezes eu fico ali perto do consulado, eu apanho autocarro ou metro, sabe, e você vê as pessoas vestidas como se elas fossem pra praia, e isso aqui, nós estamos na Europa, é diferente. E embora às vezes a gente queira negar isso, causa uma má impressão. O impacto é grande. Não é querer ser melhor do que os outros, mas eu acho que as pessoas têm que ser orientadas nesse sentido, sabe. A forma de você se vestir, a forma de falar, não falar muito alto, não abusar de gírias... (Rosa)

Eu quando fui para os Estados Unidos, eu paguei mais para tirar o passaporte, mais pra tirar o visto na Embaixada americana em Lisboa, tirei o visto no estrangeiro. O meu actual marido ria, tá vendo? Podia ter ido com o passaporte português, né? Mas eu ainda tenho aquela coisa, eu gosto do meu passaporte verdinho, agora acho que já é azul, não é? (Rosa)

Eles gostam do meu trabalho, porque eu realmente trabalho direitinho, eu procuro sempre melhorar, sou assim em todas as minhas profissões, eu entro e não sei nada, mas eu sempre procuro melhorar, melhorar, melhorar sempre e fazer tudo direitinho, eu não falto ao serviço... então eu já... é diferente... as mulheres acho que não estão muito acostumadas a trabalhar, porque parece que elas começaram a trabalhar a pouco tempo aqui, então... no Brasil não, a gente já trabalha desde pequeno, fora. Eu fui pra Brasília com 17 anos e já comecei a trabalhar. (Jesus)

Não sei se é porque eu sempre caí, levantei, caí, levantei, caí...minha vida sempre foi assim caí levantei. Eu saí muito nova da minha cidadezinha que era interior e já fui pra capital, pra Brasília começar a trabalhar e comecei a me virar

muito cedo e aprendi a sobreviver muito cedo, então pra mim, qualquer lugar... Por isso é que eu enfrento essas coisas assim com...com muita facilidade. Eu sempre penso assim que aquela situação vai passar e realmente, graças a Deus tem passado.

Mas eles não sabem que a gente tem um país maravilhoso, que o Brasil lá tá a maior parte da água potável, a floresta, a gente tem riqueza pra dar e vender, mas o que, eles acham que não, que o Brasil é pobre, que o Brasil é miserável, é isso que eles pensam do Brasil, os portugueses. (Jesus)

Mas eu acho que pra eles aqui todos são pobres coitados os brasileiros, por isso que eles não tem, eles tem a noção que o Brasil é mesmo né, um nada. Não tem, não faz ideia, quem não conhece não faz ideia da imensidão do Brasil, acha que... E não adianta também, pra determinadas pessoas não adianta perder tempo explicando não, falando, questionando e, não vale a pena eu acho. (Fernanda)

Tenho, tenho essa impressão. Eles acham que a gente vem pra cá porque a gente não tem o que comer no Brasil, é isso que os portugueses pensam, muitos portugueses pensam assim, não todos, claro que não. Eu conheci muito português gente boa aqui também, é igual no Brasil, gente, gente, assim que não se dá com o outro tem em todo lugar, mas a maioria dos portugueses aqui, eles pensam isso, eles pensam que o Brasil é só favela, que é só miséria, que é só violência, que é só tráfico, claro que não. (Isabela)

Hoje eu posso falar com certeza assim, hoje eu sou feliz em Portugal. Não pelas pessoas, mas por mim assim, porque sei lá, eu sinto uma coisa diferente. Hoje eu vejo a vida diferente, eu vejo a minha vida de outra maneira, que antes eu não via, hoje eu vejo de outra maneira. (Isabela)

Eu adorava desde a adolescência, aquela frase lá do Aristóteles, do cidadão do mundo, de não pertencer a um lugar. Ter raízes mas não ser dele, eu não sou do Brasil, eu sou do que me interessa. Eu sou, uma frase, não gosto de clichês mas uso muitos, é contradição, é... eu sou os livros que eu li e os lugares que eu conheci, eu sou feita disso. (Simony)

Eu acho que a maioria dos brasileiros são assim, porque todos os que eu conheço que estão num emprego assim tão sempre procurando uma melhora, a não ser aqueles que já tão ganhando bem. (Jesus)

Tanto que meu chefe nem põe mais brasileiro homem pra trabalhar lá, porque os dois que ele teve decepcionaram tanto. Porque brasileiro, você sabe, tem uma lábia, né. Sabe conversar, sabe se expressar direito, então, fez isso com ele e os dois roubaram. Então ele disse que não vai mais botar brasileiro. (Jesus)

Mas agora eu to vendo que não, que tem outras pessoas que não tem nada a ver com prostituição, pessoas honestas que vem trabalhar. Mesmo lá no serviço, a menina lá que é de São Paulo ela diz que o grupo que ela conhece é de São Paulo e Bahia. Eu só conheço goiano aqui. Então ela já tem um comportamento totalmente diferente das outras. Mas acho que ainda tem muito pilantra aqui, muita gente querendo dar golpe, tem muito, tem muito... eu até concordo deles não abrirem tantas facilidades, porque brasileiro não perde a oportunidade de dar golpe. (Jesus)

Porque o carácter da pessoa é tudo, mas eu não culpo as brasileiras e os brasileiros, não vejo ninguém culpado nisso. Tá bem que algumas chegam aqui, mas... é serviço delas, é uma profissão. É como a minha profissão ser coqueira, pasteleira, doceira, tudo que eu sou lá agora. Só que tem pessoas que não conseguem disfarçar, são aquilo e demonstram. (Selma)

Apesar disso, apesar do país ser um traidor, que nos faz sair de lá pra ter uma vida melhor, apesar disso eu tenho orgulho de ser brasileira, claro. Porque eu tenho orgulho de mim. Eu sou o que eu sou a partir de onde eu vivi, do que eu aprendi. Eu sou o que eu sou porque eu sou brasileira, porque eu vivi quarenta anos lá, então eu tenho orgulho disso. E dessa minha força também, dessa minha luta. Eu acho que eu sou uma pessoa muito forte e eu tenho muito orgulho disso e se eu fosse portuguesa eu não sei se eu teria a mesma força. (Carolina)

Porque as pessoas olham, não são todos, mas de uma forma geral, as pessoas olham nos olhos e se entregam, diferente dos portugueses, que na minha opinião têm medo de se entregar. (Carolina)

PROCESSO III – SIGNIFICANDO O CONTEXTO COMO HOSTIL

Aí, mais outras coisas que eu sofri, mas isso quando eu cheguei. Todo mundo se achava superior à gente, eu acho, eles se acham superiores, por causa da língua... é ignorância, né, porque a língua não é de ninguém. (...) Todo mundo se achava superior à gente, eu acho, eles se acham superiores, por causa da língua... é ignorância, né, porque a língua

não é de ninguém. Eu não conseguia me fazer entender, porque eu ia com o discurso dos livros, olha a língua não é bem assim, a língua é uma coisa... não é estática, isso é uma criação, uma coisa pra, tem um contexto histórico, pra humanidade, político, cultural, claro que isso tem uma, um percurso... Imagina eu, inocente, ficava falando isso, mas nem adiantava, então, quando eu não conseguia me fazer entender ou não conseguia falar, aquilo me ofendia... (Radja)

Eu acho que o maior problema daqui é o problema da língua, a gente falar a mesma língua. Eles têm um problema com a língua, eles se sentem donos. Eles não, aí eu já tô botando todos, todos não, mas muitos portugueses, uma coisa da mentalidade que eles nem sabem que têm, eles se sentem sem ter consciência disso, donos da língua e como se fossem os certos. (Radja)

Portugal, claro tem a ver porque é mais difícil pra mim. Principalmente a questão da língua, quando eles dizem que a língua é deles eu respondo. (Radja)

Mas a realidade foi diferente, existe preconceito e discriminação sobre isso até hoje, fala-se em multiculturalidade mas na verdade têm pessoas que acham que para sermos aceitos neste cultura temos que falar e escrever o Português daqui. (Carolina)

E então o que que acontecia, a minha sogra tava sempre na situação, a minha sogra e o meu sogro. Tudo, eu não recebia visita, eu não podia ligar, eu não podia entrar e sair de casa, eu só saía com o meu esposo, de carro, quando ele voltava do trabalho. Eu não podia nem falar o que se passava pra ele porque senão ele ficava irritado e ela vinha contra mim. Então esses 11 meses e meio foi mesmo um impacto total. (Eliana)

Como brasileiro tem que rir sempre, percebe? Não pode estar mal disposto, não pode... tem que ter ritmo, tem que saber dançar. Como é que você é brasileiro e não sabe dançar nem cantar. Não pode! Como? Não pode! Você tem que saber cantar, vocês tem ritmo, você é brasileiro, você tem que saber. Percebe, então eu acho que isso é inerente do ser humano, é traço da humanidade, das pessoas. (Simony)

Muitos ajudam os brasileiros porque eles gostam de se sentir bem, porque brasileiro é tudo miserável mesmo, já senti sim, muito isso. E é como assim, aceita qualquer coisa porque é brasileiro e não tem nada então, não por ajudar como se fosse uma pessoa qualquer, e sim porque, como depois eu já vi, "Aí eu já ajudei, olha, é brasileira", ou seja, brasileiro tá ali, precisa de ajuda. Em algumas situações eu cheguei a ver isso, senti mesmo isso na pele. (Carolina)

Como conversar muito alto, rir, ah... ri porque é qualquer uma. Não, na nossa cultura não é assim, a gente conversa, a gente ri, a gente, né. Pra eles era muito constrangedor, não podia ser assim. (Eliana)

Então têm mesmo muito preconceito, tem. Tanto a nível "Ah coitadinha, pobrezinha", quanto a nível "Oh, aquela ali é uma profissional do sexo, uma profissional liberal", há mesmo esse tipo de preconceito. (Eliana)

Já senti a diferença. Eu já vi mulheres com ciúme, ou uma roupa que a gente põe, que eu tiver a menos nesses dias de calor, ou uma calça... ou o andar mesmo... (Rita)

Já, até no meu trabalho logo que eu entrei eu tive sofrido muito preconceito, com as mulheres, olhavam assim. As colegas portuguesas olhavam diferente. (Selma)

Aí já cortava. Mas tem gente que não cortava, tem gente que não cortava e aí já até arranhou confusão lá no café onde eu trabalhei por causa disso mesmo. Que ficava em cima, ficava em cima, e às vezes quando eu não sorria bem, ficava: então, fulano (citava o nome do meu patrão), a Elisa tá de cara feia hoje. Já... sabe? Já queria me colocar pra baixo. Eu acho pra mim que tem um certo preconceito mesmo com as brasileiras, tem um certo tabu. Eles têm uma visão... eu não sei, é...ah, não sei. (Elisa)

Nada aqui, aqui eu nunca tive a vida que eu tive lá, nunca ganhei como eu ganhei lá, nunca fiquei satisfeita com o meu trabalho como eu fiquei lá, isso nunca, nunca. Mas eu tô lutando pra ficar, eu já consegui muita coisa. Mas é...eu não sei porque a gente nunca tá satisfeita, eu acho, né. (Radja)

que eu entrei lá chorando pra dentro daquilo, fiz reclamação e esperei a polícia chegar. E os caras lá parados, e eles pediram, chamaram a polícia achando que eu estava ilegal. Telefonaram e começaram a me xingar, a falar isso. "Caraças!! Vê se volta pra tua terra! Além da chacota, além de chacota..." Ah, onde cê trabalha? A casa de alterne que cê trabalha?". As coisas mais absurdas, assim, humilhação. Dois caras que trabalham no metrô, uma instituição... Esperei a polícia nervosa, (...) fiz uma reclamação por escrito, uma reclamação por escrito que eles me deram a cópia.

Depois me mandaram uma carta, e tá, se quiser ver, se precisar..... que, dizendo tudo, que não era da conta dele, que não tinham... que por falta de provas arquivaram o processo. Não tocaram no assunto do xenofobismo, quer dizer, não sei. Depois eu perguntei pra uma amiga, ela disse que aqui...a gente foi olhar no código e não tem, só fala sobre o racismo e não fala sobre, sobre o preconceito de nacionalidade, xenofobismo. Discriminação, mas em relação racial, (frase inaudível) discriminação racial. (frase inaudível). (Radja)

Ai eu vou te dizer...Eu quando cheguei aqui, eu quando cheguei aqui, eu, eu vim de coração muito aberto, porque lá nunca tinha escutado falar disso, não conhecia ninguém que tinha vindo pra cá, não é como outras pessoas que tão aqui, que vêm porque os amigos tão...Eu não conhecia ninguém que tinha vindo pra cá, nem sabia da história da internet que vinha muita gente pra cá.(Radja)

PROCESSO IV – DILEMAS E ESTRATÉGIAS IDENTITÁRIAS NUM CONTEXTO DE EXCLUSÃO SOCIAL

Eu acho que mudei, umas vezes eu tomei mais cuidado, outras vezes não, às vezes também... eu sou uma pessoa que me machuco muito com as palavras, eu sou uma pessoa assim que... quando eu fui seguida... a médica disse... você também às vezes pode ter passado, ou dizer alguma coisa, que esteja na brincadeira, mas as pessoas interpretaram mal...(Rita)

E eu: porque eu sou brasileira mesmo, eu sou daquela de lutar pela minha bandeira, e ta no sangue e não há outra coisa. Ah, isso é coisa das antigas, todas as pessoas dizem isso a mim, mas eu cisme. Mas é uma coisa que eu tenho que pensar muito.

E eu: porque eu sou brasileira mesmo, eu sou daquela de lutar pela minha bandeira, e ta no sangue e não há outra coisa. Ah, isso é coisa das antigas, todas as pessoas dizem isso a mim, mas eu cisme. Mas é uma coisa que eu tenho que pensar muito.

Eu não sou portuguesa e não quero ser chamada de portuguesa. É de mim mesmo, eu sempre digo assim que não vou pedir um BI português. Eu digo bem, olha eu quero mesmo é ter saúde, renovar o meu visto e trabalhar sempre, e to sempre bem. (Rita)

Aprendi a me valorizar mais, a me respeitar mais, a ser mais reservada em público, a não expor a minha vida privada diante de qualquer pessoa. Penso que os brasileiros têm a característica de falar demais de sua vida privada e aprendemos a ser mais reservados quando estamos no exterior. Aprendemos muito com outras culturas e isso é positivo. (Olga)

Sim. Não, não foi fácil, não foi fácil, foi mesmo muito difícil. Eu aprendi muito, eu já estou aqui em Portugal há cinco anos. Ainda semana passada eu tava conversando com uma pessoa e tava dizendo que hoje eu sou uma pessoa muito diferente de quando eu cheguei aqui. (Carolina)

Se antes lá no Brasil eu já tinha certas preocupações e tinha algumas teorias com relação a isso, hoje em dia eu sou uma outra pessoa porque o sofrimento me fez mudar. Eu sofri muito, muito, muito, mas eu agradeço a isso porque eu sou o que eu sou devido ao meu sofrimento. Se eu não tivesse passado o que eu passei, eu ainda estaria vivendo num mundo de ilusão e não daria importância às coisas que eu dou hoje em dia. (Carolina)

As amizades lá no Brasil têm-se a impressão, eu tenho a impressão, que eram umas amizades mais sólidas. Porque a vida é outra, a situação é outra, a realidade é outra. As pessoas estão lá naquela vida e é aquilo e pronto. Aqui não. Aqui ta todo mundo sempre lutando, os brasileiros. Não tem nada certo e nada definido, então isso vai dar uma diferença muito grande nos relacionamentos, isso já é uma coisa assim mesmo totalmente diferente. (Carolina)

Olha, eu já passei por momentos aqui muitos difíceis. E quando eu to nesses momentos baixos o que me faz me dar força pra seguir em frente é lembrar o que eu era no passado, e isso me dá mais força, porque o que eu to passando agora, a dificuldade, olhando assim simples, não é nada do que eu já passei no passado. Então isso me dá um certo ânimo pra continuar. E também sempre quando eu to em baixo... eu já passei muitas dificuldades, eu lembro do passado mesmo aqui, coisas que eu já passei aqui, e isso me dá forças pra continuar, porque eu penso assim, o que eu to passando aqui não é nada do que eu já passei há um tempo atrás aqui mesmo em Portugal. Então é isso. (Isabela)

Sempre tem o preconceito, mas eu mentalizo assim, se eu vim pra cá eu vou vencer, não é um preconceito ou outro que vai me abater, se eu já passei o pior, não é, que eu era sem documento, sem nenhum lugar pra ficar, e agora que

eu to me reerguendo na vida, não é isso que vai me abalar. É isso que eu penso, e eu penso assim firme e o que me dá mais força é a minha fé também, a minha fé, a minha religião é o que me segura mais também, e pensar que eu posso, eu consigo e eu vou vencer. É assim que eu mentalizo na minha vida, eu penso assim, eu já tive pior. (Eliana)

Eu não deixei de ser eu mesma, mas eu me controlo. Não sei se foi por causa do preconceito ou se foi porque eu mesma me situei, essa cultura não é a minha, eu não posso me portar igual, porque não tem nada a ver, eles não vão entender, mas não foi por causa da situação do preconceito, isso eu não to nem aí, pode pensar o que quiser de mim, eu não sou... problema deles. Agora claro que dói, principalmente eu, que fui apedrejada na rua. (Radja)

Eu acho que o meu exercício aqui, o principal é o exercício de tolerar. Tolerar e, principalmente, não é tolerar e engolir de depois voltar tudo aquilo pra explodir lá na frente, e compreender, que é difícil, porque você sente raiva, tem pensamento ruim, tem... (Radja)

Eu pensava muito que eu era responsável por estar naquela situação, de como eu encaminhei a minha vida pra aquela situação. Mas quando eu sucumbi, eu pensei, como é que eu deixei isso acontecer? Como é que eu deixei acontecer isso? Eu consegui resolver em outras situações e agora eu deixei isso acontecer, como eu fui burra... (Simony)

Eu tive muitos momentos desses de chegar e dizer pô, eu não planeei ta aqui, eu planeei que eu ia me aposentar com estabilidade no Sara e to aqui, comendo uma fatia de pão com água, água da torneira porque não tinha comprado água mineral. Eu to aqui nisso, não foi isso que planeei. Mas eu to aqui por culpa minha, por consequência minha, por escolha minha, vou dar tapa na minha cara e vou ter que ficar aqui e vou ter que vencer na minha escolha. Ninguém escolheu por mim, fui eu, e eu vou ser responsável pela minha escolha e eu vou vencer na minha escolha. (Simony)

E aí eu comecei a pesar, exactamente, e anotar num papel, pra eu não ficar, não ser envolvida emocionalmente por essa situação, e sim tratar isso de uma forma racional (...) E isso tem surtido efeitos e eu tenho sofrido menos. Porque você sofre nesse processo, com a discriminação. (Olga)

Eu tava no hospital, um exemplo assim que eu vou falar, eu tava no hospital e já tinha feito amizade com certas mulheres, e a gente tava conversando, não, elas tavam conversando, e aí eu tava chegando na sala e "ih, a brasileira, que rouba marido dos outros". Ai... e aquilo já me... se eu já tinha uma relação com elas, eu já me senti muito, muito só. Eu tava naquela reunião, conversando com elas, mas eu não tava ali, porque eu tava pensando na frase que ela já tinha me dito no início. (Elisa)

eu fui pra faculdade falar com a mulher, - agora você vai me perguntar: ah, porque que cê ficou - a mulher disse ai minha filha, isso aqui não serve pra nada, eu não sei o que que é isso aqui. Isso aqui é, olha, faz o seguinte, volta pro seu país, e não sei o quê, a mulher dentro da reitoria, eu fui com ele, e ela falou isso pra mim. (Radja)

Outro dia eu tava...um homem aqui no Shopping Gaia batendo numa mulher (...) Eu tava ali, e comecei a gritar na rua: "pólicia, socorro, tem um homem...!!!" o homem batia mesmo de soco, a mulher tava toda ensanguentada, um homem enorme e uma mulher pequena. E aí o cara virou pra mim, teve um rapaz que foi chamar o segurança, e aí o cara virou pra mim e perguntou se eu queria apanhar. E aí, quando ele viu que eu era brasileira, aí começou a me xingar, dizendo que ele tinha as puta dele brasileira, que não sei que, isso tudo...isso é horrível, eu vou te dizer. (Radja)

Só casamos o ano passado porque ele queria casar, ele queria casar porque a família dele ia dizer pra mim, que eu, eles falavam já, que eu ia casar com ele por interesse do visto e eu não quis casar, apesar que agora a minha residência, porque eu casei veio, eu não precisava, porque tenho os vistos todos, todos. (Radja)

Eles não aproveitam esse potencial, e parece que é assim, "não, coitadinho", e até na expressão que eu já ouvi do meu próprio orientador em relação às pessoas de classe popular, os trabalhadores de maneira geral, principalmente quando se refere a jovens e adultos em processo de escolarização daqui, do mundo, da América Latina, que ele gosta de falar "os desgraçados" ou "os miseráveis. (Olga)

Algumas mulheres portuguesas olham diferente, olham dos pés à cabeça, vê a maneira, faz algum comentário, assim mais extravagante, ah elas são ardidias, elas são...(Eliana)

Então essa patroa era portuguesa e abusava mesmo. Ela ajudava, mas falava assim: "Olha, essa é uma brasileira, olha, coitada anda por aí, não tem família, e eu tomei conta dela", e tudo, e pronto, olha, e anda aí a trabalhar. Então chegava o meu horário de ir embora e ela falava assim: "Olha faz ali, faz ali, arranja aqui". E ficava abusando, pra além, porque sabia que eu precisava daquele trabalho, e aproveita-se mesmo. (Eliana)

Mas não é essa questão de ter mais cultura ou não ter, é de humilhar deliberadamente as pessoas, aquilo talvez entre nisso de eu sou poderoso e você é miserável, eu sou doutor e você é um besta. Sabe, de ouvir coisas assim, as doutoras falavam isso, “aqui em Portugal quem anda com muito livro é burro”, já ouviu isso, já disseram pra mim, aqui quem anda com muito livro é sinal de burrice. E eu ficava assim... Ah, é? Muito prazer. (Simony)

E como as pessoas aqui no Norte são um pouco mais fechadas, talvez, hoje em dia não, mas mais fechadas pra isso, então, é... superar esse preconceito... por exemplo, eu chegava aqui, lá com as outras doutoras e as pessoas diziam, nossa, começou a feder aqui, mas que mau cheiro, parece água parada. A outra dizia, ah, é água de preto. É muitas vezes assim na minha frente. Então eu acho que é uma questão dessa... de viver isso... (Simony)

Eu sou brasileira mas tenho muito, assim, tenho amigos... tenho colegas aqui que eu não posso ainda considerar amigos mesmo, portugueses, mas quando vê outra brasileira, que passa, diz logo pra mim: “Olha, aquela ali de certeza é prostituta, é aquilo...” Eu imagino que eu também, quando estou fora daquelas pessoas, eu ao passar também tenha comentários assim, chatos, não é. (Rita)

Eu tenho o problema com o pai dele. Eu nunca fui aceita em nenhuma família aqui. A primeira impressão foi por ser brasileira. A primeira coisa é por ser brasileira, foi. Me lembro bem do meu sogro “brasileira! Brasileira!... Ele fazia umas caras assim, a primeira coisa. (Radja)

Levantei cedo, vi um anúncio no jornal e peguei, precisava de ajudante pra um restaurante lá na ribeira. Ai oito horas da manhã eu já tava pegando ônibus pra ir pra lá, quando eu cheguei lá, era umas oito e trinta, oito e quarenta e cinco mais ou menos ainda tava fechado que era só a partir das nove e eu fiquei lá esperando na porta e assim que o homem chegou eu falei: Olhe, é sobre um anúncio. Ele falou, ele olhou pra mim de cima em baixo mesmo, parou bem o olhar, olhou pra mim de cima em baixo e falou assim: “Nós não estamos precisando, a vaga já foi preenchida”, e virou as costas e foi embora e eu fiquei me sentindo um verdadeiro nada e também foi muito difícil esses sentimentos assim, de você ter que procurar emprego, que já não é uma coisa agradável, e no entanto as pessoas fazerem julgamento de você e te tratem desse jeito. E eu passei por várias situações assim também, e não foi fácil. Esse caso específico foi por ser brasileira e todas as outras situações que... porque dá pra perceber quando é discriminação pela nacionalidade ou não, se é por uma situação mesmo que a pessoa faria assim mesmo comigo ou com uma outra pessoa mesmo sendo portuguesa. (Carolina)

Eu, todas as vezes que eu tô lá fora, sabe, eu sou brasileira. Eu gosto de Portugal, eu sou grata a Portugal por uma série de coisas, mas eu continuo sendo brasileira. (Rosa)

Eu quando fui para os Estados Unidos, eu paguei mais para tirar o passaporte, mais pra tirar o visto na Embaixada americana em Lisboa, tirei o visto no estrangeiro. O meu actual marido ria, tá vendo? Podia ter ido com o passaporte português, né? Mas eu ainda tenho aquela coisa, eu gosto do meu passaporte verdinho, agora acho que já é azul, não é? (Rosa)

Eu tenho amigos que são brasileiros mas os filhos falam brasileiro. Eles não querem que os filhos tenham sotaque português, eles não permitem isso. Como os africanos, eu tinha muito medo que o meu filho fosse assim como os africanos, que nasceu aqui mas é angolano. Ele nasceu aqui mas é moçambicano. Ele fala como português. (Simony)

Pra mim foi muito difícil, é... a primeira vez que o meu marido me apresentou no trabalho, um amigo depois, um rapaz português chamou e disse assim, olha, é a primeira mulher brasileira que é diferente, que a tua mulher é diferente das outras que eu já conheci. Ela não parece aquelas mulheres prostitutas, e falou assim, não parece. E... não sei se é aquele medo de não aparentar que talvez seja uma luta inconsciente. (Simony)

Eu disse, vocês aqui estão dando volta pra direita, eu sou latino-americana, meu povo vai pra esquerda (rsrs). Então não usei aquela coisa de ser alegre, mas usei de ser latino-americana. Nós somos fodões mesmo. Desculpa o palavrão. (Radja)

Mas é muito mal, eu procuro tratar todo mundo assim sem exagero, sem exagero, trato todo mundo bem, até a Fatinha que vem, que eu tenho mais intimidade com a Fatinha, beijinho e tudo, mas tudo limitado. (Jesus)

Eu tenho orgulho de ser brasileira é claro, embora tenho... evite falar que sou brasileira aqui, evito falar tal mas... mas eu me orgulho sim, muito, muito, muito, não queria ser de outra nacionalidade não. (Fernanda)

PROCESSO V – DESENVOLVENDO ESTRATÉGIAS DE *COPING* FACE ÀS DIFICULDADES E HOSTILIDADES

E na universidade a mesma coisa, porque que eu iria ficar insistindo no meu gerúndio, se eu estava a escrever pra portugueses lerem. Então eu desde o começo fiz um esforço muito grande pra tentar me adaptar mesmo, pra tentar passar despercebida. Eu não queria ser melhor e nem pior, eu queria era passar despercebida, eu não queria ser analisada, eu não queria que o professor percebesse menos bem uma frase que eu escrevi porque eu meti lá no meio o gerúndio e que aquilo, pra eles, não fica bem...quer dizer, percebe-se, mas não é uma maneira usual deles escreverem, por isso eu, desde o primeiro dia. (Fabiana)

Eu acho que o Brasil não oferece essas chances, aos nossos filhos não. Uma mulher no Brasil, como que ela vai conseguir dar um estudo pro filho melhor, com o salário que tá. A miséria que tá. Um filho nosso não tem como aprender um inglês bom, pode aprender, se você pagar, tirar do seu bolso, coisa que eu não tiro daqui. A minha filha aqui tem inglês, tem francês, tem teatro, ela tem aula de música, né, na escola e no ATL.. (Selma)

É natural, quer dizer, eu sou estrangeira. E eu nunca perco essa noção: eu sou estrangeira aqui, eu sou estrangeira aqui. E eu nunca, é uma inocência minha, exigir um tratamento igual, quando eu não sou igual, não é? (Fabiana)

Que aí vinha o preconceito, que hoje eu luto, contra, porque eu casei com um, meu marido é português e ele não é, de forma alguma, ele não tem problema nenhum com nenhuma nacionalidade, de forma alguma com nenhuma nacionalidade não tem, pelo contrário. Mas às vezes me volta, mas aí eu luto...isso não é nacionalidade, eu tenho que lutar porque eu tenho consciência, pô, eu não sou, eu não sou alienada, eu não posso, eu tenho que lutar e tenho que ajudar as pessoas a entender isso. (Radja)

Eu sei que ta nas minhas mãos, assim, tem toda essa conjuntura que poderia ser melhor, que não ajuda, mas eu não posso me colocar como vítima, porque foi o que e escolhi, porque eu queria muito, eu desejei, eu planejei vir pra cá e não vou aqui ficar como coitadinha, nem as pessoas são más porque não me acolhem do jeito que eu esperava, mas assim, eu tenho que criar as condições. (Olga)

Porque vem aquela barreira de convivência, vem a barreira de saudades, de às vezes falar vou pegar o meu salário desse mês, vou comprar minha passagem e vou embora. Mas e amanhã, lá... e amanhã? Então, pra mim o dinheiro conta muito. (Natali)

eu vou vencer na minha escolha. Como? Não sei, vou ter que rápido saber, procurar, entender, absorver ir atrás e multiplicar isso que eu tenho, desenvolver alguma coisa, eu sou esperta, eu aprendi, eu li, eu tenho que saber, eu tenho que saber resposta. As coisas juntam-se em elo, uma auto-confiança, um orgulho perante si mesma e perante os outros. Porque uma coisa eu acho que tá junto com a outra. Se quebrar aquele elo ali... botar uma linha não vai segurar, tem que substituir por outro forte, por outro mais forte...

Eu fui treinada, eu não digo que fui educada, eu fui treinada pra ser forte. Minha mãe, mais minha mãe, meu pai também. Eles treinaram a gente a não ter e depois de um tempo ter, lutar pra ter. Então eu fui treinada pra perder tudo e adquirir depois, muito. (Simony)

Eu me lembro que eu tinha uns três, quatro meses aqui, eu entrei... porque durante este tempo, aconteceram muitos conflitos interiores, eu tinha uns três quatro meses aqui eu cheguei a pensar mudar a minha forma de ser que eu dou risada, que eu falo, converso com todo mundo, eu cheguei a pensar que estratégia que eu ia fazer, que eu iria parar de ser desse jeito.

Então por mais que as coisas tenham sido difíceis, e como em determinados momentos que eu chorava, que eu sentia que não ia conseguir, mas era assim um dia, já no dia seguinte eu acordava e já parecia que o sol tava brilhando e que tava tudo maravilhoso, e que eu já tinha conseguido tudo, e eu nem tinha conseguido nada ainda. (Carolina)

Por isso eu comecei a ter cuidado com a forma como eu me visto quando eu vou na universidade aqui. Porque é assim, a gente tem uma forma muito despojada de se vestir lá no Brasil, mas aqui eu observei isso, eles lhe tratam diferente, pela postura, então a questão da aparência pesa. (Olga)

Eu morei em outros países, por exemplo no Japão, e no Japão as mulheres não usam, por exemplo, na zona em que eu morava as mulheres não usavam calças de ganga a mostrar o umbigo, é vulgar. E porque que eu ia passar por vulgar, numa... percebe? E aqui em Portugal a mesma coisa, é, e talvez por causa disto eu não tenha sentido... porque eu não dei murro em ponta de faca e não dou. (Fabiana)

Eu acho que não é produtor aqui em Portugal exigir um tratamento de português. Se eu vou num banco, abrir uma conta, pedir um cartão, se eles me pedem uma garantia a mais, pelo facto de eu ser brasileira, eu acho que é legítimo. Eu acho que é legítimo. Eles não sabem se eu to aqui passando uma chuva ou se eu to aqui morando em definitivo. Então é natural que eles me peçam um atestado da junta em que ateste que eu moro ali há x anos, entendeu? Se eu vou contrair um empréstimo, ou se eu vou fazer um cartão no Jumbo, eles me pedem um documento, um plus a mais. Eu acho que isso não é um acto discriminatório, não é. É um acto quase de prevenção. (Fabiana)

Eu tenho criado estratégias de sobrevivência que é quebrar essas barreiras, que é, eu não vou me colocar aqui, é outra coisa que eu observei, se você se coloca como coitadinho, como vítima, é pior, muito pior pra você, você tem que se colocar de uma forma firme, de uma forma decidida e isso me fez repensar, isso fez eu avaliar toda a minha carreira. (Olga)

Mas depois eu fui conversando com as pessoas e fui vendo que realmente eles tinham do que falar de prostituta brasileira. Porque lá no Porto, todas que eu conheci eram prostitutas, todas, todas, todas, que às vezes nem tavam mais na prostituição mas já foram prostitutas. Então eu acho que eles tinham razão de falar porque a maioria era. Tinha portuguesa prostituta, mas a maioria era brasileira. Então eu fiquei horrorizada. (Jesus)

Já fui pro Brasil, já trouxe a minha mãe prá cá também. É, essas são as facilidades daqui, que você pode planejar com seu dinheiro. Você pode guardar X pra cada coisa. X pra isso, X praquilo. Você se controla, se governa. Mesmo vindo a dificuldade, alguma coisa, mas você sabe que pode ter aquela reserva. (Selma)

eu gosto de Portugal, é um país que me acolheu bem, é um país que eu ainda sinto uma certa segurança, ao andar na rua, muito embora a violência tenha aumentado, mas nada comparado por exemplo, a uma capital que eu já morei que é Cuiabá e que é muito, é complicado andar na rua, andar com telemóvel na rua e tudo mais. Gosto de Portugal, gosto...estou na minha casa, me sinto em casa, sinto-me em casa. (Fabiana)

PROCESSO VI – TENDO A RELIGIOSIDADE/EXPIRITUALIDADE COMO DIMENSÃO FUNDAMENTAL NA EXPERIÊNCIA DE IMIGRAÇÃO

Deus não me dá nada de mão beijada, dá-me saúde pra lutar e conquistar, não é? E eu acho que nessa medida Deus é responsável por tudo, pela minha vida. Inteligência, saúde, e tá sempre a zelar pra que coisas mais graves não aconteçam, não é? Claro que eu também tenho a minha quota de auto-responsabilização. Deus não é responsável por tudo de bom e tudo de mal que há na minha vida. Eu também tenho responsabilidade, não é? Se eu tomo más decisões, eu tenho que arcar com as consequências. (Fabiana)

Mas eu sempre comigo tive essa fé. Já me aconteceram muitas coisas, muitas coisas e eu sempre fui salva por Deus. (Selma)

Deixa estar...mas eu vou trabalhar, o que eu ganho é meu, e graças a Deus sempre foi muito abençoado, era pouco mas, é o que eu digo, quem tem Deus nunca passa fome e necessidade, porque era, aquele part time era 250 que eu ganhava, mas era multiplicado, não sei te explicar, mas era. Dava, um milagre, esticava mesmo. (Selma)

A gente tem que ter sempre fé, mas eu acho que, não sei se isso passa pela fé ou pelo optimismo. Quando a gente acredita em Deus a gente acredita que Deus vai prover. E os portugueses, digam aquilo que disserem, mas põem sempre Deus em dúvida, porque não sabem nunca como é que vai correr as coisas. Eu acho que quem confia acredita que vai correr bem. (Fabiana)

Eu sou uma pessoa que sou religiosa, é, já fui rafeira, já andei em várias religiões, mas voltei pra minha, de base, não é? Eu sou católica. (Fabiana)

Eu faço minhas orações, às vezes eu ligo, tá passando às vezes o R.R. Soares eu escuto, apesar de não ser da minha igreja eu escuto, porque é a mesma palavra, né? (Elisa)

Pronto, Deus prometeu isso, cumpriu isso. Então, mais esse pouquinho, que acreditamos que ta biblia que promete um paraíso na terra, então eu vou e consigo acreditar nisso. Vai ter uma ressurreição, tanto de justos quanto de injustos, que é uma coisa que eu li também na biblia, pronto. Eu tenho essa necessidade de acreditar, de confiar nisso. (Lúcia)

Porque eu sempre... tenho muita necessidade da minha espiritualidade. Eu tenho mesmo muita necessidade espiritual. Eu não consigo viver sem crer numa coisa. Confiar, mesmo. Eu acho que eu não conseguiria viver, eu necessito disso, do mesmo jeito que eu necessito de comer e de beber água. Isso eu sempre fui assim. (Lúcia)

Então você precisa se enxergar naquelas situações. Que as pessoas não passam na sua vida por acaso, mesmo as que você tem um bom relacionamento ou mal relacionamento. Que você tem a aprender, que a gente não tem só que agradecer as coisas boas, mas agradecer os momentos difíceis que são os que mais fazem a gente crescer. Não que eu fique desejando passar por mal, mas, a religião tem dado a base de sustentação pra gente e aqui em casa a gente tem a prática de fazer o evangelho no lar uma vez por semana, de fazer as orações, de estudar, de estar sempre lendo livros espíritas. (Olga)

Mas pra mim é fundamental a presença de Deus, independente de religião, mas eu acho mesmo a questão da espiritualidade, de você estar ligado a valores que a gente deixa passar e aí passa a ter posturas de querer pisar no outro, de querer se dar bem, né. Então, em que que isso me ajudou, em termos de religião, eu falo mais do que religião, eu falo da questão da religiosidade, não é da religião em si. Que é de você ter princípios, que são básicos pra sua vida e que lhe dão sustentação espiritual. (Olga)

Eu sou muito tolerante em termos de religião. Aliás eu venho de uma família que é uma miscelânea e eu acho lindo, que isso aconteça na minha família, porque eu sou luterana hoje em dia, e os meus pais, agora, são Testemunhas de Jeová, não eram na altura, o meu irmão é católico e a minha irmã é muçulmana. Então tá aí a prova, né, que nós podemos viver todos em paz e harmonia. (Rosa)

Lá eu congregava numa Aliança Eterna das Nações, que é como se fosse uma igreja Batista. E Assembleia de Deus a gente sabe que tem uma em cada esquina, mas eu nunca congreguei lá, nunca fui, porque era doutrina demais, era isso e era aquilo e eu não me encaixei. (Natali)

E eu não acho que eu tenha amigos, eu tenho colegas e conhecidos, mais ou menos. Mas amigo, é Deus... (Isabela)

E toda a vez que eu entro numa igreja porque eu to necessitando de ajuda eu sempre saio aliviada, eu sinto que eu deixei coisas ruins lá dentro, sempre. E também se eu não for na igreja, e também se eu paro pra pensar em Deus, se eu paro pra pedir ajuda, pedir força, equilíbrio, eu também, na mesma hora eu encontro ajuda. Eu sinto, eu sinto em mim, a ajuda necessária, o que eu pedi, a força pra continuar, sempre. Sem ele, sem isso eu não teria conseguido. (Carolina)